

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E  
TERRITORIALIDADES**

**ANA CAROLINA RONCHI**

**À MARGEM DOS JORNAIS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS  
ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL DA GRANDE VITÓRIA NA  
IMPRESA CAPIXABA**

VITÓRIA  
2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E  
TERRITORIALIDADES**

**ANA CAROLINA RONCHI**

**À MARGEM DOS JORNAIS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DAS  
ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL DA GRANDE VITÓRIA NA  
IMPrensa CAPIXABA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Rebouças

VITÓRIA  
2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

R769 Ronchi, Ana Carolina, 1995-  
m À margem dos jornais : uma análise da representação das áreas de vulnerabilidade social da Grande Vitória na imprensa capixaba / Ana Carolina Ronchi. - 2019.  
210 f. : il.

Orientador: José Edgard Rebouças.  
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Imprensa. 2. Representação. 3. Jornalismo. 4. Vulnerabilidade Social. 5. Grande Vitória. I. Rebouças, José Edgard. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 316.77

---

Aos meu pais, Francisco e Rita, meus  
primeiros professores e maiores  
incentivadores dessa jornada.

## AGRADECIMENTOS

Embora conste apenas meu nome na capa, seria injustiça dizer que este trabalho é apenas meu. Entre uma linha escrita e um capítulo nomeado há orações, orientações, sugestões e torcidas. Portanto, muito mais do que cumprir uma formalidade técnica, esse espaço é lugar para agradecer a tantos que contribuíram, mesmo que simbolicamente, para que, hoje, essa pesquisa estivesse finalizada.

Ao Autor da vida. Aquele que escreve os melhores e mais grandiosos capítulos e nos permite vivê-los, sem mesmo, um dia, pensarmos merecer tamanha graça, eu agradeço pelo simples fato de existir e por mais essa vitória.

Aos meus pais, Francisco e Rita. Talvez tenhamos chegado mais longe do que um dia sequer, ousamos imaginar. Em um país onde a educação é vista em segundo plano, dar tudo o que tem pela formação dos filhos é militar, é subverter a ordem. E assim vocês foram (e são). Lutaram e lutam por nós. Por esse e tantos outros esforços e abdições o meu muito obrigada. O meu “vencer” será sempre o nós “vencemos”. Sempre assim, no plural. Porque, por trás da dissertação tem a vela acesa nos momentos de preces e o abraço que acalenta qualquer preocupação.

Ao meu irmão, Tiago. Pelo amor, encorajamento e constantes desafios intelectuais (alguns deles estou tentando desvendar até agora). Obrigada pelos questionamentos filosóficos, pelos olhares irônicos e pelas frases de efeito que fazem essa caminhada ser mais leve e divertida.

Ao Edgard, meu orientador. Os dois anos do mestrado são desafiantes, o tempo é curto e somos imersos em uma realidade que, até então, não conhecíamos. Sou muito grata por todas as orientações que proporcionaram a realização deste trabalho, mas, acima de tudo, por todas as dicas que vão além dessas páginas. Obrigada por todo apoio e atenção dispensados ao logo desses meses.

Aos professores Rafael Bellan, Beatriz Nader e Cláudio Zanotelli por aceitarem ler, avaliar e colaborar com esta pesquisa. As contribuições de vocês são fundamentais para a concretização desse trabalho. Obrigada por toda a atenção e carinho dispensados.

Ao Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência. Obrigada por reforçar a minha fé em uma Comunicação e Jornalismo

que operem pelo bem comum e pelos Direitos Humanos. Que sejamos resistência em tempos de incertezas e divulgadores de um jornalismo que atue pela cidadania.

Aos colegas de mestrado do PósCom-Ufes. Dividimos a sala de aula, o café da cantina, o grupo de *whatsapp* e, acima de tudo, as angústias e realizações da vida de pós-graduando. Aprendi muito com cada um de vocês. Que nos encontremos nas mesas de congressos, nas universidades e na vida nos próximos anos.

Aos amigos que são também parte dessa pesquisa. Foram dois anos respondendo questões como “quando você defende?”, “quando você for defender me convida?”. A hora chegou. Obrigada, a cada um que torceu e ajudou de alguma forma na realização desse projeto. O apoio emocional e amor de cada um foram fundamentais. Seja na indicação de um livro, na torcida ou no telefonema que amenizava as crises de ansiedade, cada um de vocês tem um papel fundamental aqui.

Aos estudantes da disciplina “Mídia Impressa e Estereótipos”. Não há professor sem sala de aula, muito menos professor sem estudantes, sendo assim, a vocês, que me fizeram professora, o meu muito obrigada. O primeiro semestre de 2018 estará para sempre marcado como um dos mais belos desafios da minha vida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes-MEC), por me proporcionar a bolsa que permitiu a dedicação exclusiva a este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Ufes. Obrigada a todos os pesquisadores pela hospitalidade e carinho dispensados. O suporte de vocês foi fundamental para a realização dessa pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender como os jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna* representam os fatos ocorridos nas áreas de vulnerabilidade social da Região Metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. Para selecionar as localidades analisadas foi utilizado o programa do Governo do Estado do Espírito Santo denominado “Ocupação Social”. Das 26 localidades contempladas pelo projeto 18 estão situadas na Região Metropolitana. Em um primeiro momento parte-se das discussões em torno da imprensa como instituição social autorizada a narrar sobre o cotidiano. Entende-se o jornalismo como uma instância produtora de conteúdo regida sobre dinâmicas e rotinas próprias. Em um segundo momento há a discussão sobre a formação de territórios e territorialidades os entendendo aqui tanto fisicamente – com os bairros vulneráveis – como simbolicamente – jornalismo como narrador social. A reflexão sobre a narrativa dos territórios culmina na discussão sobre a violência e como a imprensa é responsável por apresentá-la (e representá-la). Por fim são evidenciadas as informações obtidas por meio de uma Análise de Conteúdo sobre as coberturas dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna* em torno dos bairros vulneráveis no ano de 2016. A pesquisa aponta que os bairros de vulnerabilidade social são protagonistas nos conteúdos sobre a violência no Espírito Santo e que conteúdos culturais sobre os mesmos são quase que inexistentes. Há também a discussão em torno da abordagem dos dois jornais, suas semelhanças e diferenças ao noticiar esses fatos.

**Palavras-chave:** Imprensa; Representação; Jornalismo; Vulnerabilidade Social; Grande Vitória.

## ABSTRACT

This dissertation aims to understand how the printed newspapers *A Gazeta* and *A Tribuna* represent the areas of social vulnerability of the Metropolitan Region of Grande Vitória, in Espírito Santo. As a snippet of the localities to be analyzed, the Government of the State of Espírito Santo program called “Ocupação Social” was used. Of the 26 localities contemplated by project 18 are located in the Metropolitan Region, being also those analyzed in this research. At first, it starts off from the discussions around the press as a social institution authorized to narrate about the quotidian. Journalism is understood as a producer of content governed by its own dynamics and routines. Then there is the discussion about the formation of territories and territorialities understanding them in this research both physically - with vulnerable neighborhoods - and symbolically - journalism as social narrator. The reflection on territories culminates in the discussion about violence and how the press is responsible for presenting it (and representing it). Lastly, the information obtained through a Content Analysis on the coverage of the newspapers *A Gazeta* and *A Tribuna* around the vulnerable neighborhoods in the year 2016 is evidenced. The research indicates that the neighborhoods of social vulnerability are protagonists in the contents about violence in Espírito Santo and that cultural contents about them are almost non-existent. There is also the discussion around the approach of the two newspapers, their similarities and differences in reporting these facts.

**Keywords:** Press; Representation; Journalism; Social Vulnerability; Grande Vitória.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Quadro da reportagem de <i>A Tribuna</i> em 11 de janeiro de 2016 .....	126
<b>Figura 2:</b> <i>A Gazeta</i> , 05 de julho de 2016.....	150
<b>Figura 3:</b> <i>A Gazeta</i> , 03 de setembro de 2016.....	150
<b>Figura 4:</b> <i>A Tribuna</i> , 20 de janeiro de 2016 .....	151
<b>Figura 5:</b> <i>A Tribuna</i> , 18 de março de 2016.....	152
<b>Figura 6:</b> <i>A Tribuna</i> , 14 de outubro de 2016.....	152
<b>Figura 7:</b> <i>A Gazeta</i> , 30 de dezembro de 2016.....	153
<b>Figura 8:</b> Capas de <i>A Tribuna</i> em 05 de janeiro de 2016.....	155
<b>Figura 9:</b> Capa de <i>A Tribuna</i> em 27 de novembro de 2016 .....	156
<b>Figura 10:</b> Capa de <i>A Tribuna</i> em 25 de março de 2016 .....	157
<b>Figura 11:</b> Capa de <i>A Tribuna</i> em 16 de agosto de 2016.....	158
<b>Figura 12:</b> Capa de <i>A Tribuna</i> em 4 de janeiro de 2016.....	159
<b>Figura 13:</b> <i>A Gazeta</i> , 04 de dezembro de 2016.....	166
<b>Figura 14:</b> <i>A Gazeta</i> , 04 de dezembro de 2016.....	168
<b>Figura 15:</b> <i>A Gazeta</i> , 05 de dezembro de 2016.....	169
<b>Figura 16:</b> <i>A Gazeta</i> , 06 de dezembro de 2016.....	171
<b>Figura 17:</b> <i>A Tribuna</i> , 6 de abril de 2016 .....	174
<b>Figura 18:</b> <i>A Tribuna</i> , 21 de novembro de 2016.....	175

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Relação do número de homicídios por bairros em 2016.....	21
<b>Tabela 2:</b> Dados da Secretaria do Estado de Segurança Pública (SESP).....	78

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Dados das editorias de <i>A Tribuna</i> .....	101
<b>Gráfico 2:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> .....	101
<b>Gráfico 3:</b> Dados sobre Bairro das Laranjeiras em 2016 .....	103
<b>Gráfico 4:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	103
<b>Gráfico 5:</b> Dados sobre Barramares em 2016.....	105
<b>Gráfico 6:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	106
<b>Gráfico 7:</b> Dados sobre Boa Vista I e II em 2016 .....	107
<b>Gráfico 8:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	108
<b>Gráfico 9:</b> Dados sobre Castelo Branco em 2016 .....	109
<b>Gráfico 10:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	110
<b>Gráfico 11:</b> Dados sobre Central Carapina em 2016 .....	111
<b>Gráfico 12:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	111
<b>Gráfico 13:</b> Dados sobre Feu Rosa em 2016.....	113
<b>Gráfico 14:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	114
<b>Gráfico 15:</b> Dados sobre Flexal II em 2016.....	116
<b>Gráfico 16:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	116
<b>Gráfico 17:</b> Dados sobre Jardim Carapina em 2016 .....	118
<b>Gráfico 18:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	118
<b>Gráfico 19:</b> Dados sobre Nova Esperança em 2016.....	120
<b>Gráfico 20:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	120
<b>Gráfico 21:</b> Dados sobre Nova Palestina em 2016 .....	121
<b>Gráfico 22:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	121
<b>Gráfico 23:</b> Dados sobre Nova Rosa da Penha em 2016 .....	123
<b>Gráfico 24:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	123
<b>Gráfico 25:</b> Dados sobre Novo Horizonte em 2016.....	126
<b>Gráfico 26:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	127
<b>Gráfico 27:</b> Dados sobre Planalto Serrano em 2016.....	130
<b>Gráfico 28:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	130
<b>Gráfico 29:</b> Dados sobre Santa Rita em 2016.....	132
<b>Gráfico 30:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	133
<b>Gráfico 31:</b> Dados sobre São Torquato em 2016.....	135

<b>Gráfico 32:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	135
<b>Gráfico 33:</b> Dados sobre Ulisses Guimarães em 2016 .....	138
<b>Gráfico 34:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	138
<b>Gráfico 35:</b> Dados sobre Vila Nova de Colares em 2016.....	140
<b>Gráfico 36:</b> Dados das editorias de <i>A Gazeta</i> e <i>A Tribuna</i> .....	141

## **LISTA DE SIGLAS**

**BID** - Banco Interamericano de Desenvolvimento

**CEPAL** - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe

**FBSP** - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**LABURP** – Laboratório de Estudos Urbanos, Regionais, dos Territórios e das Paisagens

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**PPGSC** - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo

**PSD** – Partido Social Democrático

**PSP** – Partido Social Progressista

**RMGV** – Região Metropolitana da Grande Vitória

**SEDH** – Secretaria de Estado de Direitos Humanos

**SESP** – Secretaria de Estado de Segurança Pública

**UFES** – Universidade Federal do Espírito Santo

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>16</b>
<b>1 Imprensa e sociedade</b> .....	<b>27</b>
1. 1 Jornalismo como empresa: padrões, rotina e representações.....	32
1. 2 Jornalistas: uma função social? .....	39
1. 3 Categorias sociais, clichês narrativos: a representação pelos estereótipos....	44
1. 4 A representação do “Outro”.....	47
<b>2 Territórios, vulnerabilidades e violência</b> .....	<b>52</b>
2. 1 Territórios e territorialidades.....	52
2. 2 Territórios e vulnerabilidade social.....	65
2. 3 Violência(s) .....	76
<b>3 Cidades, Polícia e Cultura: os bairros de vulnerabilidade nos cadernos de A Gazeta e A Tribuna</b> .....	<b>92</b>
3. 1 Os impressos capixabas <i>A Gazeta e A Tribuna</i> .....	92
3. 1. 1 Da coleta à análise das informações .....	96
3. 1. 2 Bairro das Laranjeiras .....	103
3. 1. 3 Barramares .....	106
3. 1. 4 Boa Vista I e II.....	107
3. 1. 5 Castelo Branco .....	109
3. 1. 6 Central Carapina .....	111
3. 1. 7 Feu Rosa .....	113
3. 1. 8 Flexal II.....	116
3. 1. 9 Jardim Carapina.....	118
3. 1. 10 Nova Esperança.....	120
3. 1. 11 Nova Palestina .....	121
3. 1. 12 Nova Rosa da Penha .....	123
3. 1. 13 Novo Horizonte .....	126
3. 1. 14 Planalto Serrano .....	130
3. 1. 15 Santa Rita .....	132
3. 1. 16 São Torquato .....	135
3. 1. 17 Ulisses Guimarães .....	138
3. 1. 18 Vila Nova de Colares.....	140
3. 2 <i>A Gazeta e A Tribuna</i> : representações sobre os bairros vulneráveis .....	143

3. 2. 1 Relação moradores e bairros de vulnerabilidade social.....	146
3. 2. 2 Bairros vulneráveis e Ocupação Social.....	149
3. 2. 3 Informação governamental no formato de notícia.....	152
3. 2. 4 Bairros vulneráveis em destaque: capas.....	155
3. 2. 5 “Menores”: as representações de adolescentes em conflito com a lei.....	160
3. 2. 6 Relação jovens e violência: as dinâmicas de uma problemática social ...	161
3. 2. 7 Problematização dos acontecimentos: reportagens especiais.....	164
3. 2. 8 Responsabilidade social, padrões de comportamento e estereótipos .....	172
<b>Conclusão .....</b>	<b>177</b>
<b>Referências .....</b>	<b>187</b>
<b>Apêndice A.....</b>	<b>192</b>
<b>Apêndice B.....</b>	<b>192</b>
<b>Apêndice C.....</b>	<b>193</b>
<b>Apêndice D.....</b>	<b>194</b>
<b>Apêndice E.....</b>	<b>195</b>
<b>Apêndice F.....</b>	<b>196</b>
<b>Apêndice G .....</b>	<b>198</b>
<b>Apêndice H.....</b>	<b>198</b>
<b>Apêndice I .....</b>	<b>199</b>
<b>Apêndice J .....</b>	<b>200</b>
<b>Apêndice K.....</b>	<b>201</b>
<b>Apêndice L.....</b>	<b>202</b>
<b>Apêndice M .....</b>	<b>204</b>
<b>Apêndice N.....</b>	<b>205</b>
<b>Apêndice O .....</b>	<b>206</b>
<b>Apêndice P.....</b>	<b>208</b>
<b>Apêndice Q .....</b>	<b>209</b>

## Introdução

Analisar a complexidade do campo jornalístico é tão intrigante quanto refletir sobre a própria sociedade. Tanto que se torna impossível desassociar o jornalismo do corpo social ao qual está inserido, pode-se, portanto, discuti-lo como um produto. Produto em forma de representações que falam do mundo e carregam as marcas sociais e históricas de um tempo.

O jornalismo não é economia, mas a discute; não é política, mas discorre sobre ela; não é simplesmente cultura, mas sobre ela também informa. Logo, refletir sobre o jornalismo é também lançar luz à constituição dos indivíduos enquanto sociedade, é mapear as configurações de um espaço, é relatar sobre o cotidiano, é hierarquizar o que de mais importante tem para ser conhecido ao longo de um dia.

É sob essa ótica que se questiona no presente trabalho como o jornalismo, em especial o capixaba, tece representações sobre as áreas de vulnerabilidade social da Grande Vitória. Interessa primordialmente discutir sobre a função do jornalista ao noticiar sobre tais localidades, assim como refletir sobre a competência desse profissional que, historicamente, noticia sobre realidades que não lhe pertencem.

Nessa perspectiva, como um primeiro movimento de entender tal processo, é necessário retomar à ideia de imprensa como instituição. Assim sendo, cabe a ela ocupar um espaço privilegiado na sociedade, assim como desempenhar funções específicas. Ao discutir sobre ideologias e técnicas da notícia, Nilson Lage (2001, p. 12), jornalista e professor da Universidade Federal de Santa Catarina ressalta que, como possibilidade material, a imprensa já existia muito antes da exigência social que a fez brotar. E, seguindo esse ponto de vista, os jornalistas e pesquisadores da Universidade de Columbia Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, p. 249) apontam para a metáfora do jornalismo como uma cartografia moderna. É graças a tal função



que são criados os mapas para que os cidadãos naveguem pela sociedade. Para os autores essa é, tanto a sua utilidade, quanto a sua razão econômica de ser.

Concebe-se, portanto, o jornalismo como uma instância responsável por evidenciar os acontecimentos de maior relevância social, entendendo que, após todo o processo da cadeia produtiva (da formulação da pauta e apuração à edição final) surgirão as notícias como o resultado desse sistema.

No esforço de compreender o porquê as notícias são como são, Nelson Traquina (2005, p. 117), professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa faz a seguinte assertiva: “Os jornalistas professam; professam saber o que é notícia e como escrevê-la”. Tal máxima diz respeito ao lugar de fala que o jornalista ocupa na sociedade, além do próprio processo histórico de desenvolvimento e entendimento do jornalismo como profissão. Algo (re)construído ao longo dos últimos três séculos ao custo de muitas crises, na busca de uma identidade cada vez mais complexa diante de uma série de mutações no seu modo de produção, mas calçado em uma legitimação que ainda perdura.

Ao longo do século XIX, desenvolveu-se o capitalismo, a educação em massa, além do processo tecnológico que favoreceu a manifestação de uma mídia de massa. Nesse cenário as notícias passaram a ocupar um lugar mais importante na estrutura social. A partir desse momento elas tornaram-se tanto serviço quanto gênero. Os jornais passaram a pensar o serviço como negócio, e os jornalistas ingressaram em um processo de desenvolver a profissionalização, buscando uma maior autonomia (TRAQUINA, 2013, p. 20).

Entender a complexidade do jornalismo não se restringe a voltar-se apenas para empresas e/ou profissionais. À medida que a atividade se desenvolve, progridem também mudanças do próprio modo de ser jornalista e fazer jornalismo. É possível visualizar nessa configuração que, muito mais do que estar relacionado à figura dos jornalistas - aqueles que cumprem a função - esse sistema compreende um conjunto normativo de comportamento. É notável, portanto, que, ao se falar sobre jornalismo certas imagens e representações são evocadas. A sociedade formula uma imagem de quem ela pensa ser o jornalista, além das funções que ele deveria exercer. Assim, como na outra direção, o jornalista formula a imagem do público para quem ele acredita estar desempenhando seu trabalho.

Nessa relação entre jornalismo e sociedade acaba por surgir então um *ethos* que caracteriza a comunidade jornalística. Traquina (2005, p. 202-203) remonta que

o *ethos* acaba por definir o papel social do jornalista como aquele que deve informar os cidadãos. O autor acrescenta ainda uma função de proteção contra eventuais abusos de poder - jornalismo como um “contra-poder”.

Esse imaginário social que passa a ser estabelecido e difundido sobre a atividade acaba, às vezes, por não deixar transparecer (ou não querer deixar) o jornalismo como um processo de escolhas diárias a serem feitas para decidir o que é ou não levado ao público.

Nessa perspectiva, para compreender o processo de legitimação do jornalismo para narrar os acontecimentos sociais, faz-se necessário olhar também para a figura do próprio jornalista. Qual é seu lugar de fala, seus referenciais, seus conhecimentos, enfim, seu ponto de vista como sujeito em relação a um determinado objeto?

Mesmo que o jornalismo como atividade transponha o indivíduo, o processo de conceber o que é ou não notícia, falar ou não das áreas de vulnerabilidade social (e como falar) encontra-se, também no âmbito do observador. Aquele que vai à rua e fica em contato com os acontecimentos, o que seleciona e organiza os conteúdos, ou seja, o indivíduo que participa do processo de averiguar e deliberar o que é ou não de interesse social.

Ao se voltar para a constituição dos jornalistas como grupo é necessário enfatizar sua complexidade, pois não se trata obviamente de uma categoria social homogênea. É fundamental ressaltar que jornalistas têm antecedentes, sobretudo na classe média. E, mesmo que se busquem métodos que defendam o discurso de conteúdos imparciais, é notório que ao exercer sua função o profissional carrega consigo traços do lugar que ocupa e das visões de mundo que carrega. Logo, seja pelos enquadramentos ou escolha de fontes, o jornalismo é uma atividade subjetiva, que reflete os posicionamentos daqueles que o formulam.

É nessa complexidade de variáveis que interferem na produção jornalística que este trabalho propõe o seguinte problema de pesquisa: de que forma os jornais *A Gazeta* e *A Tribuna* representam os bairros de vulnerabilidade social da Grande Vitória nas narrativas da violência? Ao lançar luz sobre os veículos capixabas compreende-se ter em mãos um amplo campo de discussão. Ao tentar abranger as maneiras da imprensa representar esses espaços marginalizados pretende-se tecer reflexões sobre estas áreas, sobre o jornalismo e, conseqüentemente sobre a própria sociedade.

Discutir sobre o conceito de vulnerabilidade social é compor relações em diversos âmbitos. Dos índices de escolaridade aos de violência: muitos são os fatores que levam determinada região a ser considerada de vulnerabilidade social. Nessa complexidade, e como se pretende avançar em um trabalho no âmbito da comunicação, opta-se por realizar uma análise da representação midiática que compreenda os bairros da Região Metropolitana da Grande Vitória inseridos no projeto Ocupação Social.

Lançado pelo Governo do Estado do Espírito Santo (gestão 2015-2018), Ocupação Social é apresentado como uma “política prioritária” que articula entre o setor privado, a sociedade e os poderes públicos atividades elaboradas especialmente para o público jovem, de baixa renda, marcado pela espiral de violência urbana e morador de áreas de alta vulnerabilidade social (SEDH, 2017, s.p).

Para estabelecer esses índices – da vulnerabilidade e da violência - o programa realizou o mapeamento entre os anos de 2010 e 2014 dos bairros com maiores índices de homicídios do Espírito Santo e das localidades que mais concentravam jovens fora da escola. O resultado final aponta para 25<sup>1</sup> localidades que se concentram em nove municípios, sendo elas: Nova Palestina, em Vitória; Barramares, Ulisses Guimarães, Boa Vista (I e II), São Torquato e Santa Rita, em Vila Velha; Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Jardim Carapina, Novo Horizonte, Planalto Serrano, Central Carapina e Bairro das Laranjeiras, na Serra; Castelo Branco, Nova Rosa da Penha, Flexal II e Nova Esperança, em Cariacica; Zumbi, em Cachoeiro de Itapemirim; Ayrton Senna e Bela Vista, em Colatina; Interlagos e Aviso, em Linhares; Vila Nova e Bom Sucesso, em São Mateus; e parte urbana de Pinheiros.

Como se propõe analisar neste trabalho a representação das áreas de vulnerabilidade social da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) se leva em consideração 18 das 25 localidades apontadas por Ocupação Social, sendo elas divididas entre quatro municípios: Vila Velha (Barramares, Ulisses Guimarães, Boa Vista (I e II), São Torquato e Santa Rita), Vitória (Nova Palestina), Serra (Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Jardim Carapina, Novo Horizonte, Planalto Serrano, Central

---

<sup>1</sup> No fim do ano de 2017, com esta pesquisa já em andamento, foi acrescentado o Bairro da Penha, em Vitória, à lista das localidades vulneráveis do estado.

Carapina e Bairro das Laranjeiras) e Cariacica (Castelo Branco, Nova Rosa da Penha, Flexal II e Nova Esperança).

A Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) foi formalmente criada no ano de 1995, porém, é somente em 2001 que a região ganha a forma como é reconhecida nos dias atuais, com a inclusão do município de Fundão. A Grande Vitória é composta por sete municípios, sendo eles: Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória.

A Secretaria do Estado de Segurança Pública (SESP) registra anualmente o ranking dos homicídios nos bairros da Grande Vitória, e, das dez localidades que lideraram no ano de 2016, sete fazem parte do Ocupação Social, sendo seis desses bairros localizados na Serra – Feu Rosa, Jardim Carapina, Vila Nova de Colares, Novo Horizonte, Planalto Serrano e Bairro das Laranjeiras – e um em Vila Velha – Boa Vista. Mesmo que não apareçam como localidades com maior número de homicídios em 2016, todos os outros 11 bairros contemplados pelo Ocupação Social e aqui analisados também registraram, de acordo com a SESP, ao menos um homicídio no período. Optou-se pelo recorte temporal do ano de 2016, pois dos períodos mais recentes que poderiam ser analisados este não apresenta nenhuma anomalia metodológica – como a greve da Polícia Militar em 2017. Assim sendo, para melhor visualizar as características dessas localidades no período, a seguir, encontra-se a listagem do número de homicídios nos bairros de vulnerabilidade social em 2016:

<b>Município</b>	<b>Bairro</b>	<b>Total de homicídios em 2016</b>
Serra	Feu Rosa	18
Serra	Jardim Carapina	18
Serra	Vila Nova de Colares	17
Serra	Novo Horizonte	11
Serra	Planalto Serrano	9
Vila Velha	Boa Vista I	8
Serra	Bairro das Laranjeiras	7
Vila Velha	Barramares	7
Vila Velha	Santa Rita	7
Cariacica	Castelo Branco	5

Cariacica	Flexal II	5
Cariacica	Nova Rosa da Penha	5
Serra	Central Carapina	5
Vila Velha	São Torquato	3
Vila Velha	Ulisses Guimarães	3
Cariacica	Nova Esperança	1
Vitória	Nova Palestina	1

Tabela 1: Relação do número de homicídios por bairros em 2016

A violência em si, é apenas índice, é o resultado visível de uma realidade heterogênea que, muitas vezes, aponta para faltas – sejam elas mais “básicas”, como iluminação pública – e ausências – do Estado de uma forma geral. À vista disso, interessa visualizar que relações se estabelecem entre a imprensa e os territórios vulneráveis.

Para além da violência, Ocupação Social ressalta que os bairros são caracterizados como vulneráveis por concentrarem populações de baixa renda e alto abandono escolar entre os jovens. A análise realizada neste trabalho propõe compreender de que maneira essas dinâmicas são evidenciadas pelos veículos impressos capixabas. É necessário encarar que, por trás de todo conteúdo noticioso há o olhar do jornalista – que por vezes representa uma realidade da qual ele não faz parte -, mas que, acima de tudo, há o estabelecimento da notícia como produto resultante de um processo empresarial e mercadológico. É também por fazer parte de um conglomerado empresarial que o jornal precisa recorrer a certas padronizações para produzir conteúdo. E é também pela existência dessas dinâmicas pré-estabelecidas que as coberturas noticiosas de diferentes veículos podem, por vezes, se assemelham. Levando tal fato em consideração, para além da análise dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*, se realizou também um comparativo entre as coberturas dos veículos capixabas sobre os bairros de vulnerabilidade social.

Para compreender semelhanças e diferenças entre as abordagens dos veículos é necessário visualizar também as configurações históricas de formação dos mesmos (tópico discutido no capítulo três). *A Tribuna*, fundada em 22 de setembro de 1938 passou por mudanças de gestões até 1968, quando o Grupo João Santos adquire a direção do jornal e passa a mantê-la até os dias atuais –

produzindo além do jornal impresso, o rádio e a TV, formando assim a Rede Tribuna.

A *Gazeta* é o veículo impresso em atividade mais antigo do Espírito Santo, sendo inaugurado em 11 de setembro de 1928. O objetivo inicial foi criar o jornal para vender um loteamento em Camburi. A venda não foi satisfatória, mas o veículo vingou como opção de negócio. No fim da década de 1940 foi adquirido pelo grupo do ex-senador do Espírito Santo, Carlos Lindenberg, grupo este que até hoje detém sua direção.

Após visualizar os dados sobre os bairros de vulnerabilidade social da Grande Vitória é importante também reforçar o caráter do jornalismo como instituição social responsável por representar os acontecimentos diários.

Analisar a maneira como o jornalismo aciona representações e trata de eventos, sujeitos e locais diz respeito também ao modo como ele atua na sociedade. Visando à responsabilidade social que cabe à profissão, acredita-se que é preciso avançar nas pesquisas sobre representações midiáticas, com o intuito de problematizar possíveis visões recorrentes de mundo, bem como a manutenção de representações enviesadas e/ou estereotipadas de grupos e/ou espaços circunscritos (como os de vulnerabilidade social e/ou espaços demarcados socialmente como violentos, por exemplo).

A pesquisa partiu do intuito de lançar um novo olhar sobre algo corriqueiro. Acostuma-se com narrativas sobre áreas de vulnerabilidade social que estampam as páginas dos jornais principalmente pelas notícias de violência e, tem, portanto, lugar quase que cativo nos cadernos de Polícia. Com o desejo de compreender como os jornais *A Gazeta* e *A Tribuna* construíam notícias sobre essas localidades foram lançados questionamentos como “existem semelhanças e/ou diferenças entre os veículos? Há representações sobre a cultura nessas localidades ou prende-se apenas às questões de violência? Há traços que se repetem nas representações dos veículos?” que contribuiriam para guiar a pesquisa rumo às respostas pretendidas. Tais indagações são necessárias para que seja possível encarar a violência como problemática social, entender de que maneira o fenômeno é apresentado pelos jornais e, enquanto ambiente acadêmico, refletir sobre as dinâmicas que a mesma evoca na sociedade. É necessário que se volte à questão da violência não como um “ser mítico social” que já é dado *a priori* e sim buscar compreender os fatores que levam a tal fenômeno ser inscrito e rescrito socialmente.

Sob esse viés, o doutor em geografia e Coordenador do Laboratório de Estudos Urbanos, Regionais, dos Territórios e das Paisagens (LABURP) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Cláudio Zanotelli, ao discutir sobre o espaço da violência na Grande Vitória<sup>2</sup>, reforça a importância de não cair na tentação de “criminalizar espaços”. Para o professor é necessário estar atento para não associar a pobreza diretamente à violência, assim como correr o risco de relacionar a imagem dos pobres como seres “bárbaros”. Zanotelli reforça que, como primeira tarefa o pesquisador deve evitar produzir esses marcadores sociais (ZANOTELLI et al., 2011).

Assim como as discussões sobre a violência e suas representações na imprensa, este trabalho se dedicou também à reflexão sobre territórios e territorialidades. Como especificidade do programa de pós-graduação no qual essa pesquisa encontra-se inserida, se discutiu também sobre a produção de territórios e territorialidades os visualizando em duas instâncias: simbólica e física. A primeira é o jornalismo e o modo historicamente burguês de narrar sobre o outro; a segunda são as áreas de vulnerabilidade social, o olhar sobre aqueles que ocupam a margem da sociedade. Com base nisso é importante visualizar também os caminhos já percorridos por outras pesquisas para buscar respostas para os questionamentos lançados. Em pesquisa aos periódicos da Capes, por exemplo, nota-se que os estudos voltados à questão da vulnerabilidade social são relacionados majoritariamente às áreas como Sociologia, Serviço Social e Saúde. Dessa maneira, este trabalho pretende compreender como as dinâmicas dessas áreas de vulnerabilidade acabam por permear e serem representadas também na prática jornalística e, conseqüentemente, como se relacionam à Comunicação.

Como objetivo geral de pesquisa, tem-se a pretensão de entender de que forma os jornais capixabas *A Gazeta* e *A Tribuna* representam os bairros de vulnerabilidade social da Região Metropolitana da Grande Vitória.

---

<sup>2</sup> Como em ZANOTELLI, Cláudio Luiz; MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Análise dos discursos sobre a criminalidade e a delinquência nos jornais A Gazeta, Notícia Agora e A Tribuna e seus efeitos sobre a política de segurança e a percepção social de (in) segurança.** Relatório de pesquisa inédito realizado para a Secretaria de Segurança Urbana da Prefeitura Municipal de Vitória, 2008

Para contemplar essa finalidade, propõe-se, como objetivos específicos: a) Verificar quais são as principais temáticas que levam os bairros a serem evidenciados pelos jornais; b) Analisar quais são as fontes autorizadas a falar sobre os bairros nos veículos; c) Investigar possíveis semelhanças e diferenças entre os veículos na formatação dos conteúdos sobre os bairros vulneráveis; d) Detectar quais as principais diferenças entre as editorias de Cultura e de Polícia ao narrar sobre as áreas de vulnerabilidade.

Para que se alcance as metas estabelecidas anteriormente parte-se da proposição de que a imprensa capixaba apresenta, majoritariamente, um discurso oficial – vindo de fontes como a polícia, por exemplo - sobre os bairros de vulnerabilidade social, sem dar voz, de fato, aos que lá residem. Mesmo que não se possa considerar os jornalistas como um grupo homogêneo, historicamente eles são, antes de tudo, intelectuais, cidadãos de classe média que narram sobre o cotidiano. Dessa maneira, muitas vezes, os acontecimentos que não eclodem nos centros fazem parte de uma realidade diferente das dos jornalistas – e até mesmo distante geograficamente das redações. Tudo isso interfere ativamente para que os conteúdos sobre áreas de vulnerabilidade sejam contados com certo distanciamento, partindo de imagens e conceitos sobre tal espaço já estabelecidos anteriormente.

Visando chegar às conclusões dos questionamentos até aqui propostos, se fez necessário lançar mão de processos metodológicos para atingir tais êxitos. Sob esse viés, antes de realizar qualquer tipo de pesquisa científica, é preciso recuperar determinados conceitos e teorias. É também por isso que se faz importante a revisão bibliográfica. Neste trabalho em específico, foram utilizados eixos teóricos que compreendem as discussões sobre a produção do conteúdo jornalístico, vulnerabilidade social e violência.

Partindo das discussões realizadas por Rodrigo Alsina (2009), Charaudeau (2006) e Tuchman (1973), há o entendimento do jornalismo como um verdadeiro modo de produção, com uma historicidade e regras próprias do campo. O segundo capítulo dessa pesquisa se dedica à discussão sobre a formação de territórios e territorialidades. Ao mesmo tempo em que é possível demarcar geograficamente os territórios de vulnerabilidade social, há também o território simbólico do jornalismo que, diariamente, atua na representação desses bairros. Assim sendo, partiu-se das reflexões de Santos (2005) e Haesbaert (2007) sobre a formação do território



brasileiro, culminando em Monteiro (2011) Abramovay (2002) e Cunha (2004) que dialogam sobre a vulnerabilidade social e a exposição dos jovens a este cenário. A terceira e última parte do capítulo se refere à problemática da violência. Por meio das reflexões de Misse (1999) e Sodré (2002) é possível discutir como esse fenômeno social interage e interfere nas dinâmicas da sociedade, assim como é representado nas mídias.

O corpus empírico dessa pesquisa é composto pelos jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna*. Utilizou-se o método de Análise de Conteúdo, assim como uma análise comparativa que possibilitou mapear similaridades e diferenças entre as coberturas dos dois veículos. A adoção da análise dos dois jornais se dá, pois, propicia uma maior amplitude e riqueza na compreensão da problemática. Por pertencerem a distintos grupos e públicos foi possível visualizar também a existência de diferentes abordagens nos veículos ao evidenciarem conteúdos sobre os bairros de vulnerabilidade social.

Partindo de uma Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2002) foram investigadas as edições do ano de 2016 dos dois jornais, sendo utilizadas as editoriais de Cidades, Polícia e Cultura. Optou-se por tal recorte temporal, pois, dos períodos mais recentes que poderiam ser utilizados para análise é o que não apresenta nenhuma anomalia metodológica – como o ano de 2017, por exemplo, quando foi registrada a greve da Polícia Militar, ao longo de todo o mês de fevereiro – que poderia interferir na cobertura noticiosa rotineira. O recolhimento do material foi realizado utilizando o acervo do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. O programa já tem armazenado todas as edições do ano de 2016 dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*. Para selecionar que conteúdos que seriam utilizados fez-se o uso de palavras-chave que correspondem ao nome dos bairros já listados anteriormente, como “Feu Rosa” e “Boa Vista I”, por exemplo.

O terceiro capítulo desse trabalho se dedica a discutir as informações encontradas nas coberturas dos veículos e confrontá-las com as discussões teóricas realizadas nos dois capítulos anteriores. É nessa seção que são evidenciados e descritos os gráficos sobre a cobertura noticiosa sobre os bairros de vulnerabilidade social, assim como é realizado o comparativo do que foi encontrado entre os jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Ao fim, na conclusão, são apresentadas as considerações finais da pesquisa. Levando em consideração o mapeamento teórico realizado e as informações obtidas essa seção destina-se a pontuar os principais achados da pesquisa e responder aos questionamentos que até então haviam sido levantados.

## 1. Imprensa e sociedade

Entender o papel da imprensa e do jornalismo ao passar do tempo, é lançar luz também sobre características sociais e historicidades que apontam para jeitos de ser jornal e fazer jornal. Do formato partidário à busca pela isenção, muitas são as concepções e mudanças até que se chegue ao entendimento do que hoje é reconhecido como imprensa.

Dessa forma, antes que se chegue à análise final aqui pretendida (de que forma os jornais capixabas representam as áreas de vulnerabilidade social), faz-se necessário compreender parte do percurso histórico do jornalismo, assim como as configurações necessárias para que se chegue ao que hoje é reconhecido como imprensa.

O primeiro passo para esse entendimento desloca-se por assimilar a etimologia do termo “burguês”<sup>3</sup> e, por consequência, do “burgo”. Este deriva do latim para representar um povoado, uma pequena fortaleza. Ainda na Idade Média podia ser compreendido como uma vila ou pequena povoação dependente de outra maior. Há, portanto, a demarcação espacial bem circunscrita, assim como a separação daqueles que pertencem ou não ao burgo (os de dentro e os do campo). Isto posto, o burguês seria o habitante do burgo, aquele que usufruía de certos privilégios no modelo estabelecido de sociedade até então. Ao visualizar esse esquema pode-se lançar luz também sobre o espaço que ocupa o jornalismo na sociedade, assim como o ocupado pelo próprio jornalista – aquele que descende do burguês, fala pelo burgo e, muitas vezes desconhece o que se passa fora deste perímetro.

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: < <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-das-palavras-burgo-e-burgues/26352> >.

Sob esse viés, o professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, *Ciro Marcondes Filho* (2000, p. 9), aponta que a história do jornalismo reflete de forma bem semelhante o trajeto da modernidade. Na perspectiva econômica a modernidade gerou o empreendedor burguês, personagem mítico cujo desenvolvimento decorre principalmente ao longo do século XVIII. Sob o viés político, a modernidade fez surgir a vitória das democracias republicanas, assim como a movimentação de políticos disputando cadeiras nos parlamentos. Por outro lado, em última instância, sob o aspecto dos direitos sociais e humanos, é na modernidade em que se viu nascer a figura do jornalista.

Nesse conglomerado de transformações e abalos na estrutura social é que o jornalismo é concebido como a síntese do espírito moderno: surge em prol da razão, da verdade e da transparência dos fatos. Tal lógica - apresentada na contramão da tradição obscurantista da Idade Média -, passa a conceber como necessidade o questionamento das autoridades, assim como a crítica da política. Mais tarde, por ter incorporado de forma tão intensa esse espírito, padece ao visualizar o abalo nos alicerces da modernidade (MARCONDES FILHO, 2000, p. 9).

A Revolução Francesa passou a representar muito mais do que a queda de regimes aristocráticos. É também a partir de tal acontecimento histórico que se volta à conquista do direito à informação. Os segredos, antes escondidos, passam a circular de forma mais ou menos livre. Seguindo por essa transformação de paradigmas é que se apresenta também o jornalista: o ator responsável por abastecer o mercado de informações. A partir daquele momento se estabelece como função deste vasculhar, explorar e examinar os acontecimentos, tudo em nome da notícia (MARCONDES FILHO, 2000, p. 11).

Ainda sob a perspectiva histórica, em busca de compreender o papel e a importância do jornalismo para a sociedade, *Marcondes Filho* (2000, p. 12) ressalta quatro "jornalisms". O primeiro, seguindo a vertente da Revolução Francesa, aponta para o caráter da "iluminação", do esclarecimento político. É nesse primeiro momento que ocorre a efervescência do jornalismo político-literário. Os jornais nada mais eram do que programas político-partidários. É também nesse período em que há o avanço na profissionalização: surge a redação como setor específico. Com o passar do tempo, o jornalismo torna-se uma força política autônoma e vai deixando de ser um instrumento dos políticos.

O surgimento do segundo jornalismo apenas torna-se possível com o advento das novas tecnologias. É a partir desse ponto que o jornal começa a ser encarado como empresa capitalista. Para tanto, algumas mudanças foram necessárias, muito mais do que visualizar a atividade como militância, era preciso pensar em maneiras financeiramente viáveis de manter o empreendimento. Mais próximo dos atuais jornais do que o primeiro modelo é a partir de tal transformação também que passam a se estabelecer, mais estreitamente, os jogos de interesse entre o jornalismo como atividade social *versus* fábrica de lucros.

A grande mudança que se realiza nesse tipo de atividade noticiosa é a inversão da importância e da preocupação quanto ao caráter de sua mercadoria: seu valor de troca – a venda de espaços publicitários para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica – passa a ser prioritário em relação ao seu valor de uso, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais. A tendência – como se verá até o final do século 20 – é a de fazer do jornal progressivamente um amontoado de comunicações publicitárias permeado de notícias (MARCONDES FILHO, 2000, p. 14).

Nilson Lage (2001, p. 30), jornalista e professor do departamento de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, também aponta reflexões sobre as mudanças discutidas por Marcondes Filho. O autor sublinha que, até a Revolução Industrial, as notícias eram, em síntese, relatos de acontecimentos importantes, sejam eles para a política, o comércio ou a manufatura. Posteriormente, com a conquista do grande público, passam a ser artigos de consumo. O problema para Lage (2001, p. 29) é que, para tal empreendimento, as notícias passam a receber acabamentos padronizados, assim como começam a ser embaladas conforme as técnicas de marketing. “A liberdade, hoje sabemos, é do capital. E a verdade impressa também lhe pertence”.

Ao abandonar o caráter de militância e visualizar os lucros que podem ser obtidos com a atividade, o jornalismo, assim como outras formas de negócios, precisa ser encarado como empresa e necessita estabelecer métodos de produção padronizados. Busca-se “fórmulas de sucesso”, assuntos e modos de narrar que representem grande número de vendas. Logo, com tal posicionamento, se corre o risco de perder (principalmente por parte do jornalista que vai à rua, entra em contato com as fontes) o olhar crítico sobre os fatos sociais. Em especial sobre os casos de violência, uma dessas “fórmulas” encontrada pelos jornais é a utilização do sensacionalismo: o fato torna-se espetáculo e é vendido como tal.

Sobre essas novas formas de encarar o jornalismo e, conseqüentemente, as mudanças pelas quais ele passou, destaca-se também, já no século XX, o que é demarcado como o terceiro jornalismo. Característica dessa etapa é o crescimento e desenvolvimento das empresas jornalísticas como grandes conglomerados de comunicação. Estes, por sua vez, encontram como únicas ameaças as guerras e os governos totalitários que atuaram no período em questão. Entretanto, Marcondes Filho (2000, p. 15) ressalta a importância da Grande Depressão americana (1929), assim como a indústria publicitária e de relações públicas que surgem como novas formas de comunicação que, ao longo do tempo passam a competir com o jornalismo até, por fim, descaracterizá-lo.

A última grande transformação pela qual passou a profissão é identificada como o quarto jornalismo, se estabelece no fim do século XX, e é o da era tecnológica. Tendo início por volta dos anos de 1970, apresenta-se como uma mudança no modo de fazer jornalístico. Marcondes Filho (2000, p. 30) considera duas vias principais para o desenvolvimento do quarto jornalismo. A primeira seria a expansão das estratégias de comunicação e persuasão dentro do noticiário: multiplicam-se os conteúdos de assessorias e se confundem com a própria informação jornalística. Em segunda instância estaria a substituição do jornalista como agente humano por formas interativas de difusão, criação e fornecimento de informações. Trabalha-se com a possibilidade de fontes tecnológicas capazes de recolher material de todos os lados e produzir notícias.

Sendo a fase mais recente, se apresenta como uma ebulição de informações para a sociedade, assim como para o próprio jornalismo. Questiona-se a importância da atividade como função social, assim como a relevância do próprio jornalista como narrador dos acontecimentos cotidianos. Em especial sobre as áreas de vulnerabilidade social, muito mais do que depender do jornalista para evidenciar um acontecimento dessas regiões, hoje, com redes sociais - e a possibilidade de que um único indivíduo atinja vários com seu conteúdo - um morador da região pode se comunicar e lançar a público os fatos que ali ocorrem. Obviamente que não se trata de uma mesma experiência, muito menos (se tratando de uma reivindicação, por exemplo) do mesmo peso que há entre um jornalista (que fala em nome de uma rede de comunicação) *versus* um morador, porém, há que se admitir a possibilidade de que os acontecimentos sobre bairros vulneráveis cheguem à agenda pública de forma mais descentralizada do que antes.

Faz-se necessário retornar historicamente, pois, somente olhando para a formulação do jornalismo e todas as transformações passadas é que se torna possível pensar sobre os jornais hoje, bem como pontuar as mudanças que se fazem necessárias para sua melhoria. Se muitas foram (e serão) as formas de produzir tal atividade, o ponto de partida para compreendê-la passa também por entender a profissão atualmente, suas características, assim como visualizar aqueles que comandam os empreendimentos comunicacionais.

Nessa perspectiva, ao discutir sobre os elementos do jornalismo, os jornalistas norte-americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, p. 18) apontam para a característica norteadora da profissão para com a sociedade. Para os autores, as notícias são necessárias para que se estabeleçam ligações uns com os outros, para efeito de proteção, para identificar inimigos e amigos, enfim, para viver a vida. Dessa maneira, o jornalismo se apresenta como uma instituição criada pelas sociedades para fornecer essas notícias. E é exatamente por isso que há a preocupação com a natureza das notícias, tal qual, do jornalismo: eles influenciam a qualidade de vida das pessoas, os pensamentos e a própria cultura.

Entretanto, o processo de entender um fato como acontecimento de relevância ao ponto de ser notícia, até calcular se é mesmo relevante destiná-lo ao público para o qual o jornalista escreve não é tarefa simples. O segredo pode estar na consciência, principalmente partindo do jornalista, de saber equilibrar em uma balança hipotética os diversos fatores que interferem na produção de conteúdo, a linha editorial que segue o veículo, o lugar de fala do jornalista, enfim, tudo aquilo que possa vir a interferir no que deve ou não ser notícia.

Sob essa ótica, Kovach e Rosenstiel (2004, p. 226) manifestam que o jornalismo nada mais é do que contar uma história como uma finalidade. Para os autores essa finalidade é fornecer às pessoas informações das quais elas precisam para entender o mundo. O primeiro desafio ao qual se submete o jornalista é para encontrar a informação que as pessoas precisam, o segundo seria tornar a informação mais significativa, envolvente e relevante.

Desse modo, assim como considerava o jornalista, escritor e comentarista político americano Walter Lippman (2008, p. 296), o jornalismo não se trata de um relato em primeira mão, um material bruto lançado ao público, mas, de um relato do material após ter sido estilizado. Trata-se, do resultado de um longo processo que acaba por refletir a posição do veículo, a colocação do jornalista no mundo, entre

outros. Sendo a notícia a costura das conversações diárias, é o jornalista também o articulador da realidade, uma realidade bem específica: a representada no jornal.

### **1. 1 Jornalismo como empresa: padrões, rotina, e representações**

Após visualizar o processo histórico de formação da imprensa como instituição autorizada ao narrar sobre o cotidiano na sociedade, é importante ressaltar algumas características que dizem respeito ao modo de se produzir notícias. Embora os jornais pertençam a diferentes grupos e se destinem a distintos públicos, os veículos acabam por apresentarem semelhanças entre si. Isso se dá, pois, muito mais do que hierarquizar acontecimentos diários e pontuar quais merecem ser vistos, os jornais – e os jornalistas, por consequência – se deparam diariamente com procedimentos e padronizações que histórica e socialmente ditam o ritmo de como produzir notícias. Assim sendo, o jornalista acaba por se tornar muito mais um operário da produção do que, de fato, um ator social livre para criar representações.

Miquel Rodrigo Alsina (2009), professor do departamento de jornalismo e ciências da comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona, ao discutir sobre a construção das notícias resalta que, muito mais do que conteúdo noticioso, as mídias produzem uma construção da realidade social. Para o autor, os jornalistas são como os construtores da realidade ao seu redor, seriam eles também os responsáveis por conferir estilo narrativo a essa realidade, divulgando-a e tornando-a pública (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 11). Rodrigo Alsina sublinha, contudo, que ao lançar luz sobre essa análise – da produção de notícia como uma construção social – é preciso que alguns pontos sejam ressaltados. Em primeiro lugar o professor entende que não se deve vincular o conceito de “construção da realidade” exclusivamente com a prática jornalística. Para além do jornalismo esse processo é, ao mesmo tempo, social e intersubjetivamente construído. A atividade jornalística nesse cenário é, portanto, o papel que foi socialmente legitimado para gerar construções da realidade que são publicamente relevantes (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 47). O segundo ponto que Rodrigo Alsina considera importante sublinhar é que não se pode cair no erro de visualizar a mídia como construtora da realidade sem levar em conta a interação por parte da audiência. O professor enfatiza que é



preciso estar evidente que a construção social da realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e reconhecimento. Para o autor, a atividade jornalística é entendida, portanto, como uma manifestação socialmente reconhecida e compartilhada (ALSINA, 2009, p. 47).

Como aponta Rodrigo Alsina, o jornalismo, enquanto instituição social é instaurado na dinâmica da construção da realidade. Sendo assim, para melhor entender de que maneira tal processo é formado se faz necessário voltar à própria configuração do jornal enquanto empresa – com linha de produção, um produto destinado à venda e visando a geração de lucros. Gaye Tuchman, doutora em sociologia e pesquisadora da Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos, se dedicou a analisar o modo de produção das notícias por um viés sociológico. Ao fazer um trajeto histórico das pesquisas sobre o assunto a autora reforça a mudança de um paradigma no fim da década de 1960: muitos dos sociólogos da mídia passaram a descartar o legado funcionalista. Tuchman reforça que a partir de tal perspectiva começa a ser enfatizada nos estudos sobre a mídia uma noção de produção, que as notícias não são encontradas, elas são feitas. A autora pontua que a partir desse momento, muito mais do que as atitudes dos jornalistas, passam a ser considerados a estrutura social e organizacional que determinam como as notícias são produzidas. Tuchman reforça que, exemplo disso são os títulos de influentes estudos lançados a partir desse novo enfoque que trazem termos como “criando”, “produzindo” e “decidindo” o que é notícia (TUCHMAN, 2013, p. 81-82, tradução nossa).<sup>4</sup>

Gaye Tuchman ressaltou na década de 1970 que, enquanto os sociólogos estavam prestando pouca atenção aos trabalhadores que lidam rotineiramente com emergências como incêndios, por exemplo, eram – e continuam sendo - os jornalistas os responsáveis por lidar com esses fenômenos e prestar contas, fazendo com que essas ocorrências sejam intelegíveis para o restante da população (TUCHMAN, 1973, p. 111, tradução nossa)<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> During the late 1960s and throughout the 1970s, many media sociologists discarded the functionalist legacy. Despite their different sources of theoretical inspiration and their more or less explicit ambitions of opposing the powers that be in news and politics, the alternative positions all emphasized a notion of ‘production’ – news is made, not found. Further, it is not the attitude or ‘bias’ of individual journalists, but their social and organizational context which primarily determines how news is made. This common denominator was signaled in the titles of a whole list of influential studies on ‘making,’ ‘creating,’ ‘manufacturing,’ and ‘deciding’ what is news. (TUCHMAN, 2013, p. 81-82)

<sup>5</sup> Sociologists have paid scant attention to workers who routinely handle nonspecialized emergencies, ranging from fires and legal cases to medical problems. Yet, some workers do precisely this task.

Como sinaliza Gaye Tuchman, são os jornalistas os responsáveis por lidar cotidianamente com o inesperado. Se os fatos narrados pelos jornais são apresentados como tudo o que foge do normal, do cotidiano, então os jornalistas precisam estar a postos para encarar os mais diversos desafios – sejam eles desastres naturais ou fatos considerados curiosos. Nessa pesquisa, em especial no terceiro capítulo, será possível visualizar o que os jornais consideram de inesperado sobre os bairros de vulnerabilidade social ao ponto de transformar esses acontecimentos em notícias.

Além de reforçar o caráter de produção da notícia Gaye Tuchman colabora para entendimento de como esses processos de produção são estabelecidos dentro dos veículos. A autora reforça a existência de certos ordenamentos da cadeia produtiva como, por exemplo, a distinção entre as *hard news* e *soft news*. Essa primeira tipificação reflete uma tarefa prática nas organizações de notícias: agendar o trabalho diário de acordo com as ocorrências de eventos e a maneiras como os mesmos tendem a ser processados (TUCHMAN 1973, p. 119, tradução nossa).<sup>6</sup> Em síntese, distinguir *hard news* de *soft news* é compreender a importância e a validade de dada ocorrência. A primeira se refere aos acontecimentos de maior relevância e com impacto imediato na sociedade. Já a segunda aos fatos mais “leves”, que se comparados às *hard news* não apresentam tanta importância nem necessitam de urgência para publicação. Essa primeira divisão das notícias já possibilita o agendamento de conteúdos e o planejamento da cobertura diária e semanal pelos veículos. Sobre os bairros de vulnerabilidade social, por exemplo, as *hard news* seriam os conteúdos sobre a violência (como homicídios) que caso não sejam publicados logo após a ocorrência perdem a “validade”. Sobre as *soft news* podem ser citados como exemplos os conteúdos voltados ao caderno de Cultura, que trazem narrativas sobre essas localidades e/ou seus moradores, mas não necessitam de serem publicados no mesmo dia em que ocorrem.

A respeito da categorização de notícias, Gaye Tuchman aponta como esse ordenamento do trabalho se instaura dentro das organizações:

---

Newsmen (and they are still overwhelmingly men) stand out as workers called upon to give accounts [...] of a wide variety of disasters-unexpected events-on a routine basis. (TUCHMAN, 1973, p. 111)

<sup>6</sup> In general, the distinction between hard news and soft news as typifications reflects a practical task in news organizations: scheduling work in relation to both the way an event-as-story happens and the way in which a story is to be processed and disseminated (TUCHMAN, 1973, p. 119)

[...] as classificações reduzem a variabilidade da matéria-prima das notícias. As organizações noticiosas podem processar eventos aparentemente inesperados, incluindo emergências e desastres, porque tipificam eventos como notícias pela maneira como acontecem e em termos das ramificações que "essa maneira de acontecer" vale para a organização do trabalho. Cada uma das tipificações está ancorada em uma questão organizacional básica referente ao controle do trabalho. Além disso, as tipificações dos jornalistas reconstituem o mundo cotidiano. Eles constroem e reconstroem a realidade social, estabelecendo o contexto no qual os fenômenos sociais são percebidos e definidos. (TUCHMAN, 1973, p. 129, tradução nossa)<sup>7</sup>

Ou seja, muito mais do que um emaranhado de acontecimentos sociais, por trás de cada jornal há uma organização prévia do que deve ou não ser considerado notícia. Um jornal não daria conta de narrar todos os eventos sociais de um dia, é por isso que certo ordenamento se faz necessário. Por meio da linha editorial de cada veículo, e com a noção de para qual público ele se destina os jornais estabelecem padrões que formulam o que merece ou não ganhar as páginas todos os dias. Porque para além do infinito número de acontecimentos que impossibilitam uma cobertura global há também a visão do jornal enquanto empresa que precisa gerar lucros: deslocamentos para coberturas, jornalistas que conseguem se dedicar a mais ou menos eventos dependendo da complexidade dos mesmos: tudo isso são gastos que interferem na hora de ponderar se um fato merece ou não espaço no veículo.

A respeito dessas condições produtivas vale pontuar também a inserção do jornalista nesse cenário. Obviamente há marcas de sua subjetividade que poderão ser encontradas nos enquadramentos e textos, entretanto, ao visualizar esse processo de produção ele acaba sendo mais uma peça dentro de uma engrenagem produtiva. Nesse sentido Rodrigo Alsina reforça que nenhuma empresa contrataria um empregado que, de repente, estivesse contra ela própria. Para o professor é possível partir da suposição que os novos jornalistas irão se adaptar aos costumes e modelos de produção da organização. Rodrigo Alsina entende que nesse processo

---

<sup>7</sup> [...] classifications reduce the variability of the raw material of news. News organizations can process seemingly unexpected events, including emergencies and disasters, because they typify events-as-news by the manner in which they happen and in terms of the ramifications "this manner of happening" holds for the organization of work. Each of the typifications is anchored in a basic organizational issue concerning the control of work. Further, the newsmen's typifications reconstitute the everyday world. They construct and reconstruct social reality by establishing the context in which social phenomenare perceived and defined. (TUCHMAN, 1973, p. 129)

de socialização os novos jornalistas acabarão por imitar os sistemas de produção já estabelecidos *a priori* na organização (ALSINA, 2009, p. 203).

A respeito dessa ordenação organizacional o linguista e professor da Universidade de Paris-Nord, Patrick Charaudeau (2006), entende que, de um ponto de vista empírico, é possível dizer que as mídias de informação funcionam segundo uma dupla lógica. A primeira seria a *econômica* – “que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo”; enquanto a segunda uma lógica *simbólica* – “que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2006, p. 21, grifos do autor).

Para Charaudeau entender essas dinâmicas organizacionais apontam por visualizar a mídia como máquina. É máquina, pois diz respeito a um conjunto de engrenagens e de atores que a faz funcionar, cada um em seu setor, cada qual submetido a regras e restrições que fazem com que o produto finalizado ultrapasse a intenção do particular.

O jornalista que está na origem da informação é, ele próprio, ultrapassado por todo o processo que se desenrola entre o momento em que transmite uma notícia e o momento em que o telespectador a recebe, mesmo quando é ao vivo. Não é aquele jornalista que transmite aquela informação, aquela explicação e que produz eventualmente aquele efeito emocional, é o conjunto da máquina com suas condições de realização e seus procedimentos de encenação da informação (CHARAUDEAU, 2006, p. 241).

Mesmo que enquanto produto o jornal seja mais o resultado de um conglomerado de procedimentos organizacionais do que a visão do jornalista há ainda que pontuar a responsabilidade que o mesmo evoca quando cumpre tal função. Rodrigo Alsina (2009) insiste no papel social do jornalismo como um tipo de saber. Para o pesquisador o profissional da notícia é elo do cidadão com os filósofos, sociólogos, cientistas, entre outros. Rodrigo Alsina entende que o jornalista estará comprometido em fazer com que o público ache compreensíveis os acontecimentos sociais (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 269).

Estabelecer essa relação entre o jornalismo como empresa – com procedimentos padronizados que lê os acontecimentos sociais de uma maneira pré-estabelecida – e a responsabilidade social que cabe à função caminha para o

sentido de visualizar também como essa instituição lança representações para narrar sobre os fatos e atores sociais – nesse trabalho em especial sobre os bairros de vulnerabilidade social.

Ao dialogar sobre as representações sociais Charaudeau (2006) compreende que as mesmas apontam para um desejo social, são produtoras de normas e revelam sistemas de valores:

As representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real. Elas se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo-se um sistema de valores que se erige em norma de referência. Assim é elaborada uma certa categorização social do real, a qual revela não só a relação de “desejabilidade” que o grupo entretém com sua experiência do cotidiano, como também o tipo de comentário de inteligibilidade do real que o caracteriza - uma espécie de metadiscorso revelador de seu posicionamento. (CHARAUDEAU, 2006, p. 47).

Ao lançar luz sobre as representações, em especial as midiáticas, Patrick Charaudeau considera que o contrato simbólico entre os jornalistas – e a instância midiática por consequência – e a informação está marcado por uma série de contradições. Para o autor, em nome da credibilidade, o jornalista se coloca como um simples *mediador* entre os acontecimentos do mundo e sua encenação pública (assim sendo, o jornalista se assume como a testemunha mais objetiva possível). Para Charaudeau é nesta instância que se estabelece a primeira das contradições: pois enquanto o jornalista se apresenta como um simples fornecedor de informações, o produto que ele divulga é um objeto inteiramente mediado. Para o pesquisador, não são raras as vezes em que o jornalista se apresenta como *revelador* da informação oculta - e, neste cenário, por vezes ele acaba por assumir o papel de adversário dos poderes instituídos, além de aliado do público. Charaudeau pontua que, ao se portar dessa maneira o jornalista acaba por proceder a interrogatórios além de aspirar aos papéis de juiz ou de detetive. Para o Charaudeau cabe à instância midiática somente revelar pistas que podem ser retomadas pelo poder judiciário ou político e não agir como juiz que condena ou absolve fatos (CHARAUDEAU, 2006, p. 78, grifos do autor).

Patrick Charaudeau reforça que, quando os jornalistas passam a “ocupar cargos” que não lhes cabem – como juízes ou detetives, a empresa de comunicação corre o risco de lançar ao público informações forçosamente incompletas. Para o autor, outro erro seriam os momentos em que o jornalista se apresenta como *intérprete* dos acontecimentos. Em síntese, o autor compreende que a instância midiática pode apenas simplificar as explicações – ela pode até propor algumas correlações provisórias e hipóteses que, entretanto, na maioria das vezes, são relativizadas ou destruídas pelos fatos posteriores. Enfim, para Charaudeau cabe ao jornalista pretender ser *didático*, assim como aspirar ao papel de educador da opinião pública (CHARAUDEAU, 2006, p. 78, grifos do autor).

Por fim, ao compreender as representações lançadas pela imprensa, Charaudeau (2006) reforça que por trás do discurso midiático, não há um espaço social mascarado ou deformado por esse discurso. O espaço social é uma realidade não homogênea, que para sua significação irá depender do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-lo inteligível. “Mortos são mortos, mas para que signifiquem ‘genocídio’, ‘purificação étnica’, ‘solução final’, ‘vítimas do destino’, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais”. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário *nomeá-lo*. O acontecimento por si só não significa. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. O acontecimento significado nasce em um processo evenemencial que, [...] se constrói ao término de uma mimese tripla. E daí que nasce o que se convencionou chamar de “a notícia” (CHARAUDEAU, 2006, p. 131-132, grifos do autor).

Imerso nessa realidade heterogênea, cabe também ao jornalismo, portanto, representar e nomear os acontecimentos sociais. Sobre os bairros vulneráveis, por exemplo, são grandes os conteúdos divulgados que representam essas localidades em conteúdos de violência urbanas. No terceiro capítulo será possível visualizar que marcas textuais os jornais utilizam para falar sobre esses territórios, assim como comparar as informações encontradas entre *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Após discussão do jornalismo enquanto empresa e do processo de representar a realidade que o mesmo realiza, é válido pontuar também sobre a própria figura do jornalista. Sobre os profissionais, Kovach e Rosenstiel (2004, p. 175) reforçam que, combinando as trapaças não descobertas com as vozes

ignoradas, os primeiros jornalistas estabeleceram, como um princípio vital do ofício, e como sua responsabilidade, examinar os cantos ocultos da sociedade. Como havia ampla desinformação, o interesse popular era imediato e entusiástico. Assim sendo, compreendendo a importância histórica de dada função, faz-se importante também refletir sobre seu papel na tessitura social: olhar para o jornalista é visualizar uma das etapas de produção do conteúdo jornalístico.

### **1. 2 Jornalistas: uma função social?**

Para Kovach e Rosenstiel (2004, p. 60), ao longo de trezentos anos, os jornalistas desenvolveram um código não escrito de valores e princípios que norteia, a difusão de informação: “o conhecimento indireto pelo qual as pessoas podem formar suas opiniões sobre o mundo” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 60). Nessa mesma perspectiva, Nelson Traquina (2005, p. 116) aponta para um modo específico de ser do jornalismo, e um modo de operar dos jornalistas: o “jornalês”. Para o autor, cotidianamente, os saberes dos profissionais são vistos como técnicos: o domínio de técnicas para recolher a informação, de elaboração de precisas estruturas narrativas e de uma linguagem específica.

Como profissão, é necessário que se crie certo ordenamento visando a produção de material diariamente, entretanto, no jornalismo a busca por procedimentos padronizados reflete também o interesse em tornar o conteúdo menos parcial possível, tentando, ao máximo apagar para o público final as mediações presentes em uma narrativa.

A jornalista e professora da Universidade de São Paulo Cremilda Medina (1982, p. 155) reforçava o trabalho do jornalista como um processo de tradução. De linguagens específicas para linguagens de grande alcance social. A autora, que escreveu ainda na década de 1980, ressaltava a importância do repórter de área dominar a linguagem do setor no qual trabalhava. Medina pontuou, como exemplo, o termo “economês” que representa todas as nomenclaturas e entendimentos que um jornalista da editoria de economia deveria possuir, por exemplo.

Obviamente que, do fim do século XX ao dias atuais muito tem mudado em relação à estrutura física e, conseqüentemente de trabalho do/no jornalismo. Com cada vez mais redações multimídias - que operam ao mesmo tempo para diferentes

plataformas -, o jornalista, gradativamente, vai tendo que se adaptar, se tornar independente e múltiplo. Para as empresas pode ser vantajoso ter um profissional que atue em diferentes frentes, para o conteúdo, entretanto, pode-se nascer daí um ponto negativo, já que se perde a expertise de um conhecimento mais aprofundado, assim como o lançamento de debates que poderiam surgir, caso o profissional pudesse dedicar mais tempo aos conteúdos específicos.

Já sobre o caráter transitório e de constante atualização do trabalho jornalístico, Medina (1982, p. 23) reforçava que, há duas formas de encarar o papel do profissional: ou se irá exigir a perfeição, um autor onipotente, capaz de concluir sobre o mundo com autoridade de cientista social; ou se exige dele a humildade do intermediário que sai para rastrear o maior número de versões, buscando uma verdade inatingível.

Assim, à *imperfeição* se justapõe uma virtude do jornalista, enquanto ser investido de um papel social: sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias (MEDINA, 1982, p. 22, grifo da autora).

Sobre esse caráter de revelador de realidades, narrador do social, é necessário ressaltar, assim como apontam Kovach e Rosenstiel (2004, p. 61) para a(s) “verdade(s)” que os jornalistas levam ao público. Aqueles que recebem o conteúdo jornalístico o leem/assistem por assim confiarem de que os jornalistas estão narrando a verdade, caso contrário não haveria tal troca. Entretanto, os autores reforçam ser mais produtivo (além de realista) entender a(s) verdade(s) do jornalismo como um processo. Esta precisa ser compreendida como a caminhada contínua na direção do entendimento que começa com a primeira matéria e vai se construindo a partir das que se seguem (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 70).

Entender a verdade no jornalismo mais como processo do que como acontecimento instantâneo é lançar luz para a complexidade em narrar sobre os fatos sociais. É visualizar a atividade jornalística como brevidade, assim como a maior parte dos fatos que por ela são contados. Se a verdade é a caminhada contínua em busca do entendimento, como dar caráter de verdade aos assuntos que se encerram diariamente no ciclo das notícias factuais? A respeito das áreas de vulnerabilidade social, que verdades poderão ser encontradas e de que maneira elas serão construídas? Como mediar a fala do morador que acompanha diariamente os



acontecimentos e do policial que fala em nome de toda uma corporação que combate a violência?

Bill Kovach e Tom Rosentiel (2004, p. 83) tangem outro aspecto fundamental à profissão: a credibilidade. Para os autores permeia na tessitura social a noção de que os jornalistas não devem encontrar obstáculos na hora de cavar informação e contá-la com veracidade (mesmo que seja à custa de interesses financeiros da direção do jornal). Tal noção é um pré-requisito para dar as notícias de forma convincente e com exatidão. É dessa maneira que os cidadãos lançam sua crença na empresa jornalística. É essa a fonte de credibilidade. É tal lógica também que formaliza a credibilidade como maior patrimônio da empresa e dos que nela trabalham.

Em síntese Kovach e Rosenstiel reforçam que não é possível comparar o profissional da imprensa com os empregados de outras empresas. Recai sobre o jornalista uma obrigação social que, em um primeiro momento, pode ir além até dos interesses imediatos dos patrões. Ainda assim, no fim, será também a obrigação do profissional a razão do sucesso financeiro de seus patrões (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 83).

Assim como visto anteriormente, em um primeiro momento, diferentes de outras relações de trabalho, o jornalismo se estabeleceu como um serviço à sociedade, como um ato quase que de militância, para apenas posteriormente visualizá-lo como atividade geradora de lucro. A questão é quando se inverte a ordem, e as vantagens financeiras passam a ser o pontapé inicial do trabalho. Tal perspectiva pode levar à multiplicação de fórmulas lucrativas (como o sensacionalismo, por exemplo), produções de narrativas enviesadas ou que se limitam a descrever e não problematizar.

Na verdade, em lugar de vender conteúdo aos clientes os praticantes do jornalismo constroem uma relação com seu público baseada nos seus próprios valores, capacidade de análise e julgamento, autoridade, coragem, profissionalismo e compromisso com a comunidade. Ao fornecer tudo isso o jornalista cria uma ligação com o público que as organizações jornalísticas então alugam anunciantes. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 98)

Ao contrário de outros modelos de negócio, a relação que se estabelece para a venda de jornais é, antes de tudo do leitor com o conteúdo, para então, em um segundo momento, ser do leitor com o anunciante. E, para mediar esse processo –

principalmente no que tange a confecção de conteúdo informativo - Kovach e Rosenstiel reforçam o papel dos profissionais, assim como a credibilidade que cabe à profissão. Cabe ao jornalista mediar os acontecimentos, assim como o jogo de poder inerente às fontes. Para os autores, o jornalismo por natureza pode cair no aspecto do escandaloso, por isso, torna-se pesada a carga em cima do julgamento e da ética do jornalista, assim como da organização para a qual ele trabalha (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 273).

Assim sendo, é importante pensar na cobertura sobre as áreas de vulnerabilidade social, da mesma forma que visualizar que fontes são acionadas para contar as histórias relativas a esses espaços. De que maneira são apresentadas as fontes oficiais como secretários de segurança, policiais? E que espaço tem o morador para falar sobre os acontecimentos que eclodem em torno dele? Todos esses foram mapeamentos que contribuíram para compreender como a imprensa capixaba representa essas localidades.

Nesse sentido, por mais que se siga uma linha editorial circunscrita, por mais que a empresa indique algumas preferências, e por mais que haja métodos de seleção anteriores ao próprio jornalista, o simples processo de apuração, escolha de palavras e enquadramentos fotográficos acabam por refletir a visão do próprio profissional – esse apontamento é especialmente importante no que se diz respeito às coberturas sobre violência onde o profissional acaba por utilizar termos como “bandidos” para aqueles que cometem crimes dando, dessa forma, juízo de valor ao fato narrado. À respeito desse caráter subjetivo da produção o autor Nilson Lage recorre como exemplo a descrição de uma cobertura religiosa:

A interferência da subjetividade nas escolhas e nas ordenações será tanto maior quanto mais *objetivo*, ou preso às aparências, o texto pretenda ser. Assim, pode-se narrar uma procissão do ângulo da contrição dos fiéis, ou com destaque aos problemas de trânsito que causa, ou ainda à contradição entre suas propostas e a realidade contemporânea. No primeiro caso, estaremos, possivelmente, redigindo um texto de fundo religioso; no segundo, de intenções agnóstico mecanicistas; no terceiro, de intenções críticas e materialistas. (LAGE, 2001, p. 20, grifo do autor)

Como se optou por realizar a comparação entre as cobertura de jornais que são concorrentes foi possível evidenciar que, mesmo se tratando de um mesmo evento os jornais traziam diferentes visões de mundo. E isso se dava tanto espacialmente – com diferentes espaços e tamanhos destinados na página aos

eventos – quanto gramaticalmente – por meio de diferentes textos e construções narrativas.

Para entender as simetrias entre os textos - mesmo que de diferentes profissionais e de distintas empresas - é preciso reforçar, como já dito anteriormente, o lugar histórico do qual ascende o jornalista, sobretudo da burguesia e classe média. Dessa maneira, os jornalistas terão muito mais competência para narrar sobre os acontecimentos que atinjam essa camada do que outras (inclusive, até mesmo os acontecimentos que atinjam as áreas de vulnerabilidade social podem não ser a realidade da maioria dos profissionais que ocupam as redações).

Para o professor do Instituto de Comunicações da Universidade Johannes Gutenberg, Michael Kunczik (1997, p. 191) é importante pensar na formulação de um conteúdo semelhante pelos jornalistas. O autor reforça que, não é possível pensar nos jornalistas como uma classe intelectual socialmente desprendida. É muito provável que os jornalistas construam para si imagens do público que correspondam ao seu próprio lugar e de seus pares. Assim como Kunczik, o professor Nelson Traquina (2013, p. 26) também dialoga sobre esse aspecto. Em seu livro sobre teorias do jornalismo o autor se propõe a discorrer sobre a tribo jornalística. Para Traquina, o grande risco que se corre ao produzir um jornalismo com as mesmas visões de mundo é o que o autor denomina de “jornalismo em pacote”. Tal resultado surge a partir de um pensamento detido por um mesmo grupo. Isto é, os fenômenos estão sendo frequentemente observados por diferentes jornalistas que acabam cobrindo a mesma história, sempre da mesma maneira.

Tal combinação pode gerar um estranhamento nos que não se encaixam nesse extrato social/intelectual específico do qual o jornalista faz parte. Além disso, que tipo de relação é estabelecida entre o profissional e esse outro sobre qual ele narra? É neste momento, pelo desconhecimento de outras realidades, falta de tempo, ou outros fatores que o jornalista corre o risco de se fixar em imagens pré-estabelecidas, criar interpretações enviesadas sobre dadas realidades/personagens.

### 1. 3 Categorias sociais, clichês narrativos: a representação pelos estereótipos

Entender o processo de rotinização das notícias é voltar-se também à criação de imagens já padronizadas difundidas pelo jornalismo, assim como a aceitação social existente em torno delas. Muito mais do que se concentrar historicamente em uma classe, a cultura jornalística é também rica em valores, símbolos que acabam por lançar representações sociais que fornecem as figuras de vilões e heróis (TRAQUINA, 2013, p. 48). Assim como Traquina, Walter Lippmann também se dedicou a discutir sobre a relação que se estabelece (e as imagens que se criam) quando um sujeito entra em contato com um outro.

O que frequentemente se imagina ser o relato de um evento é, na realidade, a sua transfiguração. Poucos fatos na consciência parecem ser meramente dados. A maior parte dos fatos na consciência parece ser em parte feita. Um relato é o produto conjunto do conhecedor e o do conhecido, no qual o papel do observador é sempre seletivo e usualmente criativo. Os fatos que vemos dependem de onde estamos posicionados e dos hábitos de nossos olhos (LIPPMANN, 2008, p. 84).

Na maior parte das vezes, ao se deparar com determinado acontecimento, assim como com outros sujeitos, um indivíduo já tem de uma forma pré-concebida um posicionamento. É natural que os sujeitos já peguem o que é pré-estabelecido por sua cultura para interpretar os acontecimentos cotidianos. Dessa forma, acaba-se, por fim, por captar e definir as imagens de uma forma estereotipada. (LIPPMANN, 2008, p. 85) “Os estereótipos estão, portanto, altamente carregados com os sentimentos que estão presos a eles. São as fortalezas de nossa tradição, e atrás de nossas defesas podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos”. (LIPPMANN, 2008, p. 97)

Como o jornalismo e, conseqüentemente os jornalistas, não podem se desvincular de tal formatação social, assim também acabam sendo, sistematicamente, as notícias: enquadramentos de imagens reconhecidas socialmente que definem o outro. Ao se deparar com dado personagem, e ao narrá-lo para seu público, o jornalista já estará se deparando com determinadas categorias sociais que ele conhece (assim como acaba por “encaixotar” tal figura em uma dessas). Ao visualizar quem é aquele personagem, qual sua profissão e, até mesmo, o lugar que mora, tudo isso se torna indícios para que se estabeleçam diversas

interpretações. E, nesse ordenamento social constante, as manchetes, assim como as notícias, acabam por demarcar de onde fala esse jornalista, além de como ele deseja que o outro seja visto.

Assim como já dito anteriormente, não é possível representar toda a realidade em uma única notícia, assim como em apenas uma edição de jornal. A sociedade é multifacetada e heterogênea, querer simplificá-la é uma tarefa impossível. Por outro lado, contudo, se tratando em especial do impresso há alguns fatores que cerceiam a capacidade produtiva que são, entre outros, o espaço e o tempo. Então, dessa forma, como compor um jornal diário sem recorrer a métodos que simplifiquem os acontecimentos sociais?

Buscar trabalhar com fórmulas prontas será sempre receita de sucesso. A aceitação desses modelos já formados será sempre garantida. É também por isso que se instaura a generalidade do particular e as notícias tornam-se exemplos de algo sobre que há consenso ideológico. A variedade de coisas do mundo se organiza como uma espécie de regularidade. (LAGE, 2001, p. 101)

E para Nilson Lage (2001, p. 101), nesse processo de enquadrar as regularidades surgem também as figuras críticas: aquelas que não se enquadram por algum motivo nas rotulações. Assim como existem também os acontecimentos críticos que acabam por desafiar a ordem do mundo, merecendo um tratamento particular: ora serão tachados de trágicos (crimes da alta sociedade), ora como deploráveis (suicídio).

Marcondes Filho (2000, p.109) alerta para o perigo dos jornalistas se tornarem agentes conservadores da cultura. Se é em torno dos clichês, em realidade, que se estrutura a parte majoritária das notícias, os jornalistas, como todas as pessoas, selecionam, os fatos novos e os classificam a partir de seus estereótipos. Assim, eles se tornam atores privilegiados na manutenção de ideias, visto que têm acesso aos meios de divulgação em massa de suas ideias (e preconceitos).

Em um contexto que exige cada vez mais rapidez na apuração e cada vez menos tempo sobre os conteúdos, a utilização de clichês torna-se cômoda: “mas, acima de tudo, o clichê constrói antecipadamente a notícia: jornalistas não partem para o mundo para conhecê-lo; ao contrário, eles têm seus modelos na cabeça e saem pelo mundo para reconhecê-los (e reforçá-los)” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 109).

Nesse contexto, voltando-se as variáveis sociais que compõem as narrativas jornalísticas, em especial sobre as cidades, Marcondes Filho ressalta o caráter de fragmentação que os conteúdos criados podem vir a refletir:

Assim funciona igualmente o mito das “cidadelas”, o fato de se dividir grosseiramente o mundo em duas partes: os de dentro e os outros. A cidadela é o espaço civilizado (“nosso país”, os “países desenvolvidos”, o conjunto de nações onde reina “a civilização e o progresso”) em contraposição à barbárie, que tanto podem ser as “nações perdidas” do continente africano, como interiores onde impera o faroeste ou mesmo os bairros urbanos de nossa cidade, que as máfias transformaram em *terra arrasada*. Nós, cidadãos civilizados, pacíficos telespectadores, ao contrário, estamos resguardados em nossas cidadelas, onde o mundo continua a ser mundo. O melhor dos mundos, naturalmente. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 109-110)

A partir do trecho acima se discute sobre as diferentes experiências que se estabelecem entre o jornalismo e o outro para o qual ele escreve. Sobre os bairros vulneráveis foi possível detectar – o que será visto de forma mais completa no capítulo três – que grande parte dos conteúdos dos jornais sobre essas localidades são notas de rodapé que basicamente descrevem as ocorrências de crimes nessas localidades.

Há que ressaltar que, aos poucos, os jornais vêm investindo em um contato mais próximo com seu leitor (seja por meio de aplicativos, participação ao vivo, enfim, tem-se investido em algumas ferramentas que visam tal aproximação). Com colunas específicas nos jornais, os repórteres visitam diferentes bairros, conversam com moradores, questionam para as autoridades as faltas de estruturas básicas para tais espaços. A questão que fica é: tal movimentação é suficiente para caminhar rumo a narrativas menos estigmatizadas de moradores dessas regiões? Além disso, de que forma é possível problematizar a morte também nesses lugares (bairros vulneráveis que lideram o ranking de localidades com maior número de homicídios no Espírito Santo)? Como discutir além de números tal fenômeno quando este não se apresenta nos centros urbanos, mas sim em áreas marginais?

Mesmo que não seja opção metodológica dessa pesquisa ingressar nos conceitos que abrangem a Análise de Discurso, cabe aqui evidenciar o caráter ideológico da produção de conteúdo – entre eles o jornalístico -, assim como ressaltar a impossibilidade de criar formações discursivas (de qualquer instância) neutras.

Eni Orlandi, (2009, p. 46) doutora em linguística e professora da Universidade do Vale do Sapucaí enfatiza que, a constituição de sujeitos e sentidos é condicionada pela ideologia. “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Assim sendo, para a autora, o sentido se forma a partir da relação determinada do sujeito (por sua vez afetado pela língua) com a história que o cerceia. Para Orlandi (2009, p. 47) não é possível um sujeito sem ideologia. Tal relação se estabelece, pois, inconsciente e ideologia estão ligados materialmente pela língua, que permeia todo o processo.

Outra pesquisadora que se dedica à temática é a também doutora em linguística Helena Brandão (2004, p. 59). Para a autora é primordial ainda estabelecer a relação do sujeito ideológico com o sujeito histórico. A fala é sempre produzida a partir de um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social bem demarcados, sendo impossível desvincular tal relação. Nessa perspectiva, o sujeito sempre situará o seu discurso em relação ao discurso do outro. “Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo)” (BRANDÃO, 2004, p. 59).

Sob esse viés (mesmo que não seja um caminho a se percorrer na pesquisa), torna-se importante reforçar o caráter ideológico das formações discursivas. Assim como qualquer outro indivíduo, o jornalista não terá condições de visualizar e narrar os acontecimentos de maneira neutra. Não é possível se desvincular das amarras subjetivas, traços culturais, históricos e sociais que o formam enquanto ser pensante. Mesmo que de forma inconsciente, parte dessa estrutura, em alguma instância, estará presente na formação dos conteúdos noticiosos. Somando isso ao veículo para o qual trabalha, assim como a linha editorial seguida, no fim, sejam nos conteúdos sobre os bairros de vulnerabilidade social ou outros assuntos, algumas dessas particularidades serão evidenciados.

#### **1. 4 A representação do “Outro”**

Ciro Marcondes Filho (2000), ao debater sobre o jornalismo atual pontua de forma crítica que, principalmente em função do tempo, o jornalismo tornou-se um procedimento técnico, antes que uma habilidade investigativa ou linguística. O bom

jornalista é aquele que, em tempo hábil, consegue dar conta das exigências de produção de notícias, mais do que o outro que escreve melhor ou sabe mais. Ele deve ser flexível, acoplável a qualquer altura do sistema de produção de informação. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 36)

Marcondes Filho (2000, p. 64) estabelece ainda um paradoxo no caminho da formação do jornalista no mundo: formação cada vez mais precária, realidade cada dia mais complexa. É ao mesmo tempo um questionamento sobre os dias atuais, assim como um testemunho da superação dos profissionais. O autor aponta ainda um outro fator que deve-se considerar sobre o jornalismo nos dias de hoje: a incapacidade de aprofundamento e formação de uma opinião pessoal fundamentada. Dessa forma, não conseguindo decifrar ou não buscando apoio de especialistas, os profissionais acabam por cair facilmente em manobras manipulativas de assessorias de imprensa, entre outros, de fontes que caberia a eles questionar. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 64)

Para Cláudia Lago (2010, p. 11), professora de Comunicação da USP que se dedica a refletir sobre o processo de alteridade é de suma importância reforçar uma relação dialética: faz-se necessário estar a todo o momento em um processo de aproximação e distanciamento do que se tenta retratar. Tal direcionamento se dá, principalmente, para que se crie uma desconfiança que será a garantia de não incorporar como verdade acrítica a fala dos informantes. Nos casos dos bairros de vulnerabilidade social, por exemplo, em muitos casos notícias são produzidas ouvindo apenas a polícia e descrevendo o crime sem, ao menos recorrer aos moradores da região.

Se Lago propõe um distanciamento, Nelson Traquina (2005, p. 196) reforça a atenção sobre o processo de selecionar as fontes. Para o autor, um erro recorrente, é a dependência que se cria sobre determinados sujeitos convocados pelos jornais a falar. Para Traquina, uma vez que os jornalistas tornam-se dependentes de fontes, eles podem ficar orientados para ela, inclusive correm o risco de escrever para elas e não para o público.

Portanto, faz-se necessário a todo o momento reforçar o caráter social do jornalismo. É preciso, principalmente que se volte a uma comunicação que levante questionamentos na tessitura social, que gere reflexões sobre padrões já pré-estabelecidos. E que, muito antes do jornalismo ser espaço de sentença, a instituição seja espaço de debates.



Outro ponto que pode surgir como reflexão são os movimentos sociais. Sem grandes recursos eles passam a ter dificuldades em ver seus fatos se transformarem em notícias. Sobre esse problema Nelson Traquina (2005, p. 98) reforça a necessidade de mudança na organização dessas entidades: “se pretendem jogar no tabuleiro do xadrez jornalístico, precisam ajustar o seu modo de interação organizacional aos modos das organizações estabelecidas”. A cobertura do movimento social depende também de criar um aparelho de publicitação, além de demonstrar a sua vontade de participar no arranjo de facticidade que sustenta o jornalismo (TRAQUINA, 2005, p. 198). Exemplo disso será visto no capítulo três, pois, ao longo de todo ano de 2016 - com exceção dos conteúdos divulgados pelo próprio Governo do Estado sobre os projetos do Ocupação social (que acontecem nos bairros vulneráveis) -, foram poucas as vezes em que os jornais divulgaram notícias relativas aos movimentos sociais ou culturais dos bairros de vulnerabilidade social, refletindo assim para a dificuldade que essas localidades encontram em serem representadas em conteúdos “positivos”, que não sejam diretamente relacionados à violência.

Por fim, o ponto primordial no que diz respeito à responsabilidade social do jornalismo parece estar, sobretudo, na figura do próprio jornalista. Para Cremilda Medina o dispositivo de luta está em cada profissional:

Na realidade, o instrumento de luta de qualquer jornalista para exercer conscientemente seu papel social é hoje em dia um instrumento técnico. Saber fazer, saber lidar com sua profissão, retirando dela o máximo de seu potencial, ou seja, formulando mensagens que se multipliquem indistintamente. O poder da reprodução de informações – hoje uma técnica, repito – que sejam “legíveis” e “assimiláveis” para grandes extratos da população é quase uma arte que exige uma pesquisa e uma criatividade que não cabem em rotinas comodamente assentadas no pessimismo de que não adianta, porque tudo está perdido... [...] (MEDINA, 1982, p. 157, grifos da autora)

Mesmo que Cremilda Medina tenha escrito há mais de 30 anos ainda há que se considerar a importância da figura do jornalista. Com uma infinidade de acontecimentos sendo lançados ao público pelas mais variadas fontes e dos mais diversos jeitos ainda cabe ao profissional o papel de filtro. Muito mais do que decidir o que o público deve saber, se torna de suma importância que o jornalista ocupe o espaço daquele que sinaliza se os fatos são ou não verídicos. A missão da atividade recai em ajudar o público a pôr ordem nos acontecimentos do cotidiano, a criar certo

ordenamento social. “Isso não significa simplesmente acrescentar interpretação ou análise a uma reportagem. A primeira tarefa dessa mistura de jornalista e ‘explicador’ é checar se a informação é confiável e ordená-la de forma que o leitor possa entendê-la”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 41, grifo dos autores)

Para Marcondes Filho a fórmula de sucesso passa, principalmente, pela formação do jornalista, assim como uma reestruturação dos centros que ensinam sobre a profissão:

De nada adianta insistir sobre a formação intelectual se esta não é acompanhada de uma prática no *saber pensar*. É a grande falta que fazem hoje em dia os cursos de filosofia, mas de uma filosofia específica: aquela que ensina as formas de discernimento, a habilidade de filiar ideias a correntes de pensamento (e, portanto, visões de mundo), a que torna o profissional um especialista no saber filtrar, no “não-se-deixa-leavear”, alguém que está acima das retóricas e das manobras manipulativas. Uma filosofia viva, não o eterno e monótono repassar passivo de conceitos e de escolas, mas uma agilidade na aplicação cotidiano desse saber. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 65-66, grifos do autor)

Vincular ética à técnica como propõe o autor vai ao encontro de uma responsabilidade necessária para caminhar no sentido oposto de narrativas que falam sobre o outro de forma estereotipada. Sobre esse aspecto, Kovach e Rosenstiel (2004, p. 274) sinalizam a existência de uma “bússola moral” a qual todos os jornalistas deveriam visualizar como perspectiva de estabelecer um sentido pessoal de ética e responsabilidade conforme sua função.

Ao voltar-se para o processo do jornalismo como narrador do social, assim como sublinhar o processo de alteridade existente na aproximação entre o jornalista e o outro é preciso ressaltar o caráter desproporcional da atividade, assim como a maneira até mesmo arbitrária que precisa ser estabelecida para que existam as notícias – já que em um curto espaço de tempo o jornalista precisa simplificar em um texto dado acontecimento social, assim como fragmentar as falas dos entrevistados, dando a eles um espaço restrito e simplificado.

Para Cláudia Lago, uma opção para refletir sobre a alteridade no jornalismo é imergir no campo da Antropologia. Para a autora, a área tem muito o que ensinar ao jornalismo sobre a percepção do outro. “Não tanto por ser o *locus* de gestão da alteridade enquanto construção científico social, mas por ter sedimentado em seu

campo uma antiga, extensa e profunda reflexão sobre as limitações quando o que está em jogo é o confronto entre diferentes”. (LAGO, 2010, p. 6)

Nessa perspectiva de visualizar novos horizontes e reflexões, Lago (2010, p. 13) propõe ainda uma busca por melhorias no que tange a profissão. Para a autora falta à profissão, de uma forma geral, um olhar mais inclusivo. “Um contaminar pela possibilidade de entender e acolher visões de mundo radicalmente diferentes daquelas fruto das projeções sobre o público ideal (as camadas médias e altas urbanas)”. E de que forma seria possível provocar este olhar? Para Lago a missão está longe de ser fácil, e, talvez nem se apresente como uma possibilidade já que a própria Antropologia (lócus de gestação da ideia de alteridade) se debate com esses dilemas desde o começo da instituição enquanto campo autônomo.

Ao passar por um breve percurso histórico, foi possível olhar para o desenvolvimento do jornalismo até o estabelecimento dele na sociedade na forma como se entende hoje. Visualizou-se o caráter ideológico de formação da notícia nos mais diversos aspectos: do entendimento da empresa como negócio, da linha editorial ao qual segue os veículos e seus modos de produção, assim como sobre o lugar de fala do jornalista que narra sobre e para o outro, e que, muitas vezes, se depara com uma realidade distante da qual ele reconhece.

Seguindo a perspectiva de entender sobre quem o jornalismo fala, o próximo capítulo se destina a refletir sobre os territórios e as territorialidades presentes na produção de conteúdo jornalístico. Em especial nesse trabalho, há a ênfase nas territorialidades no âmbito simbólico – do jornalismo como campo – e físicas – das áreas de vulnerabilidade social, assim como consequentemente das narrativas sobre a violência e o medo.

## 2. Territórios, vulnerabilidades e violência

### 2.1 Territórios e territorialidades

Mesmo que o trabalho jornalístico se concentre (majoritariamente) em narrar os fatos diários, faz-se necessário compreender que estes acontecimentos estão para além de ocorrências isoladas. As notícias e reportagens que, cotidianamente estampam as páginas dos periódicos integram-se a uma complexa realidade e historicidade. Nem sempre um jornal – em especial os diários, que demandam rápidas apurações e publicações – consegue dar total amplitude a um acontecimento. Entretanto, ao voltar-se para a análise de como os jornais representam localidades específicas esse retorno se faz necessário.

Assim sendo, antes de visualizar de que forma os jornais impressos capixabas *A Gazeta* e *A Tribuna* representam as áreas de vulnerabilidade social da Região Metropolitana da Grande Vitória, é necessário, em um primeiro momento, ressaltar a discussão sobre territórios e territorialidades, assim como o conceito de vulnerabilidade social e violência.

O geógrafo brasileiro Milton Santos (2007), na obra *Território, territórios* conceitua, quase que poeticamente, o território. Para o autor:

[...] o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, 2007, p. 13).

Portanto, o território carrega consigo muito mais do que uma dimensão material. Há componentes históricos, simbólicos e sociológicos envolvidos. Logo, o trabalho de conceituá-lo também não é tarefa simples, há uma amplitude em torno

da definição. Da Geografia às Ciências Sociais, muitas são as áreas dispostas a realizar tal discussão.

Rogério Haesbaert (2011), geógrafo brasileiro que, assim como Milton Santos, também é um estudioso da temática, reforça que, enquanto a Geografia tende a focar na materialidade do território e nas múltiplas dimensões que possui (podendo incluir a interação sociedade-natureza), a Antropologia ressalta sua dimensão simbólica (em especial, no que diz respeito às sociedades ditas tradicionais); a Ciência Política se preocupa em focar na construção do território a partir das relações de poder estabelecidas; a Economia percebe-o como uma das bases de produção, enquanto força produtiva, por isso prefere a noção de espaço à de território; em sentido amplo, a Sociologia tem especial atenção nas relações sociais que emergem no território; já a Psicologia incorpora o assunto no debate sobre a construção da identidade pessoal, da subjetividade, ampliando-o até a escala do indivíduo (HAESBAERT, 2011, p. 37).

Na busca por sintetizar todas as concepções veiculadas sobre território, Haesbaert (2011, p. 40) agrupa os conceitos em três vertentes básicas: a primeira denominada jurídico-política ou política referida às relações espaço-poder (em especial as institucionalizadas). Esta, segundo o autor é a mais difundida, está majoritariamente relacionada ao poder político do Estado. Aqui o território é visualizado como espaço controlado e delimitado, pelo qual se exerce um determinado poder. A segunda vertente básica proposta por Rogério Haesbaert é a cultural (ou culturalista) ou simbólico cultural. Nessa perspectiva o território é visto como um resultado da apropriação simbólica de um grupo em relação ao espaço que o mesmo ocupa. Já a terceira vertente a ser considerada é a econômica (ou economicista). Sendo a menos difundida ela é responsável por enfatizar a dimensão espacial das relações econômicas. Por esse viés o território é visto como fonte de recursos e, pode também, ser incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho (HAESBAERT, 2011, p. 40). Por último, a fim de compreender as diferentes visões de território, Haesbaert ressalta ainda a interpretação natural(ista). O autor pontua que, mesmo sendo a conceituação mais antiga, hoje, é pouco veiculada nas Ciências Sociais. Essa noção compreende o território com base nas relações entre sociedade e natureza, em especial ao que se refere ao comportamento “natural” dos homens em relação ao seu ambiente físico (HAESBAERT, 2011, p. 40, grifo do autor). Por último, a fim de dar conta de um

arcabouço conceitual sobre território, ele reconhece que se faz necessário superar a dicotomia material/ideal. O cenário atual é de um entrecruzamento de proposições teóricas. Para o autor é imprescindível ver que o território envolve, ao mesmo tempo, “a dimensão espacial material das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o ‘imaginário geográfico’ que não apenas move como integra ou é parte indissociável destas relações” (HAESBAERT, 2011, p. 42, grifo do autor).

Antes de retornar às concepções de território, é indispensável lançar questionamentos sobre os territórios abordados neste estudo. Entendendo que se tratam de bairros que concentram a maior taxa de vulnerabilidade social da Grande Vitória e que, historicamente, são ambientes com elevado índice de homicídio de jovens: que traços são marcantes nesses ambientes? Há o reforço de alguma característica territorial específica dessas localidades evidenciada nos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*? Foram esses alguns dos apontamentos que guiaram a pesquisa e que serão respondidos posteriormente.

Embora algumas dessas questões sejam respondidas no próximo capítulo, vale ressaltar que, muitos dos bairros que ocupam a lista de vulnerabilidade social no Espírito Santo são localidades criadas sem um planejamento urbano prévio. Espaços muitas vezes ocupados por famílias que, sem condições de arcar com uma melhor localidade, ali fizeram morada, constituíram família. Com o passar do tempo, o que eram espaços desapropriados tornam-se comunidades, bairros, e colaboram na formatação do que hoje é entendido como o espaço urbano capixaba.

A Pesquisa Ocupação Social (SEDH, 2018), realizada pelo Governo do Estado do Espírito Santo (gestão 2015-2018), ao mapear os bairros que concentram maior vulnerabilidade social realizou também pesquisas que qualificam o espaço e a vida dos moradores que ali residem. É também por meio desses mapeamentos que nota-se a falta de planejamento nessas localidades. Há bairros, como, por exemplo, Flexal II, em Cariacica, em que, 52,58% da população residem em padrões de baixa moradia – a classificação foi estabelecida com base em quatro critérios: tipo de material presente nas paredes externas, tipo de cobertura, alinhamento em relação à via (recoo frontal) e adensamento (afastamento lateral) (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2017, p. 6). Ou seja, mesmo sendo territórios pertencentes à Região Metropolitana, carregam consigo traços de um abandono histórico por parte do governo.

É possível pensar nas características que dizem respeito a essas localidades também ao visualizar o estudo dos pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo intitulado Atlas da Criminalidade no Espírito Santo. Com autoria do doutor em Geografia e professor da Ufes Cláudio Zanotelli, do doutor em estatística e professor da Ufes Adelmo Bertolde, do mestre em arquitetura e urbanismo Pablo Lira e dos mestres em geografia Rodrigo Bergamashi e Ana Maria de Barros a pesquisa mapeia onde se concentra a criminalidade no estado. O Atlas, lançado em 2011, apontava que apenas 14 bairros da Grande Vitória representavam 26% dos homicídios registrados pela polícia entre os anos de 1993 e 2003 (ZANOTELLI et al., 2011, p. 108). Dessas 14 localidades oito são citadas também em Ocupação Social, sendo elas Planalto Serrano, Feu Rosa, Nova Rosa da Penha, Flexal, Terra Vermelha (Barramares), Santa Rita e Nova Palestina (São Pedro). Os dados são importantes para compreender que a problemática da violência vem se estendendo com o passar das décadas sem uma solução efetiva alcançada.

Ao discutir sobre essas localidades que concentram a violência Zanotelli et al. ressaltam também algumas características desses ambientes:

Constatamos, assim, que os homicídios e tentativas de homicídios são concentrados em determinadas zonas, em espaços onde uma série de eventos e onde certas condições sociais e econômicas, associadas a uma evolução particular favorecem a eclosão da violência mais grave. Em geral esses espaços são aqueles destituídos de serviços e equipamentos públicos e onde as relações sociais podem ser tensas e grupos podem fazer valer a lei do silêncio e operarem diferentes atividades criminosas. No entanto, não se pode generalizar e considerar que a criminalidade e delinquência sejam sinônimas de bairros dominados e pobres, a realidade é bem diferente disso. Além do que, aquilo que eclode nesses bairros tem origem em um processo de fragmentação/homogeneização e de imposição de dominação social que funciona em rede na aglomeração de Vitória.

Pensar nas instalações desses bairros é ir também ao encontro da concepção econômica de território. Rogério Haesbaert (2011, p. 56) resalta que, alguns antropólogos ainda mantêm a ideia de território como área “defendida” em função da garantia e disponibilidade de recursos necessários à reprodução material de um grupo. No caso dos bairros vulneráveis, se pode pensar que, para além da disponibilidade de recursos, aqueles que iniciaram o bairro o fizeram também pela sobrevivência, talvez até mesmo por falta de outras opções. Com o passar do tempo, sem “melhoria de vida”, mudam-se as pessoas e as gerações, mas se repete

o ciclo de famílias que vivem em ambientes que não oferecem uma estrutura básica para uma completa cidadania.

Haesbaert corrobora com a perspectiva de que existe uma nítida distinção entre as diferentes formas de construção do território (ou da territorialidade) em relação aos seus recursos. Tudo dependerá dos fatores como o tipo de mobilidade a que o grupo está sujeito (HAESBAERT, 2011, p. 57). Se a busca por recursos faz com que grupos se desloquem, a falta do mesmo pode aprisioná-los. Muitos dos bairros contemplados em Ocupação Social condensam famílias com rendas per capita que variam entre 25% a um salário mínimo. Sem condições financeiras de se sustentar em ambientes melhores desenvolvidos (no sentido de infraestrutura pública, com pavimentação, rede de drenagem e esgoto, moradias de alto padrão, entre outros) as famílias acabam por permanecer nesses ambientes pré-estabelecidos.

Na maior parte dos lugares, a noção de território como “fonte de recursos” ou como “apropriação da natureza” em sentido estrito é cada vez mais distante. Contudo, isso não significa que essas características já estejam superadas. Dependendo das bases tecnológicas que carrega o grupo social, sua territorialidade ainda pode carregar marcas profundas de uma ligação com a terra, no sentido físico do termo (HAESBAERT, 2011, p. 57).

Outro ponto de suma importância no entendimento de território e, em especial, também no entendimento da Comunicação e, por consequência, do Jornalismo é a concepção da territorialidade. Entender que, para além do ambiente físico do território há laços afetivos, relações estabelecidas entre seus entes e historicidades pertencentes aquele determinado local é fundamental.

Vindo ao encontro da especificidade do programa com o qual este estudo está vinculado (Comunicação e Territorialidades), se faz de suma importância compreender que, há territorialidades estabelecidas no campo da Comunicação, assim como do Jornalismo, que o ditam enquanto função e serviço social. Os agentes próprios do campo relacionam-se como aqueles que detêm as credenciais necessárias para desempenhar tal função. E, para além da territorialidade simbólica do próprio Jornalismo, há também as territorialidades que ele evoca ao narrar diariamente sobre os indivíduos e sobre os territórios dos quais eles pertencem - Aqui, de forma especial se busca compreender a relação que tange a produção



jornalística voltada conteúdos sobre os bairros de vulnerabilidade social na Grande Vitória.

Para entender o aspecto da territorialidade, Rogério Haesbaert (2011, p. 73) recorre ao enquadramento do “território nas perspectivas idealistas”. Para o autor, muito mais do que território, a territorialidade é o conceito que agrega as questões de ordem simbólico-cultural.

Territorialidade, além da acepção genérica ou sentido lato, onde é vista como a simples “qualidade de ser território”, é muitas vezes concebida em um sentido estrito como a dimensão simbólica do território. Ao falar-se em territorialidade estar-se-ia dando ênfase ao caráter simbólico, ainda que ele não seja o elemento dominante e muito menos esgote as características do território. Muitas relações podem ser feitas, a partir do próprio sufixo da palavra, com a noção de identidade territorial. Isto significa que um território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominantemente econômico-política (HAESBAERT, 2011, p. 74, grifo do autor).

É necessário, portanto, entender a territorialidade como a especificidade de cada território, a apropriação dada ao mesmo pelos indivíduos que o integram. Muito mais do que uma métrica, uma demarcação espacial, a territorialidade é tudo aquilo que o indivíduo evoca enquanto pertencente à dada localidade, é como se relaciona com esta e com seus pares, é a transição de um mero espaço físico para um espaço de uso, apropriação.

Assim sendo, é preciso olhar para a complexidade do território e enxergar muito mais do que o território em si, assim como alerta Milton Santos (2007):

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser sentido com o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a geografia. É o território usado que é uma categoria de análise. (SANTOS, 2007, p. 14, grifo do autor)

Uma última interpretação necessária ao entendimento dos territórios aqui demarcados (bairros vulneráveis da Grande Vitória) é o que Rogério Haesbaert (2011) caracteriza como “perspectiva integradora”. Entendendo o território para além do espaço físico, mas também levando em consideração as territorialidades que

nele emergem, é necessário ressaltar a existência de jogos de poderes nesses espaços (tanto no que diz respeito ao físico, quanto ao simbólico). Alertando sobre as chamadas políticas de ordenamento territorial, o autor enfatiza a necessidade de considerar duas características básicas ao território. A primeira seria o caráter político, no jogo entre os macropoderes políticos institucionalizados e os micropoderes, os simbólicos, produzidos e vividos no cotidiano das populações. A segunda pode ser compreendida como seu caráter integrador – os indivíduos e os grupos sociais em sua vivência concreta como os “ambientes” capazes de reconhecer e de tratar o espaço social em todas suas múltiplas dimensões e o Estado em seu papel gestor-redistributivo (HAESBAERT, 2011, p. 76).

Nessa relação entre população e território, em especial sobre os ambientes populares e que condensam violência, Cláudio Zanotelli et al. (2011) reforçam a necessidade de pensar nas redes de relacionamento presentes na sociedade. Os autores apontam que, para além de uma questão residencial existem as redes que ligam os diferentes fragmentos e micro-fragmentos da cidade. Exemplo disso seriam as pessoas que trabalham fora ou se relacionam fora dos espaços de moradia, como as empregadas domésticas, operários da construção civil e os motoristas de ônibus. Os autores acreditam que “pode-se constatar nos bairros populares alianças e colaborações diversas entre setores dominantes dos dominados (comerciantes, presidentes de associações, funcionários públicos, policiais) e o mundo político e econômico da metrópole (ZANOTELLI et al., 2011, p. 71-72).

Cláudio Zanotelli et al. sublinham outra característica que pode ser própria desses bairros populares, a resistência:

Há também, nos bairros, resistências, intervenções e vontade de transformação, associações de moradores, articulações políticas, etc. o efeito estigma dos bairros é muito forte, e por isso se deve à *espetacularização* da violência criminosa. Esse sentimento de estar apartado pode provocar certo “voltar-se para” si da “comunidade”, no entanto, essa situação não é frequente, ao contrário, a vontade predominante de parte dos líderes comunitários é sair do estigma (ZANOTELLI et al., 2011, p. 72, grifos dos autores)

É possível compreender, portanto, que, para além das demarcações oficiais, há aquelas que pertencem e são exercidas apenas pelos membros de um território – e é isso muitas vezes que irá diferenciá-lo de outras localidades. No terceiro capítulo será possível visualizar traços dessas territorialidades e relações sobre os bairros vulneráveis representadas em *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Por fim, dois pontos ressaltados por Haesbaert (2011) nas discussões que envolvem o conceito de território e que merecem ser aqui evidenciados são: a historicidade e a desterritorialização. Se o território é decorrente também devido às relações sociais nele estabelecidas, é necessário compreender o contexto histórico em que o mesmo encontra-se inserido.

Ao decorrer da produção deste estudo, muitas foram as dificuldades em encontrar as histórias por trás da formação dos 18 bairros que aqui são analisados e que fazem parte do projeto Ocupação Social. O mais próximo que se chegou de conhecer a história de algumas localidades foi graças a uma série especial desenvolvida pelo jornal *A Tribuna* no início dos anos 2000, que contava como começaram alguns bairros do Espírito Santo. Mesmo assim, a série não contempla todas as localidades aqui listadas. O material da pesquisa Ocupação Social (Relatório Ocupação Social 2017) é rico na perspectiva de mapear a infraestrutura dos bairros, número de homicídios, assim como o levantamento de dados sobre a juventude e a educação das localidades, porém, no que diz respeito à formação desses territórios não há documentação acessível que divulgue tais informações. Ao longo desta pesquisa foram contatadas também as prefeituras dos bairros vulneráveis (Cariacica, Vila Velha, Vitória e Serra) na busca de tais materiais, porém, as respostas recebidas eram que, nem mesmo tais órgãos tinham esse tipo de levantamento.

Pensando por essa perspectiva (da concepção de território), e, especificamente na historicidade intrínseca ao mesmo, enquanto sociedade perdem-se informações importantes de como esses bairros foram formados, de que maneira isso foi concebido, quem foram os atores de tal ação, entre outros questionamentos possíveis. Visualiza-se um território “sem passado”, ou ao menos com um passado não conhecido popularmente. Entender a historicidade dessas regiões ajudaria a também compreender que relações foram e são estabelecidas naqueles espaços.

Além da própria historicidade, Rogério Haesbaert (2011, p. 143) pontua também o conceito de desterritorialização. Muito mais do que a perda de território, o autor reforça que hoje a desterritorialização relaciona-se com a dificuldade em definir um novo tipo de território, muito mais múltiplo e descontínuo que está surgindo. Para o autor, nem mesmo o planejamento urbano é visto como totalidade, a cidade é tratada em múltiplos fragmentos (HAESBAERT, 2011, p. 153). O processo de desterritorialização é aqui visto como exclusão. Seja pela demarcação da pobreza,

ou outras características, cria-se no contexto urbano cerceamento de grupos que não participam, integralmente, da vida social.

Percebendo a pobreza associada à disponibilidade de recursos, “recurso” deve ser visto na sua acepção mais ampla, o que inclui, no nosso entender, a própria dimensão espacial, ou seja, o território como “recurso”, inerente à nossa reprodução social. Com isto partimos do pressuposto de que toda pobreza e, com mais razão ainda, toda exclusão social, é também, em algum nível, exclusão socioespacial e, por extensão, exclusão territorial – isto é, em outras palavras, “desterritorialização”. Desterritorialização, aqui, é vista em seu sentido “forte”, ou aquele que podemos considerar o mais estrito, a desterritorialização como exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto “recurso” ou “apropriação” (material e simbólica) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade. (HAESBAERT, 2011, p. 215, grifos do autor)

Para além da pobreza é necessário refletir também sobre a violência, os tipos de relações que ela estabelece em determinados ambientes, assim como a responsabilidade do jornalismo ao representá-la. Territórios podem ficar socialmente demarcados como “ambientes perigosos e/ou violentos” tornando-os carregados de estereótipos por aqueles que o visualizam e ali não residem, além de gerar também migrações forçadas. Um exemplo de tal afirmativa é série de reportagens especiais divulgadas em A Gazeta: “As leis do tráfico: moradores reféns do tráfico em 126 bairros” (A GAZETA, 2016).

Como um narrador social autorizado, é função do jornalista e do jornalismo pensar em narrativas que problematizem tal situação sem criar bolsões e/ou áreas que precisam ser evitadas por conta do perigo. Se ocorrem acontecimentos violentos, isso precisa ser divulgado – faz parte da premissa do jornalismo que narra sobre os fatos que fogem do comum –, entretanto, é também responsabilidade da profissão não fazer com que a representação de um fato simbolize toda uma realidade (não é porque houve um assalto, por exemplo, que o índice de crimes aumentou na região, ou que, por conta disso aquele ambiente é “perigoso”).

Discutir sobre territórios, territorialidades, vulnerabilidade e violência é também imergir no entendimento do processo de urbanização no Brasil. Milton Santos (2005) buscou compreender tal percurso olhando também pelo prisma da globalização. O autor cria uma associação entre o processo de urbanizar a cidade com a pobreza. Para Santos, muito além de um simples modelo socioeconômico

vigente, a pobreza é também um modelo espacial. Explicando sua proposição, ele ressalta que: “a cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres” (SANTOS, 2005, p. 10). Ele esclarece que, em especial nos períodos mais atuais, o processo de urbanização no Brasil se associa com a pobreza, esta, por sua vez, passa a ter como *locus* a cidade, em especial a grande cidade. Para o autor os fatores que levam a acontecer tal movimento são: o campo que repele os pobres; a agricultura capitalizada que faz com que os trabalhadores vivam cada vez mais nos espaços urbanos; o desenvolvimento da indústria com a criação de um pequeno número de empregos.

Em síntese o geógrafo assinala que, com graus de diferença e intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemas parecidos. Elas mais se diferenciam no tamanho, região em que estão inseridas ou tipo de atividades que realizam. Contudo Milton Santos (2005) reforça que, em algum nível, encontraremos nelas problemas de habitação, emprego, transportes, lazer, esgoto, educação, saúde, entre outros. Quanto maior a cidade mais visível essas mazelas serão. Como crítica, ele aponta que, a realidade era um pouco diferente na primeira metade deste século, entretanto, a urbanização corporativa – seria para o autor a empreendida sob o comando dos interesses das grandes firmas - constitui-se como um receptáculo das consequências de uma expansão capitalista que usufrui dos recursos públicos. Por consequência, ao invés destes serem direcionados aos gastos sociais, são orientados para os investimentos econômicos (SANTOS, 2005, p. 95).

Propondo pensar nessas “chagas” em uma perspectiva histórico-social, Milton Santos (2002), na obra *País distorcido*, salienta que não é possível pensar nessas desordens como pontuais nem ocasionais. Elas são, para o autor, parte de um processo estrutural em andamento, do qual o território brasileiro é um quadro e também um ator.

Nesta sociedade misturada que gerou a metrópole do desemprego crônico, da pobreza orquestrada, das doenças cosmopolitas, dos vícios internalizados, do crime banalizado e da insegurança institucionalizada, a palavra “metrópole”, sozinha, tornou-se sinônimo de todos esses males. Vivemos agora uma dessas épocas de grande medo, e o problema interessa e inquieta a um número crescente de pessoas (SANTOS, 2002, p. 123, grifo do autor).

Como característica principal desse cenário está o medo. Surgem conflitos porque as metrópoles estão cada vez mais carregadas de gente, e cada vez menos capazes de renovar o capital. Assim sendo, a metrópole pode vir a abrigar, ao mesmo tempo, os mais diversos tipos de classe de capital e os mais diversos tipos de trabalho. Capitais e pessoas díspares convivem uns com os outros, e também uns contra os outros. Assim surgem as desordens pessoais e sociais. E, em última instância, o medo. É preciso entender tal conjuntura como um processo que se localiza nas cidades, mas é enganoso tratá-lo apenas como questão urbana. É uma problemática urbana, local, estadual, federal, internacional, etc.. É muito mais uma crise na cidade do que uma crise da cidade. Tratá-la com remédio tópicos pode gerar um resultado em curto prazo, entretanto, gerará uma crise maior (SANTOS, 2002, p. 125).

Corroborando com o que aponta Milton Santos, o também geógrafo e professor da Universidade Federal Fluminense, Jorge Luiz Barbosa (2007) estabelece uma ligação entre o ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada. Para Barbosa, pensar a crise urbana é entendê-la como um reflexo dos conflitos e contradições vividos pelas sociedades contemporâneas. Visualiza-se o colapso do planejamento urbano devido a alguns fatores, entre eles estão: incapacidade de evitar o crescimento “desordenado” das cidades; as elevadas densidades demográficas associadas à insuficiência dos serviços básicos; os processos de “desindustrialização” reordenando a estrutura profissional urbana, e o crescimento das migrações multiétnicas. São eles também os exemplos recorrentes dos sintomas mais agudos do mal-estar da sociedade contemporânea (BARBOSA, 2007, p. 125-126, grifos do autor).

Muito mais do que simples fronteiras geográficas os espaços urbanos podem ser considerados, segundo Jorge Barbosa ambientes que reproduzem uma hegemonia social urbana estabelecida a priori.

A estetização da forma urbana sinaliza o esforço do tratamento estratégico do espaço como reprodução de hegemonias sociais. Estas se impõem como demarcação social de territórios exclusivistas de bem-estar e segurança, a exemplo de condomínios fechados e edifícios-fortaleza. Revelam-se os registros de reiteração da segregação social urbana, alimentada por radicais contradições sociais que, na realidade, assumem a expressão suprema da *gentryfication* da cidade diante do crescente empobrecimento econômico de imensas parcelas da população urbana (BARBOSA, 2007, p. 131).

Barbosa (2007) ressalta que essa cartografia urbana, na busca de resolver essas desordens sociais apela para estratégias locais de afastamento dos indesejáveis. Para o autor estes podem ser considerados, entre outros, os migrantes pobres, a população de rua e os deserdados do mundo do trabalho. Há ainda um segundo movimento que consiste em isolar e conter os territórios considerados perigosos. Este caso constitui-se, sobretudo, como negação às reivindicações e exigências sociais dos pobres em relação aos seus direitos à cidade (BARBOSA, 2007, p. 132).

Tais proposições levam a pensar em que tipo de apontamentos são feitos sobre os bairros de vulnerabilidade social da Grande Vitória tanto no aspecto formal – enquanto propostas de intervenção do Estado – quanto aos muros simbólicos que podem vir a serem levantados pela sociedade que considera esse ambientes como perigosos – assim como questionar se essas demarcações transcendem a conversação social e emergem também nos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Entender essas práticas de *apartheid* urbano para Jorge Barbosa (2007) é visualizar que os responsáveis por tais atos irão se amparar no pretexto de defender o cidadão da “barbárie”. Para o autor, esta é instaurada pela desintegração do tecido social e das ameaças de não governabilidade da cidade desordenada. Essas ações discriminatórias se darão em um conglomerado formado pela violência policial do Estado e das corporações privadas de segurança. O objetivo será a garantia da “civildade” local e privada na cidade. Em síntese Barbosa ressalta: “trata-se de um processo ideológico-policial que vem definindo situações de exceção e ‘estado de sítio’ que são decretados nas ações de controle e repressão sobre determinados territórios urbanos, sobretudo os que configuram os espaços populares como favelas, subúrbios, periferias e quarteirões étnicos” (BARBOSA, 2007, p. 132, grifos do autor).

Essa cartografia executada nas cidades acaba por atingir aos cidadãos tanto a nível coletivo – enquanto grupos que segrega ou aqueles que são segregados – quanto aos indivíduos – os que formam esses grupos. Milton Santos (2002, p 126) apresenta um dualismo que acaba por ser configurado nesse cenário urbano: o reforço do individualismo e a perda da individualidade. Se por um lado as grandes cidades são um lugar onde a ética da competição e a pressão pelo *status* conduz ao individualismo aberto e possessivo, é também nesse cenário que a massificação materialista leva à fragmentação e à perda da individualidade.

É importante pensar no jornalismo enquanto atividade responsável por narrar sobre essa complexidade existente na conformação dos territórios. Assim como também se faz necessário visualizar de que maneira a profissão tem contribuído para a criação da cartografia da violência – no sentido de demarcar territórios como violentos. Há o risco de marcar o todo pela parte, comprometendo um território completo por uma única ocorrência policial, por exemplo.

Para Santos (2002, p. 126), nessa conjuntura, o maior medo é da pobreza e dos pobres. O autor enfatiza a gravidade de tal ação já que, a sociedade acaba por ter mais medo das vítimas do que, daquilo que, verdadeiramente causa a miséria. O geógrafo pontua ainda que, se o medo já existe, os indivíduos precisarão cada vez mais se preparar, já que a perversidade da globalização formará cidades ainda maiores carregadas cada vez mais de miséria. Por fim, na tentativa de elucidar tamanha complexidade, Milton Santos ainda discute sobre uma das instituições com papel fundamental nesse processo: a imprensa. O geógrafo a critica ressaltando que, “frente à tirania do mercado, a imprensa tornou-se uma indústria frágil, impedida, exceto de forma residual e intermitentemente, de corresponder cabalmente ao seu papel histórico de ajudar a formar uma opinião pública independente” (SANTOS, 2002, p. 148).

Santos entende que o mercado de notícias, da forma como é concebido, corresponde a um dos fatores para que as pessoas visualizem o mundo como fábula:

Em sua dimensão global, o mercado controla uma produção oligopolista de notícias por meio das agências internacionais e nos apresenta o mundo atual como uma fábula. Em suas dimensões nacional e local, o mercado, agindo como mídia, segmenta a sociedade civil, influi sobre o fluxo e a hierarquia do noticiário e aconselha a espetacularização televisiva de certos temas, confundindo os espíritos em nome de uma estratégia de vendas adotadas pelos jornais como forma de sobrevivência. O remédio, aqui, é um veneno, num círculo vicioso que acaba por ser o seu principal pecado. Estará a imprensa pecando em nome próprio ou em favor do mercado? O resultado é o mesmo. (SANTOS, 2002, p. 148)

Pode-se fazer uma associação do que Santos considera como remédio – uma imprensa mais liberta, atuando a favor da democratização da informação – com o que dialoga o filósofo e sociólogo alemão membro da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas (1984), em sua obra “Esfera Pública”. Para além de uma fonte que



apenas reforça muros (em especial os simbólicos) existentes, o jornalismo precisaria reforçar seu papel enquanto ponte: trazendo à luz dados e informações sobre essa heterogênea realidade - como a violência e a vulnerabilidade social, por exemplo.

## **2. 2 Territórios e vulnerabilidade social**

Se ao conceituar território é possível se deparar com diferentes apropriações pelas mais diversas áreas, assim também se dá com a definição de vulnerabilidade social. Há uma amplitude no conceito, e, cada área de conhecimento o utilizará de acordo com a necessidade em entender os fenômenos estudados.

Em uma busca panorâmica sobre o conceito de vulnerabilidade social nos principais periódicos científicos, é possível encontrá-lo relacionado aos estudos sobre desastres naturais – como nas pesquisas da geógrafa e professora da Universidade da Carolina do Sul Susan Cutter “A ciência da vulnerabilidade: modelos, métodos e indicadores” (2011), do doutor em Sociologia e professor Universidade de Coimbra José Manuel Mendes et al. “A vulnerabilidade social aos perigos naturais e tecnológicos em Portugal” (2011) e da doutora em Meio Ambiente e professora da Universidade Federal do Paraná Natalia Tavares de Azevedo “A vulnerabilidade social em tempos de acumulação flexível: uma contribuição para o debate no campo socioambiental” (2016) -, à área da saúde – como nas pesquisas do doutor em estatística e professor da Universidade Federal de Ouro Preto Ricardo Tavares et al. “Homicídios e vulnerabilidade social” (2016) e das professoras do Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo Paula Martins e Maria Angélica Medeiros e da professora do Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo Paula “A dinâmica do aleitamento materno entre famílias em vulnerabilidade social: o que revela o sistema de busca ativa” (2011) -, à precariedade urbana – como em “Precariedade urbana e vulnerabilidade social. O caso Canãda Real Galiana, na Espanha” (2013), da doutora em história e professora da Universidade Estadual de Maringá, Celene Tonella – assim como o que diz respeito aos riscos relativos às áreas de trabalho – como em “Da enxada à colher de pedreiro: trajetórias de vulnerabilidade social na construção civil” (2008), da doutora em engenharia de produção e professora da Universidade Federal de São Paulo, Fernanda Cockell. É possível também encontrar pesquisas sobre vulnerabilidade

social que mais se aproximam da temática desta dissertação, sendo essas, as que tecem uma conexão entre a vulnerabilidade social, violência e a juventude - como nos estudos dos professores colombianos Jonathan Hernández (Universidade de Envigado), Doris Cardona-Arango e Angela Segura-Cardona (Universidade CES) “Construcción y análisis de un índice de vulnerabilidad social en la población joven” (2018) e do mestre em Educação Marcos Soares “Juventude e vulnerabilidade social” (2015).

A abrangência e complexidade se dão tanto no âmbito do conceito ser utilizado nas mais distintas áreas quanto na utilização do mesmo, definindo quem e/ou que situação pode ser considerada como vulnerável. Nessa perspectiva, ao dialogar sobre a violência fria - que seria a vulnerabilidade política, como em processos de gentrificação, por exemplo -, o professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, Ordep Serra e a doutora em Antropologia Lorena Volpini ressaltam que, “tomada lato sensu, a condição de vulnerabilidade tem abrangência tal, que torna impossível aplicá-la de modo distintivo a situações humanas particulares”. Para os autores tal afirmação tem motivo claro. Em princípio todos somos vulneráveis. Não há ninguém que seja invulnerável. “Como dizia Guimarães Rosa, ‘viver é muito perigoso’. A nós, humanos, bem cedo nos desperta o sentimento da derrelição” (SERRA;VOLPINI, 2016, p. 119, grifo dos autores).

Em suma, quando se diz que um grupo é vulnerável, está implícita sua comparação com outros que eludem (podem eludir) com sucesso certos danos aos quais se mostram muito suscetíveis. De resto, quem fala em vulnerabilidade tem de dizer a que. De novo, isso decorre de que, em termos gerais, todos são vulneráveis a danos diversos, tanto conhecidos (ou reconhecíveis) como ignorados, capazes de ser surpreendidos quando se apresentam. Cabem ainda outras restrições para que o conceito funcione em quadro histórico e seja sociologicamente útil: deve referir-se a riscos que, por um lado, não são assumidos de propósito e que, por outro, transcendem a margem de tolerância admitida no código cultural do grupo ameaçado. Correr riscos, aceitos de forma esclarecida, pode ser inerente a práticas e ofícios aceitos, reconhecidos. A margem de tolerância que lhes corresponde varia transculturalmente (SERRA;VOLPINI, 2016, p. 120).

Portanto, muito mais que se ater a aspectos individuais, a vulnerabilidade é caracterizada também pelo ambiente em que os indivíduos estão inseridos, assim

como as possibilidades de vida que, para eles, são disponibilizadas. Aqui, tem-se especialmente o intuito de se atentar aos bairros com alta vulnerabilidade social da Grande Vitória, assim como a maneira como os mesmos são representados pelos jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna*.

Ao mapear esses ambientes e lançar o Ocupação Social, o Governo do Estado também define os fatores levados em conta ao demarcar territórios como de vulnerabilidade social. Para a Secretaria do Estado de Direitos Humanos (SEDH) (gestão 2015-2018), a vulnerabilidade social pode ser entendida como os fatores demográficos e socioeconômicos capazes de reduzir o nível de bem estar de uma determinada população. Entende-se que esses indivíduos serão expostos a riscos para além da pobreza. São levados em consideração também as condições e o acesso a serviços de saúde, a composição familiar, a oportunidade de acesso ao mercado de trabalho, a qualidade e o acesso ao sistema educacional, entre outros (SECRETARIA DE ESTADO DE DIREITOS HUMANOS, 2018).

Entender esse cenário é voltar-se também à compreensão do território urbano, a maneira como o mesmo foi formado e as dinâmicas que nele foram e estão estabelecidas. Assim sendo, o professor do Departamento de Demografia da Universidade Estadual de São Paulo, José Cunha et al. propõem discutir a vulnerabilidade na concepção dos movimentos populacionais no contexto metropolitano de São Paulo. Para os autores, uma das inegáveis consequências das mudanças pelas quais o Brasil passou nas últimas décadas diz respeito à diversificação das formas de movimentos populacionais e assentamentos humanos. Cunha et al. ressaltam também que, outro fator seria a consolidação de uma expansão urbana caracterizada pela diferenciação social, demográfica, econômica, ambiental além da própria segmentação (CUNHA et al., 2004, p. 2).

Esse padrão brasileiro irá se distinguir (de modelos encontrados em outros países), pois sua configuração favorece a baixa qualidade de vida urbana e uma espraiamento territorial que, por sua vez, evoca outros fenômenos como a periferização, a desconcentração demográfica, além de um excessivo adensamento de áreas desprovidas de infraestrutura urbana (CUNHA et al., 2004, p. 2).

Buscando compreender como se dá identificação de territórios considerados vulneráveis, Cunha et al. reforçam o caráter multifacetado do conceito de vulnerabilidade social. É possível utilizá-lo quando se abrangem várias dimensões, a partir das quais são identificadas situações de vulnerabilidade dos indivíduos,

famílias ou comunidades. Essas dimensões dizem respeito a fatores ligados tanto às características próprias dos indivíduos ou famílias, como fatores sócios demográficos e seus bens, quanto àquelas relativas ao meio social onde esses estão inseridos. Em síntese, os autores reforçam que, para aqueles que lidam com o tema, existe um caráter essencial da vulnerabilidade: “referir-se a um atributo relativo à capacidade de resposta frente a situações de risco ou constrangimentos” (CUNHA et al., 2004, p. 4-5).

Ao lançar luz sobre os territórios capixabas de vulnerabilidade social, se compreende que, para além da violência (em especial a que atinge aos jovens) e fatores como renda, por exemplo, esses territórios são marcados também pela evasão escolar de crianças e adolescentes – “no quarto trimestre de 2015 no ES cerca de 1,2% (3.617) de adolescentes com idade entre 10 e 14 anos não frequentavam a escola e 14,4% (28.039) dos jovens de 15 a 17 anos estavam na mesma situação” (RELATÓRIO JOVENS FORA DA ESCOLA, 2017, p. 11). Todas essas características auxiliam na configuração desses espaços como de vulnerabilidade. E, seriam por sua vez, os fatores que diferenciam também a vulnerabilidade social encontrada no Espírito Santo da vista nos territórios vulneráveis de outros estados.

Mesmo que no caso do Espírito Santo os ambientes de alta vulnerabilidade estejam especificamente demarcados (como os bairros apontados na pesquisa Ocupação Social) é importante ressaltar que, a vulnerabilidade não é estritamente territorial. Contudo, especialmente, no que tange as políticas públicas esse tipo de definição geográfica se faz importante. Tal premissa é ressaltada pela mestra em economia Danielle Seddon (2014, p. 79) que, em sua dissertação, analisou pelo viés econômico a vulnerabilidade social no Espírito Santo. Seddon aponta que, mesmo não sendo territorial, a espacialização dos indicadores permite aos gestores de governo traçar planos para intervenções. “Há municípios com famílias mais vulneráveis que outros. Associar à distribuição espacial das famílias vulneráveis diferentes graus de vulnerabilidade permite um direcionamento para a política pública” (SEDDON, 2014, p. 79).

Assim sendo, considerando a multiplicidade em torno o termo, a doutora em Serviço Social e Professora da Universidade Federal de Brasília, Simone Monteiro ressalta a necessidade em visualizar a problemática de uma maneira ampla. Para a autora, quando se compreende a vulnerabilidade social de forma isolada ou

imprecisa, seja atrelada à perspectiva do risco, seja adjetivada ao sujeito, desconecta-se a análise das estruturas da sociedade capitalista e pode-se conduzir à manutenção do status quo. Em síntese, isso seria “uma sociedade direcionada por uma lógica hegemônica de concentração e expansão de relações fetichizadas pelo domínio do mercado e do lucro, provendo apenas as condições para manter minimamente os indivíduos”. Tal modelo seria contrário à democratização da riqueza, assim como formato de reprodução das desigualdades sociais (MONTEIRO, 2011, p. 38).

Para imergir nessa totalidade social apontada por Monteiro, torna-se importante voltar-se a historicidade do conceito de vulnerabilidade social. Para tal finalidade Simone Monteiro (2011) faz uma relação direta entre vulnerabilidade social e as políticas sociais. Para a autora, é só compreendendo a vulnerabilidade social que se pode avaliar o alcance das políticas sociais realizadas pelos governos. Dessa maneira, “definir vulnerabilidade social é mais do que um exercício intelectual, objetiva compreender os desafios e tensões que se colocam para as políticas sociais, no sentido de efetivar-se na perspectiva proativa, preventiva e protetiva” (MONTEIRO, 2011, p. 30).

Como visto, a vulnerabilidade social está para além de uma demarcação que simplifique o conceito como sinônimo de violência ou de pobreza, por exemplo. Porém, é graças à necessidade de entender a problemática da pobreza que a demarcação “vulnerabilidade social” passa a ser formalizada e utilizada para entender e categorizar situações sociais.

Foi ainda nos anos de 1990, após o esgotamento da matriz analítica que discutia a pobreza – que se reduzia apenas às questões econômicas -, que ocorreu a emergência da temática da vulnerabilidade social. A tendência da discussão vem sendo desenvolvida, principalmente, por organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Essas ideias estão, antes de tudo, sendo difundidas como pressupostos que orientam a consolidação de políticas sociais (MONTEIRO, 2011, p. 31).

À exemplo do que pontua Simone Monteiro, está o livro escrito pela doutora em Ciências da Educação Miriam Abramovay et al. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América latina: desafios para políticas públicas* (2002). Na produção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

Cultura (UNESCO) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Abramovay et al. discutem sobre a vulnerabilidade social relativa aos jovens latino-americanos. A proposta é compreender o cenário no qual a juventude desses países está inserida. Os altos índices de violência, a falta de escolaridade, as moradias precárias e a falta de lazer estão entre os motivos para que os jovens deixem de desempenhar suas cidadanias de forma plena.

Assim como irão apontar Monteiro (2011) e Abramovay et al. (2002) (e, ainda sobre o enfoque de traçar um panorama histórico do conceito de vulnerabilidade), a doutora em Educação e professora da Universidade Federal de Pelotas Rose da Silva e a doutora em Ciência do Movimento Humano e professora da Universidade do Rio Grande Meri da Silva, evidenciam que a definição de vulnerabilidade se altera de uma perspectiva analítica – que levava em consideração indicadores quantitativos de um campo específico, como a saúde, por exemplo – para adentrar em uma concepção mais ampla. Para as autoras, essa mudança faz com que a definição de vulnerabilidade seja dada também levando em consideração outros fatores que influenciam a vida da população, como o econômico, de mercado, culturais, além do acesso à educação (DA SILVA; DA SILVA, 2015, p. 396).

Entender que a definição de vulnerabilidade não se limita apenas a um fator da violência, por exemplo, é de total importância tanto para a limitação desses espaços quanto para gerenciamento dos mesmos pelo poder público. É somente com um complexo mapeamento envolvendo as dimensões econômicas, sociais, culturais, entre outras, que os agentes públicos têm condições de compreender as demandas dos grupos vulneráveis, assim como as ações que precisam ser tomadas para retirá-los dessa categorização. Nesse sentido, Da Silva e Da Silva reforçam que:

Ao identificar, nomear, categorizar, atribuir uma qualidade a determinados indivíduos produz-se esses sujeitos, que passam a integrar uma população a ser controlada, conduzida, corrigida. Pode-se verificar, então, que de ações dirigidas a sujeitos vulneráveis produz-se a vulnerabilização dos mesmos, ou seja, são indivíduos que passam a existir a partir das características que lhes são atribuídas, compondo assim uma população a ser gerida, gerenciada, buscando atingir o equilíbrio ou mesmo uma espécie de homeostase da vida. (DA SILVA; DA SILVA, 2015, p. 400).

Indo ao encontro dessa identificação de grupos da qual falam Rose da Silva e Meri da Silva, Monteiro (2011, p. 34) apresenta a vulnerabilidade social como uma

construção social, sendo produto das transformações societárias e assumindo formas diferentes de acordo com os condicionantes históricos. Em síntese, Monteiro acrescenta:

A vulnerabilidade social, assim compreendida, pressupõe um conjunto de características, de recursos materiais ou simbólicos e de habilidades inerentes a indivíduos ou grupos, que podem ser insuficientes ou inadequados para o aproveitamento das oportunidades disponíveis na sociedade. Assim, essa relação irá determinar maior ou menor grau de deterioração de qualidade vida dos sujeitos. Dessa forma, a diminuição dos níveis de vulnerabilidade social pode se dar a partir do fortalecimento dos sujeitos para que possam acessar bens e serviços, ampliando seu universo material e simbólico, além de suas condições de mobilidade social. Para isso, as políticas públicas constituem-se de fundamental importância (MONTEIRO, 2011, p. 35).

Trazendo essa conceituação ao contexto capixaba - em especial focando nos bairros de alta vulnerabilidade social indicados por Ocupação Social -, compreende-se que, as principais características que demarcam os bairros da Grande Vitória como vulneráveis são, sobretudo, a violência que afeta a juventude, assim como a falta de escolaridade das crianças e adolescentes desses lugares. Embora esses atributos acima se refiram ao paradigma do Espírito Santo, muitas dessas características se repercutem no Brasil, assim como pela América Latina. A relação juventude e violência não demarca apenas o risco que diz respeito à expectativa de vida dessa faixa populacional específica (jovens dos 15-24 anos), como pode evidenciar outros aspectos que influenciam na qualidade de vida dos mesmos, como a pobreza, por exemplo.

Abramovay et al., ao visualizarem o panorama latino-americano salientam que, as condições socioeconômicas, mais a situação de vulnerabilidade, ocasiona grande tensão entre os jovens. Tal situação agrava diretamente os processos de integração social, e, em alguns casos, fomenta o aumento da violência e da criminalidade. Os autores reforçam ainda a preocupação de que, embora seja realidade em muitos casos, não se pode associar a violência diretamente à pobreza. A violência seria, de fato, uma consequência à negação do direito ao acesso a equipamentos de lazer e bens, esporte, cultura e das desigualdades sociais. Os autores salientam ainda que, graças a essa rejeição dos serviços públicos aos jovens o continente apresenta um dualismo: avançam os indicadores

socioeconômicos enquanto os níveis de violência continuam a subir (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 14).

Para Abramovay et al., negar aos jovens acessos às necessidades básicas expostas acima restringe a capacidade de formação, uso e reprodução dos recursos materiais e simbólicos. Tudo isso se torna fonte de vulnerabilidade, assim também contribui para que os jovens integrem de forma precária as oportunidades provenientes tanto do Estado, quanto do mercado e da sociedade (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 55).

Pensar nesse complexo panorama social é buscar compreender também como ele é evidenciado pelos meios de comunicação. No caso dessa pesquisa em especial, a imprensa do Espírito Santo. Havia o questionamento de que, sendo a vulnerabilidade social marcada também pela violência nos bairros capixabas, seriam essas localidades evidenciadas nos jornais apenas por esse viés? Outra preocupação dizia respeito à exposição de crianças e/ou adolescentes nessas circunstâncias. O Estatuto da Criança e do Adolescente dita os direitos necessários a essas faixas etárias, porém, de alguma maneira haveria algum tipo de exposição nos jornais relativa a esses grupos? Esses foram alguns dos questionamentos que permearam essa pesquisa e são elucidados no próximo capítulo.

Ainda nessa perspectiva de analisar a vulnerabilidade - em especial no que diz respeito à violência e a juventude – se faz importante pontuar alguns aspectos na obra de Abramovay et al. (2002), que influenciam diretamente na configuração da vulnerabilidade. Entre esses fatores são considerados a educação, a violência, o trabalho e a pobreza. A autora lança ainda uma preocupação específica no que diz respeito à atenção das políticas públicas voltadas aos jovens.

Nesse sentido, no Espírito Santo, a aposta do Governo (desde a gestão de 2015) é no Programa Ocupação Social que tem como meta “diminuir a taxa de homicídios de jovens, especialmente na faixa etária de 15 a 24 anos; reduzir o abandono escolar e aumentar o percentual de jovens estudando e/ou trabalhando” (SECRETARIA DE ESTADO DE DIREITOS HUMANOS, 2018, s.p.). Após mapeamento dos bairros que concentram alta vulnerabilidade social e, notando o alto número de abandono escolar nesse faixa etária foi realizado também o *Relatório jovens fora da escola*. Ainda na introdução da pesquisa há a ressalva de que, historicamente, as políticas públicas voltadas aos jovens têm sido produzidas levando em referência as ações voltadas ao público adulto, e não o contexto



específico da juventude. Quando se visualiza especificamente os jovens em condições de vulnerabilidade social se tem um desafio ainda maior, pois, “no geral, o segmento juvenil não tem sido escutado, suficientemente, de modo que possa influenciar nas políticas, sendo tratados, muitas vezes, como sujeitos passivos e ‘sem voz’” (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2017, p. 14, grifo do autor).

Se voltar-se ao cenário no qual estão os jovens inseridos é fundamental, o primeiro passo para analisar a qualidade de vida dos mesmos é compreender a situação educacional na qual estão inseridos. Para Abramovay et al. (2002, p. 37) é a educação o principal instrumento para a elevação dos níveis de capital humano e promoção do bem-estar de adolescentes e jovens. Os autores pontuam ainda um papel fundamental da escola na vida dessa faixa etária: a interação social. Para Abramovay et al. (2002, p. 37), é por meio da interação que se constroem relações sociais, redes de amigos e contatos. Assim sendo, para os autores, em conjunto com a família, é a escola responsável por constituir um dos espaços tradicionais de socialização entre os jovens e forte ferramenta na luta contra a vulnerabilidade social.

Outra fonte de vulnerabilidade social associada à juventude é a questão do trabalho. Abramovay et al. (2002, p. 49) sinalizam que muitos estudantes abandonam os estudos para trabalhar, tal atitude compromete o processo de formação e capacitação profissional dos mesmos. Além do abandono escolar – dos 73.538 jovens (10 a 24 anos) nos bairros contemplados pelo Ocupação Social, cerca de 16.000 estavam fora da escola (RELATÓRIO JOVENS FORA DA ESCOLA, 2017 p. 14) -, muitos jovens se deparam também com o desemprego. Soma-se ao cenário ainda uma inserção precária no mercado de trabalho (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 49).

Compreende-se, portanto, que a relação entre juventude e mercado de trabalho forma um ciclo vicioso. Se o jovem abandona a escola para conseguir emprego, como conseguirá se manter, ou até mesmo obter uma melhor oportunidade de trabalho sem uma completa escolaridade? Assim, é a educação fator fundamental no combate à vulnerabilidade, assim como investimento primordial para aqueles que pretendem quebrar ciclos geracionais – de famílias inseridas no contexto de vulnerabilidade.

Além do fator educação, outro ponto que merece destaque no entendimento dos espaços vulneráveis é a questão da violência. O doutor em sociologia e

professor da Universidade de São Paulo, Lúcio Kowarick (2000), ao discutir sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil destaca atenção especial a este quesito. O autor reforça que a vulnerabilidade civil refere-se à integridade física das pessoas, ou seja, o fato de grande parte da população estar desprotegida da violência que é praticada por criminosos e pela polícia.

Kowarick sublinha que, como expressão máxima da violência visualiza-se o homicídio. Entretanto, o autor pontua que, para além deste ato, a violência encontra-se situada no cotidiano por diversas ações, podendo ser elas as humilhações, roubos, extorsões, assaltos e espancamentos – fatos que fazem parte da realidade das famílias de baixo rendimento. Para o autor, muitas dessas ocorrências sequer entram nas estatísticas e isso ocorre tanto porque as pessoas já não mais acreditam nas instituições judiciárias, quanto se calam por medo de represálias (KOWARICK, 2000, p. 19-20).

[...] a violência, nos anos recentes e de forma crescente, tornou-se um elemento estruturador da vida das pessoas, pois, não raras vezes, constitui-se fator de migração de um local para outro na escolha do local de moradia, além do cuidado em tomar medidas de segurança que minimizem os riscos de sofrer atos violentos. (KOWARICK, 2000, p. 20)

Enquanto Kowarick aponta para a existência de uma violência estrutural, Abramovay et al. sinalizam que a partir do momento em que se passa a associar a vulnerabilidade com a desigualdade social e a segregação juvenil, consegue-se esclarecer as complexas nuances da relação violência e juventude. Essa relação é, antes de tudo, um resultado das dinâmicas sociais. São estas, por sua vez marcadas pela desigualdade de oportunidades, segregações, ausência de oportunidade de formação ética e cultural em valores de solidariedade e de cultura de paz, assim como uma deficitária inserção na educação e no mercado de trabalho (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 56).

Em relação à situação vivenciada pelo Espírito Santo nesse sentido, o *Relatório Jovens Fora da Escola* (2017) reforça que, no que diz respeito à violência e juventude, o estado apresenta um índice de violência com as taxas mais elevadas da região Sudeste, e superiores à média nacional. Em 2010, o estado registrou 51,04 homicídios por 100 mil habitantes, a média do Brasil era de 27,4. “Quando as vítimas são jovens, a situação de violência é ainda mais grave. Em 2014, a taxa de homicídios entre jovens na faixa etária de 15 a 24 anos no Espírito Santo foi de 94,2

por 100 mil habitantes, o que representa aproximadamente o dobro da taxa nacional” (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2017, p. 13).

Muito mais do que as médias estaduais e nacionais os dados demarcam a representação daqueles que mais morrem no Espírito Santo. Os alvos que mais sofrem no estado têm cor, gênero, idade e endereço:

As estatísticas apontam que as vítimas dos homicídios são, majoritariamente, jovens, do sexo masculino, negros, com baixa escolaridade e residentes em bairros periféricos. Em 2014, o segmento juvenil do sexo masculino de 15 a 24 anos representava 9% da população do estado, porém 40% dos homicídios ocorridos naquele ano foram neste segmento. Em que pese à letalidade alcançar de forma significativa a população jovem de 15 a 24 anos, há uma tendência de diminuição dessa faixa etária de vitimização. Portanto, as taxas de homicídios têm atingido adolescentes e jovens cada vez mais novos e os delitos têm sido cometidos por esse segmento cada vez mais jovem também (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2017, p. 13-14).

Estando tão bem demarcado quem são as principais vítimas da violência no Espírito Santo leva a refletir de que maneira são essas características evidenciadas pelos jornais *A gazeta* e *A Tribuna*. Como será possível visualizar no próximo capítulo, os jornais, em suas coberturas, acabam também por noticiar sobre acontecimentos violentos nos bairros vulneráveis, assim como demarcam o protagonismo do jovem no crime – seja ele como acusado ou vítima.

Nessa relação da juventude com os meios de comunicação, Abramovay et al. apontam para uma outra função da violência: chamar atenção. Frente a uma sociedade que manipula canais de mobilidade social e segrega socialmente setores da população, e que, além de não reconhecer, estigmatiza canais de participação juvenil, a violência acaba servindo também em alguns casos para colocar essa faixa etária em evidência nos meios de comunicação. Com espaços nesses meios eles são vistos e conseguem chamar atenção para sua difícil vida (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 56).

Com os apontamentos de Abramovay é impossível pensar na discussão em torno do conceito de vulnerabilidade social sem que haja reflexão sobre as ações da gestão pública. Para os autores, quando se negligencia essa complexa estrutura social e se apresenta incompletas abordagens torna-se ineficiente compreender e solucionar a problemática. Quando distintos organismos formulam políticas sem uma definição clara de papéis, a tendência é que surjam competições tanto no âmbito da

definição das funções, quanto da escolha de enfoques (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 68).

Na busca de soluções para o problema Abramovay et al. assumem que os recursos à disposição do Estado e do mercado não são suficientes. Sozinhas essas duas instâncias não são capazes de promoverem a superação da vulnerabilidade – nem de suas consequências, como a violência, por exemplo – é preciso que se estabeleça um capital social intergrupar. Somente dessa maneira torna-se possível aumentar a participação e valorização do jovem e realizar o enfrentamento do problema (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 14).

Pensando na conexão proposta pelos autores, é possível refletir também de que maneira o jornalismo pode colaborar no sentido de trazer à tona para a sociedade a realidade vivida pelos moradores em situação de vulnerabilidade social. Como narrador autorizado do cotidiano e ocupando o espaço privilegiado de espaços que a maior parte das pessoas não pode, de que maneira o jornalismo pode representar essas localidades? Como dar o devido aprofundamento e complexidade a uma problemática que afeta tantas localidades da região metropolitana? Discutir o caráter e o papel da função nesses momentos é focar também no seu dever enquanto democratizador de conteúdo e problematizador da realidade na qual ela está inserida.

### **2. 3 Violência(s)**

Tendo já realizado um percurso de discussão sobre a formação de territórios e territorialidades, assim como o entendimento do conceito de vulnerabilidade social, se faz importante como próximo passo a discussão sobre violência. Mesmo que já tenha sido demarcado que, não necessariamente, a vulnerabilidade social terá como traço principal a violência, no contexto capixaba ela, é sim, fator crucial para determinar que bairros condensam ou não alta vulnerabilidade. Nesse pesquisa, em especial, interessa compreender de que forma as dinâmicas da violência são evidenciadas pela imprensa, assim sendo, ao iniciar a discussão sobre tal problemática é válido evidenciar o que ressalta o doutor em sociologia e professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro Muniz Sodré ao discutir sobre sociedade, mídia e violência:

O aumento exponencial da violência, em todas as suas formas, na maior parte dos grandes centros urbanos da América Latina e do resto do mundo, assim como o primado avassalador dos meios de comunicação sobre as formas de acesso de jovens e adultos às regras de relacionamento intersubjetivo no espaço social, coloca continuamente a mídia – senão, o tipo de organização social afim à mídia – no centro das interrogações sobre o fenômeno da violência (SODRÉ, 2002, p. 9).

Portanto, muito mais do que pensar na violência em si, é necessário lançar luz para a maneira como tal problemática é apresentada e representada pela imprensa. Tendo acesso a documentos e locais que a maior parte da população não teria, olhar para como o jornalismo reinscreve a violência na sociedade é compreender também as dinâmicas por ela imposta entre as pessoas e as instituições. Assim sendo, para o maior entendimento da violência o primeiro passo é visualizar as informações e os dados que a representa. Exemplo disso é o Atlas da Violência 2018, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Com tal mapeamento é possível ter uma dimensão dos números da violência na sociedade brasileira. A pesquisa aponta que, em 2016, o país alcançou o registro de 62.517 homicídios. Isso corresponde a 30 vezes a taxa da Europa. O número representa uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes. O levantamento reforça ainda que, entre 2010 e 2016, 553 mil pessoas perderam a vida devido à violência intencional no país (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 3).

Quando se visualiza o cenário da juventude no que diz respeito à violência, os números são ainda mais graves. No Brasil, os homicídios correspondem a 56,5% da causa de óbito entre homens entre 15 a 19 anos. Em 2016 foram 142,7 homicídios por 100 mil habitantes nessa faixa etária (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 3). Criando o alerta para a problemática brasileira, o documento aponta a necessidade de pensar em ações que venham a melhorar o panorama, especialmente no que se diz respeito à juventude:

Esse índice crescente revela, além da naturalização do fenômeno, a premência de ações compromissadas e efetivas por parte das autoridades nos três níveis de governo: federal, estadual e municipal. Não há dúvida de que o desafio é grande, afinal trata-se de uma complexa agenda da segurança pública, que deve envolver ações intersetoriais e integradas que incluam, além dos executivos, o Parlamento, a Justiça, o Ministério Público, a Defensoria e também a academia, as

igrejas, os empresários e toda a sociedade civil organizada (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 21).

Enquanto a média brasileira em 2016 foi de 30,3 homicídios para cada 100 mil habitantes, o Espírito Santo teve uma média de 32 mortes para cada 100 mil no mesmo período. Mesmo que ainda esteja acima da média nacional, o número de ocorrências registradas em 2016 foi o menor nos últimos 11 anos (anteriores à 2016). O Atlas faz a marcação de que o Espírito Santo em 2011 era a 2ª Unidade Federativa mais violenta do país e, em 2016 passa a ocupar a 19ª posição. A justificativa apontada é que o governo passou a se envolver diretamente na questão da segurança pública, lançando, como por exemplo, o programa *Estado Presente* (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2018, p. 25).

Entendendo a complexidade da problemática da violência e buscando um melhor mapeamento no contexto da Região Metropolitana da Grande Vitória foi feito também o contato com a Secretaria do Estado de Segurança Pública do Espírito Santo (SESP) a fim de conseguir dados sobre a violência em 2016. Além do número de homicídios nos 18 bairros aqui analisados (citados na introdução, tabela 1) foi requerido também o número total de homicídios nos municípios da Grande Vitória que concentram os bairros vulneráveis. Ao fim do ano foram contabilizados um total de 609 homicídios divididos entre:

<b>Município</b>	<b>Homicídios em 2016</b>
Serra	267
Vila velha	157
Cariacica	134
Vitória	51

Tabela 2: Dados da Secretaria do Estado de Segurança Pública (SESP)

Os dados acima acabam por refletir uma realidade que não é novidade nem no contexto brasileiro, muito menos no contexto capixaba. Presente no dia a dia, a violência corre o risco não somente de ser naturalizada, mas como também de virar espetáculo pelas diferentes mídias. A proliferação de jornais (em especial os televisivos) sensacionalistas/policialescos pode ser um desses indicadores.

Os periódicos sensacionalistas/policialescos não são novidade do tempo presente. Em períodos anteriores já se falavam de jornais “espreme que sai sangue”, tamanho era o espaço destinado a narrar fatos violentos. Entender o

crescimento desses veículos hoje, e os índices de audiência que alcançam é visualizar também a forma como a violência é vista e (des)tratada na sociedade.

O jornalismo, como esfera que seria responsável por levar ao público questionamentos, dados e problematizações daquilo que aflige a tessitura social, acaba, muitas vezes, por banalizar a violência, transformá-la em apelo para angariar audiência e patrocínio, resume vidas em números.

O sociólogo e professor da Universidade de Sorbonne, Michel Maffesoli, ao discutir as dinâmicas da violência ainda nos anos de 1980 ressaltava que os massacres, genocídios e carnificinas, os seja, as mais diversas facetas da violência são uma herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional. Segundo o autor, a mídia audiovisual pode ajudar a gerar a impressão de que nossa época é particularmente vulnerável, contudo, ao voltar às narrativas de tempos passados é possível contestar tal afirmativa. Maffesoli ressalta ainda a existência de certo alarmismo político e jornalístico (que não seriam exatamente desnecessários), porém, fortalece o posicionamento de que é de suma importância compreender o fenômeno com serenidade (MAFFESOLI, 1987, p. 13).

Assim sendo, na tentativa de conceituar violência, da Sociologia à Psicologia, diversas são as áreas que lançam estudos sobre tal temática. Outro campo que tem interesse em entender o fenômeno é o da Saúde. Em 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou o *Relatório Mundial sobre violência e saúde* (OMS, 2002). O estudo estabelece um amplo balanço no que diz respeito ao entendimento da violência em nível de mundo, assim como as diversas facetas que esta pode assumir (como a violência entre jovens, violência doméstica, entre outros).

O Relatório da OMS informa que o impacto da violência pode ser visto de várias formas, em diversas partes do mundo. Segundo o levantamento, todo ano, mais de um milhão de pessoas perdem suas vidas ou sofrem lesões não fatais que são resultantes da violência auto infligida, sejam elas coletiva ou interpessoal. É a violência uma das principais causas de morte de pessoas na faixa etária de 15 a 44 anos. Mesmo que seja difícil obter precisas estimativas, a violência se traduz em bilhões de dólares americanos em gastos anuais com assistência à saúde no mundo todo. Há outros bilhões gastos também em dias de trabalho perdidos, perdas em investimentos e aplicação de leis. E há ainda o outro lado, aquele que não pode ser calculado: o custo humano em sofrimento e dor (OMS, 2002, p. 3).

A Organização Mundial da Saúde reforça ainda que, dentre os fatores citados acima, a violência agrega lados visíveis e invisíveis. Grandes partes dos custos gerados são, muitas vezes invisíveis. Mesmo que as tecnologias de satélites proporcionem violências como guerras e terrorismo visíveis diariamente ao público, há muita violência que ocorre de forma invisível nos locais de trabalho, instituições médicas e dentro dos lares. Algumas dessas vítimas são muito jovens, doentes ou fracas para se protegerem. As outras, sejam por pressões sociais ou convenções, são forçadas a se manterem em silêncio com suas experiências (OMS, 2002, p. 3). Em síntese, a Organização Mundial da Saúde define violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p. 3).

Para a Organização, definir a violência está estritamente ligado à intencionalidade com a prática do ato propriamente dito, independente do resultado produzido. Os incidentes não intencionais como queimaduras acidentais e lesões de trânsito, por exemplo, estão excluídos da definição (OMS, 2002, p. 3). Para a OMS é de extrema importância a utilização do termo “poder” ao definir violência:

A inclusão da palavra “poder”, além da frase “uso da força física”, amplia a natureza de um ato violento e expande o entendimento convencional de violência de modo a incluir aqueles atos que resultam de uma relação de poder, inclusive ameaças e intimidações. O “uso do poder” também serve para incluir negligência ou atos de omissão, além de atos violentos mais óbvios de perpetração. Assim, “o uso da força física ou do poder” deve ser entendido de forma a incluir a negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros atos de auto abuso (OMS, 2002, p. 3, grifo do autor).

A OMS estabelece como marco importante o uso de tais termos – como “poder” e “uso do poder”, pois, dessa forma, a definição acaba por cobrir uma ampla gama de consequências. Entre estas se incluem a privação e deficiência de desenvolvimento, assim como os danos psicológicos. Essa preocupação exprime o reconhecimento por parte de profissionais e pesquisadores da necessidade de encarar a violência não apenas como um processo que resulta necessariamente em mortes ou lesões. A violência pode também oprimir as comunidades, famílias e pessoas. Violências contra idosos, crianças e mulheres, por exemplo, podem



resultar em problemas sociais, físicos e/ou psicológicos que não necessariamente levam à invalidez, lesões ou morte. As consequências desses atos podem ser imediatas ou não. Portanto, definir os resultados da violência apenas no que diz respeito a lesões e mortes é limitar a compreensão da totalidade do impacto da mesma sobre as pessoas e sociedade como um todo (OMS, 2002, p. 3).

Assim como evidenciado acima, torna-se importante dimensionar as várias faces da violência, não apenas o que se visualiza e quantifica, mas também entender os mecanismos que a (re)produzem na tessitura social. Mesmo que o documento busque definir a violência de uma maneira mais ampla, em escala internacional, é necessário entender também as variáveis de cada país para que ela surja e/ou se mantenha, assim como seus aspectos socioculturais.

A filósofa brasileira e professora da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, em conferência na década de 1980 propõe uma abordagem da violência também pelo viés do sujeito. A autora pontua que, de maneira genérica e vaga é possível definir a violência como um processo em que os indivíduos (sejam humanos ou não) são transformados de sujeitos em coisas. Para Chauí, a definição tem finalidade precisa. A sociedade se habituou a considerar a violência pelo prisma da violação, ou seja, como uma transgressão de normas, regras e leis aceitas por uma coletividade e das quais ela depende para continuar existindo. Dessa maneira, nesse contexto jurídico, o indivíduo violento é a figura que põe em risco a vida em comunidade.

Em suma, estamos habituados a encarar a violência com; o um ato enlouquecido que vem de baixo para cima da sociedade (é assim, aliás, que está sendo apresentada pelos jornais e pelas comissões estatais), quando na verdade seria mais pertinente encará-la de modo oposto, isto é, como um conjunto de mecanismos visíveis e invisíveis que vêm do alto para baixo da sociedade, unificando-a verticalmente e espalhando-se pelo interior das relações sociais, numa existência horizontal que vai da família à escola, dos locais de trabalho às instituições públicas, retornando ao aparelho do Estado (CHAUÍ, 1980, p. 1).

Assim como Chauí, o doutor em Sociologia e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Michel Misse, também propõe discutir sobre a temática. Para o autor, o primeiro passo para o entendimento da violência é ter uma visão crítica da palavra em si. Tende-se a utilizar o termo “violência” como um sujeito

difuso, uma representação social que nos enclausura em uma categoria acusatorial (MISSE, 2006, p. 20).

Para Misse (2006, p. 20) violência será tudo o que não é legítimo. Assim sendo, violento não se trata apenas de uma categoria descritiva. Quando se utiliza a expressão “violência” ou “violento” não apenas se descreve uma situação, está sendo gerada também uma acusação social. O autor sublinha que, como dificilmente uma pessoa acusa a si mesma, ao empregar termos como “violência”, se cria uma relação acusatória com o outro. Contudo, Michel Misse ainda reforça que, se pretende compreender e explicar o que está se passando sob essa denominação, é necessário se libertar dessa uniteralidade, alcançar uma interação social e suas circunstâncias de uma maneira geral. Caso contrário, ao continuar dizendo que “o problema é a violência”, “a violência chegou à cidade”, continua-se a acreditar em um sujeito generalizado, em um espectro chamado “violência” que, com inúmeras faces, continua a causar terror (MISSE, 2006, p. 20-21, grifos do autor).

Para Misse, mais do que nunca é necessário desmembrar o tema da violência urbana. Não se pode unir tantos fatos em um único conceito. “Uma só palavra para situações tão diversas, por um lado, simplifica o problema e, por outro, facilita certo tipo de uso, inteiramente reificado, pois, em lugar de descrever, age socialmente, produz uma performance e um resultado” (MISSE, 2006, p. 19). Para Misse, quando se emprega o termo “violência” já se está perto de demandar uma “contra violência”. Nesse sentido, segundo o autor, está se definido uma situação que exige uma intervenção, ou até mesmo a produção de uma situação contrária. “E aí está o problema: quem tem o poder de definir algo como violento mobiliza, no mesmo ato, no próprio movimento da definição, a demanda prática de uma contra violência” (MISSE, 2006, p. 19-20).

Assim como Michel Misse, que propõe dar amplitude à temática, Muniz Sodré sugere apresentar a violência em duas faces. Para Sodré a primeira violência é aquela frequentemente ignorada: a violência do poder instituído. Essa seria a violência do serviço público, a violência do Estado, a violência invisível, aquela que é institucional ou estado de violência. Muniz Sodré compreende esse tipo de violência como uma condição contínua, estrutural e irremediável. Essa violência se deriva de um efeito de inércia que é, ao mesmo tempo, psicológico e social sobre os indivíduos, além de ser imposta pela ordem do Estado, com suas articulações políticas e aparelhos (SODRÉ, 2006, p. 35).

A segunda modalidade de violência apontada por Sodré é a violência que dá lugar aos ilegalismos, à marginalidade e à delinquência que são, possivelmente, coibidos pelo poder do Estado. Essa violência, por sua vez, seria a violência anômica, a violência visível, a violência entendida como ruptura pela força desordenada, pela força exclusiva da ordem social. É nessa esfera que são inscritos os massacres, os crimes de morte e as tantas outras variantes dessa situação (SODRÉ, 2006, p. 35-36).

Enquanto Sodré estabelece essas duas vertentes da violência, o Doutor em Saúde Coletiva e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Benilton Bezerra Júnior, ao lançar reflexões entre a tríade pobreza, agressividade e consumo sublinha a necessidade de que se tome distância para compreender a violência como objeto de reflexão. O autor esclarece que a violência tornou-se tão familiar na sociedade que parece ter deixado de ser um acontecimento para se tornar parte da paisagem. Acostuma-se com ela, algum episódio ou circunstância específica pode até chocar, mas a onipresença da violência passa a não mais surpreender (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 43).

Bezerra Júnior considera que tal ambiente, como o descrito acima, é uma consequência negativa, pois, a partir do momento em que se naturaliza um “estado de violência” empobrece um espírito crítico que torna a discussão muito menos complexa do que a magnitude do problema.

Frequentemente nos contentamos em repetir fórmulas gastas, chavões e preconceitos, cujo resultado nunca ultrapassa o desabafo e a construção de um tipo de comunhão em torno do problema: todos parecemos comungar da mesma perplexidade [...]. Mas, de um modo geral, vamos pouco além da declaração de intenções. Deixamos para os “especialistas” ou “as autoridades” a tarefa de agir e o esforço de compreender as razões deste fenômeno. [...]É preciso tornar o familiar, estranho. Somente assim, juntando as reflexões de todos é que poderemos vislumbrar saídas efetivas [...] que impliquem entendimento e atos coletivos, que ultrapassem os limites de ação do Estado e das instituições ligadas à segurança e à justiça (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 44).

Pensar na proposta do autor é visualizar também a produção jornalística e o papel que a mesma tem em repetir essas fórmulas e preconceitos. Em especial, no presente trabalho, tenta-se visualizar de que forma os impressos capixabas representam os bairros de alta vulnerabilidade. Será visto no próximo capítulo que, ao longo de 2016 a imprensa no Espírito Santo em síntese representou os bairros de

vulnerabilidade como locais onde ocorrem os crimes. Além disso, com exceção de algumas reportagens especiais – que derem maior profundidade à temática – o noticiário do dia a dia dos impressos sobre os bairros foi majoritariamente notas descrevendo os crimes nas regiões.

Sabe-se que, mesmo almejando a objetividade e imparcialidade o jornal nunca será uma produção neutra. Como produto final ele carrega consigo marcas das rotinas produtivas, das linhas editoriais dos veículos, assim como, em última instância, do olhar do jornalista. Assim sendo, também será possível visualizar posteriormente conteúdos divulgados pelos jornais que refletem sobre preconceitos que circulam na tessitura social e acabam por serem inseridos também nos conteúdos noticiosos – como nas notícias sobre os crimes cometidos por jovens, por exemplo, por vezes utiliza-se do termo “menores” como uma forma pejorativa de se referir a esse extrato social.

Assim como a violência, a própria categorização da vulnerabilidade social é complexa. No caso dos bairros da Grande Vitória, por exemplo, além do alto índice de homicídios que atinge a população jovem e a baixa escolaridade, em algumas dessas localidades há a precarização da vida de uma maneira geral, pessoas com baixa renda e com moradias impróprias. Os autores que aqui são trazidos para discutir sobre a violência entendem que não é possível estabelecer relação direta da pobreza com a violência, entretanto, todo esse complexo cenário precisa entrar no bojo da análise social pretendida.

Nesse viés, Bezerra Júnior (2006, p. 44) reforça que a exclusão econômica sozinha não explica a violência vivenciada nos dias de hoje. Para o autor, o fundamental é compreender a natureza simbólica da exclusão na qual boa parte da população está condenada. Fala-se em uma violência fruto da desigualdade, da distribuição injusta de bens e não é que tal afirmativa esteja errada. Ela não é incorreta, apenas é insuficiente, assim como parcialmente verdadeira. “A pobreza só é fonte de violência na medida em que a riqueza econômica e o consumo de bens materiais se tornam valores hegemônicos, deixando todos os demais valores num plano secundário” (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 45). Para o autor, visualizar a expansão da violência passa por entendê-la não como a expressão de um fenômeno natural. A violência pode, na verdade, ser concebida como um efeito colateral do modo como a sociedade brasileira se organiza, assim como dos processos de subjetivação que ela engendra. Não é a pobreza econômica a maior causa da

violência urbana, é a transformação da pobreza econômica em miséria simbólica (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 58). Por fim, Bezerra Júnior pondera ainda sobre a entrada de jovens no mundo do crime. Para o professor, ser alguém hoje é se destacar por conquistar o que muitos almejam, mas poucos atingem. “Numa cultura que avalia e incentiva a competição a qualquer preço, nada é limite para quem pretende realmente vencer, *win*. Nem mesmo a morte”. Para ele, este aspecto subjetivo é um dos laços mais terríveis que unem a violência às áreas de população em situação de pobreza. Neste caso em específico, o autor se refere especialmente à quantidade espantosa de jovens e adolescentes que se sentem atraídos pelo tráfico mesmo que saibam que essa ação equivale praticamente a uma sentença de morte na juventude.

[...] o que explica que constantemente tantos aceitem este risco para substituir os recém-falecidos não é apenas o dinheiro. É algo intangível, mas real: a admiração ou o medo que passam a despertar, o status que passam a ostentar. O que importa de verdade é o fato de que [...] deixam de ser invisíveis socialmente quando, por meio da violência, impõem sua presença ao olhar do outro. Excluídos do campo do reconhecimento social, são como invisíveis. Destituídos do reconhecimento social básico, desprovidos de um horizonte de transformação pessoal, e confrontados com o imaginário dominante, são facilmente apanhados pela sedução perversa da violência, organizada ou não (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 50-51).

É importante entender as particularidades de cada caso para não gerar uma generalização da violência. Entretanto, a relação entre os jovens e a violência estabelecida por Benilton Bezerra Júnior parece bem pertinente para pensar também na realidade capixaba. Sendo o número de homicídio entre os jovens marca característica dos bairros vulneráveis, vale pensar de que maneira está inserida essa faixa etária na sociedade capixaba, assim como questionar se os muros simbólicos apontados pelo autor também fazem parte da realidade dessa juventude.

Ainda visando esse complexo cenário, no qual, para além de segregações espaciais e econômicas há muros simbólicos onde a violência passa a ser ator principal, Michel Misse (2006) busca apontar os pontos nevrálgicos no que diz respeito aos desafios da segurança pública. O autor entende que, como primeiro movimento é necessário olhar para o sistema de administração da Justiça como um todo - envolvendo a polícia, o Ministério Público, o Judiciário e o Sistema Penitenciário. Contudo, o professor é crítico ao inferir que esse sistema não se

modernizou, na verdade o autor aponta que, pelo contrário, ele acabou perdendo a modernidade e/ou racionalidade que havia desenvolvido no início do primeiro período da redemocratização brasileira (MISSE, 2006, p. 24-25).

O segundo ponto que para Michel Misse é importante, seria compreender a complexidade da formação das cidades. O autor entende que houve o crescimento desordenado, sem infraestrutura e planejamentos, em especial no que diz respeito às periferias e favelas. O processo como um todo não possibilitou a formação de dispositivos mínimos que permitissem a sua integração dos diversos espaços urbanos como um todo (MISSE, 2006, p. 25). Essas formações históricas das cidades brasileiras que Michel Misse aponta são de fundamental importância para compreender os tipos de relações que são estruturalmente estabelecidas. Parte dessa discussão já foi realizada anteriormente ao dialogar sobre territórios e vulnerabilidade social. E, como visto, a cidade que não permite uma integração espacial e social de todos os habitantes acaba por cercear grupos, taxá-los com menor importância e não permitir o acesso à cidadania de uma forma integral. Tais configurações são visíveis nos dias de hoje, mas remontam ainda à formação das cidades e a estruturação dos indivíduos no espaço urbano como um todo. São (des)ordenamentos criados, recriados e mantidos ao longo de décadas.

Sendo assim, Michel Misse acredita que, para que alguém possa ser reconhecido como integrante da sociedade é preciso ter acesso aos meios materiais básicos de existência: é preciso ter acesso à escola, à saúde, enfim, a um conjunto de direitos civis, sociais, econômicos, humanos. “Por outro lado, como você poderá ter acesso a tudo isso se você não é reconhecido como membro desta sociedade? Quando você é morto, quem se interessará em apurar o crime, em punir seus responsáveis, se sou indiferente ao seu destino pessoal?” (MISSE, 2006, p. 27). Em síntese, o autor entende que, há a busca por tentar resolver problemas de uma modernidade incompleta, ao mesmo tempo em que é necessário enfrentar os novos problemas impostos pelo capital global. O autor infere que os problemas estão para além da segurança pública, são desafios na área da educação, na saúde pública, entre outros. Em síntese, Michel Misse sinaliza ainda que não se pode simplificar a problemática da violência assim como faz a mídia – que acaba por generalizar eventos isolados, fazendo a população crer que esses acontecimentos representam o conjunto da violência na cidade como um todo (MISSE, 2006, p. 30).

O apontamento de Misse sobre a mídia se faz relevante em especial no que tange este trabalho, pois, como objetivo final, se buscou compreender de que maneira a imprensa capixaba representa as áreas de vulnerabilidade social – espaços esses também marcados pela violência. Como será visto no capítulo de análise, o noticiário diário dos veículos basicamente se propõe a descrever os crimes na região, sendo poucas, as vezes em que há conteúdos com um caráter mais analítico, convidando especialistas em segurança pública, por exemplo.

Visualizar essa representação feita pelos veículos capixabas é entender a dinâmica da mídia ao representar a(s) violência(s), assim como esses processos são vistos na sociedade – já que o jornalismo nada mais é do que uma instância instaurada na mesma. Assim sendo, lançando luz a essa problemática chamada “violência”, Michel Misse (2006, p. 21) compreende a existência de um conceito difuso ao falar do problema. Para o autor tal fenômeno ocorre, pois, qualquer acontecimento pode ser categorizado nessa abstração. Misse entende que esse processo de categorizar diversas ações em um grande guarda-chuva chamado “violência” pode colaborar para a criação de um discurso histórico sobre um problema tão complexo. Para o professor, a existência desse “fantasma” social não é representado apenas na imprensa, ele retorna à sociedade, interage nela e produz reações. “A mídia não descreve apenas o que chama de violência, ela também participa da sua construção, é também um dos atores desse drama social” (MISSE, 2006, p. 26). Logo, quando se propõe visualizar como são representados os bairros vulneráveis, para além do conteúdo noticioso é necessário refletir sobre a responsabilidade social que permeia a função do jornalista. Sintetizar a violência na descrição dos fatos – ao até mesmo espetacularizá-los em busca de melhor receita – pode contribuir para que, ao invés da discussão sobre a violência haja uma naturalização do fenômeno, deixando de pensar sobre o fato em si e transformando-o em números (como os números de homicídios em bairros periféricos, por exemplo).

Muniz Sodré (2006) também corrobora com a ideia de que a violência permeia a tessitura social. O professor pondera, contudo, que a imprensa não consegue dar a devida dimensão à violência em suas narrativas. Para Sodré, a violência social abarca todos os planos sociais (econômico, político e psicológico), não há um plano que não seja estruturado pela mesma. Contudo, o autor sinaliza que, mesmo sendo a violência assim estruturada, as narrativas da mídia acabam por

sintetizá-la como simples ato, a violência nunca é analisada como estado de violência. Sumariamente, a violência que se aprende pelos jornais é a violência visível, aquela que pode ser encenada ou dramatizada (SODRÉ, 2006, p. 37).

Na televisão e na mídia, ou seja, nas narrativas alimentadas pelo entretenimento, e pela mídia, se encena e se neutraliza o mal-estar do medo, por isso a mídia tem tanta atração pela narrativa da violência. Mas essa resolução é imaginária, a verdadeira resolução da violência, do problema da violência e da crueldade ou é política ou não haverá solução (SODRÉ, 2006, p. 41).

Muniz Sodré sinaliza para outro ponto que também é relacionado ao uso discursivo do termo “violência” nas coberturas noticiosas. Para o autor, tal ação é sempre cuidadosa, principalmente no que se refere a atos de coerção que são socialmente legitimados.

Por exemplo: ‘A guarda Municipal empregou a força para retirar os ambulantes da rua’. O jornal nunca diz ‘violência’. A violência é sempre a reação do camêlo. ‘O Exército empregou a força; a polícia empregou a força’. Assim, fica certa indecisão, em termos sociológicos, sobre força e violência (SODRÉ, 2006, p. 37, grifos do autor).

A demarcação feita pelo autor a respeito do uso de “violência” nos jornais leva a pensar também sobre o “poder” de fala dos diversos atores nas escalas produtivas, assim como no relacionamento existente entre jornalismo e fontes/empresa e fontes. Pensar na polícia ou nas Secretarias de Segurança Pública como fontes máximas para compreender uma problemática que vai além dessas duas instâncias talvez seja importante. Assim como também precisa ser avaliado o espaço que se destina às fontes oficiais *versus* ao destinado aos que estão em contato direto com os crimes, como os moradores, por exemplo.

Em relação a esses diferentes grupos evidenciados nos jornais, a jornalista e mestre em Comunicação Suzana Varjão realizou um estudo nos cadernos de polícia dos principais impressos da Bahia e chegou a algumas conclusões. Para a autora, o que expõe a dimensão simbólica instituída e instituinte das narrativas midiáticas em relação ao fato social é constatar que, em relação aos mais pobres - os que mais sofrem violências - o tratamento jornalístico é mais descuidado do que o praticado contra os mais favorecidos (VARJÃO, 2008, p. 101).

De modo análogo, pode-se dizer que as narrativas midiáticas cotidianas, ao posicionarem as “vítimas preferenciais” das violências num espaço de pouca valoração em relação às suas



vidas, constroem, imaginária, cultural e socialmente, o sentido de pertencimento a este lugar, naturalizando a clivagem entre os que devem viver e os que podem morrer (VARJÃO, 2008, p. 112).

Para Varjão, outro ponto de destaque é que o fenômeno violência vem sendo tratado apenas dentro do âmbito da segurança pública, esquece-se que a saúde pública é também parte desse conglomerado. Assim sendo, dentro do bojo da esfera pública, acaba por ser considerada apenas a esfera policial ignorando as outras instâncias sociais. Dessa maneira, ao focar apenas na esfera policial são visto apenas o aspecto repressivo-punitivo, em detrimento do preventivo. Por fim, dentro do aspecto repressivo-punitivo, só está sendo apreciada a perspectiva executiva, negligenciando-se a legislativa e a judiciária (VARJÃO, 2008, p. 137).

É nesse cenário que Suzana Varjão considera importante compreender que a hierarquia noticiosa acaba por criar uma ponte entre a ação policial e o discurso midiático. Para a autora, o resultado de tal ação gera uma semelhança entre uma política de extermínio de pessoas com características socioeconômicas e étnico-raciais bem definidas e o noticiário sobre ocorrências violentas. “Noticiário este que acaba por legitimar tais políticas” (VARJÃO, 2008, p. 198).

É possível compreender que, mesmo que as características discursivas e configurações evidenciadas acima digam respeito à imprensa baiana, o jornalismo como um todo detém um *modus operandi* próprio. Seguem-se modelos e regras para a produção de conteúdo noticioso e, mesmo que cada veículo regional apresente traços específicos, as formas como um jornal opta por representar a realidade corresponde também a uma esfera maior, que engloba o jornalismo como um todo, como um campo de conhecimento.

Embora não seja objetivo desse trabalho ingressar nas veredas da sistematização do sensacionalismo e como o mesmo se configura no jornalismo brasileiro, ao gerar a relação imprensa e violência é necessário ao menos citá-lo. Nesse sentido, ao visualizar que o jornalismo pode utilizar a violência como ponto de partida para gerar conteúdos que inflam sensações, é necessário visualizar também a produção de conteúdos noticiosos que representam o grotesco.

Nessa perspectiva, as doutoras em comunicação e professoras da Universidade de Goiás, Ana Carolina Temer e Simone Tuzzo propõem compreender as representações do belo e do grotesco das cidades no telejornalismo brasileiro. As

autoras começam acentuando que, com intenção de manter a urbe organizada, cabe à imprensa denunciar tudo o que foge à ordem urbana idealizada. Entretanto, para que esse serviço noticioso se mantenha existindo ele deve ser oferecido como produto atraente e necessário, fundamental para a manutenção da democracia. As autoras ressaltam que, esse modelo precisa transformar a mercadoria em algo sedutor, e isso dá não apenas em função do conteúdo, mas também em função de apelos estéticos, emocionais e sensacionais (TEMER; TUZZO, 2016, p. 21). As autoras entendem que, por ser um rompimento da previsibilidade, a notícia carrega alto potencial para o grotesco: “os acidentes com os corpos destroçados, os atos terroristas e os danos que trazem consigo são, de muitas formas, manifestações grotescas de um tipo de barbárie que afeta a *civilização*” (TEMER; TUZZO, 2016, p. 21). Para as autoras, tal realidade é ainda mais visível no telejornalismo popular sensacionalista que, com uma propensão ao bizarro e ao vulgar, impõe representações grotescas a partir de duas frentes:

[...] como estratégia para chamar a atenção, uma vez que surpreende os sentidos; mas também como caminho para conquistar um conjunto de receptores que, por vários motivos, se sentem à parte do modelo estético dominante (TEMER; TUZZO, 2016, p. 21, grifo das autoras).

Ao entender a exibição do grotesco nos meios de comunicação Temer e Tuzzo reforçam que tal movimento não acontece por acaso, é, na verdade, uma resposta direta da presença do grotesco na sociedade e nas cidades. Temer e Tuzzo visualizam que, o que se enxerga de grotesco na televisão é espetacularizado, mas não é criado. Ele é, na realidade, fruto de uma sociedade grotesca, que, diariamente, se habitua a cenas de sofrimento, de exageros de dor, caos, insegurança, medo e morte. Na percepção das autoras, muito mais do que evidenciar acontecimentos esses tipos de representações reforçam preconceitos e diferenciam indivíduos (TEMER; TUZZO, 2016, p. 23).

Tem-se assim que o grotesco se insere não apenas como estética ou recurso para uma aproximação estratégica do telejornalismo com o gosto popular e tática para conquista de um público antes pouco valorizado, trata-se de uma percepção política da cidade, ou uma forma de reforçar suas diferenças internas, repetindo preconceitos que corroboram uma visão de exclusão social na qual, mais do que informar, o telejornalismo reforça um mapeamento urbano fundamentado em uma negatividade estética, que apoiando-se em elementos do grotesco, insere espaços e grupos sociais como indignos ou

insuficientes, em um espectro que coloca em questão o próprio direito à cidadania (TEMER; TUZZO, 2016, p. 24).

Faz-se importante discutir sobre as mais variadas representações da violência, pois, assim como a problemática em si – que tem tamanha complexidade – o jornalismo também não utilizará apenas um formato para suas narrativas. Assim sendo, se buscou o questionar ao longo do capítulo de análise que tipos de violências são representados por *A Gazeta* e *A Tribuna*, assim como que ferramentas são utilizadas para tais representações. O jornal impresso, quando comparado à televisão, possui muito mais restrições no que se refere às possibilidades narrativas, entretanto, títulos, linhas finas e/ou fotografias dos impressos podem ser indícios de como o jornal pretende representar dada realidade. Esses questionamentos foram melhor discutidos no capítulo seguinte.

### **3. Cidades, Polícia e Cultura: os bairros de vulnerabilidade social nos cadernos de *A Gazeta* e *A Tribuna***

#### **3.1 Os impressos capixabas *A Gazeta* e *A Tribuna***

Após realizar um percurso teórico mapeando a historicidade da imprensa (envolvendo também as discussões sobre a função social do jornalista e o jornalismo como modo de produção) e a formações de territórios e territorialidades (que culminam nas reflexões sobre violência), a terceira e última etapa desse trabalho se dedica à análise empírica das informações obtidas pelo mapeamento dos jornais impressos capixabas. Entretanto, antes de chegar a tais informações é necessário ressaltar também a história de formação dos veículos aqui analisados.

#### **Jornal *A Tribuna***

O site da Rede Tribuna, ao apresentar o histórico do jornal impresso resalta que, ao ser fundado, em 22 de setembro de 1938, o periódico inaugurava um novo estilo de fazer jornal no Espírito Santo: “Manchetes em corpo enorme nas capas e nas páginas centrais, muitas ilustrações, farta cobertura esportiva, linguagem forte, publicações de muita informação de utilidade pública, um autêntico jornal popular”<sup>8</sup>. É dessa maneira, portanto, que há 80 anos o veículo busca se manter em circulação.

Ao dialogarem sobre a trajetória dos meios de comunicação capixabas, Amanda Tito, João Cláudio de Santana e João Tarcísio narram a história de *A*

---

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: <<https://tribunaonline.com.br/p/jornal-a-tribuna-institucional>>.

*Tribuna* salientando que, fundado pelo jornalista (vindo de São Paulo) Reis Vidal em 1938, o jornal inicialmente se manifestava com ideias considerados fascistas. Os autores que reforçam que, devido a tal posicionamento o veículo enfrentou problemas ao longo da Segunda Guerra.

Já ingressando nos anos de 1950, o veículo foi adquirido por um grupo ligado ao Partido Social Progressista (PSP). Dessa vez, aqueles que estavam à frente de *A Tribuna* tentaram produzir um jornal diário que falasse somente sobre o Espírito Santo, veículo esse que, mais tarde, iria concorrer com o rival, *A Gazeta* (TITO; SANTANA; TARCÍSIO, 2008, p. 41).

Devido à ligação ao PSP, em um primeiro momento, o jornal compunha parte da base governista. Mais tarde o veículo passou a fazer oposição a Santos Neves, retirando, dessa forma, seu apoio. Na busca por inovar, *A Tribuna* passou a chamar a atenção para os problemas locais, formulando uma série de reportagens que relatavam as deficiências dos bairros da capital (SILVA et al., 2008, p. 145). Nota-se, portanto, que, nem os problemas (como a violência) são atuais, nem as pautas dos dias de hoje são sobre assuntos inéditos, repete-se o ciclo. E, mesmo que não venha ao caso analisar tais conteúdos é pertinente questionar se, quase meio século depois, os jornais continuam a estruturar as representações sobre esses espaços da mesma maneira.

Em 1968, o grupo que detinha o controle do jornal, devido a problemas financeiros, precisou se desvincular do diário. Foi neste momento que o grupo João Santos – fundado pelo empresário pernambucano João Santos que atuava além da comunicação nos ramos de papel, celulose, cimento (Nassau), sucroalcooleiro e transportes - assumiu a direção de *A Tribuna*, coordenação essa que perdura até os dias atuais (TITO; SANTANA; TARCÍSIO, 2008, p. 41).

Com aspirações políticas, João Santos Filho planejava, a longo prazo, formar uma rede completa de comunicação. Uma vez estabelecido o controle do jornal, os próximos passos seriam expandir os investimentos. Assim sendo, anos mais tarde surgiram a rádio e a *TV Tribuna* (VIANNA; TETE; NUNES, 2005, p. 82).

O jornal *A Tribuna* passou por suas maiores transformações a partir de 1987, depois de uma greve ocorrida na redação. Dentre as mudanças que merecem destaque estão a troca do formato standard para o tabloide, a redação foi informatizada – as máquinas de escrever foram trocadas por terminais de computadores -, assim como passou a ser utilizada uma linguagem mais simples,

buscando, cada vez mais, se aproximar do seu público leitor. No começo nem todas as transformações foram bem aceitas, porém, com o passar do tempo, o jornal conquistou aprovação popular (TITO; SANTANA; TARCÍSIO, 2008, p. 41).

As mudanças prosseguiram ao longo da década de 1990, acarretando na transformação no projeto gráfico. O editorial cada vez mais voltava-se a atingir a classe popular, para isso o jornal lançava mão de uma linguagem simples, além de conteúdos voltados à prestação de serviços. É em 1995 que *A Tribuna* circula, pela primeira vez em sua história, com páginas coloridas (VIANNA; TETE; NUNES, 2005, p. 87). Diante do caráter histórico de *A Tribuna* de reforçar os conteúdos sobre as comunidades, assim como se esforçar para uma linguagem para simples para o público, cabe o questionamento de se essa visão ainda se mantém nos dias atuais e, se, comparado com *A Gazeta*, o jornal disponibilizará um maior número de conteúdos sobre as áreas de vulnerabilidade social.

De acordo com os dados de 2015 da Associação Nacional de Jornais<sup>9</sup>, *A Tribuna* ocupa o 18º lugar no ranking dos maiores jornais do Brasil de circulação paga. Os números apontam para uma média de circulação de 40.548 exemplares do impresso.

### **Jornal A Gazeta**

O jornal *A Gazeta* é o veículo impresso mais antigo em atividade no Espírito Santo. Sua fundação data de 11 de setembro de 1928, e, antes que visasse noticiar o dia a dia da Grande Vitória o jornal surgiu com outra prioridade: a venda de lotes. Quem estava à frente da empreitada eram o então empresário Ostílio Ximenez – dono da Imobiliária Cambury – e o professor, advogado, político e jornalista Adolpho Luis Thiers Vellozo. Na época, Ximenez possuía um loteamento em Camburi e desejava vendê-lo por meio de anúncios em jornal. Com o passar do tempo o resultado para a venda dos terrenos não foi muito satisfatório, porém, no fim, decidiram manter *A Gazeta* como uma opção de negócio (BOURGUIGNON; REZENDE; ARRUDA, 2005, p. 53).

Assim como outros jornais da época (*A Tribuna*, *O Diário e Posição*, por exemplo), *A Gazeta* também serviu para fins políticos. No final da década de 1940, o

---

<sup>9</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>.

veículo foi adquirido pelo grupo político do ex-governador e ex-senador do Espírito Santo, Carlos Lindenberg (BOURGUIGNON; REZENDE; ARRUDA, 2005, p. 51). Após tal acontecimento, o impresso passou a ser porta-voz do Partido Social Democrático (PSD), que, em 1964 se aliaria à Aliança Renovadora Nacional, a Arena (MALANQUINI et al., 2008, p. 179).

O veículo passou por transformações no modelo de negócio ainda na década de 1960. Em 1969, ocupando uma nova sede no centro da capital, adquiriu porte empresarial, pois, com equipamentos como o telex, por exemplo, passou a ter contato com notícias tanto de âmbito nacional quanto internacional. Dessa forma, entre 1972 e 1975 houve também uma reformulação jornalística, organizada por Marien Calixte, editor-chefe na ocasião, e por jornalistas vindos de participação em estágio no *Jornal do Brasil*. (MALANQUINI et al., 2008, p. 180)

Naquele momento, todas as transformações que ocorreram em *A Gazeta* espelhavam o modelo seguido pelo *Jornal do Brasil*. Foi ele a matriz do modelo editorial e gráfico empregado no jornal capixaba. Ao fim do processo, *A Gazeta* recebeu porte de um jornal moderno para os padrões da época. (BOURGUIGNON; REZENDE; ARRUDA, 2005, p. 60)

Malanquini et al. (2008, p. 180) apontam que, naquele momento as principais transformações gráficas e editoriais foram: a separação das matérias por editoriais, a criação de colunas de opinião, a renovação do logotipo de *A Gazeta*, a aplicação de um novo modelo de diagramação e paginação, a inserção de tirinhas, charges, editorial, entre outros.

Ao descrever o jornal, Bourguignon, Rezende e Arruda (2005, p. 61) ressaltam que os textos de *A Gazeta* seguiam um modelo mais clássico. Para as autoras, de maneira geral, as produções no veículo acompanhavam uma construção padrão de narrativa, seguindo o *lide*. As autoras apontam também para o avanço tecnológico do jornal no fim da década de 1980. A partir de tal período, *A Gazeta* passou a contar com um avançado sistema de fotocomposição. Tal mudança levava à recepção, codificação e o processamento a serem processos inteiramente computadorizados.

Assim como a concorrente, *A Tribuna*, foi também no fim dos anos de 1990 que *A Gazeta* desenvolveu um novo parque gráfico, construído, por sua vez, para acomodar uma das mais modernas impressoras do mercado, a *Newsliner*. Com capacidade de produção 3,5 maior que a antiga máquina, a impressora pode rodar

até 70 mil exemplares por hora de cadernos de até 32 páginas (BOURGUIGNON; REZENDE; ARRUDA, 2005, p. 63).

O jornal *A Gazeta* também faz parte de um grupo de comunicação que detém, além do impresso, rádios e canais de televisão próprios. Porém, ao contrário de *A Tribuna* - que também faz parte de um grupo de comunicação -, o jornal *A Gazeta* divide espaços nas bancas ainda com um segundo veículo impresso da Rede Gazeta: o *Notícia Agora*. Lançado em 2000<sup>10</sup>, e ao contrário de *A Gazeta*, se volta para um público mais popular, se propondo a ser um jornal de leitura rápida.

Ainda em 2015, de acordo com o levantamento da Associação Nacional de Jornais<sup>11</sup>, *A Gazeta* ocupava o 40º lugar dos maiores jornais do Brasil de circulação paga. Os dados, na ocasião, apontavam para uma média de circulação de 19.084 exemplares do impresso.

### **3.2. 1 Da coleta à análise das informações**

Como pontuado nos capítulos anteriores, como objetivo geral de pesquisa, se tem a pretensão de entender como os jornais capixabas *A Gazeta* e *A Tribuna* representam os bairros de vulnerabilidade social da Região Metropolitana, Grande Vitória. Foram apontados como objetivos específicos: Verificar quais são as principais temáticas que levam os bairros a serem evidenciados pelos jornais; Analisar quais são as fontes autorizadas a falar sobre os bairros nos veículos; Investigar possíveis semelhanças e diferenças entre os veículos na formatação dos conteúdos sobre os bairros vulneráveis; Detectar quais as principais diferenças entre as editorias de Cultura e de Polícia ao narrar sobre as áreas de vulnerabilidade.

Na busca por alcançar as metas estabelecidas anteriormente, parte-se da proposição de que a imprensa capixaba apresenta, majoritariamente, um discurso oficial – vindo de fontes governamentais como a Polícia, por exemplo - sobre os bairros de vulnerabilidade social, sem dar voz, de fato, aos que residem nessas localidades.

É de fundamental importância recuperar tais apontamentos para que seja possível confrontá-las com as informações obtidas e fazer as observações que são

---

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.redegazeta.com.br/a-empresa/historia/>>.

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>.



pertinentes no que diz respeito à relação dos jornais impressos capixaba com os bairros de vulnerabilidade social.

Ainda no começo da pesquisa, o primeiro passo foi a escolha dos impressos a serem utilizados, já a segunda, a definição do recorte temporal. Optou-se pelo ano de 2016, pois, dos períodos recentes, é um ano em que não se registra nenhuma anomalia metodológica que poderia comprometer os dados - como a greve da Polícia Militar, em fevereiro de 2017, por exemplo.

O material recolhido para análise nessa pesquisa foi obtido graças à parceria do Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, com o Observatório Saúde na Mídia – Regional Espírito Santo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo e à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Para fazer o recolhimento do material foi utilizado um mecanismo básico de busca do programa *Adobe Reader*. Com o acervo catalogado em pastas, em seus respectivos anos, foi feita a seleção utilizando o comando “*control+f*”. Para que fosse possível selecionar apenas os conteúdos noticiosos que diziam respeito às 18 localidades aqui analisadas – Bairro das Laranjeiras, Barramares, Boa Vista I e II, Castelo Branco, Central Carapina, Feu Rosa, Flexal II, Jardim Carapina, Nova Esperança, Nova Palestina, Nova Rosa da Penha, Novo Horizonte, Planalto Serrano, Santa Rita, São Torquato, Ulisses Guimarães e Vila Nova de Colares - foram utilizadas palavras-chaves que correspondem ao próprio nome dos bairros (como “Feu Rosa” e “Novo Horizonte”, por exemplo).

À medida que apareciam resultados sobre os bairros nas coberturas noticiosas as páginas dos jornais eram catalogadas. Na busca por uma maior amplitude de análise e, ao mesmo tempo, recortando uma realidade hábil para análise no tempo do mestrado, optou-se por considerar as editorias de Cidades, Cultura e Polícia. Na perspectiva de compreender como os jornais representam os bairros vulneráveis, focaram-se unicamente nos conteúdos informativos (sendo eles notas, notícias e/ou reportagens), aqueles que eram inseridos dentro de conteúdos opinativos (como colunas de opinião) foram descartados.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> No jornalismo informativo são encontradas as notícias, as crônicas, as notas, trabalhos de investigação, reportagens, chamadas de 1º página e fotografias. O formato opinião pode ser definido como editoriais, comentários, fotografias e cartas de leitores, enquanto o formato entretenimento os

A seleção nas categorias facilitou a organização dos materiais e a visualização do que seria analisado. Wilson da Corrêa Fonseca Júnior (2005), doutor em comunicação relata que “a categorização consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 298).

Assim sendo, para melhor entendimento, todo o material foi categorizado nas três editorias: Cidades, Polícia e Cultura. Posteriormente foi necessária a compreensão do que são e como são formados esses cadernos. O ex-diretor da Escola de Comunicação e Artes da USP e primeiro doutor em jornalismo titulado por uma universidade brasileira, José Marques de Melo, em entrevista no ano de 2007, definia o jornalismo policial como: “é aquele segmento jornalístico que focaliza o desempenho das instituições responsáveis pela administração das infrações legais dos cidadãos. Trata-se, em verdade, de uma editoria ou seção de jornais, radiojornais ou telejornais”. Em *A Tribuna* e em *A Gazeta*, esta seção recebe, respectivamente, o nome Polícia e Segurança.

A respeito do caderno de Cultura (ou Segundo Caderno) – que em *A Gazeta* recebe o nome de Caderno 2 (C2) e *A Tribuna* AT2 – o doutor em Comunicação e professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Sérgio Luiz Gadini (2006), salienta que:

Assim, ao mesmo tempo em que mantêm (reforçam ou tensionam, dependendo também dos modos como isso se apresenta) a relação televisiva que boa parte dos leitores possuem, os cadernos culturais operam numa lógica marcada por um “mix” de informação, serviço, guia e roteiro, onde aquilo que acontece nos outros principais espaços de produção simbólica também não pode(ria) ser ignorado (GADINI, 2006, p. 238).

O caderno Cidades pode apresentar nomenclaturas diferentes de acordo com os veículos: Gerais, Cotidiano ou simplesmente Cidade (no singular). Nesta seção, os jornalistas abordam temáticas de interesse local e acontecimentos do cotidiano. As notícias narram assuntos ligados à saúde, à educação, ao trânsito, à infraestrutura ou se atêm a divulgar informações de utilidade pública, como calendários de vacinações, horário de funcionamento de órgãos etc. Tanto em *A*

*Gazeta*, quanto em *A Tribuna*, esta editoria recebe a nomenclatura mais usual entre os veículos: “Cidades”.

Todo o processo aqui realizado é discutido pela professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Heloiza Hercovitz, que propõe refletir sobre a adoção da Análise de Conteúdo no jornalismo. Para a autora tal método possibilita examinar e recolher conteúdos como símbolos e textos na mídia emoldurando-os em grupos. Hercovitz acrescenta ainda que, melhor será o resultado se o pesquisador se dedicar a realizar uma análise quantitativa e qualitativa (HERCOVITZ, 2010, p. 126).

Além disso, esse tipo de metodologia tem, para Herscovitz, a seguinte função:

Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERCOVITZ, 2010, p. 123)

Em especial neste trabalho, a Análise de Conteúdo foi importante sob dois prismas. O primeiro é que, facilitou a organização do material e levou a uma compreensão mais rápida do conteúdo dos enunciados. O segundo surgiu como consequência: para comparar os materiais encontrados nos dois jornais, explorando as regularidades ou assimetrias constatadas.

Para a professora de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade de Paris V Laurence Bardin, quando se propõe a utilização de tal metodologia tem-se como intenção: “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 2011, p. 44)”.

Bardin compara o analista a um arqueólogo, no sentido de ser aquele que vasculha por vestígios, busca dados e faz inferências sobre seus achados na tentativa de obter respostas. Para a autora, visualizar e tratar o material encontrado é codificá-lo. Assim sendo, a codificação será entendida como uma transformação (efetuada segundo regras precisas) dos dados brutos do texto. Transformação esta capaz de esclarecer o analista a respeito das características do próprio texto (BARDIN, 2011, p. 133).

Acima, Hercovitz (2010) pontua que, quanto mais o pesquisador se dirige a uma análise, ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa, melhor será o resultado obtido. Nessa perspectiva, Bardin (2011) marca as principais diferenças que formulam as duas abordagens. Para a professora francesa, a análise quantitativa será fundada na frequência. Já uma abordagem não quantitativa irá recorrer a indicadores não frequenciais. Este modelo, por sua vez, é mais suscetível de permitir inferências, “por exemplo, a presença (ou a ausência) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição” (BARDIN, 2011, p. 144).

Além de análises qualitativas e quantitativas se propoz também nesta pesquisa realizar o comparativo entre os materiais encontrados nos dois jornais. Tal mapeamento é importante, pois, mesmo que já tenha sido realizado um percurso teórico que pontua que os jornalistas compartilham de uma origem semelhante (classe média) e as empresas possuam dinâmicas e valores similares, convém buscar mapear as particularidades da imprensa no Espírito Santo, assim como as características dos jornais capixabas.

Ao fim de todo o processo aqui descrito, foi possível contabilizar algumas informações, entre eles as ocorrências sobre cada um dos bairros vulneráveis nos jornais. Antes, porém, de ingressar nos números específicos sobre cada localidade, será possível ter uma visão geral das informações obtidas nos dois veículos, assim como ilustram os gráficos abaixo:

### Ocorrências de conteúdos sobre os bairros de vulnerabilidade social em A Tribuna em 2016

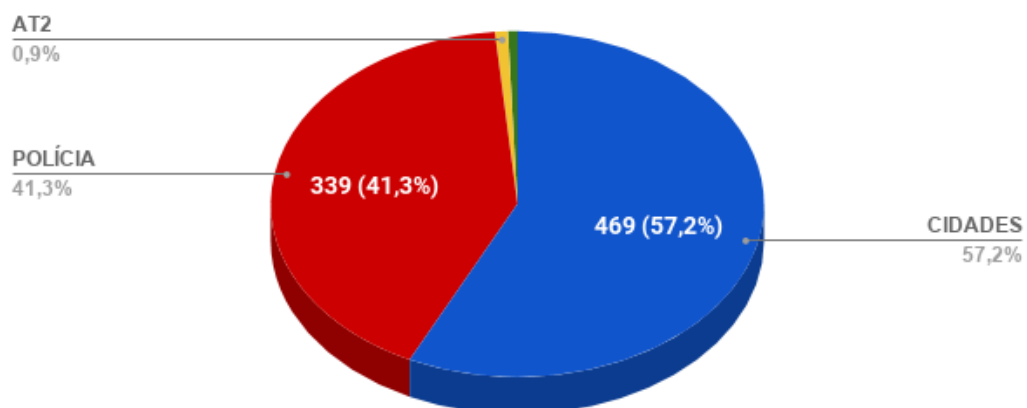


Gráfico 1: Dados das editorias de *A Tribuna*

Ao longo de todo o ano de 2016 foram registradas 821 ocorrências sobre os bairros de vulnerabilidade social da Grande Vitória no jornal *A Tribuna*. Todos esses acontecimentos foram registrados pelo veículo na seguinte proporção: 469 (57,1%) ocorrências em Cidades; 339 (41,3%) ocorrências em Polícia; sete (0,9%) ocorrências em AT2 e cinco (0,6%) ocorrências como capas do jornal.

### Ocorrências sobre os bairros de vulnerabilidade social em A Gazeta durante 2016

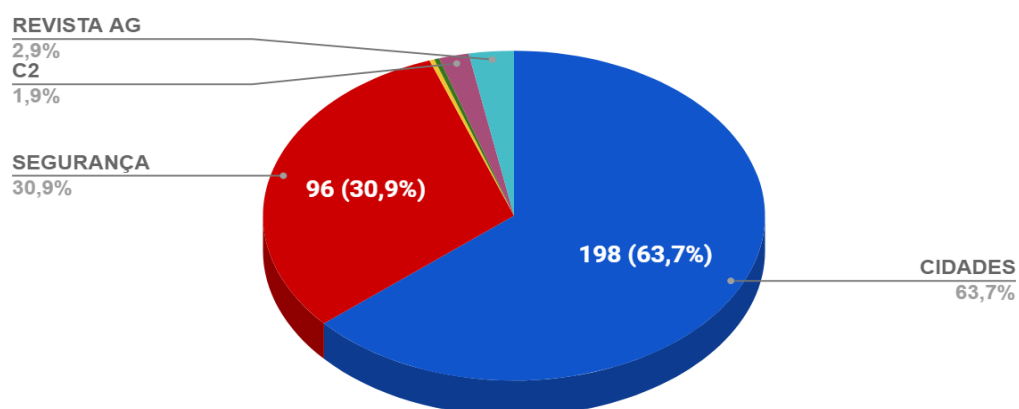


Gráfico 2: Dados das editorias de *A Gazeta*

Proporcionalmente a *A Tribuna*, *A Gazeta* registrou menos do que a metade de ocorrências sobre os bairros vulneráveis, totalizando 311 ao longo de 2016. Este número é dividido nas seguintes editorias: 198 (63,7%) ocorrências em Cidades; 96 (30,9%) ocorrências em Segurança; nove (2,9%) ocorrências na Revista AG; seis (1,9%) no C2; uma (0,3%) ocorrência em Vida e Família e uma (0,3%) ocorrência em Vida e Ciência.

Antes da coleta de dados se partia do pressuposto que seriam encontrados mais materiais em Polícia/Segurança do que nas outras duas editorias. Tal suposição se dava, pois, muitos desses bairros vulneráveis povoam o imaginário social como locais violentos, levando dessa forma a acreditar que seriam assim também representados pelos veículos. Contudo, como é possível constatar, a editoria em que mais noticiou sobre essas localidades foi Cidades.

Em números absolutos, de fato, Cidades recebe o maior número de ocorrências, entretanto, quando se analisa de que maneira esses bairros são citados na editoria, a maior parte diz respeito a menções em um contexto regional, às vezes até mesmo estadual. O ano de 2016 foi marcado por acontecimentos na área da saúde – como o surto de Zika e do H1N1 – que levaram a imprensa capixaba a divulgar mais conteúdos sobre essas temáticas do que iria normalmente, logo, muitas das matérias que foram produzidas tinham um caráter regional, apenas citando bairros e não narrando sobre acontecimentos diretamente relacionados a eles. O ano de 2016 foi marcado também por forte seca no Espírito Santo que ocasionou um racionamento de água na Região Metropolitana. Tal fato também contribuiu para grande ocorrência sobre os bairros em Cidades – muitas delas eram apenas citações de quando aquele município (e conseqüentemente bairros aqui analisados) passaria por racionamento.

Quando se analisa para além desse número absoluto, e contabilizam quantas vezes os bairros aparecem como protagonistas do conteúdo noticioso há uma queda. Como visto, *A Tribuna* registrou 821 ocorrências ao todo no ano de 2016, porém, 335 dessas ocorrências representam o bairro como protagonista. Já em *A Gazeta*, o número absoluto é de 311 ocorrências, sendo que, ao visualizar em quais delas o bairro é protagonista o número cai para 115 ocorrências. Em muitos casos, todas as ocorrências em que o bairro é apresentado como protagonista são catalogadas em Polícia/Segurança. Será possível ilustrar tal afirmação com a descrição e análise bairro a bairro realizada abaixo.

### 3. 1. 2 Bairro das Laranjeiras

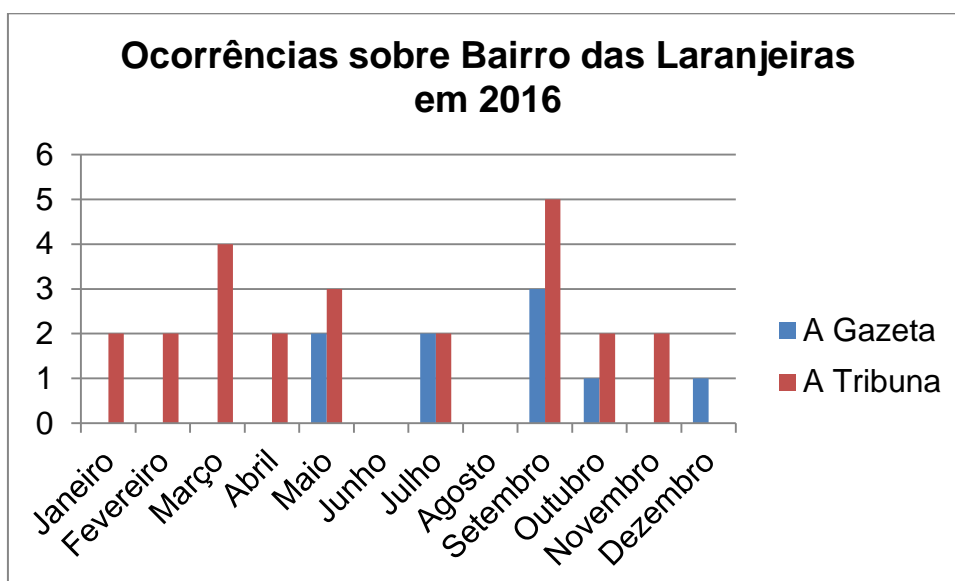


Gráfico 3: Dados sobre Bairro das Laranjeiras em 2016

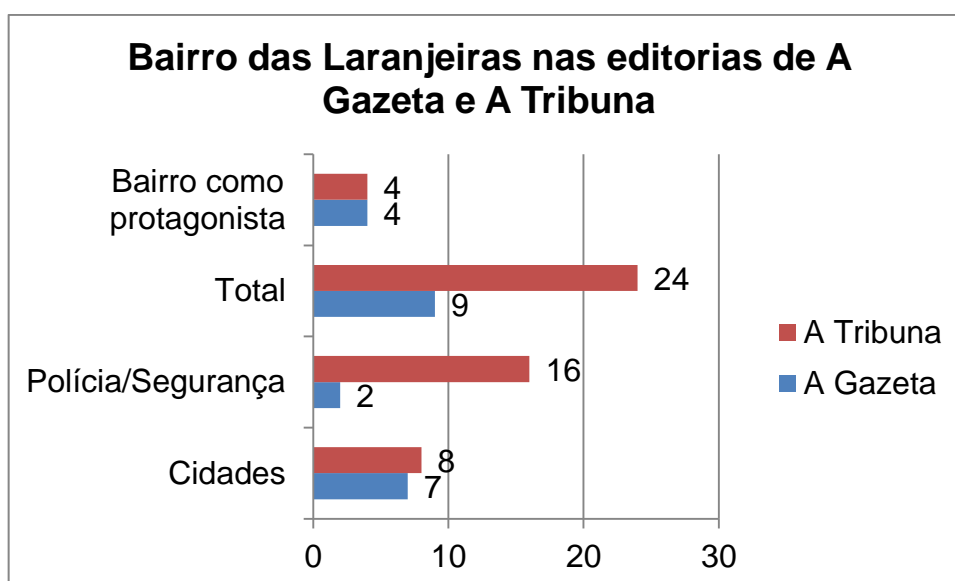


Gráfico 4: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

O Bairro das Laranjeiras, na Serra, foi uma das localidades que menos registrou ocorrências ao longo do ano de 2016 nos dois jornais. As ocorrências divulgadas por *A Gazeta* sobre o Bairro das Laranjeiras durante 2016 foram divididas entre os 12 meses na seguinte ordem: duas em maio, duas em julho, três em setembro, uma em outubro e uma em dezembro. Já em *A Tribuna* os conteúdos foram publicados com a seguinte frequência: dois em janeiro, dois em fevereiro,

quatro em março, dois em abril, três em maio, dois em julho, cinco em setembro, dois em outubro e dois em novembro.

É possível visualizar no primeiro gráfico acima picos de conteúdos no mês de setembro, entretanto, não se tratam de informações diretamente relacionadas ao bairro, e sim somente citações sobre o rodízio de água realizado na época (2016) na Grande Vitória (apêndice A, p. 194).

As nove ocorrências sobre o Bairro das Laranjeiras em *A Gazeta* foram divididas pelo jornal sendo sete delas em Cidades e duas em Segurança. De todas as nove, apenas quatro vezes o bairro aparece como protagonista no conteúdo (e não como uma citação no contexto metropolitano). Das quatro vezes em que é protagonista uma é em Segurança. É possível visualizar, entretanto, que nas duas vezes em que o bairro aparece como protagonista em Cidades trata-se, na realidade, também de conteúdos sobre a violência, como na edição de 07 de maio “Pedreiros são assaltados em obras” (*A GAZETA*, 2016, p. 12) e 31 de maio “Jovem é assassinada e causa pode ter sido vingança” (*A GAZETA*, 2016, p. 14).

O único conteúdo noticioso relacionado ao bairro que o apresenta como protagonista e não é voltado à segurança é uma notícia de ½ página na edição de 15 de dezembro veiculada por *A Gazeta* denominada “Escola cria moeda e dá prêmios a alunos por bom comportamento” (*A GAZETA*, 2016, p. 7).

Em relação à cobertura de *A Tribuna*, junto com Castelo Branco e Santa Rita, Bairro das Laranjeiras faz parte dos bairros em que foram registradas mais ocorrências em Polícia do que em Cidades em 2016.

Comparando *A Gazeta* e *A Tribuna*, o último detém uma diferença considerável no registro de ocorrências – há muito mais registradas em *A Tribuna* que em *A Gazeta* - entretanto, a maior parte do conteúdo publicado no jornal sobre o bairro são também citações no contexto metropolitano. Quando a localidade aparece como protagonista é, quase sempre, em conteúdos policiais. Das 24 ocorrências registradas em *A Tribuna* 13 delas o bairro ocupou espaço principal no conteúdo, estando as 13 na editoria de Polícia.

Dentro das publicações de polícia algumas retratam as dinâmicas da violência no bairro, nesse sentido, podem ser citadas a nota divulgada em 14 de novembro “Adolescentes disputam posições dentro das gangues”, assim como uma reportagem especial denominada “Guerra por poder supera 240 mortos”. Dentro deste conteúdo há o depoimento de um cabo da PM que relata que em 2016



apreendeu um adolescente de 16 anos que chefiava uma quadrilha no bairro (A *TRIBUNA*, 2016, p. 3).

Ainda no começo do trabalho, os bairros vulneráveis foram apresentados e, entre tantas características que os levam a ser assim considerados, o abandono escolar - dos 73.538 jovens (10 a 24 anos) nos bairros contemplados pelo Ocupação Social, cerca de 16.000 estão fora da escola (RELATÓRIO JOVENS FORA DA ESCOLA, 2017 p. 14) - e o alto índice de violência entre a juventude eram as mais presentes. Conteúdos como o citado acima acabam por refletir parte dos conflitos presentes no bairro envolvendo a juventude e a violência. Sabe-se que tal cenário aponta para um complexo panorama social, não podendo ser sintetizado em uma nota, entretanto, são elas também que fazem marcações sobre essas dadas realidades.

### 3. 1. 3 Barramares

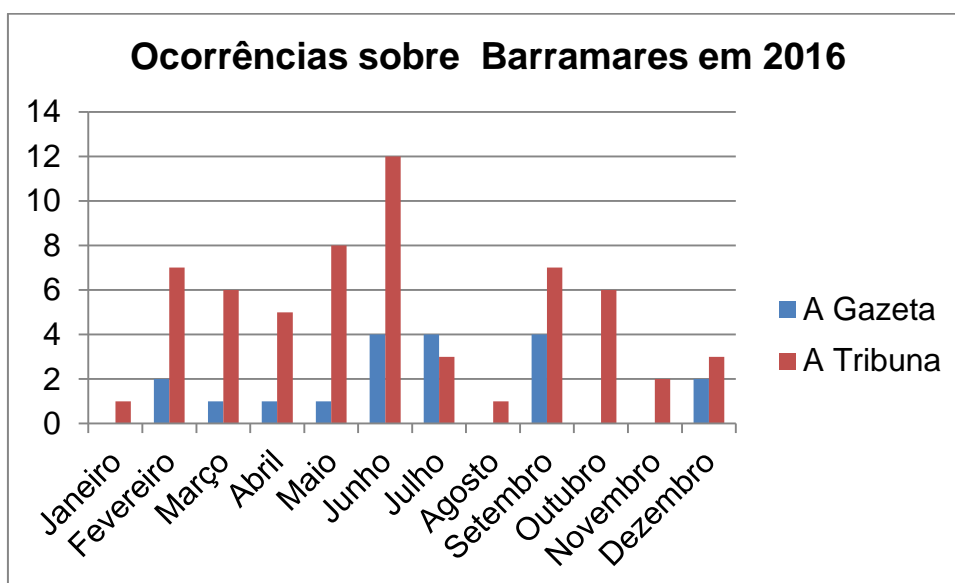


Gráfico 5: Dados sobre Barramares em 2016

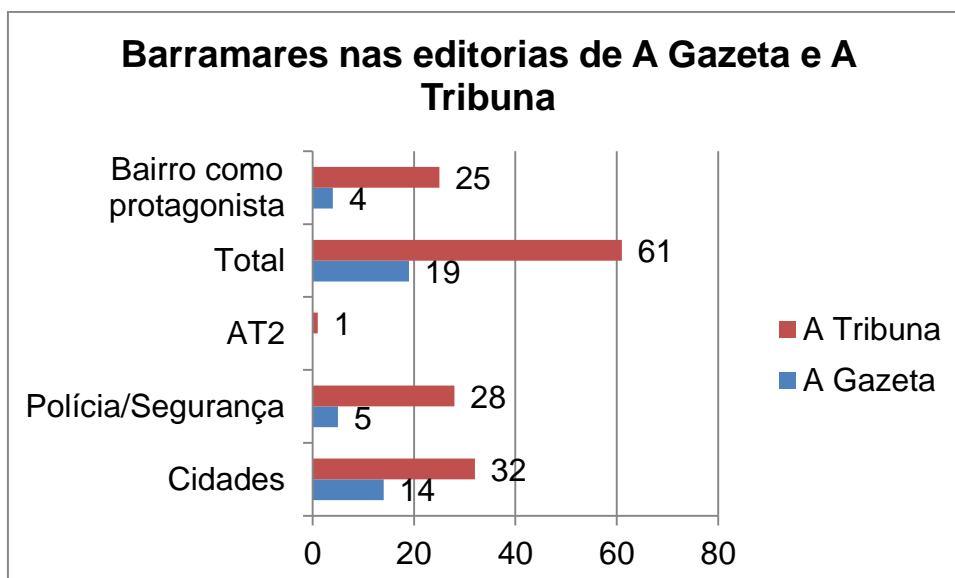


Gráfico 6: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

Tanto em *A Gazeta* quanto em *A Tribuna* o bairro Barramares, em Vila Velha, está entre os oito bairros com mais conteúdos divulgados ao longo de 2016. Ao longo dos 12 meses as ocorrências sobre Barramares em *A Gazeta* foram publicadas em: fevereiro (duas), março (uma), abril (uma), maio (uma), junho (quatro), julho (quatro), setembro (quatro) e dezembro (duas). Já em *A Tribuna*, a periodicidade das ocorrências foi: uma em janeiro, sete em fevereiro, seis em março, cinco em abril, oito em maio, 12 em junho, três em julho, uma em agosto, sete em setembro, seis em outubro, dois em novembro e três em dezembro.

Em *A Tribuna* o bairro se aproxima de ter um número semelhante de ocorrências entre Cidades e Polícia, tendo a primeira editoria 32 ocorrências e a segunda 28. Ao contrário de Bairro das Laranjeiras, Barramares tem uma ocorrência no AT2 que corresponde a uma nota com o título “Batalha de MC’s amanhã no Teatro Carlos Gomes” (29 de novembro). O conteúdo noticia que jovens do bairro que faziam parte do projeto “Labo@arte” iriam participar de uma mostra cultural em Vitória (*A TRIBUNA*, 2016, p. 5). Em *A Tribuna*, de todas as 61 ocorrências registradas, em 25 delas o bairro é protagonista do conteúdo. 24 destas ocasiões estão no caderno policial e apenas uma, a nota do AT2 não (apêndice B, p. 194).

Ao contrário de *A Tribuna*, em *A Gazeta* a diferença numérica entre as editorias é mais acentuada. Foram 14 ocorrências em Cidades e apenas cinco em Segurança. Destas cinco ocorrências, três delas noticiam especificamente crimes na

região, as outras pontuam Barramares no contexto metropolitano. Assim como no Bairro das Laranjeiras, também há conteúdos relativos à segurança que o jornal categoriza como Cidades, como, por exemplo, a notícia “Criança é atingida por bala perdida em tiroteio”, vinculada em 09 de julho (*A GAZETA*, 2016, p. 12).

Tanto em *A Gazeta* como em *A Tribuna* ocorrem crescimentos significativos de ocorrências nos meses de junho e setembro. Tais marcações se dão especialmente e, respectivamente, pela campanha de vacinação e pelo rodízio de água na Grande Vitória.

Em relação a como o bairro aparece dentro dos conteúdos divulgados, em *A Gazeta*, das 19 ocorrências, somente quatro vezes o bairro é o protagonista do conteúdo. Dessas quatro vezes, três delas são na editoria de Segurança e, a única veiculada em Cidades é a já anteriormente citada “Criança é atingida por bala perdida em tiroteio” (09 de julho), ou seja, outro conteúdo sobre a violência na região.

### 3. 1. 4 Boa Vista I e II

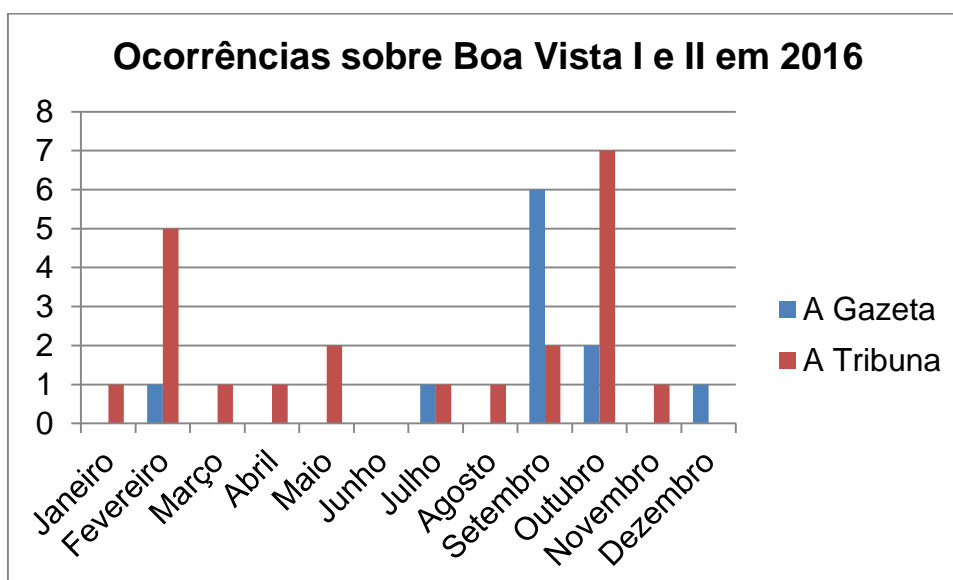


Gráfico 7: Dados sobre Boa Vista I e II em 2016

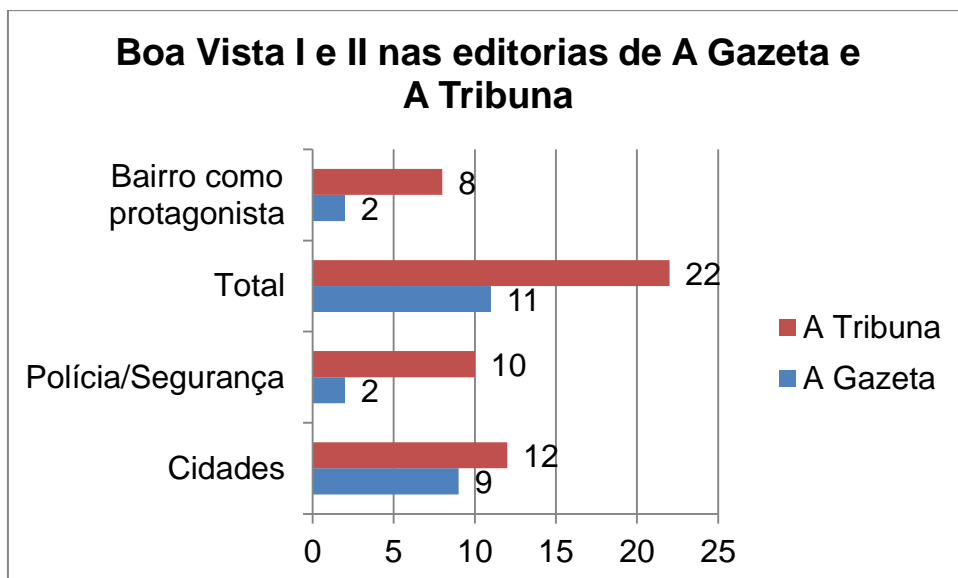


Gráfico 8: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

Quando foram lançados os cadernos das pesquisas realizadas pelo Ocupação Social – contendo informações e características sobre os bairros – o Instituto Jones dos Santos Neves organizou Boa Vista I e II, em Vila Velha, na mesma publicação. Como se tratam de localizações vizinhas e, os próprios jornais, por vezes, as demarcam juntas, no mesmo conteúdo, decidiu-se por deixar com que compartilhem aqui também o mesmo espaço de análise.

Boa Vista I e II tanto em *A Gazeta* e *A Tribuna* estão entre os bairros com menor ocorrências nos conteúdos durante 2016. Os conteúdos sobre Boa Vista I e II estão divididos ao longo do ano em *A Gazeta* da seguinte maneira: um em fevereiro, um em julho, seis em setembro, dois em outubro e um em novembro. Já em *A Tribuna* as ocorrências são divididas em: uma em janeiro, cinco em fevereiro, uma em março, uma em abril, duas em maio, uma em julho, uma em agosto, duas em setembro, sete em outubro e uma em novembro.

O número de ocorrências sobre os bairros nas editorias de Cidades e Polícia é próximo em *A Tribuna*, sendo 12 na primeira e 10 na segunda. Em *A Gazeta* a diferença é mais acentuada, são nove ocorrências em Cidades e apenas duas em Segurança (apêndice C, p. 195).

É possível visualizar ao longo do ano em *A Gazeta* um pico em fevereiro e setembro. O primeiro se justifica, pois, de janeiro a junho – com exceção de

fevereiro – não houve ocorrências sobre a localidade. O segundo, pois, somente em setembro foram seis vezes o bairro citado em notas sobre seca e revezamento de água.

Em *A Tribuna* há uma distribuição mais homogênea de ocorrências ao longo do ano e também foram registrados picos em fevereiro e outubro. Entre reportagens especiais e notas, todos os conteúdos divulgados em fevereiro sobre Boa Vista I e II em *A Tribuna* são policiais. Entre eles estão, por exemplo, os conteúdos das edições de 04 de fevereiro “Encapuzados matam 3 em Vila Velha” (*A Tribuna*, 2016, p. 17) e 17 de fevereiro “Oito jovens executados em seis dias” (*A Tribuna*, 2016, p. 17).

Do total de 11 ocorrências em *A Gazeta* apenas em duas os bairros são protagonistas nas matérias. A primeira sendo uma reportagem especial em Polícia (“As leis do tráfico”, 05 de dezembro), e a outra, “Alunos criam máquina para apagar texto e reutilizar papel” em 18 de outubro, na editoria de Cidades.

Em *A Tribuna*, de todas as 22 ocorrências, em oito delas o bairro é protagonista no conteúdo, todas as oitos são localizadas na editoria de Polícia. Uma marcação importante é que, dos oito conteúdos divulgados, cinco deles são relacionados de alguma maneira à participação de jovens em crimes, sejam como suspeitos ou vítimas. Exemplo de tal afirmação são as ocorrências do dia 10 de maio “Bandidos descem do carro e matam garoto” (*A Tribuna*, 2016, p. 23) e a nota do dia 31 de julho “Estudante é morto a tiros em Vila Velha” (*A Tribuna*, 2016, p. 22).

### 3. 1. 5 Castelo Branco

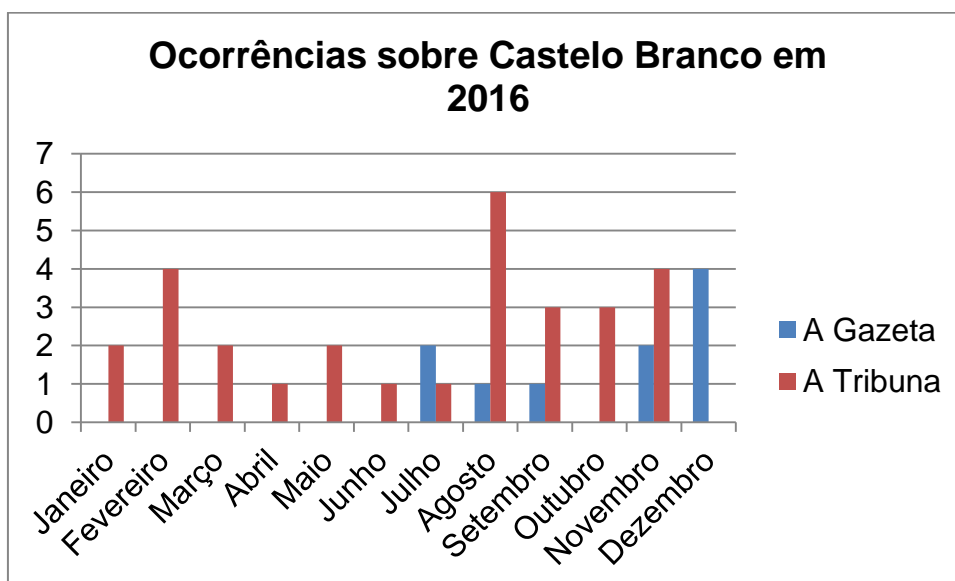


Gráfico 9: Dados sobre Castelo Branco em 2016

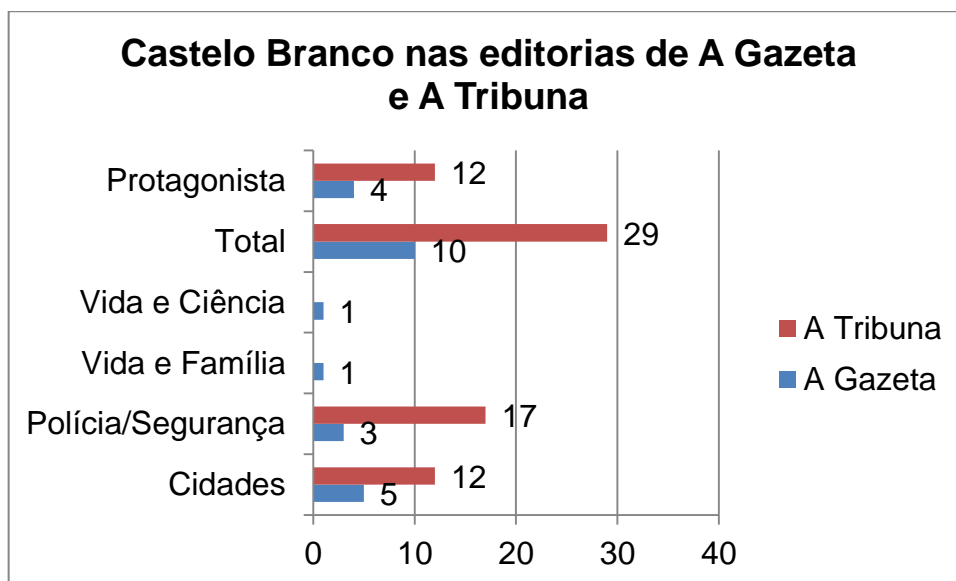


Gráfico 10: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

Ao longo do ano as ocorrências sobre Castelo Branco em *A Gazeta* foram divulgadas em: julho (duas), agosto (uma), setembro (uma), novembro (duas) e dezembro (quatro). Em *A Tribuna* os conteúdos foram publicados na seguinte ordem: dois em janeiro, quatro em fevereiro, duas em março, uma em abril, duas em maio, uma em junho, uma em julho, seis em agosto, três em setembro, três em outubro e quatro em novembro.

De todos os bairros visualizados até agora, Castelo Branco é, junto com Bairro das Laranjeiras (e Santa Rita que será visto mais à frente) as únicas localidades que registraram em *A Tribuna* maiores ocorrências em Polícia (17) do que Cidades (12). Já em *A Gazeta*, além de Cidades (cinco ocorrências) e Segurança (três ocorrências) houve uma ocorrência em Vida e Família e uma em Vida e Ciência (apêndice D, p. 196).

Em *A Gazeta*, das dez ocorrências registradas, quatro apresentam Castelo Branco como protagonista no conteúdo, duas em Segurança e duas em Cidades. Contudo, assim como já registrado em outros casos, mesmo as matérias de Cidades que são catalogadas nesse espaço acabam por ter caráter policial, como a nota divulgada em 19 de agosto “Operação em cinco bairros para inibir crime” (*A Gazeta*, 2016, p. 12).

Em *A Tribuna*, de todas as 29 ocorrências, 12 delas Castelo Branco ocupa espaço principal no conteúdo, todas elas na editoria de Polícia. É possível visualizar um pico de ocorrências no mês de agosto, pois, durante esse período foram registradas seis ocorrências sobre a localidade, todas elas conteúdos policiais. Um dos casos é a nota divulgada em 10 de agosto “Suspeito de organizar Baile do Mandela é preso com droga” (*A Tribuna*, 2016, p. 10).

### 3. 1. 6 Central Carapina

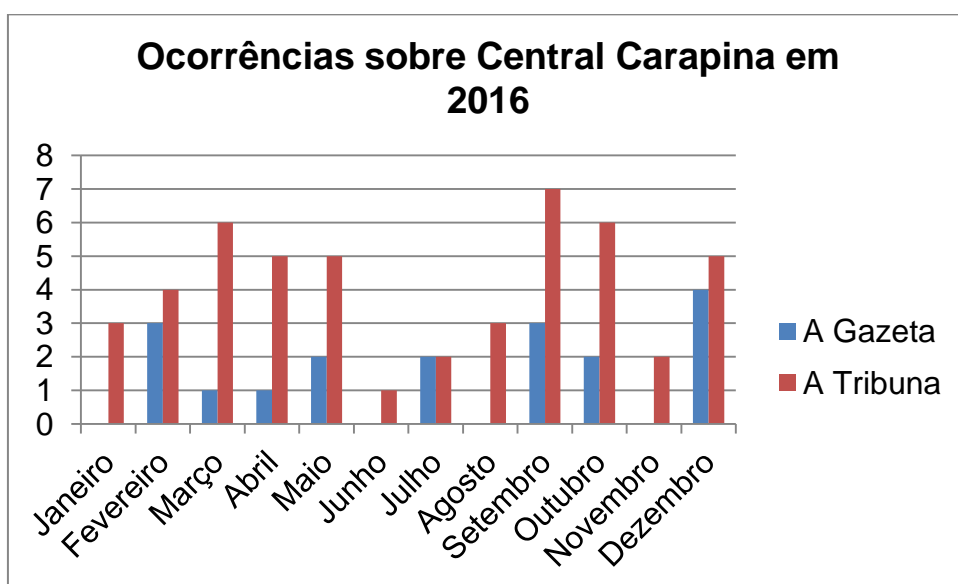


Gráfico 11: Dados sobre Central Carapina em 2016

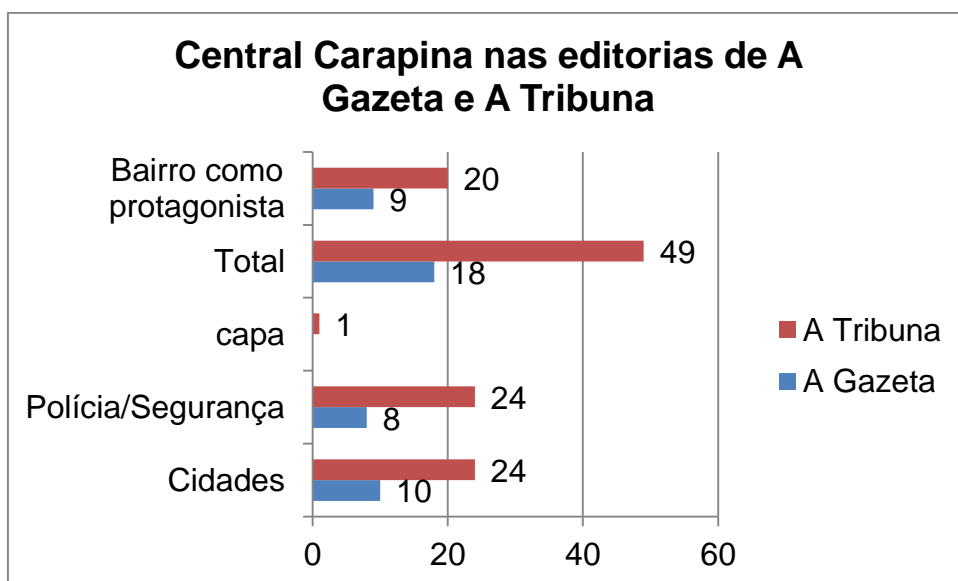


Gráfico 12: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

Em *A Tribuna* as ocorrências sobre o bairro dividiram-se igualmente entre Cidades (24) e Polícia (24). Em *A Gazeta* foram dez ocorrências em Cidades e oito em Segurança.

As ocorrências divulgadas por *A Gazeta* sobre Central Carapina foram publicadas na seguinte ordem: três em fevereiro, uma em março, uma em abril, duas em maio, dois em julho, três em setembro, dois em outubro e quatro em dezembro. Em *A Tribuna* os conteúdos foram divulgados da seguinte maneira: três em janeiro, quatro em fevereiro, seis em março, cinco em abril, cinco em maio, um em junho, dois em julho, três em agosto, sete em setembro, seis em outubro, dois em novembro e cinco em dezembro.

Um ponto que merece destaque em relação à cobertura sobre o bairro em *A Tribuna* é que, de todas as cinco capas publicadas ao longo de 2016 sobre os 18 bairros, uma delas é noticiando sobre Central Carapina. Tal edição corresponde ao dia 25 de maio e a chamada principal alerta para a ocorrência no bairro “Policia militar reage a assalto em semáforo e mata bandido a tiro” (apêndice E, p. 197).

O jornal *A Gazeta* apresentou um número consideravelmente menor se comparado com *A Tribuna*, sendo registradas dez ocorrências sobre o bairro em Cidades e oito em Segurança. Entretanto, o bairro, de todos os apresentados até agora é o que mais tem ocorrências em *A Gazeta*, tal fato leva a localidade a registrar também mais picos de ocorrências ao longo do ano.

Os crescimentos mais consideráveis de conteúdos aparecem, sobretudo, em fevereiro (três ocorrências), setembro (três ocorrências) e dezembro (cinco ocorrências). A marcação de fevereiro justifica-se, pois, o bairro é citado em matérias regionais sobre blocos de carnaval. A marcação de setembro se refere principalmente às citações recebidas devido à seca que assolou a Grande Vitória.

A última marcação, a de dezembro, é que apresenta conteúdos que, de forma mais concreta divulgam acontecimentos sobre o bairro em si. De todas as 49 ocorrências registradas sobre Castelo Branco em *A Tribuna* durante 2016, em 20 delas o bairro é protagonista no conteúdo e, das 20, 19 são relacionadas à editoria de Polícia. Destas, cinco são encontradas em dezembro. Exemplo desses conteúdos é a nota divulgada no dia sete “Adolescente morre e dois são baleados na Serra” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 12) e a ½ página que o bairro ganhou na edição do dia 12 com as notícias “Idosa morre por bala perdida na Serra” e “Adolescente é



executado na rua” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 11). A própria narrativa do lide do jornal reflete a constância de crimes na localidade:

A Semana começou sangrenta em Central Carapina, na Serra. Próximo à rua Distrito Federal, onde uma pensionista, de 69 anos, foi morta e um adolescente, de 17, foi baleado em um ataque ontem, um adolescente morreu e outros dois levaram tiros na rua Vitória (*A TRIBUNA*, 2016, p. 11).

Em *A Gazeta*, dentre as 18 ocorrências registradas, nove delas evidenciam o bairro como principal no conteúdo, dentre as nove, sete são na editoria de Segurança. Embora a quantidade seja diferente, os jornais apresentam picos de publicações parecidos. Os de fevereiro e setembro (assim como em *A Tribuna*) refletem, respectivamente sobre conteúdos de carnaval e a seca. O maior ponto do gráfico em *A Gazeta* (assim como em *A Tribuna* no mês de dezembro) se trata de assuntos sobre segurança pública. Há, inclusive, a cobertura dos mesmos acontecimentos pelos dois veículos. Enquanto *A Tribuna* optou por “Idosa morre por bala perdida na Serra”, *A Gazeta* noticiou o crime de 12 de dezembro como “Idosa morre vítima de bala perdida na porta de casa” (*A GAZETA*, 2016, p. 9).

Sobre os acontecimentos de dezembro é válido pontuar que os próprios jornais sinalizam para recorrência de ocorrências em um período curto de tempo na localidade. É possível concluir também que, ao menos pelo que é noticiado pelos jornais (que têm como fonte a polícia) os jovens acabam, por vezes, sendo personagens principais no crime.

### 3. 1. 7 Feu Rosa

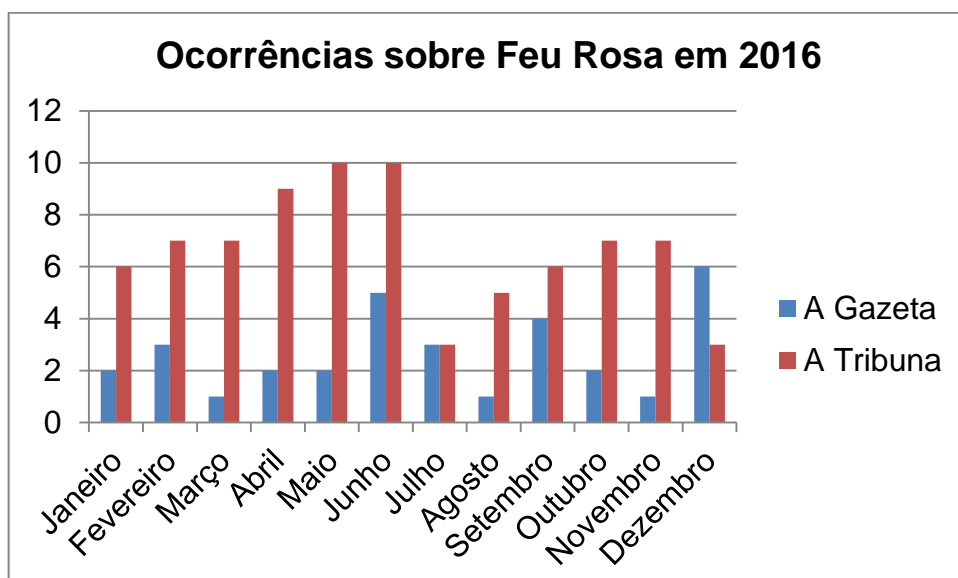


Gráfico 13: Dados sobre Feu Rosa em 2016

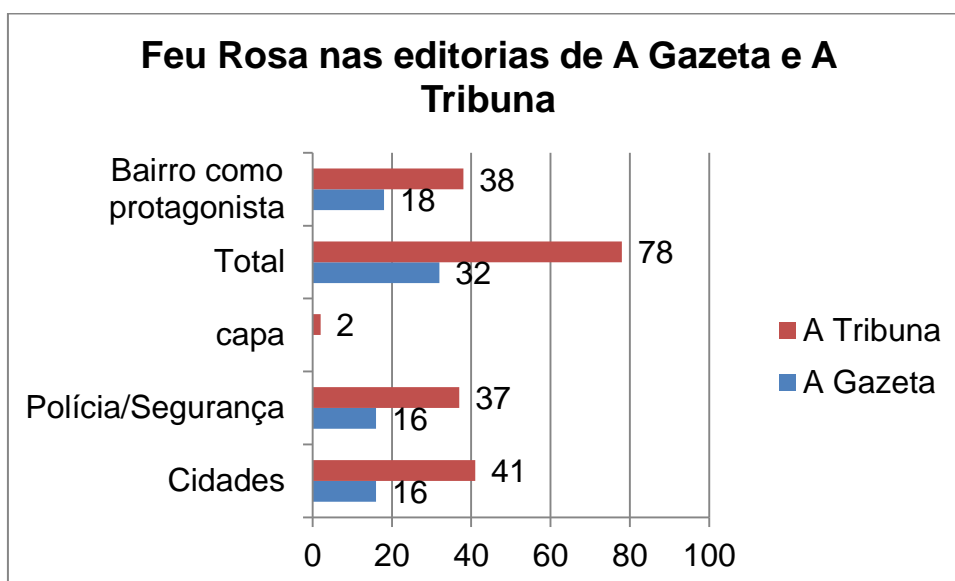


Gráfico 14: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

O bairro Feu Rosa, na Serra, foi nos dois jornais uma das localidades que mais registraram ocorrências em 2016. Em *A Gazeta*, com 32 conteúdos registrados perde apenas para São Torquato, com 43. Em *A Tribuna* Feu Rosa, com 78 conteúdos noticiosos, perde apenas para Novo Horizonte, também da Serra, com 81, e São Torquato, em Vila Velha, com 93.

O bairro Feu Rosa em *A Gazeta* obteve a mesma quantidade de ocorrências em Cidades e Segurança, sendo 16 por editoria e totalizando 32. Em *A Tribuna* os conteúdos se dividem em 41 ocorrências em Cidades, 37 em Polícia e duas capas.

As ocorrências sobre Feu Rosa em *A Gazeta* foram registradas nos seguintes meses: duas em janeiro, três em fevereiro, uma em março, duas em abril, duas em maio, cinco em junho, três em julho, uma em agosto, quatro em setembro, duas em outubro, uma em novembro e seis em dezembro. Já em *A Tribuna* as ocorrências foram registradas com a seguinte periodicidade: seis em janeiro, sete em fevereiro, sete em março, nove em abril, dez em maio, dez em junho, três em julho, cinco em agosto, seis em setembro, sete em outubro, sete em novembro e três em dezembro.

As duas vezes em que o bairro foi capa em *A Tribuna* correspondem à agressão de um policial publicada em 05 de janeiro “PM é afastado após ser flagrado batendo em mulher” e a uma reportagem especial de 27 de novembro “Moradores fazem sucesso no exterior” – na qual a história do grafiteiro Starley Bonfim Silva é contada (apêndice F, p. 198).

No que é relativo à cobertura sobre Feu Rosa em *A Gazeta*, há três picos que apontam para uma maior quantidade de publicações em junho, setembro e dezembro. Sobre os dois primeiros meses tratam-se, respectivamente, sobre a vacinação contra o H1N1 e a seca. Já o indicativo de alta de dezembro reflete sobre a insegurança no bairro. No último mês do ano foram seis ocorrências sobre Feu Rosa, quatro delas em Segurança como a notícia de uma página de do dia 08 “Cobrador é esfaqueado por ladrão no Transcol na Serra”.

Assim como em outros casos, houve fatos que os dois veículos cobriram, entre eles pode ser citado o acontecimento do dia 26 de dezembro que por *A Gazeta* recebeu o título de “Um morto e quatro feridos em tiroteio em ceia de Natal na rua” e por *A Tribuna* “Festa de Natal acaba em morte”. Enquanto *A Tribuna* dedicou meia página ao caso, *A Gazeta* divulgou uma notícia de uma página completa. Ambos os jornais entrevistaram moradores e policiais, porém, nota-se em *A Gazeta* uma maior dimensão do cenário do crime na região. Por vários momentos os moradores entrevistados (muitos se quer dão nome ao jornal por receio de represálias) demonstram medo do que ocorre na região. Exemplo disso é o título da nota no fim da página em *A Gazeta* “Moradores relatam que são reféns do tráfico”.

Outro ponto evidenciado pelos conteúdos diz respeito à relação entre polícia e moradores. Em outra nota, no fim da página, em *A Gazeta*, ainda sobre o mesmo caso, o título apresentado pelo jornal é: “Testemunha diz que PM trata a todos do bairro como bandidos”. O morador, na ocasião, não teve o nome revelado e assina como “x”, entretanto, com seu depoimento o jornal consegue evidenciar outro lado da segurança pública no Bairro Feu Rosa, que, somente pela fonte da polícia não seria:

Para o morador, falta preparo da polícia na hora de interagir com moradores de bairros periféricos. “Só aparecem depois que alguém morre. Há 15 dias bandidos passaram de carro atirando contra moradores. A polícia veio logo atrás dizendo que errados éramos nós que estávamos na rua e nos mandaram para casa”, reclamou. (*A GAZETA*, 2016, p. 9)

Trechos como o acima acabam também por dizer sobre a dinâmica dos bairros vulneráveis nos diferentes aspectos: entre os moradores, entre moradores e a violência, assim como entre os moradores e a polícia.

O gráfico que sinaliza as ocorrências sobre Feu Rosa em *A Tribuna* aponta para um crescimento de janeiro até junho, assim como outro pico entre outubro e

novembro. Em junho o destaque se forma graças à campanha de vacinação e em outubro em especial às ocupações nas escolas e a seca. Já no mês de novembro, com exceção da história do grafiteiro já citada anteriormente e da queda de um muro no bairro (ambos os casos em Cidades), todas as outras ocorrências são policiais como a nota do dia 20 “Adolescente leva três tiros em Feu Rosa”.

### 3. 1. 8 Flexal II

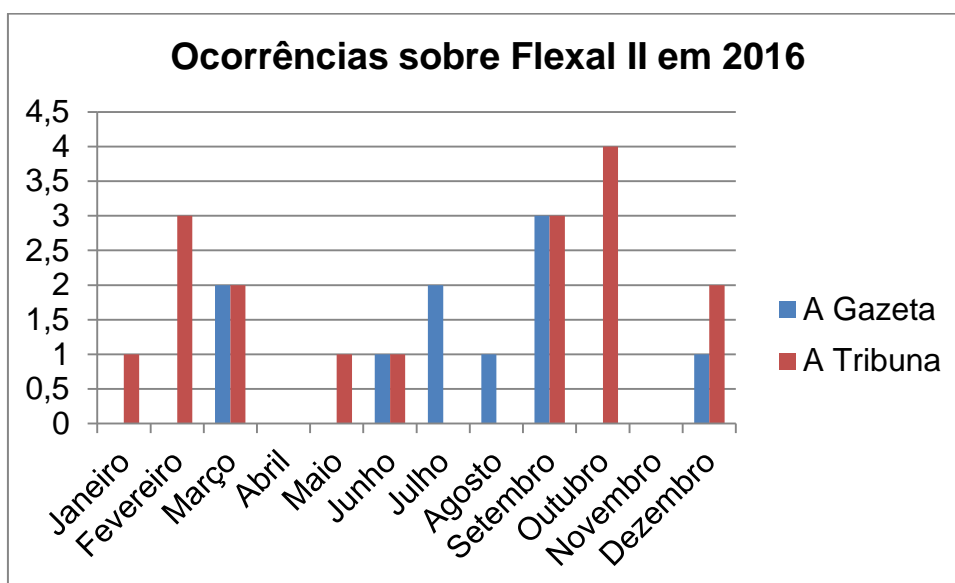


Gráfico 15: Dados sobre Flexal II em 2016

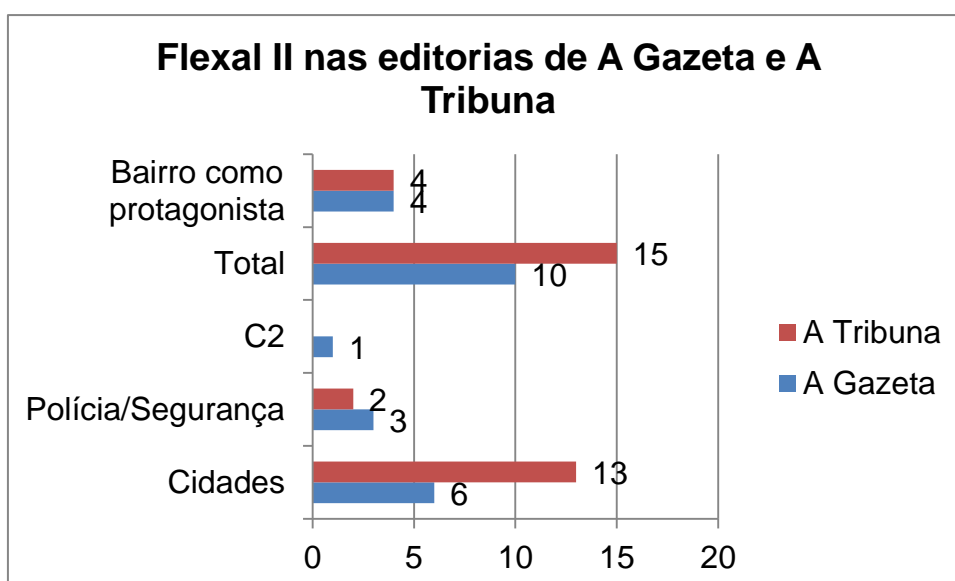


Gráfico 16: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

Em *A Gazeta*, as dez ocorrências sobre Flexal II, em Cariacica, são divididas entre Cidades (seis), Segurança (três) e C2 (uma). Ao longo do ano no jornal os conteúdos foram divulgados na seguinte ordem: dois em março, um em junho, dois em julho, um em agosto e três em setembro.

Já no jornal *A Tribuna*, das 15 ocorrências 13 estão em Cidades e duas em Polícia. Ao longo de 2016 os conteúdos sobre Flexal II foram disponibilizados no jornal seguindo a periodicidade de: um em janeiro, três em fevereiro, dois em março, um em maio, um em junho, três em setembro, quatro em outubro e dois em dezembro.

Dos dez conteúdos disponibilizados em *A Gazeta* sobre a localidade, em quatro ocasiões o bairro aparece como protagonista no conteúdo. Duas na editoria de Segurança – como a notícia de  $\frac{1}{4}$  de página de 9 de agosto “Mais de 40 tiros deixam três mortos e criança baleada -”, e duas na editoria de Cidades – como a nota de 13 de março “Idosa fica ferida ao cair em buraco”. O pico de conteúdos divulgados em setembro em *A Gazeta* é justificado pela seca que atingiu a Grande Vitória, logo, Flexal II foi citado em notas sobre onde iria ocorrer racionamento (apêndice G, p. 200).

As ocorrências em setembro em *A Tribuna* também correspondem à seca no Espírito Santo em 2016 e, assim como *A Gazeta*, foram em quatro ocasiões que Flexal II foi protagonista. Das quatro ocorrências, duas estão em Polícia (como a nota do dia 11 de dezembro “Jovem leva dois tiros em Cariacica”) e duas em Cidades (que situam Flexal II entre os bairros que formam a Rodovia do Contorno e onde ocorreram furtos de fios de cobre, como na nota de 27 de maio “Fios de cobre são roubados e moradores ficam sem luz”).

### 3. 1. 9 Jardim Carapina

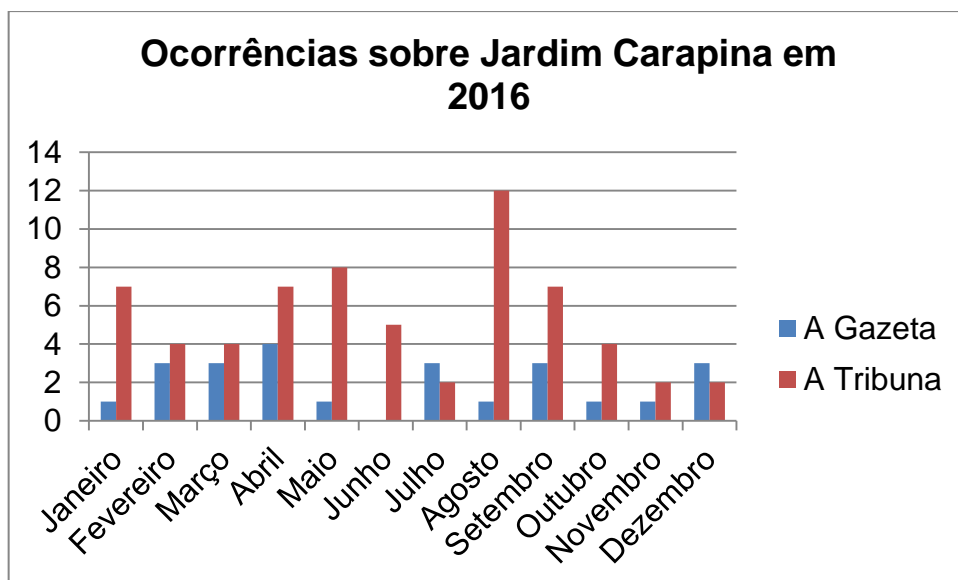


Gráfico 17: Dados sobre Jardim Carapina em 2016

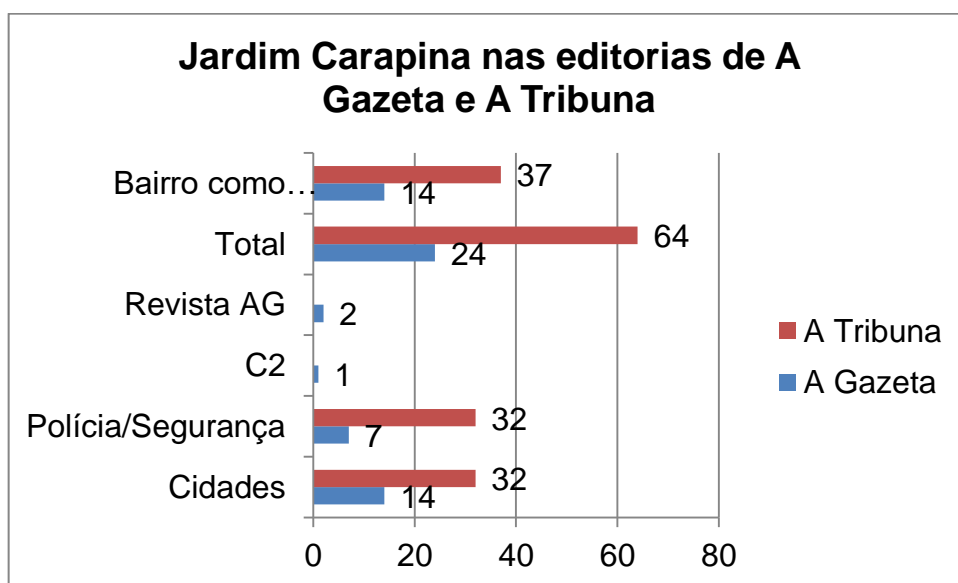


Gráfico 18: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

Jardim Carapina, na Serra, é um dos bairros que mais registraram ocorrência nos veículos capixabas. Em *A Tribuna*, assim como ocorreu com Feu Rosa, houve um empate entre as editorias de Cidades e Polícia com cada uma registrando 32 ocorrências. Já em *A Gazeta* o número é mais heterogêneo, sendo dividido entre: 14 ocorrências em Cidades, sete em Segurança, uma no C2 e uma na Revista AG.

Ao longo do ano de 2016 os conteúdos sobre Jardim Carapina foram divulgados em *A Gazeta* da seguinte maneira: um em janeiro, três em fevereiro, três em março, quatro em abril, um em maio, três em julho, um em agosto, três em

setembro, um em outubro, um em novembro e três em dezembro. Já em *A Tribuna* a divulgação de conteúdo seguiu a ordem: sete em janeiro, quatro em fevereiro, quatro em março, sete em abril, oito em maio, cinco em junho, dois em julho, 12 em agosto, sete em setembro, quatro em outubro, dois em novembro e dois em dezembro.

Em *A Gazeta*, das 24 ocorrências totais, 14 delas apresentam o bairro como protagonista nos conteúdos informativos. Dessas 14, seis são conteúdos do caderno de Segurança como a notícia do dia 23 de dezembro “19 pessoas presas em operação contra o tráfico de drogas na Serra”. Já dentro da editoria de Cidades há conteúdos que apresentam outras facetas do bairro que não estão diretamente ligadas à violências como a reportagem de 24 de dezembro “Eles são papais noéis da vida real o ano inteiro” e a notícia de dois de abril “Estudante grava clipe sertanejo em lixão na Serra” (apêndice H, p. 200).

É perceptível um pico de crescimento no mês de abril no gráfico de *A Gazeta*, e, ao contrário de outros bairros - em que os picos refletem grande quantidade de conteúdos da área policia – em Jardim Carapina tal número reflete para a divulgação de notícias sobre os moradores da região. Além da estudante que gravou o clipe e já foi citada anteriormente, há menções sobre o bairro na Revista AG que noticia sobre um grupo de hip hop do bairro intitulado “Periferia Resiste” (17 de abril).

Em *A Tribuna* o cenário é bem diferente, nas 64 ocorrências sobre o bairro, 37 apresentam a localidade como protagonista no conteúdo. Nota-se no gráfico de conteúdos divulgados ao longo do ano um pico em maio e agosto. O primeiro se justifica principalmente pelas citações sobre o bairro em chamadas para vacinação, sendo que, das oito ocorrências no mês, apenas quatro delas narram diretamente sobre assuntos do bairro. Uma destas é a notícia de 17 de maio “Garoto assalta taxista para comprar chuteira”.

O pico de conteúdos que se visualiza em agosto, também no gráfico de *A Tribuna*, com 12 ocorrências, se dá pelas ocorrências criminais, mas também pela visita do jornal ao bairro de Jardim Carapina para fazer o quadro “*A Tribuna* com você”. Ao todo, três matérias sobre o bairro são publicadas nessa coluna – como a de 31 de agosto “Morador investe em piso para calçadas”.

### 3.1. 10 Nova Esperança

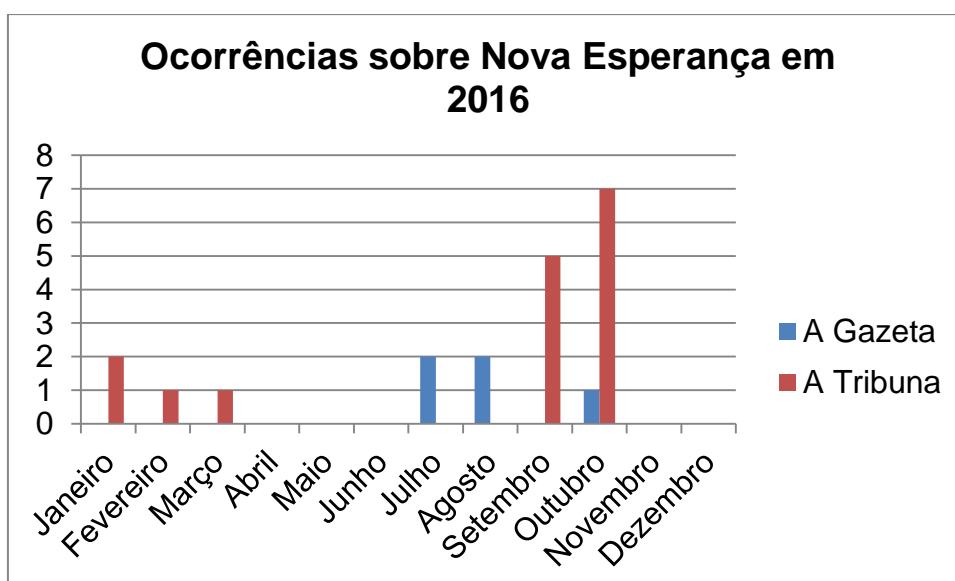


Gráfico 19: Dados sobre Nova Esperança em 2016

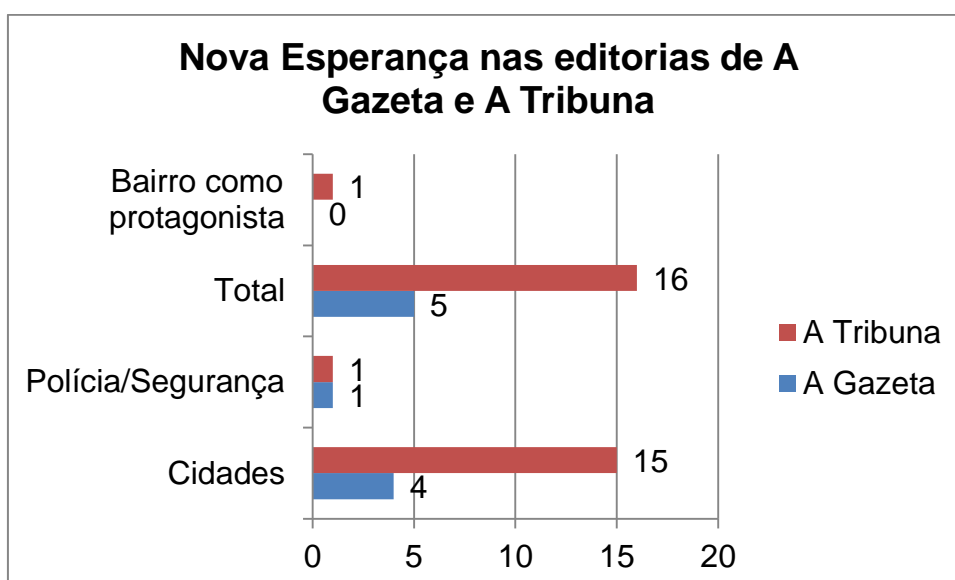


Gráfico 20: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

O bairro Nova Esperança, em Cariacica, foi, em *A Gazeta*, o que menos registrou ocorrências, somando, ao fim, apenas cinco. Do total de ocorrências em *A Gazeta*, quatro foram classificadas na editoria de Cidades e uma em Segurança. Em *A Tribuna* são 15 ocorrências em Cidades e também apenas uma em Polícia.

As cinco ocorrências em *A Gazeta* são divididas durante o ano de 2016 entre os meses de julho (duas ocorrências), agosto (duas ocorrências) e outubro (uma ocorrência). Já em *A Tribuna* os conteúdos foram divulgados entre os meses de janeiro (dois), fevereiro (um), março (um), setembro (cinco) e outubro (sete).



Nenhuma das cinco ocorrências em *A Gazeta* sobre Nova Esperança são conteúdos que narram acontecimentos específicos sobre o bairro, e sim citações no contexto metropolitano. Exemplo disso são as três citações que o bairro recebeu em agosto e outubro sobre a seca no Espírito Santo (apêndice I, p. 201).

Das 16 ocorrências sobre o bairro em *A Tribuna*, apenas em uma delas a localidade é apresentada como protagonista no conteúdo – nota de 4 de janeiro “Esfaqueou a mulher”. Os picos de setembro e outubro correspondem, respectivamente, a citação dos bairros sem abastecimento de água e aos números da votação em Cariacica.

### 3.1. 11 Nova Palestina

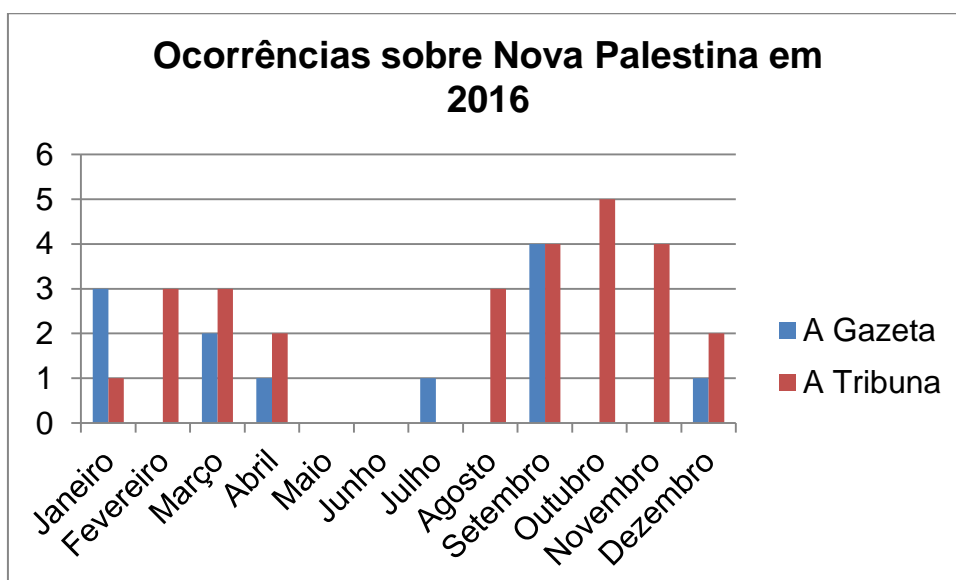


Gráfico 21: Dados sobre Nova Palestina em 2016

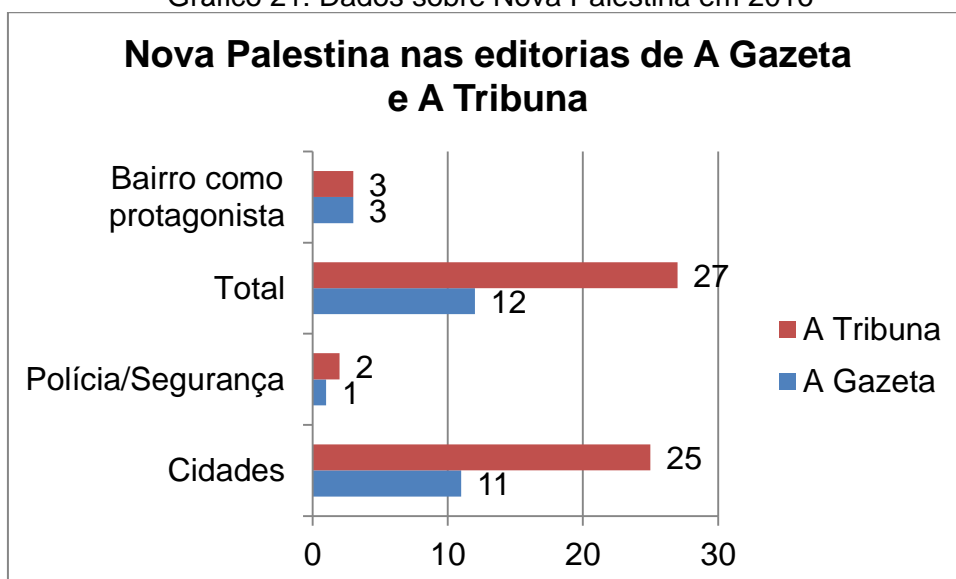


Gráfico 22: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

No jornal *A Tribuna* os conteúdos sobre Nova Palestina, em Vitória, são divididos em 25 ocorrências em Cidades e duas em Polícia. Em *A Gazeta* são 11 conteúdos sobre Nova Palestina em Cidades e um em Segurança.

Em *A Tribuna*, apenas maio, junho e julho não tiveram nenhuma ocorrência sobre a localidade sendo que, nos outros meses, ao menos uma vez foi registrado um conteúdo sobre o bairro, sendo: dois em janeiro, três em fevereiro, três em março, dois em abril, três em agosto, quatro em setembro, cinco em outubro, quatro em novembro e dois em dezembro. Em *A Gazeta* o número de meses sem ocorrências é maior, já que os conteúdos sobre o bairro se dividem entre janeiro (três), março (dois), abril (um), setembro (quatro), e dezembro (um).

Das 12 ocorrências no jornal *A Gazeta*, em apenas duas ocasiões o bairro foi protagonista no conteúdo, ambas em Cidades e no mês de setembro. A do dia 23 “Racionamento hoje em 66 bairros” trazia o depoimento de um morador do bairro falando sobre a falta d’água, enquanto a do dia cinco relembrava a visita histórica do papa João Paulo II à região de São Pedro – da qual Nova Palestina faz parte (apêndice J, p. 202).

De todas as 27 ocorrências em *A Tribuna*, em apenas dois dos casos o bairro aparece como protagonista nos conteúdos, sendo ambas em Polícia. Os picos de conteúdo em setembro refletem sobre a falta de abastecimento de água e o de outubro os números da votação em Vitória. Os números de novembro também colocam o bairro imerso no contexto da grande Vitória em conteúdos sobre vazamento de água e vagas em creches.

As duas ocorrências em que o bairro é protagonista se dão na notícia do dia 13 de outubro “Policial tem carro roubado em Vitória” e na nota divulgada em 06 de fevereiro “Delegado prende acusado de assassinato”.

### 3.1. 12 Nova Rosa da Penha

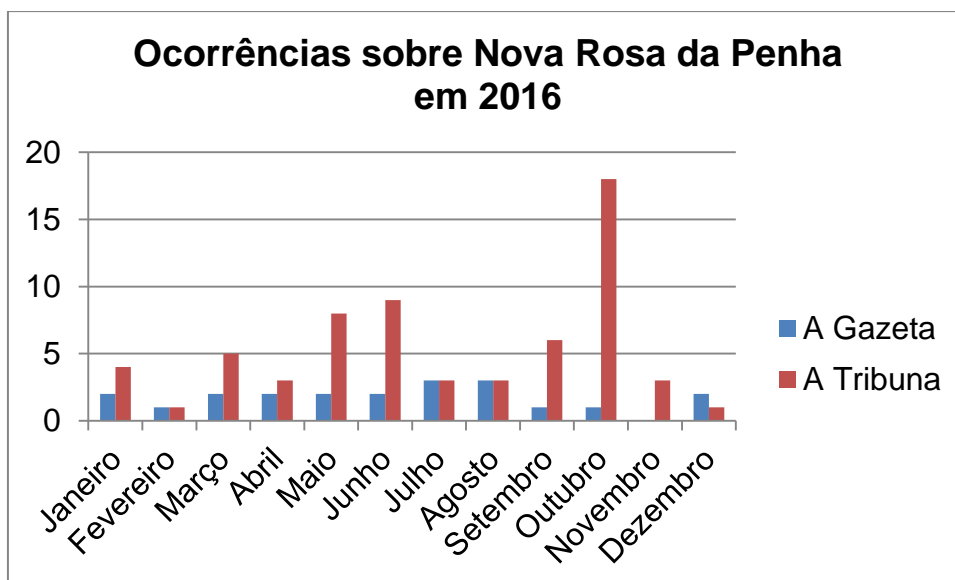


Gráfico 23: Dados sobre Nova Rosa da Penha em 2016

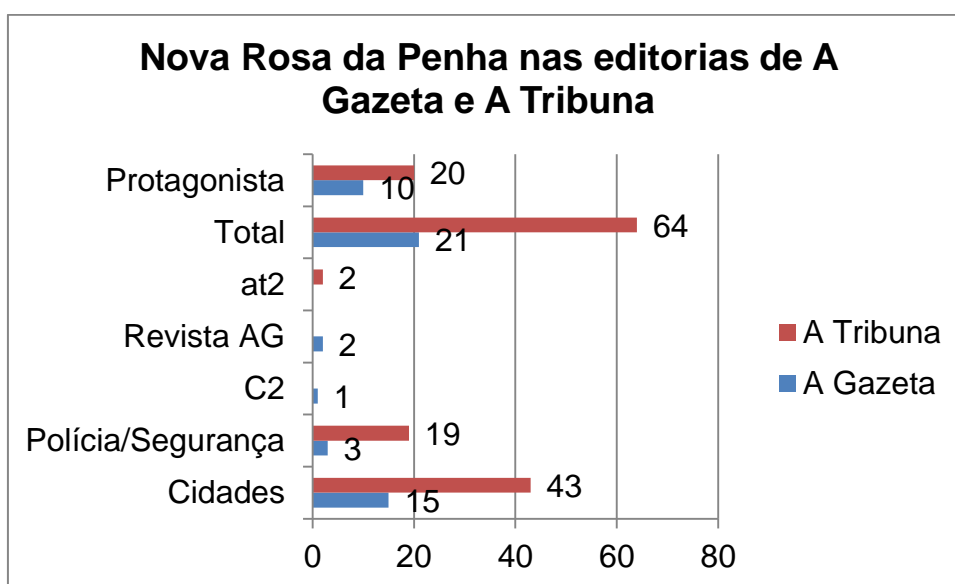


Gráfico 24: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

Em *A Gazeta*, os conteúdos divulgados sobre Nova Rosa da Penha, em Cariacica, são divididos nas seguintes editorias: 15 ocorrências em Cidades, três em Segurança, duas na Revista AG e uma no C2. Em *A Tribuna* também foi possível registrar ocorrências no segundo caderno (AT2), totalizando duas ao final de 2016. Entre as duas outras editorias os conteúdos são divididos entre 43 ocorrências em Cidades e 19 em Polícia.

Ao longo dos 12 meses os conteúdos sobre a localidade foram publicados na seguinte ordem em *A Gazeta*: dois em janeiro, um em fevereiro, dois em março, dois em abril, dois em maio, dois em junho, três em julho, três em agosto, um em

setembro, um em outubro e dois em dezembro. Em *A Tribuna* a ordem das ocorrências foi: quatro em janeiro, um em fevereiro, cinco em março, três em abril, oito em maio, nove em junho, três em julho, três em agosto, seis em setembro, 18 em outubro, três em novembro e uma em dezembro.

O único conteúdo de C2 publicado sobre o bairro por *A Gazeta* faz parte de uma matéria divulgada em 17 de janeiro “Começa agora” com o então secretário da cultura João Gualberto Vasconcelos. O conteúdo traz um panorama sobre os projetos para o Espírito Santo na área cultural e, cita, entre outros, bairros Nova Rosa da Penha como localidade onde começará as aulas do “Laborarte”, um dos projetos do Ocupação Social (apêndice K, p. 203).

Assim como outras localidades, muitas das ocorrências são apenas citações sobre o bairro no contexto metropolitano, como, por exemplo, os conteúdos de setembro e outubro que noticiam sobre a falta d’água e em junho que correspondem às chamadas para vacinação nos municípios.

Ainda sobre a cobertura de *A Gazeta*, 30 de janeiro foi divulgado a notícia “Os bairros com mais casos de Zika em Vitória, Vila Velha e Cariacica” e, embora haja a citação de Nova Rosa da Penha entre as localidades com mais ocorrências da doença no município de Cariacica, não há publicação de conteúdos posteriores sobre o assunto no bairro.

*A Gazeta* e *A Tribuna* apresentam similaridades na narrativa sobre o bairro principalmente em conteúdos sobre a Rodovia do Contorno. Foi recorrente notificações sobre o roubo de fios de energia na região como a notícia do dia 26 de maio “Furto de fiação faz Rodovia do Contorno ficar às escuras”.

Em relação à cobertura de *A Tribuna*, é possível observar alguns picos na publicação dos conteúdos, o maior deles em outubro, com 17 ocorrências. O mês acumulou tantas ocorrências, pois, noticiou sobre as eleições nos municípios (e os votos por bairro, consecutivamente), sobre o racionamento e rodízio de água, assim como sobre as ocupações das escolas pelos estudantes (levando à modificação dos locais de votação). Das 18 ocorrências de outubro em apenas seis dela Nova Rosa da Penha é, de fato, protagonista no conteúdo. Sendo que, destas seis, quatro delas estão na coluna “*A Tribuna* com você” - quadro em que o jornal vai ao bairro narrar sobre acontecimentos da região. Exemplo disso é o conteúdo divulgado no dia 07 de outubro “Aula de circo, coral e grafite”. As outras duas ocorrências de outubro que

apresentam diretamente conteúdos sobre o bairro são notas policiais, como a divulgada em 20 de outubro “Grávida ameaçada por causa de dinheiro”.

Há dois conteúdos divulgados em *A Tribuna* sobre Nova Rosa da Penha que merecem destaque. Ambos apresentam o bairro imerso na Região Metropolitana, mesmo assim servem para desenvolver alguns questionamentos. O primeiro é a notícia do dia 31 de julho “Diversão em bairros com mais jovens”. Como pontuado nos capítulos anteriores, os 18 bairros têm em comum a característica de serem categorizados como ambientes de vulnerabilidade social por, entre outras questões, apresentarem altos índices de violência, em especial entre os jovens. Em muitos casos essa característica foi evidente também na cobertura dos jornais nos cadernos de polícia. Essa notícia de julho, entretanto, acaba por evidenciar outro ponto da juventude do bairro e, este, por sua vez, não diz respeito à violência. A notícia pontua os bairros de Vitória, Vila Velha e Cariacica que têm maior quantidade de jovens e, em Cariacica, Campo Grande e Nova Rosa da Penha lideram. Assim sendo, foram divulgados locais dentro desses bairros que oferecem opções de lazer aos jovens. Embora o conteúdo traga um contraponto, ou um novo olhar sobre a juventude que não está ligado à violência, todos os locais mapeados pelo jornal como opção de diversão para a faixa etária são pagos – como lanchonetes e casas de shows. Vale refletir, portanto, se, sendo espaço que concentra muitos jovens, há dentro de Nova Rosa da Penha opções de lazer gratuitas? É possível que o jovem encontre diversão no bairro sem gastar dinheiro?

O segundo conteúdo sobre o bairro em *A Tribuna* que merece destaque é a reportagem especial do dia 11 de janeiro “Bairro onde ladrões mais atacam”. Com o lide “Laranjeiras, Campo Grande e Praia da Costa estão no topo da lista dos mais violentos, onde assaltos à mão armada lideram casos” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 2) o jornal apresenta os bairros com maiores ocorrências de roubos e/ou furtos de carros. O jornal realizou o mapeamento das localidades entrando em contato com seguradoras, assim como contabilizando as ocorrências policiais publicadas pelo mesmo em 2015. Novamente Nova Rosa da Penha aparece como uma citação no ranking:

BAIRROS CAMPEÕES	
1º	Laranjeiras (Serra)
2º	Campo Grande (Cariacica)
3º	Praia da Costa (Vila Velha)
4º	Jardim Camburi (Vitória)
5º	Cobilândia (Vila Velha)
6º	Jardim da Penha (Vitória)
7º	Vila Capixaba (Cariacica)
8º	Alterosas (Serra)
9º	Jacaraípe (Serra)
10º	Nova Rosa da Penha (Cariacica)

FONTE: SEGURADORAS E PESQUISA AT

Figura 1: Quadro da reportagem de *A Tribuna* em 11 de janeiro de 2016

Ao longo do ano de 2016 foram divulgadas notícias sobre os crimes na Grande Vitória e, por vezes, mais de um dos 18 bairros vulneráveis foram apresentados no mesmo conteúdo. Essa reportagem, contudo, se difere das outras, pois, o bairro vulnerável está ranqueado com localidades consideradas nobres. O que mais difere essa narrativa em relação às outras em que Nova Rosa da Penha esteve representada é que, enquanto os conteúdos policiais rotineiros sobre o bairro narram crimes contra a vida – como em 25 de julho “Assassinada na frente das netas” – quando Nova Rosa da Penha é apresentada junto com bairros nobres, a discussão se dirige aos crimes patrimoniais.

### 3.1. 13 Novo Horizonte

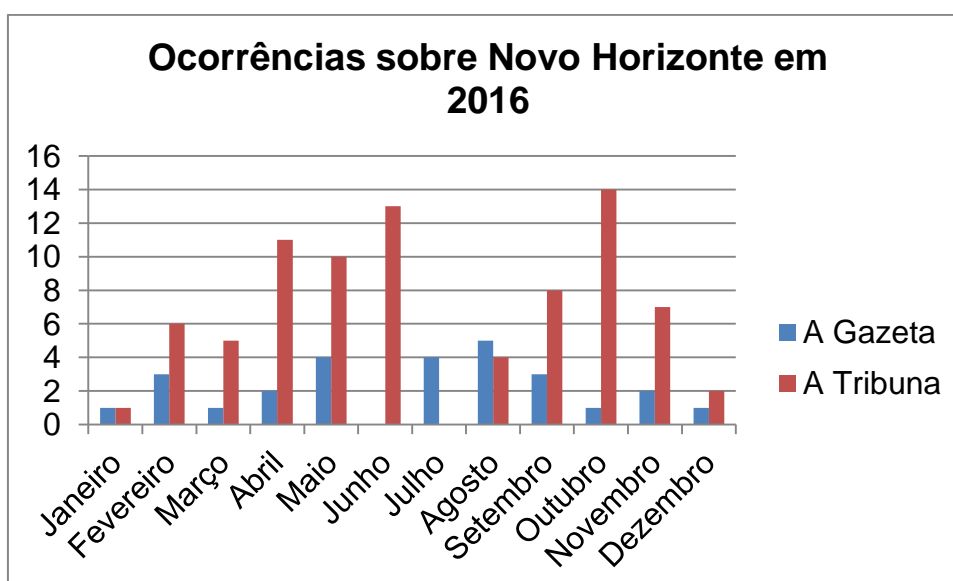


Gráfico 25: Dados sobre Novo Horizonte em 2016

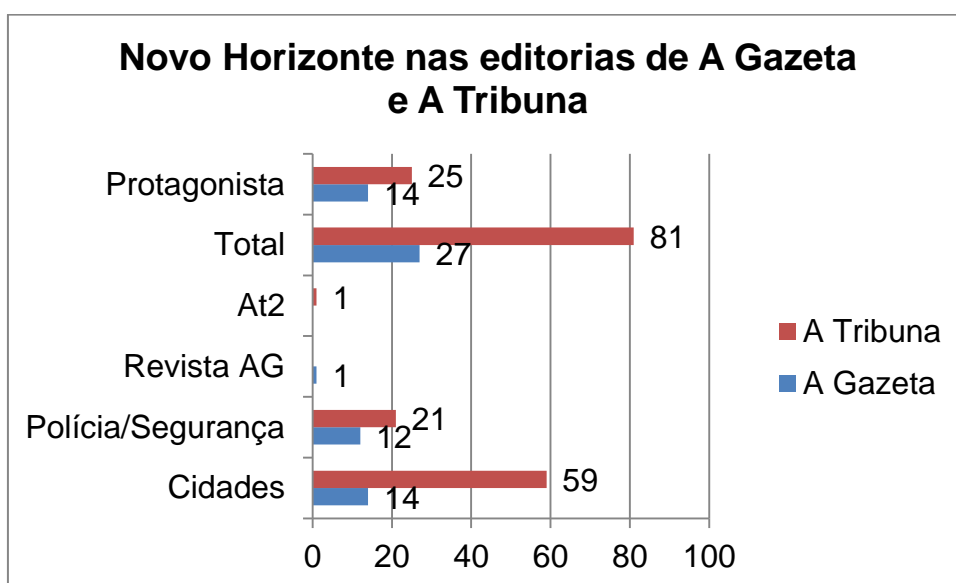


Gráfico 26: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

Novo horizonte, na Serra, está entre os três bairros com mais ocorrências registradas pelos jornais em 2016. Em *A Gazeta*, com 27 ocorrências, só apresentando menos conteúdos que Feu Rosa (32) e São Torquato (43). Já em *A Tribuna*, com 81 ocorrências o bairro só apresenta menos conteúdo que São Torquato.

As notícias divulgadas sobre Novo Horizonte em *A Gazeta* ao longo de 2016 foram classificadas entre as editorias de Cidades (14), Segurança (12) e Revista AG (uma). Já em *A Tribuna* os conteúdos foram divulgados entre os cadernos de Cidades (59 ocorrências), Polícia (21 ocorrências) e AT2 (uma ocorrência).

No jornal *A Gazeta* apenas no mês de junho não foram registradas nenhuma ocorrência, sendo elas divididas em: uma em janeiro, três em fevereiro, uma em março, duas em abril, quatro em maio, quatro em julho, cinco em agosto, três em setembro, um em outubro, dois em novembro e uma em dezembro. Dos 12 meses em *A Tribuna*, apenas em julho não foi publicado nenhum conteúdo sobre Novo Horizonte, sendo o número total de ocorrências divididas entre os meses de: janeiro (uma), fevereiro (seis), março (cinco), abril (11), maio (dez), junho (13), agosto (quatro), setembro (oito), outubro (14), novembro (sete) e dezembro (duas).

O maior pico de conteúdos divulgados por *A Gazeta* sobre Novo Horizonte se deu em agosto, com cinco ocorrências. Tal evento pode ser justificado, pois o telejornal 1ª edição da Rede Gazeta (da qual o jornal impresso também faz parte) estava comemorando aniversário e, para celebrar o evento, o programa foi

apresentado nas ruas do Bairro Novo Horizonte. Os conteúdos divulgados sobre o fato são, portanto, notas que alertam a população sobre o evento que iria acontecer (apêndice L, p. 204).

A justificativa das ocorrências em setembro se dá pelas notas sobre a seca que afetou o estado em 2016, as de fevereiro notificações sobre os blocos de carnaval e as de maio sobre a vacinação contra H1N1. Basicamente, com exceção de todas as temáticas já citadas, todas as outras ocorrências em Novo Horizonte são narrativas policiais – tanto no contexto metropolitano, quanto específicas do próprio bairro – como a notícia do dia 28 de janeiro “Mãe e bebê são rendidos por gangue na Serra”.

Em *A Tribuna*, por quatro meses houve mais do que 10 ocorrências sobre o bairro Novo Horizonte. O mês com mais conteúdos divulgados é outubro (14 ocorrências). A justificativa para tal acontecimento se dá, pois, foram divulgadas notas sobre a votação por bairros na Serra, rodízio de água, assim como conteúdos sobre escolas ocupadas e novos locais de votação. Das 14 ocorrências, somente duas são narrativas específicas sobre o bairro, ambas são conteúdos policiais - como a notícia de 15 de outubro “Pastor é assassinado a facadas”.

Das 13 ocorrências em junho apenas seis são sobre conteúdos diretamente ligados ao bairro, as outras são citações sobre as vacinações nos postos de saúde. Dos seis conteúdos onde Novo Horizonte é protagonista cinco deles são sobre a visita do jornal ao bairro para gerar conteúdo na coluna “*A Tribuna* com você” - como a notícia de 08 de junho “Família de campeões ensina caratê de graça”. O sexto conteúdo sobre o bairro no mês é uma nota sobre um incêndio em uma loja de eletrônicos.

O pico de conteúdos divulgados em abril é justificável pelas publicações de notas sobre reabastecimento de vacinas em postos de saúde e notas de serviço sobre lojas que abrem ou não nos feriados. Dos 11 conteúdos no mês, apenas em três Novo Horizonte aparece como protagonista, todos no caderno policial - como a notícia de 11 de abril “Jovem é executado no estacionamento de hospital”.

O quarto maior pico de publicação sobre Novo Horizonte em *A Tribuna* se dá em maio e é justificado pelas notas de vacinação na Grande Vitória. Das três vezes em que os conteúdos noticiosos eram estritamente relacionados a acontecimentos no bairro todos foram divulgados em Polícia - como a notícia do dia 21 de maio “Vigilante leva tiros e mulher diz que foi vingança do ex”.



Ainda sobre a cobertura de *A Tribuna*, há uma notícia do dia 22 de março que com o título “Nove cidades sem homicídio em um ano” ranqueia localidades (especialmente as do interior do estado) que não registravam há 12 meses homicídios. Novo Horizonte aparece para fazer o contraponto no conteúdo. Com a notícia que divide a página “Executado na frente da mulher e do filho na Serra”, é demarcado no jornal que, enquanto há cidades em que há tempos não se registram homicídios, Novo Horizonte em 2015 foi o bairro que mais registrou esse tipo de crime no Espírito Santo. Entre tantos conteúdos noticiosos do caderno de Polícia esse se distingue, pois, faz parte dos poucos que trouxeram um especialista em segurança pública para discutir a violência e não apenas transcreveu os boletins da polícia. Na ocasião, Alexandre Domingos, especialista em segurança pública e privada, tentou explicar o segredo de sucesso para as localidades que há um ano não registravam homicídios: “São lugares com valores de educação antigos, onde os pais ensinam os filhos a terem respeito pela polícia. A população é pequena e todo mundo vigia todo mundo, qualquer movimento suspeito a polícia é acionada” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 15).

O especialista na ocasião também dialogou sobre a situação de localidades em que o crime é recorrente como Novo Horizonte: “A polícia atua na consequência do problema e não na causa” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 15). “O Estado tem hoje a metade do efetivo policial que necessita. A raiz do problema está dentro de casa, na educação dos filhos e na infraestrutura que o Estado oferece à população” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 15). “Hoje, o bandido nas periferias ostenta armas, dinheiro e roupas de marca. Tudo isso é atrativo porque o Estado não se faz presente” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 15). “Aqueles que têm má índole, tendem para o crime. Não têm emprego e o jovem não tem ocupação” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 15).

### 3.1. 14 Planalto Serrano

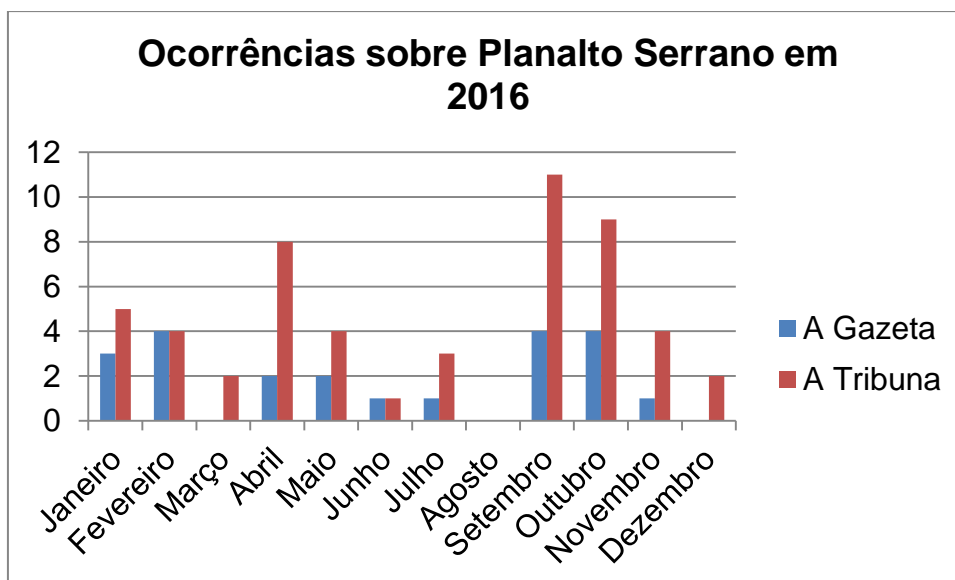


Gráfico 27: Dados sobre Planalto Serrano em 2016

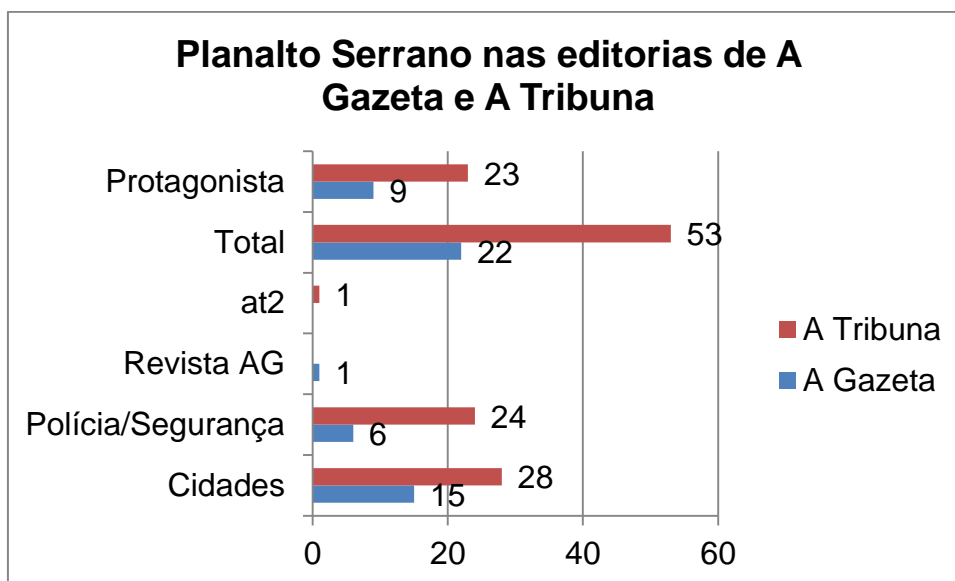


Gráfico 28: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

Ao longo de 2016 foram registradas 56 ocorrências sobre o bairro Planalto Serrano, na Serra, no jornal *A Tribuna*. Em *A Gazeta* ao fim de 2016 foram registrados 22 conteúdos noticiosos publicados.

Todas as ocorrências sobre Planalto Serrano em *A Gazeta* são divididas nas seguintes editorias: 15 conteúdos em Cidades, seis em Segurança e uma na Revista AG. Ao contrário de *A Gazeta* em que há um grande contraste entre o caderno de Cidades e Segurança, em *A Tribuna*, o número de ocorrências nos dois cadernos é mais similar, sendo 28 em Cidades, 24 em Polícia e uma em AT2.

Ao longo dos 12 meses só não foram divulgadas notícias sobre Planalto Serrano em *A Gazeta* em março, agosto e dezembro. Nos outros meses a periodicidade de ocorrências foi: três em janeiro, quatro em fevereiro, dois em abril, dois em maio, uma em junho, uma em julho, quatro em setembro, quatro em outubro e uma em novembro. Em *A Tribuna*, apenas em agosto não houve ocorrências sobre a localidade, todos os outros meses registraram, ao menos, um fato noticioso sendo: cinco em janeiro, quatro em fevereiro, dois em março, oito em abril, quatro em maio, uma em junho, três em julho, 11 em setembro, nove em outubro, quatro em novembro e dois em dezembro.

No gráfico que delimita as publicações sobre Planalto Serrano ao longo de 2016 por *A Gazeta* é possível visualizar três picos de conteúdos divulgados. O primeiro deles é fevereiro e, todas as quatro ocorrências são notas sobre blocos de carnaval na Grande Vitória (apêndice M, p. 206).

O pico de setembro é devido à divulgação de notas sobre secas e/ou rodízio de água na Região Metropolitana. Um acontecimento divulgado em setembro que foge a essa regra é a notícia do dia 29 “Academia estudantil de letras é inaugurada na Serra”. Com o lide “Jovens escritores vão ter agora um ambiente de leitura e debate. A primeira Academia Estudantil de Letras criada por estudantes foi inaugurada ontem em Planalto Serrano, na Serra” o jornal reforça que o projeto foi desenvolvido pelos estudantes e que é mais uma oportunidade para os jovens entrarem em contato com a literatura capixaba.

O terceiro pico de publicações sobre Planalto Serrano em *A Gazeta* é no mês de outubro. Das quatro ocorrências uma é sobre a seca, uma sobre o dia dos professores (entrevistando um professor do bairro) e duas sobre casos de polícia. Exemplo deste último é a notícia de 22 de outubro “Policiais são recebidos a tiros na Serra”. Divide espaço com este conteúdo a nota “Motoboy e patrão são presos por morte. Assim como a maior parte dos conteúdos policiais sobre os bairros vulneráveis a notícia é construída fazendo uma descrição da ação policial, e, neste caso específico, a única fonte ouvida é o próprio delegado.

Comparando com *A Gazeta*, *A Tribuna* registrou mais do que o dobro de ocorrências sobre Planalto Serrano. Os meses com mais ocorrências são, por ordem decrescente: setembro (11), outubro (nove) e abril (oito).

Em setembro, das 11 ocorrências, sete narram o bairro como protagonista, quatro delas estão na coluna *A Tribuna* com você – como dia 28 “Abertas 500 vagas

para aprender profissão” - e as outras três à acontecimentos policiais – como a notícia do dia nove “jovem é espancada com TV na frente do filho de dois anos.

Em outubro, de nove ocorrências, apenas três trazem conteúdos diretamente sobre o bairro. Há notas divulgadas sobre votação por bairros na serra e informações sobre rodízio de água que contribuem para a grande quantidade de conteúdo, mas que apenas citam o bairro no contexto metropolitano. As únicas três vezes em que o bairro é assunto principal no conteúdo tratam-se de assuntos sobre segurança – como a nota de 14 de outubro “Morto em matagal em Planalto Serrano.

O mesmo cenário de setembro e outubro se repete em abril: conteúdos da Região Metropolitana em Cidades, conteúdos ligados diretamente a Planalto Serrano em Polícia. Das oito ocorrências no mês, três narram conteúdos tendo o bairro como protagonistas, ambas na editoria policial - como a notícia de 04 de abril “Segurança mata ex-mulher na Serra”.

### 3.1. 15 Santa Rita

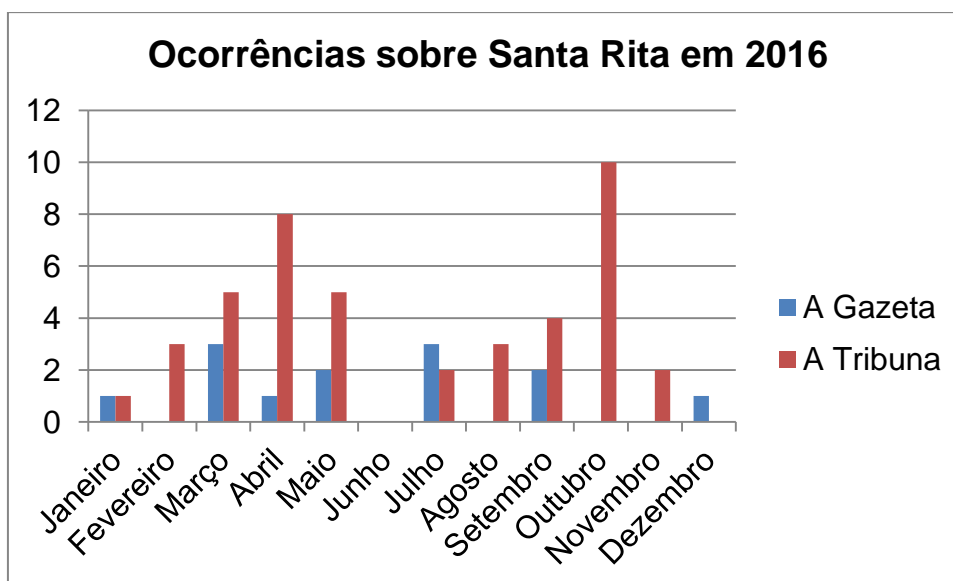


Gráfico 29: Dados sobre Santa Rita em 2016

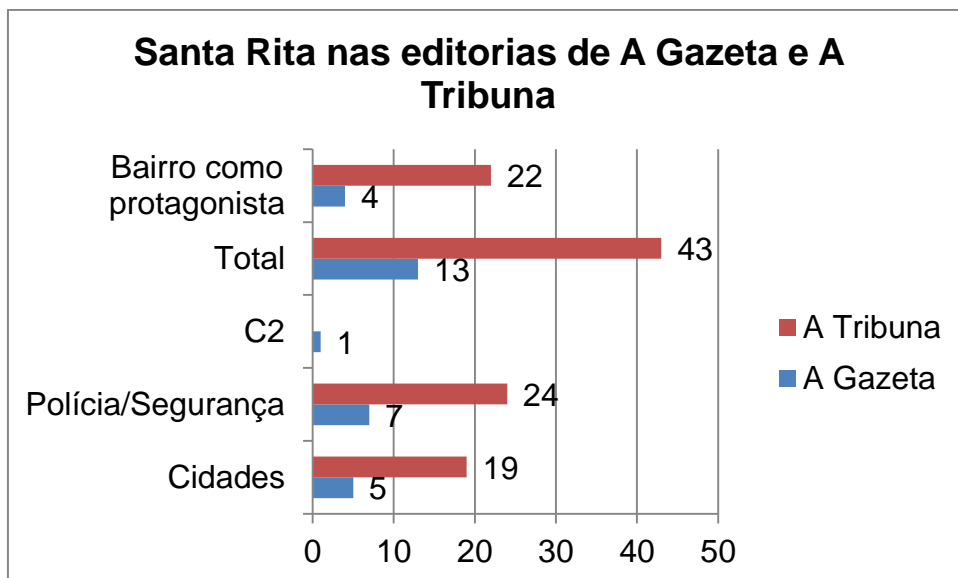


Gráfico 30: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

Santa Rita, em Vila Velha, apresenta uma peculiaridade na cobertura, pois, de todas as localidades analisadas, é a única na cobertura de *A Gazeta* que registrou mais ocorrências em Segurança do que em Cidades. Em *A Tribuna*, além de Santa Rita, apenas Bairro das Laranjeiras e Castelo Branco também registraram mais ocorrências em Polícia do que em Cidades.

Em relação à frequência de material publicado em *A Gazeta*, houve divulgação de conteúdo apenas em janeiro (um), março (três), abril (um), maio (dois), julho (três), setembro (dois) e dezembro (um). Em fevereiro, junho, agosto, outubro e novembro nenhuma ocorrência foi registrada. Em *A Tribuna* apenas junho e dezembro não registraram ocorrências, em todos os outros meses houve, ao menos um conteúdo noticioso divulgado, sendo: um em janeiro, três em fevereiro, cinco em março, oito em abril, cinco em maio, dois em julho, três em agosto, quatro em setembro, dez em outubro e duas em novembro (apêndice NI, p. 207).

Em *A Gazeta* (assim como a cobertura sobre outros bairros), são registrados conteúdos que citam o Bairro Santa Rita no contexto metropolitano, como as chamadas para vacinação em maio e abril e notas sobre seca e racionamento em setembro. As quatro ocorrências que narram especificamente sobre o bairro Santa Rita são catalogadas na editoria de Segurança. Exemplo de tal afirmação é a notícia de 07 de março “Jovem assassinada após ir em baile funk sozinha na Serra” e a notícia de 19 de julho “Bala perdida mata idosa na volta de culto”.

Com a chamada “Guerra do tráfico” *A Gazeta* noticia sobre o crime no bairro demarcando – também visualmente graças à foto da pichação no muro escrito “Bem vindo ao inferno” – que na localidade há disputa de gangues pelo tráfico de drogas. Ao contrário de outros conteúdos, aqui o jornal utiliza apenas a fala de moradores para a construção da notícia. A única menção à polícia no texto é que, suspeitos ainda não haviam sido presos, e, algumas informações dadas pelos moradores não foram confirmadas. Ao longo da notícia, por meio das descrições de entrevistados, o jornal sinaliza a violência como cenário recorrente no bairro. Com trechos como “segundo outros moradores, o local é palco de muitas trocas de tiros entre bandidos. ‘Minha filha já tomou um tiro quando estava grávida de seis meses [...]. A vizinha da frente já teve um filho que tomou um tiro no peito [...]. Cada morador já tem um parente que foi baleado” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 13) o jornal descreve tais acontecimentos.

Em relação à cobertura de *A Tribuna* é possível visualizar picos de publicação de conteúdos em março, abril, maio e outubro. Das dez ocorrências de outubro apenas quatro não são citações sobre racionamento e votação em Vila Velha (que contribuem para a grande quantidade de conteúdo no mês), sendo todas as quatro notas sobre crimes no bairro como a divulgada em 19 de outubro “Guerra de gangues deixa um morto e um ferido”.

No mês de abril em *A Tribuna*, com exceção de duas notas sobre vacinação, todos os outros seis conteúdos dizem respeito à editoria de Polícia como a nota divulgada no dia três “Crime após o baile”. Maio se assemelha a esse cenário, pois, das quatro ocorrências, duas são sobre vacinação e duas sobre crimes na região como a nota divulgada no dia 24 “Casal briga e vizinho joga agressor no valão”. Já em março há outra característica, das cinco ocorrências quatro são policiais. Em especial, duas são para registro do crime de feminicídio também noticiado por *A Gazeta* no dia 07 “Jovem vai a baile escondida de namorado e é executada”.

### 3.1. 16 São Torquato

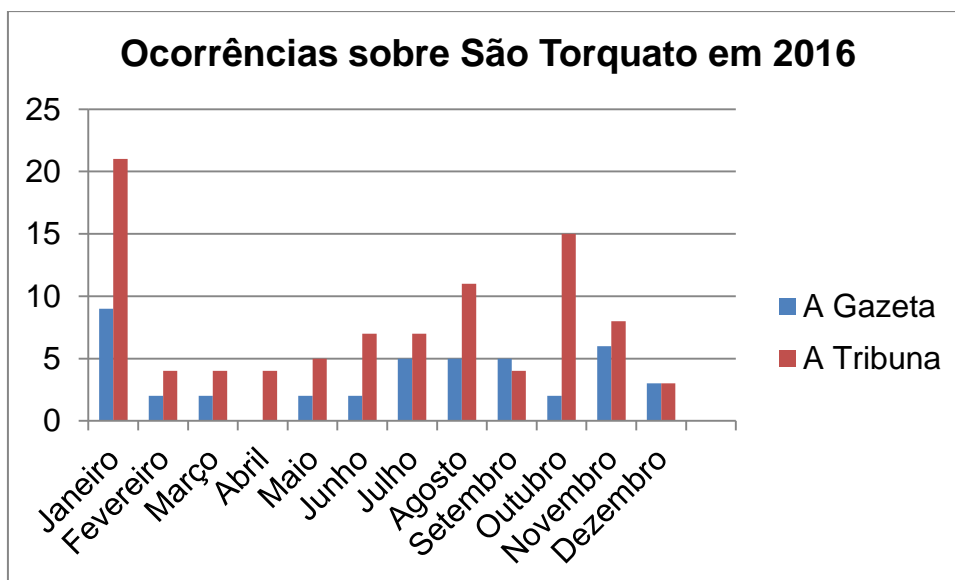


Gráfico 31: Dados sobre São Torquato em 2016

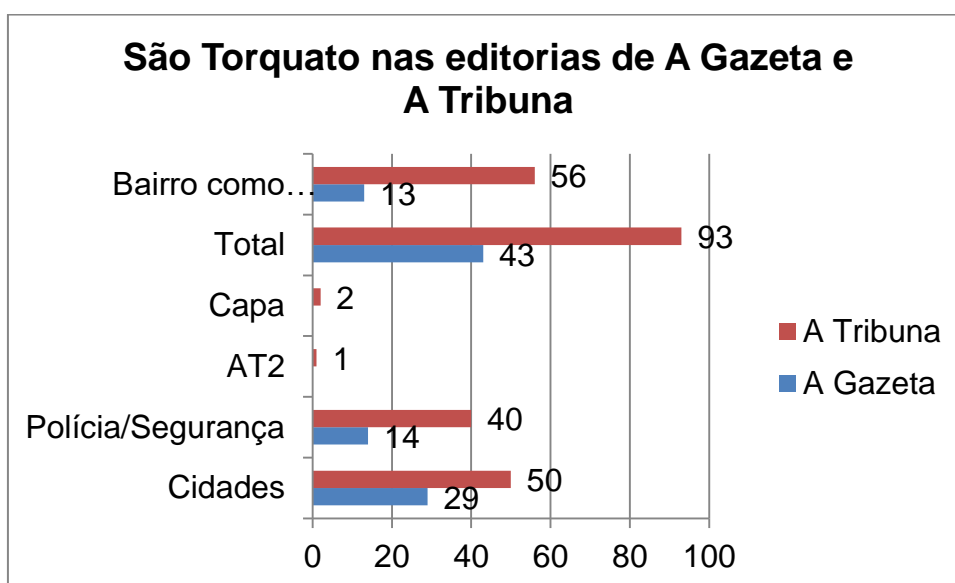


Gráfico 32: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

Das 18 localidades analisadas São Torquato é a que nos dois jornais registrou maior índice de ocorrências. Em *A Gazeta* foram contabilizados 43 vezes em que o jornal divulgou informações sobre a região, e em *A Tribuna* o número mais do que dobra, são 93 ocorrências.

Todos os conteúdos publicados por *A Gazeta* foram divididos entre as editorias de Cidades (29) e Segurança (14). Já em *A Tribuna*, são 93 ocorrências divididas entre Cidades (50), Polícia (40), Capa (dois) e AT2 (uma).

Em *A Gazeta*, apenas em abril não foi publicado nenhum conteúdo sobre a localidade. O total de ocorrências sobre o bairro está dividido entre: janeiro (nove),

fevereiro (dois), março (dois), maio (dois), junho (dois), julho (cinco), agosto (cinco), setembro (cinco), outubro (dois), novembro (seis) e dezembro (três). Em *A Tribuna* todos os meses foram noticiados ao menos um conteúdo sobre o bairro sendo, divididos entre: janeiro (21), fevereiro (quatro), março (quatro), abril (quatro), maio (cinco), junho (sete), julho (sete), agosto (11), setembro (quatro), outubro (15), novembro (oito) e dezembro (três).

A justificativa para terem sido divulgados tantos conteúdos sobre São Torquato está, em primeiro lugar, no acidente que ocorreu no início do ano de 2016, ao rolar pedras no Morro Boa Vista e deixar moradores sem moradia. Outro fato são os diversos acontecimentos envolvendo crimes no Terminal de ônibus que fica no bairro, assim como Bailes do Mandela que, de acordo com muitos conteúdos divulgados, influenciavam a segurança e funcionamento do mesmo.

No gráfico que demonstra as publicações de *A Gazeta* ao longo de 2016, janeiro é o período com o maior número de ocorrências sendo que, das nove registradas três citam o bairro no contexto metropolitano e seis são sobre a queda das pedras no morro – como a do dia dois “Vila Velha: enxurrada de pedras causa destruição” (apêndice O, p. 208).

Na cobertura sobre São Torquato em novembro, das seis ocorrências, quatro são catalogadas em Cidades - como o protesto de estudantes das ocupações nas escolas do dia 11 “Lista de ocupantes nas mãos da justiça” – e duas em Polícia – como a notícia do dia 10 que faz mais uma marcação sobre o Terminal de São Torquato “Dezenas de jovens entram em terminal sem pagar passagem”. Conteúdo como este foram muito comuns, tantos os que diziam respeito diretamente aos assuntos sobre o terminal em si, quanto aos envolvendo motoristas e cobradores. No mês de outubro, por exemplo, as duas ocorrências se enquadram nesse quesito. Uma nota em Segurança no dia 23 “Coletivos passaram o dia dentro dos terminais” e a notícia “Rodoviários querem pacote de segurança contra crime no Transcol”, do dia 27. Na ocasião, o bairro São Torquato aparece no conteúdo, pois os policiais militares haviam entrado com a proposta de que o terminal deixasse de ser 24h para que o Terminal de Itacibá funcionasse dessa maneira. A explicação dada para tal ação era, segundo o então presidente do Sindirodoviários, Edson Bastos: “O objetivo é inverter o funcionamento de São Torquato com Itacibá, para evitar que os coletivos sejam tomados de madrugada por pessoas que vêm de bailes clandestinos da região do terminal”.



Em relação à cobertura do jornal *A Tribuna* sobre São Torquato, das 21 ocorrências em janeiro, quatro estão na editoria de Polícia - como a nota do dia 1º “Adolescente é assassinado com oito tiros em Vila Velha” que, assim como em muitos outros casos trata-se apenas da descrição do crime - , uma em AT2 – nota sobre feijoada em São Torquato, no dia 10 - e uma capa referente ao desastre das pedras na localidade. Todas as outras 15 ocorrências registradas no mês são relatos sobre o acontecimento no morro Boa Vista.

Outubro foi o segundo mês com mais ocorrências sobre São Torquato. Tal fato pode ser justificado, pois houve notificações sobre ocupações nas escolas. Há também notas sobre as votações por bairro em Vila Velha - o que contribui para que aumente o número de conteúdos divulgados por mês, mas, não necessariamente sejam materiais específicos sobre o bairro. Dentre os assuntos que mais tiveram periodicidade nesse período no jornal foi a onda de crimes no terminal ou assunto relativos a tais acontecimentos: seja em Cidades ou Segurança, das 15 ocorrências em outubro, seis são relacionadas ao assunto. Exemplo de tal marca é a notícia do dia 9 “Ladrões atacam em Transcol e ameaçam”.

Já no mês de agosto (também relacionada à cobertura de *A Tribuna*) 11 ocorrências foram registradas. Com exceção do conteúdo do dia 5 “Festas com a campeã do carnaval” que noticia uma festa com as escolas de samba em São Torquato, todas as ocorrências restantes estão na editoria de Polícia - inclusive a chamada principal da capa, divulgando mais um crime no bairro.

Os crimes divulgados por *A Tribuna* em agosto não tem um caráter único, há notificações de assassinatos (como dia 04 de agosto “Mulher joga gasolina e põe fogo na ex por vingança”), e conteúdos voltados aos crimes nos ônibus ou no Terminal de São Torquato – como a divulgada em 16 de agosto “Passageira ferida a tiro por demorar a entregar celular”.

### 3.1. 17 Ulisses Guimarães

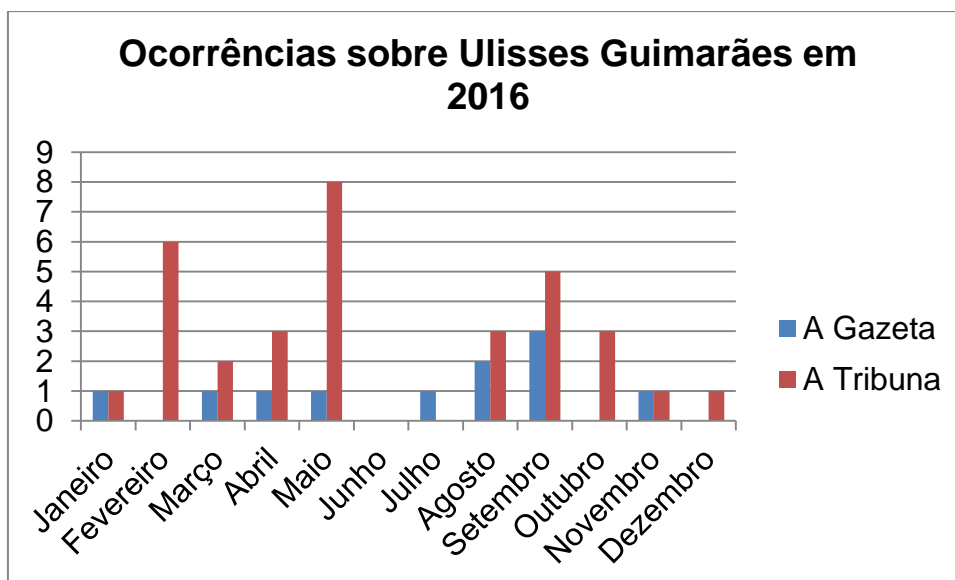


Gráfico 33: Dados sobre Ulisses Guimarães em 2016

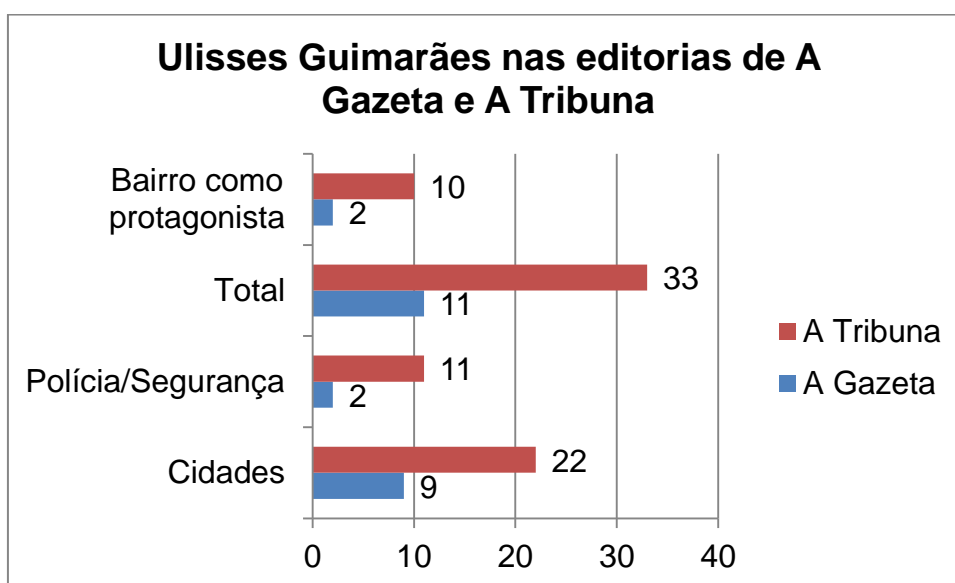


Gráfico 34: Dados das editorias de A Gazeta e A Tribuna

As 11 ocorrências sobre Ulisses Guimarães, em Vila Velha, em *A Gazeta* foram divididas entre as editorias de Cidades e Segurança, sendo que, na primeira foram registrados nove conteúdos e na segunda, dois. Em *A Tribuna* as notícias sobre a região também foram divididas entre os dois cadernos, tendo Cidades 22 ocorrências e Polícia 11.

Ao longo de 2016, nos dois jornais houve meses sem a publicação de conteúdos sobre a região. Em *A Gazeta* as ocorrências dividiram-se entre os meses de janeiro (uma), março (uma), abril (uma), maio (uma), julho (uma), agosto (duas),

setembro (três) e novembro (uma). Em *A Tribuna* os conteúdos noticiosos foram divulgados entre janeiro (um), fevereiro (seis), março (dois), abril (três), maio (oito), agosto (três), setembro (cinco), outubro (uma), novembro (um) e dezembro (um).

O maior pico de conteúdo sobre Ulisses Guimarães em *A Gazeta* foi divulgado em setembro, porém, as ocorrências apenas citam o bairro como localidade onde ocorria o racionamento de água na Região Metropolitana. Das 11 ocorrências, somente três apresentam narrativas diretamente ligadas aos acontecimentos do bairro, sendo elas a notícia de 25 de março “Dupla faz arrastão, atira em rivais, é presa, mas foge da delegacia – que descreve crimes realizados em Barro Vermelho e situa Ulisses Guimarães como localidade onde os acusados foram presos – e os conteúdos do dia 24 (“Menina recém-nascida é deixada em sacola dentro de bar”) e 25 de agosto (“Procura pela mãe de bebê começa hoje”) que relatam sobre o mesmo caso (apêndice P, p. 210).

Em *A Tribuna*, foi o mês de maio que mais registrou ocorrências sobre a localidade. Tal fato justifica-se, pois, dos oito conteúdos publicados, quatro são citações sobre postos e campanhas de vacinação. As outras quatro ocorrências (que narram a localidade como protagonista nos conteúdos) são da editoria de Polícia. Dentre as quatro publicações três são notas descrevendo a ação policial – como a de 13 de maio “Preso suspeito de roubar dízimo”- e a quarta narra sobre o acontecimento de um crime na região “Gangue atira em bar e três ficam feridos” (15 de maio). A notícia de meia página entrevista a polícia militar e moradores da região. Com os depoimentos sublinhados pelo jornal, em especial os dos que residem no bairro, é possível visualizar parte da rotina e dinâmica de crimes. Embora haja trechos de depoimentos de testemunhas e/ou moradores (assim como em outras ocorrências sobre os bairros vulneráveis), em nenhum deles há identificação, todos temem a violência. Um desses exemplos é: “É gangue de traficantes que anda na rua procurando um inimigo para matar. E quando encontram algum, eles atiram sem se importam com quem está perto’. Disse um aposentado, de 65 anos, que não se identificou” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 24).

Por medo de depoimentos é possível visualizar também que se criam (mesmo entre os que se quer vivem na região) mapas sociais de áreas que são perigosas e devem ser evitadas. Um exemplo é o depoimento da familiar de uma das vítimas do tiroteio: “Eu moro em Cariacica e só vim para o bairro para ajudar na festa de

aniversário da minha sobrinha, que seria hoje. [...] eu tenho até medo de frequentar o bairro, só vim mesmo para ajudar”.

Em conexão com o depoimento acima há a fala de outro morador que, insatisfeito com tamanha violência, fala que se mudará de Ulisses Guimarães:

“A situação aqui só fica pior, não tenho mais esperança que melhore. Vou embora daqui. Tenho medo de sair à rua e ser atingido, ou de deixar meus filhos na rua e eles serem baleados. Estava dormindo e acordei com o barulho dos tiros. A gente fica com medo que algum tiro ativesse a janela e pegue dentro de casa. Ninguém merece viver assim. Aqui tem muita gente boa, torço para que a segurança aumente. Ninguém gosta de viver numa guerra” (A *TRIBUNA*, 2016, p. 24).

O segundo mês com mais ocorrências registradas em *A Tribuna* é fevereiro. O número é justificado pelas notas que citam Ulisses Guimarães entre outros bairros da Grande Vitória para alertar sobre programações de carnaval e a distribuição de repelentes. O terceiro pico apresentado no gráfico é de setembro. Tal fato ocorreu, pois foram divulgadas quatro notas citando o bairro como uma das localidades a participar do rodízio de água, sendo apenas a quinta das ocorrências – nota do dia 6 “Jovem é baleado em Ulisses Guimarães” – conteúdo relacionado diretamente ao bairro.

### 3. 1. 18 Vila Nova de Colares

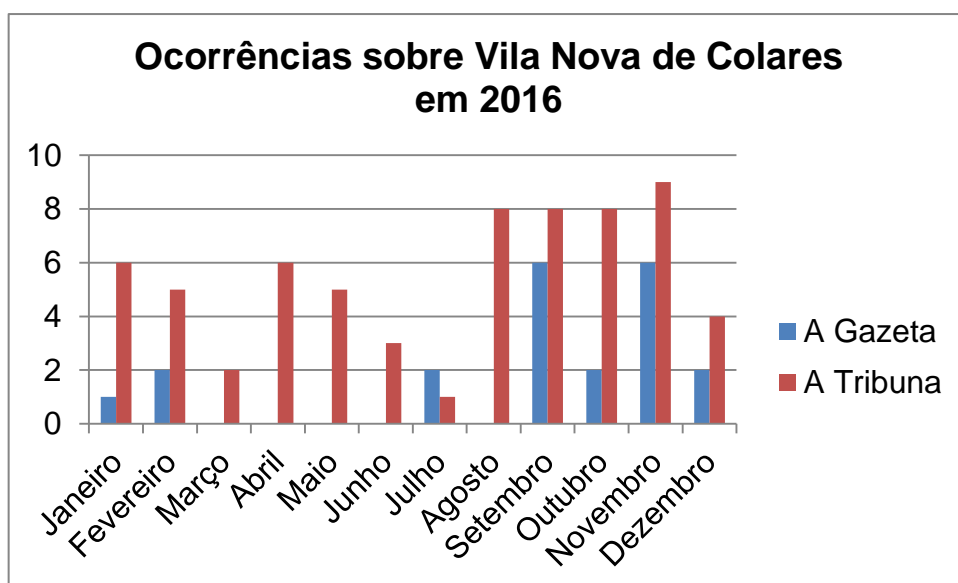


Gráfico 35: Dados sobre Vila Nova de Colares em 2016

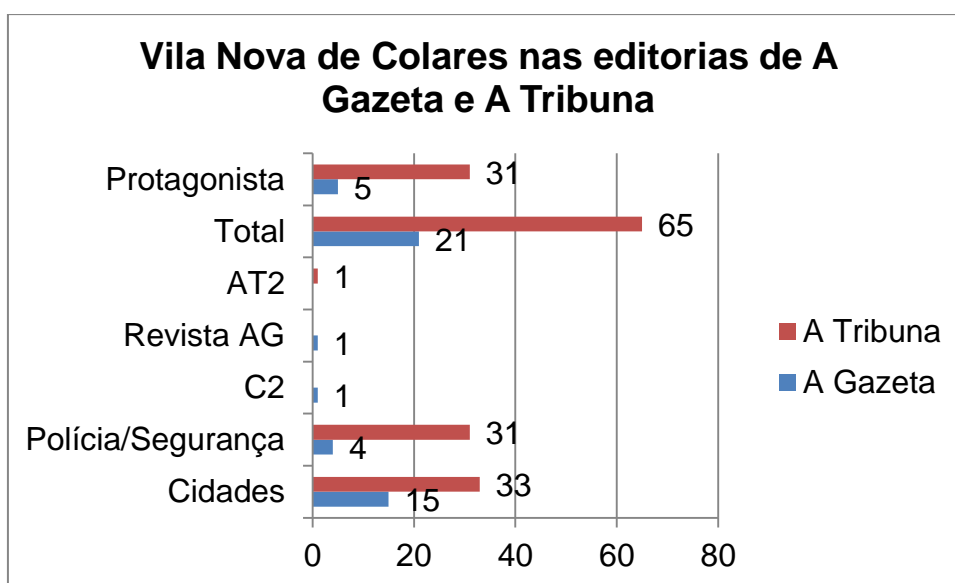


Gráfico 36: Dados das editorias de *A Gazeta* e *A Tribuna*

Sendo o último bairro de vulnerabilidade social analisado, Vila Nova de Colares, na Serra, também apareceu como uma das localidades que mais registraram ocorrências em 2016. O bairro registrou em *A Gazeta* com o 7º lugar (com 21 ocorrências) dos bairros com mais números de conteúdos divulgados. Já em *A Tribuna* a localidade ocupa a 4ª posição, com 65 ocorrências.

Os conteúdos publicados por *A Tribuna* tiveram uma divisão quase igualitária entre o caderno de Cidades e Polícia, sendo 33 ocorrências na primeira e 31 na segunda. Há ainda uma ocorrência registrada em AT2. Em *A Gazeta* há uma heterogeneidade maior em relação à divisão de conteúdo, sendo registradas 15 ocorrências em Cidades, quatro em Segurança, uma na Revista AG e uma no C2.

Dos 12 meses de 2016, em apenas sete deles houve ocorrências sobre Vila Nova de Colares em *A Gazeta*. As notificações foram publicadas entre: janeiro (uma), fevereiro (duas), julho (duas), setembro (seis), outubro (duas), novembro (seis) e dezembro (duas). Já em *A Tribuna*, em todos os meses houve, ao menos, um conteúdo divulgado. As ocorrências foram publicadas em: janeiro (seis), fevereiro (cinco), março (duas), abril (seis), maio (cinco), junho (três), julho (uma), agosto (oito), setembro (oito), outubro (oito), novembro (nove) e dezembro (quatro).

A única ocorrência em *A Gazeta* sobre o bairro no mês de janeiro é a reportagem especial do dia 17 publicada no C2 “Começa agora”. A reportagem – que também citava os bairros Santa Rita e Feu Rosa – era uma entrevista com o

secretário de cultura que acabava de assumir e pontuava que estariam abertas as matrículas para os cursos do projeto “Laborarte”, em Vila Nova de Colares (apêndice Q, p. 211).

A única reportagem da Revista AG divulgada sobre o bairro em 25 de dezembro também é relacionada ao projeto acima. O conteúdo narra a história de jovens que fundaram a estamperia “Utopia” após participarem do projeto do governo Ocupação Social.

Os picos na divulgação de conteúdo sobre o bairro que podem ser vistos no gráfico de *A Gazeta* correspondem a ocorrências sobre informações da Grande Vitória, de forma geral – como as notas sobre o rodízio de água em setembro e as citações de escolas ocupadas na Região Metropolitana (entre elas uma do bairro). Os três conteúdos nos quais o bairro é protagonista são notas no caderno de segurança descrevendo o trabalho da polícia militar - como no dia 15 de fevereiro “Chefe do tráfico é preso na Serra”.

Em *A Tribuna*, o único conteúdo sobre Vila Nova de Colares no AT2 foi a nota do dia 29 de novembro “Batalha de MC’s amanhã no Teatro Carlos Gomes” que também consta nos bairros de Barramares e Nova Rosa da Penha e, assim como o conteúdo relativo à Revista AG noticia sobre as apresentações de jovens do programa “Laborarte”. Este conteúdo faz parte de uma das ocorrências do mês em que mais se registrou a publicação de conteúdo no jornal: novembro. Assim como em *A Gazeta*, *A Tribuna* também noticiou sobre a ocupação das escolas de uma maneira mais panorâmica, descrevendo o cenário no contexto da Grande Vitória. Graças a tal fator, somente em novembro Vila Nova de Colares foi citada em cinco conteúdos sobre as ocupações, favorecendo, dessa maneira, que esse fosse o mês com mais ocorrências no jornal. Das outras ocorrências, todas estão catalogadas na editoria de Polícia, narrando sobre crimes no bairro como a nota de 08 de novembro “Bandidos atiram e ferem rapazes”.

O segundo mês com mais ocorrências em *A Tribuna* foi outubro. Tal fato pode ser explicado pelas notas sobre rodízio de água e os dados sobre a votação nos bairros (ambos os conteúdos no contexto metropolitano). Os dois conteúdos que narram sobre acontecimentos diretamente relacionados à Vila Nova de Colares são notas em Polícia sobre crimes como a do dia 07 de outubro “Vendedor é assaltado duas vezes e leva tiro na cabeça”.

O mês de setembro segue o mesmo padrão do anterior: matérias sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória citando Vila Nova de Colares, conteúdos policiais representando o bairro como protagonista – exemplo é a nota do dia 24, “Jovem assassinado a tiros ao ir visitar a mãe”.

Ao lado de setembro e outubro, agosto completa a lista dos bairros com maiores ocorrências registradas (oito em cada um deles). E, diferentemente dos anteriores, neste caso não se trata apenas de narrativas policiais. De todos os registros de agosto, apenas um mapeia o bairro em um conteúdo regional, todos os outros dizem respeito diretamente aos assuntos relacionados à localidade. Duas são notas em Polícia – como a do dia dois “Adolescente é morto ao dizer a assassino seu apelido” – e as outras cinco ocorrências são sobre a coluna “*A Tribuna* com você” – como a matéria também do dia dois “Bairro vai ter marido de aluguel”.

### **3.2 *A Gazeta* e *A Tribuna*: representações sobre os bairros vulneráveis**

Nos tópicos acima foi possível compreender de como os dois jornais impressos capixabas representam as áreas de vulnerabilidade social da Região Metropolitana da Grande Vitória. Após trazer dados individuais sobre os bairros nos veículos é necessário realizar também algumas pontuações quanto à cobertura realizada pelos jornais.

Mesmo compreendendo que os jornais são também empresas e exercem dinâmicas parecidas entre si, a proposta inicial dessa pesquisa foi realizar não somente a análise sobre os bairros de vulnerabilidade social, mas também a comparação entre *A Gazeta* e *A Tribuna*. Tal fato se deu, pois, mesmo que os veículos pudessem apresentar coincidências nas coberturas noticiosas (o que de fato ocorreu), pensava-se na importância em realizar esse mapeamento para compreensão das dinâmicas da imprensa capixaba, assim como a avaliação das particularidades de *A Gazeta* e de *A Tribuna*.

Como se trata de uma análise de conteúdo, o primeiro passo foi descrever os números dos dados das coberturas dos impressos capixabas em cada um dos 18 bairros analisados – mapeando a quantidade de ocorrências registradas, em que editorias essas ocorrências foram categorizadas e que acontecimentos haviam influenciado para que as localidades pudessem apresentar tais números. O segundo

passo foi realizar o comparativo desses dados entre os dois jornais, visualizando a distribuição de conteúdos entre eles. Tais procedimentos foram importantes para compreender a publicação de conteúdos sobre as localidades aqui analisadas, assim como chegar a algumas conclusões de pesquisa.

Ainda nos primeiros capítulos foi levantado o questionamento de que, como uma das principais características para os bairros serem considerados vulneráveis era o alto índice de violência, seriam eles apresentados em maior quantidade na editoria de Polícia/Segurança? A indagação pode ser respondida ao analisar os gráficos que apresentam resultados gerais sobre as ocorrências em cada um dos jornais. Houve, efetivamente, bairros que apresentaram um número maior de ocorrências no caderno de Polícia/Segurança do que Cidades – Santa Rita nos dois veículos e em *A Tribuna* Bairro das Laranjeiras e Castelo Branco – entretanto, isso representa a minoria dos casos. Com um total de 821 ocorrências em *A Tribuna* e 311 em *A Gazeta* os dois jornais registraram mais conteúdos sobre os bairros vulneráveis em Cidades – 196 x 98 *A Gazeta*, 469 x 339 em *A Tribuna*. Entretanto, assim como foi pontuado nas análises bairro a bairro, o número não diz respeito a notícias diretamente relacionadas a acontecimentos nas localidades. O ano de 2016 condensou alguns acontecimentos que acabaram por influenciar a vida de toda a população do Espírito Santo – sendo eles o surto de Zika, as campanhas de vacinação contra H1N1, ou até mesmo a seca que exigiu que os moradores (principalmente da Região Metropolitana) fizessem racionamento de água.

Outra conclusão que se chega ao comparar os dados gerais dos jornais é que *A Tribuna* publicou muito mais conteúdos sobre as áreas de vulnerabilidade social do Espírito Santo. Em todas as editorias e todos os bairros os números do jornal são superiores dos de *A Gazeta*. É notável também não apenas as diferenças da quantidade de ocorrências registradas entre as editorias dos jornais, mas entre as editorias de um mesmo veículo. Em *A Tribuna* Cidades e Polícia tem uma diferença de pouco mais que 100 ocorrências. Já em *A Gazeta* as ocorrências registradas em Segurança são a metade das registradas em Cidades. Tais características, para além de números, refletem sobre as linhas editoriais dos veículos, assim como dizem sobre a importância dada por cada jornal à edição de Polícia, principalmente.

No começo da pesquisa partia-se do pressuposto de que a imprensa capixaba apresentaria majoritariamente um discurso oficial – vindo de fontes como Polícia e Secretaria de Segurança pública, por exemplo – sobre os bairros de



vulnerabilidade social. A polícia foi, de fato, fonte recorrente ao narrar sobre as localidades, já que, grande parte dos conteúdos diretamente relacionados aos bairros estavam no caderno de Segurança/Polícia. Há, contudo, uma grande diferença na apresentação do conteúdo policial entre *A Gazeta* e *A Tribuna*: enquanto no primeiro, das 96 ocorrências em Segurança apenas 24 (aproximadamente 25%) eram notas, em *A Tribuna* mais de 50% dos conteúdos divulgados são (das 339 ocorrências em *A Tribuna* 171 são notas). O marco expressa que, quantitativamente *A Tribuna* divulga muitos conteúdo policiais, mas, na maioria das vezes, se tratam de descrições de Boletins de Ocorrências, sem apresentação de outras fontes como testemunhas ou moradores, por exemplo. Já em *A Gazeta*, (que entre as 96 ocorrências em Segurança 25% são apresentadas como notas) os conteúdos se dividem majoritariamente entre notícias de ¼ de página até reportagens especiais de uma página inteira.

Com exceção dos conteúdos que são mera descrição dos crimes, os veículos recorreram também a moradores ou testemunhas para falar sobre os acontecimentos. Questionava-se, no início da pesquisa, se os jornais apresentariam esses depoimentos. Por vários momentos eles estiveram, de fato, presentes nas produções jornalísticas, entretanto, o que não havia sido levado em consideração é que, os moradores até falam, há, contudo, o medo de se identificar para o jornal, o medo de ser reconhecido por aqueles que são considerados entre os moradores pessoas do crime.

Ainda relacionado às narrativas policiais há a diferença de posicionamento ao falar sobre crimes nos jornais. *A Tribuna* é mais descritiva – busca mapear o passo a passo do crime, quantos tiros foram dados, que locais dos corpos foram atingidos – enquanto *A Gazeta* não se prende a esses tipos de detalhes. *A Tribuna* também por vezes colocou trechos de entrevistas com os acusados dos crimes, em *A Gazeta* esse tipo de atitude não ocorre.

Outro objetivo a ser alcançado era analisar a diferença entre as editorias de Cultura e Polícia ao narrar sobre os bairros de vulnerabilidade. Em *A Gazeta*, das 311 ocorrências registradas seis são do C2 e nove da Revista AG, totalizando 15 ocorrências sobre cultura nesses bairros. Em *A Tribuna*, das 821 ocorrências apenas sete estavam em AT2. Esse resultado instiga três pontos: o primeiro é a falta de divulgação de conteúdos culturais sobre as localidades - são 18 bairros analisados durante um ano e há o registro apenas de 22 ocorrências nos cadernos

de cultura dos principais jornais impressos no Espírito Santo; O segundo ponto diz sobre o caráter e estrutura dos próprios jornais que tendem a usar essas seções para um apanhado geral de acontecimentos do estado, às vezes, mais como agenda (com horários de filmes em cartaz e dias de shows) do que matérias propriamente ditas; O terceiro ponto é: há de fato opções de lazer e cultura nessas localidades que proporcionem a elas virar assuntos nos jornais?

Há alguns pontos analisados que merecem destaque sobre as coberturas dos impressos capixabas sobre os bairros de vulnerabilidade social no Espírito Santo. Dessa forma, embora sejam jornais de diferentes empresas e 18 localidades que diverjam quanto ao posicionamento geográfico, demografia, renda (dentre outros fatores), há elementos em comum sobre eles encontrados ao longo da pesquisa. Por vezes os bairros foram noticiados pelos jornais em um mesmo conteúdo. Dessa forma, embora não seja possível homogeneizar essas localidades, é possível estabelecer algumas relações sobre a cobertura da imprensa capixaba sobre os bairros de vulnerabilidade social, assim como relacionar essas características das coberturas noticiosas às referências teóricas discutidas no início deste estudo.

### **3. 2. 1 Relação moradores e bairros de vulnerabilidade social**

O segundo capítulo desta dissertação foi voltado à discussão sobre a formação dos territórios, territorialidades e as dinâmicas da violência que permeiam esses locais. Visualizar a conformação de um território é ir para além de um entendimento geográfico, como já debatido, o território é o espaço, mas também sua apropriação. Há o aspecto físico - da fronteira e do número populacional, por exemplo -, assim como há também o aspecto simbólico – de como esses fatores se relacionam e constituem os ambientes.

Compreender as dinâmicas que atuam sobre os bairros de vulnerabilidade social na Grande Vitória é também lançar luz sobre os aspectos físicos e simbólicos dessas localidades – aqui, de forma especial, pretende-se discutir sobre esses mecanismos por aquilo que é representado nos jornais impressos. Assim sendo, além de conteúdos sobre violência – que também dizem respeito às relações estabelecidas nesses ambientes – ao longo do ano de 2016 os jornais divulgaram

conteúdos que proporcionam ter um melhor entendimento da(s) territorialidade(s) que são formadas nessas localidades.

O fato mais marcante sobre as narrativas dos jornais sobre os bairros de vulnerabilidade é que, mesmo que o mote do conteúdo apresentado não seja sobre a violência, esta acaba por permear as narrativas sobre os bairros de alguma maneira. Entender tal fato diz respeito também a compreender que, sejam nas ocorrências policiais, ou seja, nos conteúdos culturais, de alguma forma as dinâmicas da criminalidade acabam por permear as práticas sociais existentes nos bairros. É possível visualizar essa concepção com alguns dos conteúdos divulgados por *A Gazeta* ao longo de 2016.

Em 13 de março o jornal divulgou a reportagem especial intitulada “Eles lutam para mudar a vida de seus bairros”. Três dos bairros aqui analisados são citados no conteúdo: Flexal II, Jardim Carapina e São Torquato. O jornal evidenciou na ocasião o trabalho voluntário de moradores dessas localidades que se propõem a gerar atividades culturais para os jovens. O primeiro exemplo citado era o do porteiro Judismar Moraes. O morador coordenava uma escolinha de futebol em Flexal II. De acordo com a entrevista dada ao jornal por Moraes ou se realizam esses projetos ou a escolha dos jovens será o crime: “Se não estiverem jogando, vão estar na rua, sujeitas aos chamados do tráfico” (*A GAZETA*, 2016, p. 10-11)

O segundo exemplo trazido no jornal é de Jardim Carapina, o Grupo “Periferia Resiste”. *A Gazeta* pontua que com as doações da própria comunidade são realizadas oficinas de grafite, dança, música, palestra, cinema, entre outros. É também pela fala de um dos coordenadores e morador da região que o jornal reforça a relação da violência com o bairro: “Só o nome do bairro já assusta e isso é que queremos mudar. Somos muito mais do que violência e crimes” (*A GAZETA*, 2016, p. 10-11), dizia Ucrisefam da Silva Oliveira, o Zucrí.

O terceiro exemplo de trabalho voluntário que busca mudar a realidade do bairro é do lutador de MMA de São Torquato. “Quando saiu do presídio, após oito anos preso por tráfico, Wanderson Netzel, 29 anos, percebeu que muita coisa tinha mudado em seu bairro, região de São Torquato. ‘O crime tinha tomado conta’” (*A GAZETA*, 2016, p. 10-11).

Outro exemplo de conteúdo nos jornais que demonstra parte das dinâmicas sociais dos bairros de vulnerabilidade é a reportagem especial da Revista AG, em *A Gazeta* no dia 17 de abril. Com o título “Pelo Coletivo” o jornal apresenta coletivos

que mudam a realidade de seus bairros. Novamente o grupo “Periferia resiste”, em Jardim Carapina, é citado pelo jornal. Dessa vez há mais conteúdo descrevendo a história do grupo, assim como se dá a atuação do mesmo. Entretanto, mesmo que seja um conteúdo sobre cultura, dentro de um caderno especial que só sai aos domingos, as referências sobre a violência não deixam de ser pontuadas na narrativa sobre o bairro. Ao entrevistar novamente Zucri, o morador pontua que uma das frentes do projeto é um pré-vestibular gratuito para os jovens da localidade. Zucri ainda reforça que tal iniciativa acabar por atender até mesmo adolescentes de bairros vizinhos como Planalto Serrano e Novo Horizonte. Novamente, ao trazer à tona a questão da violência no bairro há o reforço de que, projetos como esse colaboram para a manutenção de jovens fora do crime.

Zucri explica que nunca existiu resistência dos traficantes. ‘Nenhum traficante se opõe as nossas ações. Até porque eles não querem que seus filhos sigam os mesmos caminhos. Se tivessem tido opções, com certeza, teriam um destino diferente’. (A GAZETA, 2016, p. 14-15)

Os trechos dos noticiários acima possibilitam a reflexão sobre a violência e as dinâmicas por ela impostas nos ambientes vulneráveis, assim como as territorialidades presentes. Milton Santos (2002), ao discutir sobre território ressalta que se vive em uma época de medo e o problema inquieta e interessa as pessoas. Para o autor, a simples palavra “metrópole” acaba por ser síntese dos males como a pobreza, o desemprego, o crime banalizado e a insegurança institucionalizada (SANTOS, 2002, p. 123). Santos reforça ainda que, nesse processo de compreender esses males sociais acaba-se gerando mais medo das vítimas do que das causas: “O maior medo é, sem dúvida, o medo da pobreza e o medo dos pobres” (SANTOS, 2002, p. 126).

As pontuações de Milton Santos são necessárias para compreender a complexidade da violência que se apresenta como um problema sistêmico e não como algo pontual na sociedade. O cenário apresentado pelo autor precisa ser levado em consideração também para que se analise a cobertura noticiosa. Faz parte – ou deveria - da rotina dos jornais refletir em como são abordados e enquadrados os assuntos (inclusive a violência) que, diariamente, enchem as páginas dos jornais. É necessário que os acontecimentos sejam noticiados – e é por isso também que se tem jornais -, entretanto, não se pode cair no erro de discutir assuntos tão delicados partindo de um senso comum.

Ainda sobre as dinâmicas presentes nos bairros vulneráveis, é possível citar os conteúdos divulgados na coluna “*A Tribuna com você*”, em *A Tribuna*. No espaço, ao longo de 2016, foram divulgados conteúdos sobre os bairros Jardim Carapina, Nova Rosa da Penha, Novo Horizonte, Planalto Serrano e Vila Nova de Colares. A seção é formatada de modo que seja contada a história do bairro – o que é importante, já que nem as prefeituras têm esses dados – e, ao longo dos dias na semana são divulgados conteúdos sobre o que de curioso, importante e relevante fazem os moradores e/ou acontece nos bairros. Se por um lado o jornal contribui para o registro histórico da localidade, por outro, tais conteúdos – mesmo que estejam em Cidades - não necessariamente irão trazer uma nova imagem sobre o bairro que não se relacione com a violência. Tal fato se dá, por exemplo, porque há meses, como em agosto em Jardim Carapina, em que há duas ocorrências em “*A Tribuna com você*” sobre o bairro, mas, em compensação, no mesmo período são divulgadas sete notícias em Polícia.

Entender a configuração do jornal sob esse aspecto dialoga com Marcondes Filho ao discutir sobre a programação noticiosa. Para o autor, quando alguns aspectos desta incomodam o leitor, outros elementos o confortam: “nenhum jornal sobreviveria se trouxesse em suas páginas somente notícias ruins e preocupações” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 18).

### **3. 2. 2 Bairros vulneráveis e Ocupação Social**

A *Gazeta* e *A Tribuna* apresentaram conteúdos semelhantes ao divulgar informações do Governo do Estado (gestão entre 2015-2018) sobre o projeto Ocupação Social. Tais conteúdos noticiosos acabaram por condensar muitos dos 18 bairros de vulnerabilidade (atendidos pelo projeto) em uma única ocorrência. Os conteúdos foram divulgados como serviço, ofertando, na maior parte do tempo, vagas disponíveis para cursos profissionalizantes visando à população jovem (público-alvo do Ocupação Social) do estado. Em *A Gazeta*, nas duas ocasiões em que a temática virou notícia, o jornal enfatizou as oportunidades de cursos como alternativa para livrar os jovens da criminalidade. Além dos jovens participantes do programa o jornal trouxe também a fala de fontes oficiais como o governador em exercício na ocasião César Colnago:











Figura 7: A Gazeta, 30 de dezembro de 2016

Exemplo desses conteúdos é a notícia de 2 de dezembro intitulada “No palco, cultura e paz”, e a do dia 30 de dezembro “Jovens de atitude e olho no futuro”. Nos dois casos, por meio de entrevistas com os jovens das regiões, foi possível compreender mais sobre as dinâmicas que envolvem a juventude nos bairros aqui analisados. Exemplo disso é a fala de Thiago Polidório, adolescente que havia participado de um curso de DJ oferecido pelo programa:

A juventude da nossa comunidade precisa de oportunidade. A região é humilde e não há muito espaço para encontrar uma profissão. O programa ajuda o jovem a encontrar uma atividade que realmente se encaixe na realidade de um bairro humilde, algo que a gente goste de fazer. Queremos ser ouvidos, informados e integrados à sociedade. É o que sonho para o nosso futuro (A GAZETA, 2016, p. 19)

O fato dos conteúdos serem de origem do Governo se relaciona com que aponta Ciro Marcondes Filho (1986), ao discutir sobre a produção da notícia. O autor reforça que o jornalismo irá atuar para além de si mesmo. Como empresa ele interage com grandes forças econômicas e sociais. Para o Marcondes Filho um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Este, para o autor é ao mesmo tempo a voz de grupos políticos ou conglomerados econômicos que querem dar às suas opiniões subjetivas caráter de objetividade (MARCONDES FILHO, 1986, p. 11).

Sobre o assunto é possível trazer também a discussão do doutor em comunicação e professor da Universidade de Uberlândia Marcelo Araújo sobre jornalismo e *branded content*. O autor esclarece que tal ação nasce da necessidade de fazer as marcas (no caso das notícias aqui citadas o Governo do Estado do Espírito Santo) visíveis sem o uso das tradicionais propagandas (ARAÚJO, 2018, p. 1). Em síntese Araújo esclarece que o *branded content* se refere “a conteúdo produzido com técnicas jornalísticas para promover direta ou

indiretamente uma marca, seja aludindo à mesma ou enfocando temas e valores com os quais ela quer ser associada” (ARAÚJO, 2018, p. 2).

De acordo com as pontuações de Ciro Marcondes Filhos e Marcelo Araújo é plausível questionar se haveria a divulgação dos conteúdos – discutindo a realidade de jovens em situação de risco, a falta de oportunidades para a faixa etária, a falta de estruturas como, por exemplo, ambientes de lazer etc. – sem o encaminhamento do governo. Levando em consideração as poucas matérias divulgadas em cultura sobre os bairros vulneráveis ao longo do ano analisado, dificilmente a resposta seria positiva.

### 3. 2. 4 Bairros vulneráveis em destaque: capas

Como visto na análise bairro a bairro somente em *A Tribuna* foram publicadas capas sobre ocorrências nos bairros de vulnerabilidade em 2016. Foram divulgados conteúdos na primeira página do jornal sobre as localidades de Feu Rosa “PM é afastado após ser flagrado agredindo mulher” (5 de janeiro de 2016) e “15 moradores de bairros fazem sucesso no exterior” (27 de novembro de 2016):



Figura 8: Capas de A Tribuna em 05 de janeiro de 2016



Figura 9: Capa de A Tribuna em 27 de novembro de 2016

Em Central Carapina a ocorrência registrada foi sobre “Policial militar reage a tiro e mata bandido” (25 de março de 2016):



Figura 10: Capa de A Tribuna em 25 de março de 2016

A quarta e quinta ocorrências registradas foram referentes ao bairro São Torquato “Passageira demora a entregar celular e é baleada no Transcol” (16 de agosto de 2016) e “Mais de 1.200 fora de casa com tragédia em vila velha” (04 de janeiro de 2016):



Figura 11: Capa de A Tribuna em 16 de agosto de 2016



Figura 12: Capa de A Tribuna em 4 de janeiro de 2016

Como é possível visualizar, das cinco ocorrências, três são do caderno policial. O número reforça o tipo de cobertura recebida pelos bairros pelos jornais: Em Cidades a localidade é citada, em Polícia é cenário das ações.

O linguista Patrick Charaudeau (2006), ao discutir sobre o discurso das mídias reforça que na imprensa escrita a notícia será apresentada de acordo com “critérios determinados de construção do espaço redacional e icônico”. Para o autor, quanto mais importante o conteúdo, mais privilegiado ele será. Charaudeau entende que diversos fatores contribuem para essa classificação como, por exemplo, a localização (está na primeira página ou em uma página interna); a tipografia (dimensão e corpo dos caracteres) e a quantidade de superfície redacional comparada à de outras notícias (CHARAUDEAU, 2006, p. 146-147).

Dialoga com o que propõe Charaudeau, a análise de Marcondes Filho sobre os recursos que se utiliza o jornalismo para formatar as notícias. Marcondes Filho entende que estas são as informações transformadas em mercadorias, logo, há apelos estéticos, emocionais e sensacionais. É também por isso que a informação

passará por um tratamento, adaptando o conteúdo às normas de padronização do mercado, a simplificação, assim como a negação do subjetivismo (MARCONDES FILHO, 1986, p. 13).

É convenção visualizar a capa de um jornal como espaço que aglutina os principais acontecimentos do dia. Estariam ali estampados os eventos de maior importância na sociedade. Se é o jornalismo um organizador social, que demarca “o que as pessoas precisam saber”, e faz parte do seu processo de produção as escolhas do que merece ou não ser visto, conclui-se que, com exceção da violência, há poucos conteúdos sobre os bairros vulneráveis que merecem destaque.

### **3. 2. 5 “Menores”: as representações de adolescentes em conflito com a lei**

Patrick Charaudeau (2006) discute sobre as escolhas semânticas ao produzir um conteúdo. Sendo também o jornalismo uma instituição permeada pela linguagem, é necessário voltar ao que diz o autor sobre o processo de comunicação, pois, para ele informar, comunicar: tudo são escolhas. Charaudeau entende que tal processo não está apenas ligado na escolha dos conteúdos transmitidos, muito menos somente na escolha das formas, mas, sobretudo, na escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, ou seja, escolha de estratégias discursivas (CHARAUDEAU, 2006, p. 39).

Ao pensar no processo de significar o mundo e as coisas, Charaudeau entende que é necessária a criação de estruturas, categorias. Dessa maneira, sobre o processo de dar sentido o autor compreende que:

Abrange categorias que identificam os seres do mundo nomeando-os, que aplicam a esses seres propriedades qualificando-os, que descrevem as ações nas quais esses seres estão engajados narrando, que fornecem os motivos dessas ações argumentando, que avaliam esses seres, essas propriedades, essas ações e esses motivos modalizando? O ato de informar inscreve-se nesse processo porque deve descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos), explicar (fornecer as causas desses fatos e acontecimentos) (CHARAUDEAU, 2006, p. 41).

A perspectiva de Charaudeau ajuda a pensar sobre o processo de significação também no jornalismo. Mesmo que haja o entendimento da profissão



como um modo de produção – com regras próprias, atores autorizados e capacitados – e que essa formatação seja compartilhada e retroalimentada entre as empresas, não se pode conceber os produtos jornalísticos como objetos dados sem que exista também intervenção(ões) ideológica(as) – da empresa ou do próprio profissional.

Ao representar um acontecimento, o jornalista é responsável por enquadrar fatos e atores sociais gerando, dessa forma, compreensão da realidade para quem recebe o conteúdo. E, seja por meio da linha editorial do veículo, ou pela escolha discursiva do profissional, não é possível que exista um jornalismo (ou jornal) objetivo. As “simples” escolhas de palavras já acabam por demarcar e dizer sobre a visão que tem o jornal (e/ou o jornalista) sobre o mundo.

Nesse sentido, vale ressaltar as colocações que os jornais utilizam para representar sobre os bairros de vulnerabilidade social. Tanto em *A Gazeta* quanto em *A Tribuna* são encontrados conteúdos que, acabam por categorizar adolescentes em conflito com a lei de uma forma pejorativa, marcando-os como “menores”. Sejam os que matam ou os que morrem, os jornais recorrem ao termo para demarcar aqueles que se inserem no crime. Alguns exemplos disso são a nota “Baile para atrair menores” - 11 de fevereiro em *A Tribuna* – e a notícia de ½ página de *A Gazeta* “Menores roubam carro, batem em moto e matam jovem na fuga” (28 de julho de 2016). Em *A Tribuna* foi divulgada ainda uma manchete em desacordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, na qual ao invés de pontuar que os adolescentes foram apreendidos o jornal divulgou: “Polícia impede festa e prende seis adolescentes” (26 de julho de 2016).

### **3. 2. 6 Relação jovens e violência: as dinâmicas de uma problemática social**

Como já discutido anteriormente, entre os índices que levaram os bairros aqui analisados a serem considerados de vulnerabilidade está a taxa de homicídio, em especial a da faixa etária que envolve jovens e adolescentes - exemplo disso são os conteúdos já citados envolvendo essa camada social, inclusive as citações no tópico anterior.

Levando-se em consideração a temática dos jovens e a violência foi possível observar que *A Tribuna* divulgou mais conteúdos que traziam uma pluralidade de vozes – saindo do padrão polícia e vítima – que *A Gazeta*. É certo que numericamente o jornal também possui mais ocorrências - e, dentro dessas mais da metade são notas simplesmente citando as ocorrências policiais -, houve, entretanto, alguns conteúdos que possibilitaram uma visão mais panorâmica sobre a relação jovem versus violência.

Nesse sentido, exemplos de ocorrências que se inserem na temática são as duas reportagens especiais divulgadas em *A Tribuna* em 9 de maio e 1º de agosto. Esta, com o título “Delegados revelam os bandidos mais perigosos”, embora tenha como mote evidenciar os que estão na lista de mais procurados, acaba por pontuar a relação da juventude com a violência no Espírito Santo. Dos 20 criminosos listados pelos delegados, 16 deles têm menos que 30 anos. Assim sendo, o jornal recorre à psicóloga e perita criminal Cláudia Calil como fonte para discutir sobre o cenário. Como título da nota que apresenta a fala da psicóloga o jornal opta por “Jovens cada vez mais cruéis”. Há então um fragmento da fala da especialista que tenta explicar esse complexo cenário: “A negligência de afeto em casa e a proximidade com o tráfico podem colaborar para que os jovens sejam cruéis no crime e cometem atrocidades”. O jornal recorre também ao delegado Fabiano Rosa que, em síntese, apontava que só há duas possibilidades de vida para quem ingressa no crime: “Dinheiro fácil, esse respeito, entre aspas, que eles têm na comunidade. Isso os deixa fascinados. Mas o caminho é cemitério ou cadeia. Nunca vemos um traficante se aposentar” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 3).

Outra reportagem especial em *A Tribuna* que aborda a temática é “Pais perdem filhos para o crime” (09 de maio de 2016). O lide apresentado pelo jornal é:

Elas têm pouca idade e tamanho, porém, isso não as impediu de serem flagradas praticando crimes. Conselheiros tutelares da Grande Vitória estimam que mais de 100 crianças de até 12 anos foram parar na polícia em situação de conflito com a lei, sendo algumas delas acima de 30 vezes. Em casos extremos, juízes chegam até a tirar a guarda dos pais (*A TRIBUNA*, 2016, p. 2).

O jornal utiliza o termo “crimes” quando na verdade seria “ato infracional”, já que, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente menores de 18 anos não respondem a crimes. Nesse conteúdo também o jornal acaba por acionar fontes como uma juíza, uma mãe de crianças que foram para abrigos de Conselhos

Tutelares, a coordenadora do Núcleo de Estudos da Criança e do Adolescente da Ufes na época, Maria Passamani, e o delegado Fábio Pedroto. *A Tribuna*, por meio da fala deste, pontou a causa das crianças ingressarem no crime: “A criança não tem uma família, uma referência positiva para direcioná-la. Ela só tem a escola e fica à mercê da vida criminosa” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 3).

Conteúdos como esses dialogam com o que foi evidenciado nos capítulos anteriores. Quando se discutiu sobre a vulnerabilidade e a juventude, Miriam Abramovay et al. (2002, p. 10) pontuavam que não há fórmula pronta para enfrentar o problema, é preciso que surja a mudança de percepção daqueles que formulam as políticas públicas, “o jovem de hoje já não aceita mais a condição de expectador passivo” (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 10).

Em diálogo com o que propõem Abramovay et al., estão as ponderações de Michel Misse e Benilton Bezerra Júnior. Muito mais que narrar sobre o jovem como ator da violência, é imprescindível assimilar como essa faixa etária está inserida na sociedade. E, especialmente sobre os bairros vulneráveis e a juventude, que muros cerceiam – sejam eles físicos ou simbólicos - esses jovens de estarem inseridos em um contexto que os possibilitem pensar para além da vida no crime.

Para Michel Misse compreender a relação entre os jovens e a violência está diretamente relacionada a assimilar as dinâmicas produzidas em uma sociedade de consumo. “Quando se critica o jovem traficante do morro por ele roubar ou traficar para poder comprar uma roupa de grife ou um tênis *Nike*, perde-se de vista que esses bens são simbólicos, numa sociedade de consumo de massa, de distinção e de reconhecimento” (MISSE, 2006, p. 28). Para o autor, o reconhecimento como parte integrante da sociedade passa pelo acesso aos meios materiais básicos de existência como a escola, a saúde, direitos cíveis, sociais, econômicos, humanos, entre outros. “Por outro lado, como você poderá ter acesso a tudo isso se você não é reconhecido como membro desta sociedade? Quando você é morto, quem se interessará em apurar o crime, em punir seus responsáveis, se sou indiferente ao seu destino pessoal?” (MISSE, 2006, p. 27).

Nessa perspectiva, de ser reconhecido enquanto indivíduo na sociedade é que Benilton Bezerra Júnior reforça que, em uma cultura que avalia e incentiva a competição a qualquer preço, nada é limite para quem pretende vencer, nem a morte. Para o autor, entender essa conexão é fundamental para que se compreendam os laços que unem a violência principalmente às áreas de população

em situação de pobreza. Bezerra Júnior infere que o que leva os jovens a se sentirem atraídos pelo tráfico – mesmo que tal atitude se equivalha a uma sentença de morte na juventude – não é apenas o dinheiro, é algo intangível: “a admiração ou o medo que passam a despertar, o status que passam a ostentar. O que importa de verdade é o fato de que [...] deixam de ser invisíveis socialmente quando, por meio da violência, impõem sua presença ao olhar do outro” (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 51).

### **3. 2. 7 Problematização dos acontecimentos: reportagens especiais**

Ainda no primeiro capítulo recorreu-se a discussão que cria Cremilda Medina (1982) em relação ao profissional da imprensa e a responsabilidade social que recai sobre o mesmo. Assim sendo, de acordo com Medina, não é possível pensar em uma sociedade inteiramente corporativista muito menos uma inteiramente “aberta”. Para a autora esses modelos são referências e hipotéticos. Medina propõe uma reflexão em que a dinâmica social imponha sempre alterações nas fronteiras dos assuntos públicos e privados. Para a autora, a importância de se pensar nesse esquema é que, a imprensa acaba por se inserir nele com um papel duplo:

Trazer para o domínio público questões mantidas em círculos restritos por interesses grupais, e alimentar o debate sobre tais questões quando elas se tornam públicas, até o esgotamento da discussão, através de uma solução, ao menos parcial, do problema (MEDINA, 1982, p. 280).

No mesmo sentido do apontamento de Medina está a interpretação de Patrick Charaudeau (2006), que apresenta as mídias como um “organismo especializado” que tem a vocação de responder aos questionamentos sociais em dever da democracia. Para o autor, assim sendo, é possível visualizar o jornalismo como a profissão dos que buscam tornar público aquilo que seria secreto ou ignorado. Agindo dessa maneira, Charaudeau compreende que a atividade exerce um serviço em benefício da cidadania (CHARAUDEAU, 2006, p. 58).

De acordo com o que ressaltam os autores é possível pensar também na representação dos bairros de vulnerabilidade social realizada pelos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*. Se tratando de localidades em que são altos os índices de violência (especialmente os que se dirigem à faixa etária da juventude), é responsabilidade

dos jornais saber como narrar sobre esses acontecimentos, pois, ao invés de contribuir para esclarecer a complexidade do problema, noticiar a violência pela violência pode cooperar para gerar mapas sociais de localidades que são demarcadas como perigosas.

Michel Misse (1999) ressalta que a discussão sobre é violência é, tanto na mídia quanto na sociabilidade diária, assunto de difícil entendimento. Para o autor o termo violência urbana parece comportar um sujeito social difuso. Misse reforça que ele acaba sendo constituído por tipos sociais, que são geralmente identificados como moradores de áreas onde se localizam a pobreza humana (MISSE, 1999, p. 135):

[...] favelas, conjuntos residenciais de casas e/ou apartamentos populares, bairros formados por casas de alvenaria inacabadas, sem acabamento e pintura, conjuntos de casas de cômodos em bairros suburbanos e da periferia, prédios deteriorados do centro da cidade, barracos construídos sob viadutos ou próximos a grandes terrenos baldios ou aterros sanitários (MISSE, 1999, p. 135).

Misse visualiza que essas categorias sociais comportam indivíduos que, em uma situação em que não são conhecidos, acabam por carregarem “marcas” e provocam nos que representam possíveis vítimas apreensão. Em síntese o autor pontua que essas generalizações acabam por criar um fantasma social (MISSE, 1999, p. 135).

É necessário, portanto, pensar também na função e responsabilidade do jornalista, assim como de empresas ao narrar sobre assuntos que poderão lançar “marcas” sobre territórios e, conseqüentemente, indivíduos que ali residem. Nesse sentido, além dos conteúdos policiais já divulgados até aqui que foram registrados pelos jornais (das notas que são meramente descrição de crimes às reportagens especiais sobre a entrada de jovens no crime) há outro conteúdo que merece destaque: a série de reportagens especiais produzidas por *A Gazeta* em dezembro de 2016. Com o título “As leis do tráfico” e recorrendo à Polícia Civil, Militar, juíza, promotor de justiça, Secretaria de Segurança Pública, moradores, Ministério Público e presidentes de sindicatos o jornal realizou mapeamento das localidades em que mais atua o tráfico na Região Metropolitana.

O conteúdo, que começa com a reportagem “Moradores reféns do tráfico em 126 bairros” traz um compilado de depoimentos que buscam explicar as dinâmicas

da atuação do crime e a consequente inserção da violência na vida de quem mora dentro dessas localidades.



Figura 13: A Gazeta, 04 de dezembro de 2016

Na primeira das reportagens (04 de dezembro), o jornal (conforme imagem acima) apresenta um gráfico que ilustra as localidades em que o tráfico mais atua na Grande Vitória. Todos os bairros aqui analisados estão inseridos na imagem. Como abertura do conteúdo o jornal narra:

“Minha casa está lá, vazia. Tenho medo de voltar e morrer”. A promotora de vendas Maria\* [nome fictício criado na reportagem], 44 anos, não pode ir e vir como uma cidadã comum. Do sai para noite, sua residência simples, localizada no Morro Boa Vista, em São Torquato, Vila Velha, foi tomada por traficantes, interrompendo nove anos de história dentro da comunidade. Maria Juntou tudo o que conseguiu e saiu de casa, junto com os cinco filhos. Hoje, ela precisa pagar R\$ 1,2 mil de aluguel em outro bairro do mesmo município. Há três anos vive assim. A expulsão de Maria de sua casa é só uma amostra de um poder que coage silenciosamente e impõe leis próprias, ferindo os direitos básicos de cidadãos na Grande Vitória (A GAZETA, 2016, p. 12).

Em seguida o jornal apresentou a metodologia usada para chegar aos resultados obtidos e como tais localidades estão distribuídas dentro dos municípios da Grande Vitória:

Durante três meses, a reportagem fez um levantamento, com a ajuda de moradores, policiais civis e militares sobre a influência do tráfico de drogas dentro das comunidades. Em 126 bairros de quatro municípios da Região Metropolitana - Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória – uma parcela da população vive sob as leis de traficantes, que impõem desde pequenas restrições, como a hora do culto numa igreja até um tribunal paralelo de “justiça”, onde eles determinam quem pode viver ou deve morrer. O município com atuação mais intensa de traficantes é Vila Velha. No local, foram mapeados 39 bairros onde a situação é de medo. As regiões da Grande Santa Rita, Grande Terra Vermelha e arredores do Boa Vista são pontos mais críticos. Cariacica aparece em segundo lugar, com 31 locais mapeados, seguido por Serra com 27 bairros. Na Capital, são 29 regiões, sendo Bairro da Penha historicamente dominado por traficantes (A GAZETA, 2016, p. 12).

Além do depoimento de Maria\*, ex-moradora de São Torquato, há nessa ocorrência do dia 4 de dezembro marcações sobre dois outros bairros analisados nessa pesquisa, Feu Rosa e Castelo Branco. Sobre este o jornal apresenta em uma nota a história de um grupo de traficantes que atirou em fiéis saindo da igreja por achar que o grupo se tratava de indivíduos rivais do crime. Já sobre Feu Rosa, o jornal abre a narrativa com o termo “Sobrevivente”:

Guerra urbana: mudança de vida após bala perdida. Ao ser vítima de uma bala perdida no pescoço, um advogado de 33 anos precisou sair de sua casa, em Feu Rosa, na Serra, por medo da violência. Em outubro de 2015, ele saiu de casa para ir à feira e acabou ficando no fogo cruzado durante um acerto de contas entre bandidos. “Se a bala tivesse me atingido milímetros para a esquerda eu estaria paraplégico e para a direita morreria em três minutos”. Foram 27 dias de internação. Após a recuperação, a mudança de casa e de vida. “Era uma disputa por território de tráfico entre dois primos. Isso é algo tão normal, que acredito que se não tivesse me atingido, eles sequer teriam sido presos. Eu não tinha nada a ver com a história, mas fiquei inseguro” (A GAZETA, 2016, p. 12).



Figura 14: A Gazeta, 04 de dezembro de 2016

Na segunda reportagem da série, também divulgada em 04 de dezembro (imagem acima), há o depoimento de uma moradora de Barramares, em Vila Velha, que narra como as dinâmicas da violência influenciam na vida dos que residem na região. Com o título “Meu bairro é esquecido” o jornal salienta:

Como é morar em Barramares hoje? Eu gosto de morar lá, mas chega no horário de 18 horas, eu entro na minha casa e não saio mais. Tenho medo. Não deixo minhas meninas ficarem do lado de fora. Tem muito tiroteio. É o que mais tem lá. Parece festa junina. Tudo causado pelo tráfico? O tráfico acontece na avenida principal do bairro a qualquer hora. Quando vou trabalhar tem gente nos pontos de venda. Tem muito adolescente no tráfico. Crianças que aprendem o que não presta. Vocês denunciam essa situação a alguém? Quando alguém faz denúncia para o 190 ou 181, os traficantes passam, de casa em casa, perguntando quem é o “x-9” da área. Eles ficam perguntando quem ligou. É melhor a gente ficar de boca fechada. E a polícia? Raramente vai no bairro. Não tem patrulha. A gente não tem nem pracinha. Se pudéssemos, ficaríamos à noite na rua, levaríamos as crianças, mas com o tráfico e a falta de estrutura, a gente não tem nada disso. A verdade é que meu bairro é esquecido. Não tenho esperança (A GAZETA, 2016, p. 14).





distancia um do outro. Ronildo era conhecido na região por buscar melhorias e segurança e uma das linhas de investigação é de que as mortes estão ligadas a uma retaliação de traficantes (GAZETA, 2016, p. 5).

Sobre o caso de São Torquato e para lançar luz sobre as dinâmicas próprias do tráfico o jornal entrevista a juíza Gisele Souza de Oliveira, titular da 4ª Vara Criminal de Vitória na ocasião:

De acordo com a juíza, todas essas sanções se resumem ao andamento da venda de drogas. Quem se coloca no caminho do tráfico, acaba sendo punido. “Quando eles suspeitam de alguém atrapalhando, usam as leis do tráfico. Nós percebemos que existe um código de conduta próprio, com penas mais brandas e a pena máxima, que é a morte. Eles têm as leis deles. Em algumas circunstâncias eles dão uma chance para a pessoa se mudar”, concluiu. Foi o destino de uma família que teve que deixar o Morro da Boa Vista, São Torquato, Vila Velha, escoltada pela polícia após sofrer ameaças de traficantes, em setembro deste ano. O porteiro, sua esposa e os dois filhos pequenos foram encaminhados para um abrigo da prefeitura. Ele contou à polícia que discutiu com um feirante e depois disso começou a ser ameaçado. Numa manhã, a casa do porteiro foi invadida e ele foi levado para um barraco que fica no alto do morro, onde foi torturado. Mesmo ferido, ele conseguiu fugir e correu até uma delegacia, onde pediu socorro. A Polícia Civil, por meio do Grupo de Operações Táticas (GOT), organizou uma operação para retirada da família (GAZETA, 2016, p. 5).



rede que integre os diversos setores da sociedade para lidar com o cenário acima exposto.

Em especial a respeito da relação polícia *versus* violência, é preciso retornar ao que pontua Michel Misse (2006). O autor destaca que a instituição só pode funcionar em uma sociedade que mantenha razoável eficiência e equilíbrio na sua economia de repressão. “Se a sociedade não consegue economizar repressão através do autocontrole que os indivíduos exercem sobre si mesmos, então a tarefa da polícia torna-se absolutamente utópica e impossível, porque a polícia só pode funcionar onde o crime é exceção”. Misse ressalta que, quando o crime não é exceção, e sim o comportamento normalizado, a polícia passará a participar do crime, assim como tenderá a “normalizá-lo” (MISSE, 2006, p. 23, grifo do autor).

### **3. 2. 8 Responsabilidade social, padrões de comportamento e estereótipos**

Como último ponto de análise sobre as ocorrências registradas em *A Tribuna* e em *A Gazeta* sobre os bairros vulneráveis está a reflexão em torno da responsabilidade social do profissional e da profissão ao narrar sobre o outro e as consequentes narrativas enviesadas que podem ser geradas ao longo desse processo.

Ao falar sobre o papel da profissão, Cremilda Medina reforça que, quando o jornalista tem consciência de seu papel de intermediário e de tradutor de linguagens específicas que vai levar esses conteúdos à maior audiência possível, seu comportamento muda. A autora reforça que não é necessário que o profissional discuta no mesmo nível do entrevistado, contudo ele precisa ser capaz de questionar e perguntar, exigir explicações, chamar à realidade social uma fonte (que por seu trabalho) está condicionada em um circuito fechado (MEDINA, 1982, p. 156-157).

A respeito do tratamento dado as fontes Charaudeau (2006) pontua que os especialistas podem parecer intocáveis, pois são considerados representantes do saber. O autor sinaliza que esses personagens não agem com total independência, pois, “ora estão ligados ao poder porque foram chamados ou nomeados por um governo”, “ora estão ligados às mídias pelo fato de que, solicitados a pronunciar-se,

sabem que devem falar de uma determinada maneira e, ao mesmo tempo, exibir-se como um ‘bom especialista’”. Charaudeau sublinha ainda que uma mídia não convocará qualquer especialista. Serão convidados a falar aqueles que “são considerados como ‘tendo sempre alguma coisa para dizer em nome das testemunhas’” (CHARAUDEAU, 2006, p. 193-194, grifos do autor).

Sendo, portanto, o jornalismo essa instância que recorre às outras instituições para lançar compreensões sobre os acontecimentos sociais, é necessário visualizar a maneira como tais conteúdos são construídos: quem é convidado a falar, em nome de quem – ou do que – ele fala e que espaço recebe no conteúdo noticioso.

É importante que o jornalista tenha conhecimento do jogo de interesse que pode haver por trás de cada fonte, mas, sobretudo, é fundamental que o profissional acione aqueles que mais tenham competência para discutir determinado assunto. Sem isso, o jornal pode acabar divulgando conteúdos que não necessariamente representem a realidade evidenciada no conteúdo noticioso.

Sob esse viés é importante citar a reportagem publicada em *A Tribuna* em 6 de abril de 2016 denominada “As 35 linhas mais perigosas” (imagem abaixo). O jornal, na ocasião, procurou motoristas do Transcol para elaborar a lista das linhas de ônibus com mais perigo. O jornal apresenta o depoimento do presidente do Sindirodoviários na época (Carlos Roberto Louzada), de um motorista que não tem o nome divulgado por medo e de passageiros de ônibus que, com suas falas, ajudam a reforçar o ranking criado pelo jornal. A questão é que tal mapeamento não é oficial. O próprio trecho inicial do texto reforça a metodologia para chegar aos dados: “Um levantamento feito com exclusividade pela reportagem de *A Tribuna*, junto a motoristas, mostra as 35 linhas de ônibus em que mais acontecem assaltos na Região Metropolitana” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 15). Além disso, a própria nota da Polícia Militar na reportagem afirma não ser esse um número oficial: “A lista fornecida pelo Sindirodoviários é um dos documentos que serve como base para o planejamento operacional da PM. No entanto, oficialmente, essas linhas não são as mais perigosas” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 15).



Figura 17: A Tribuna, 6 de abril de 2016

Com base em tal conteúdo é possível lançar questionamentos sobre a produção de conteúdos noticiosos, assim como a responsabilidade do jornal em lançar conteúdos na tessitura social. Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004) reforçam que o jornalismo deve fornecer um fórum para a crítica pública. Para eles, mesmo que a profissão passe por transformações é fundamental que essa discussão pública continue sendo construída sobre os mesmos princípios da veracidade e verificação dos fatos, pois, para os autores, um fórum sem respeito pelos fatos acaba falhando. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 208) sintetizam que, um debate que é apoiado sobre suposições e preconceitos só agita.

Em cima do que pontuam os autores, deve-se lançar luz sobre os acontecimentos sociais de maneira a gerar entendimento das situações e não fortalecer imagens enviesadas. O risco de publicar conteúdo sem uma verificação eficiente é acabar por reforçando ideias e padrões presentes no senso comum.

Quando Michel Misse (2006) discute sobre o tratamento dado à violência pela mídia o autor pontua para uma configuração imaginária, ou seja, “qualquer coisa

pode ser encapsulada na categoria de “violência”, e, desse modo, pode se produzir um discurso histórico sobre o problema que nós enfrentamos”. Muito mais do que ficar estagnado na própria mídia, Misse entende que esse discurso histórico retorna à sociedade, interage nela e produz dentro dela reações também históricas (MISSE, 2006, p. 21, grifo do autor). Sobre essa situação pode-se citar a reportagem de 10 de novembro de *A Tribuna* “Ladrões roubam dez celulares por dia na Serra”. O conteúdo, produzido em cima de um levantamento feito por Fábio Pedroto, delegado Delegacia de Novo Horizonte na ocasião evidencia quais localidades na Serra apresentam maior índice de roubos de celulares e descreve como agem os assaltantes. Conteúdos como esse evidentemente reportam números oficiais e recorrem também a fontes desse caráter para explicar tais dados. A questão principal, é que, ao invés de problematizar a violência, cria-se conteúdo naturalizando-a ao ponto de lançar ao público um material que divulgue padrões de comportamento – como “o que fazer para não ser assaltado”, por exemplo. Como síntese de tal pensamento pode-se citar o trecho da própria reportagem: “Para diminuir o risco de assaltos, a recomendação é que as pessoas não deixem os celulares à mostra em locais de grande movimento. Além disso, o ideal é estar sempre atento ao redor e, se possível, evitar utilizar o aparelho em shows e baladas” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 11). As dicas não se encerram no texto, o jornal cria também um quadro explicando quais são os melhores padrões a se adotar:

**DICAS DE SEGURANÇA**

## Não deixe celular sobre a mesa em bares

**Como evitar o roubo**

- > **EVITE DEIXAR** o celular à mostra em locais de grande movimento. Leve o aparelho no bolso, preferencialmente em modo de vibração.
- > **TENHA ATENÇÃO** ao atender chamadas nas ruas. Procure local seguro, como estabelecimentos comerciais.
- > **NOS ÔNIBUS**, não use o celular próximo às portas ou dos vidros abertos.
- > **EM BARES** e restaurantes, não deixe o aparelho sobre a mesa ou balcão.

Em festas, evite a utilização, se possível, deixando o celular em casa.

- > **NÃO DEIXE** o celular à mostra no interior do veículo.
- > **SEMPRE QUE** for comprar um celular, exija a nota fiscal, principalmente se desconfiar da procedência. Isso evita a acusação de receptação.

**Como agir após o roubo**

- > A **VÍTIMA** deve procurar a delegacia da sua região para registrar o boletim

de ocorrência. Caso o crime tenha acontecido à noite, em finais de semana ou feriados, procure o plantão das delegacias regionais.

- > **LIGUE PARA** a operadora, informe o **IMEI** do aparelho e peça o bloqueio.
- > **SE O CELULAR** possuir rastreador, tente apagar os dados pela Internet. Nunca tente recuperar o aparelho por conta própria, acione a polícia.

Fonte: Delegado Fábio Pedroto.

Figura 18: *A Tribuna*, 21 de novembro de 2016.

Acaba-se gerando um conteúdo que parte do pressuposto de que a violência é um fenômeno já dado, (quase que uma característica indissociável da tessitura

social), sendo assim, cabe a todos aqueles que circulam nesse cenário se adaptarem a dada realidade.

Há dentro dessas narrativas outro risco: de taxar dentro dos próprios personagens dos conteúdos jornalísticos aqueles que se enquadram no padrão de suspeitos ou vítimas. Exemplo disso é a reportagem especial de 06 de agosto também de *A Tribuna* “Passageira ferida a tiro por demorar a entregar celular”. Como parte da matéria há uma nota com o título “Bandido usava roupa social”. Tal conteúdo ressalta o estranhamento com o vestuário do acusado: “Bem arrumado, com calça e camisa social. Assim estava vestido o bandido que atirou contra uma vendedora na noite de domingo, durante um assalto. O criminoso agiu com um cúmplice” (*A TRIBUNA*, 2016, p. 2). O trecho acaba por apontar – e o jornal acaba por reforçar – a existência de um padrão de vestuário pelos criminosos como se aqueles que andassem arrumados não pudessem efetuar tais ações.

Os trechos acima dialogam com uma temática ainda no primeiro capítulo desse trabalho. Tal ponto se refere à produção de conteúdo jornalístico, que, mesmo recorrendo a procedimentos metodológicos que visam isenção, estará, em alguma medida, preso a visões de mundo e posicionamentos de um grupo. Miquel Rodrigo Alsina ao discutir sobre a produção da notícia destaca que os estereótipos são parte do referencial para construir sentido. O autor pontua que eles colaboram para reduzir a complexidade da realidade, assim como dar sentido ao que se tem pouca informação (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 274).

Reconhecendo assim o jornalismo como produtor de sentido, é nele também que encontramos traços sobre os padrões normativos da sociedade. Mesmo que não seja a instância responsável por criá-los, há de se considerar tal campo como um dos ambientes em que eles são apresentados e representados diariamente.

Os conteúdos permitem pensar também na relação específica do jornalismo com a violência. Michel Misse propõe entender que a mídia não irá apenas descrever o que ele chama de violência, ela é na verdade também um dos atores desse drama social, ela participa da sua construção (MISSE, 2006, p. 26).



## Conclusão

Ao fazer todo o trajeto para compreender como a imprensa capixaba representa as áreas de vulnerabilidade social, foi possível discutir mais sobre a constituição da imprensa, a violência e as representações sociais pelos jornais. Em um primeiro momento, foi possível compreender o surgimento da imprensa até que se chegue ao modelo como hoje é conhecida – de um formato partidário ao modelo mercadológico, assimilando a notícia como produto.

A respeito do jornalismo, foi possível compreender que, como modelo de negócio que visa lucro é necessário que se estabeleçam algumas regras. Se o jornalismo atua representando e narrando sobre o mundo, e há diariamente uma infinidade de acontecimentos, é necessário estabelecer parâmetros mínimos que tornam o trabalho viável. Muito mais do que critérios variáveis entre as empresas, as metodologias utilizadas para produzir as notícias são compartilhadas entre o campo, sendo (re)configuradas ao longo dos anos e compartilhadas pelos atores sociais que participam do processo.

Nessa equação de decidir o que deve ou não virar notícia são levados em consideração alguns fatores como a linha editorial dos veículos e os públicos para os quais eles se destinam. Há também nesse processo a própria categorização dos eventos, estabelecendo se os mesmos têm ou não o caráter de notícia. Para dar conta da publicação diária de jornais, o primeiro passo para definir se um acontecimento é ou não notícia é voltar-se à validade do mesmo: quanto mais factual mais rápido será publicado. Por outro lado, são os acontecimentos que não possuem um caráter de urgência que possibilitam a criação de eventos agendados pelos jornais, colaborando, dessa forma, para a criação de uma organização prévia dentro da empresa jornalística.

Foi discutido também ao longo dos primeiros capítulos a importância do jornalismo enquanto instituição responsável por representar o cotidiano. É o jornalismo um entre outros atores que diariamente participa do processo de construção da realidade social. Ele representa e narra sobre o cotidiano trazendo à tona histórias e atores que são socialmente reconhecidos e aceitos, assim como colabora para a compreensão dos acontecimentos do mundo dando a eles organização e sentido.

Na busca de compreender os territórios vulneráveis, suas características, e como tal formatação se estabelece socialmente, se voltou ao próprio entendimento dos territórios e das territorialidades. Entender sobre a conformação dos territórios descentralizados no Brasil foi fundamental para visualizar as características que dizem respeito também às áreas de vulnerabilidade social da Região Metropolitana da Grande Vitória. No caso capixaba, essas localidades são entendidas como os bairros que concentram historicamente altos índices de homicídios - especialmente os que atingem a população jovem – e jovens fora do ambiente escolar. Tais características auxiliam a compreender as dinâmicas que se estabelecem nesses bairros, assim como as territorialidades presentes nos mesmos.

Como última etapa foi analisada as coberturas dos jornais impressos capixabas *A Gazeta* e *A Tribuna* sobre os bairros vulneráveis da Grande Vitória. Ao finalizar tal processo foi possível compreender que, não necessariamente uma citação sobre o bairro nos jornais irá refletir sobre acontecimentos que eclodem no mesmo. Em especial na editoria de Cidades – onde mais houve ocorrências sobre os bairros vulneráveis – os conteúdos apresentados foram para demarcar as localidades dentro de um contexto metropolitano ou estadual. Ou seja, havia a citação sobre o espaço, mas se referia apenas aos acontecimentos de alcance regional como os surtos de Zika, as campanhas de vacinação e o racionamento de água que ocorreram ao longo do ano de 2016.

Ainda no primeiro capítulo, quando se discutiu sobre a produção de notícias, foi pontuado que o jornalismo busca diariamente organizar os acontecimentos sociais. Para suprir tal demanda questiona-se “o que está acontecendo no mundo?” e é a partir de tal dúvida que a profissão consegue dar sentido aos eventos que eclodem na sociedade. Assim sendo, se o jornalismo se volta às representações daquilo que foge do comum, do que não é esperado, sobre os bairros vulneráveis, essa marcação é a da violência. Mesmo que numericamente a editoria de Cidades

tenha registrado mais ocorrências, foi na de Polícia/Segurança que essas localidades foram apresentadas como protagonistas. É no caderno policial que os bairros vulneráveis passam a ser identificados como cenário principal dos crimes na Região Metropolitana.

No segundo capítulo, ao discutir sobre a violência na sociedade, há a pontuação de Michel Misse (2006) que realiza a análise da violência como um verdadeiro “fantasma social”. “Violência” é visto como um conceito abstrato que caracteriza os mais diversos acontecimentos. Entender o peso que os conteúdos sobre violência nos bairros vulneráveis têm para os veículos capixabas dialoga com o que aponta Misse: a mídia não somente descreve o que chama de violência, ela participa da sua construção, é ela também um dos atores desse drama social (MISSE, 2006, p. 26). Tal afirmativa acaba por dialogar também com Benilton Bezerra Júnior (2006, p. 43). O autor entende que a violência tornou-se tão familiar que deixa de ser acontecimento para virar paisagem. Bezerra Júnior entende que tal cenário é negativo, pois, a partir do momento que é estabelecido um “estado de violência” há o empobrecimento do espírito crítico, se perde a capacidade de visualizar a magnitude do problema, tornando a discussão sobre o mesmo menos complexa.

Além da própria análise da cobertura dos veículos, outro ponto importante foi a comparação dos mesmos. Como pontuado no último capítulo, em todas as editoriais, e em todas as coberturas sobre os bairros, o jornal *A Tribuna* apresentou mais conteúdos que *A Gazeta*. Em especial nos cadernos de Polícia (*A Tribuna*) e Segurança (*A Gazeta*) os números trazem uma distinção considerável de 339 ocorrências no primeiro para 98 ocorrências no segundo. Tais dados ajudam a visualizar as linhas editoriais dos veículos, a importância que os eventos policiais têm para os mesmos, assim como a própria diagramação dos jornais – já que em *A Tribuna*, por exemplo, há páginas de Polícia com o rodapé inteiro destinado à divulgação de notas policiais, concentrando nesses espaços até cinco textos desse tipo. Sob esse aspecto vale ressaltar o que aponta Ciro Marcondes Filho sobre a produção de conteúdo jornalístico: a notícia, da forma como é apresentada, em um modelo fragmentado, é também uma técnica mercadológica. Marcondes Filho entende que se opera com a desvinculação da notícia de seu fundo histórico-social, o jornal a torna um dado solto, e de forma independente ela é posta no mercado de informação (MARCONDES FILHO, 1986, p. 41). Esse tipo de marcação é importante

para compreender especificamente a cobertura de A Tribuna, que em números absolutos apresenta muitas ocorrências sobre os bairros vulneráveis, porém, ao avaliar o caráter desses conteúdos nota-se que são notas que simplesmente citam a ocorrência de um evento e não necessariamente o explicam.

Há diferenças sobre as coberturas dos veículos no que diz respeito também às narrativas policiais. *A Tribuna* busca apresentar um conteúdo mais visual, o jornal investe na descrição dos crimes, como, por exemplo, quando aponta quantos tiros foram dados, quantos destes acertaram as vítimas, assim como que partes dos corpos foram atingidas. *A Gazeta* não se prende a essas informações, o jornal se contenta em responder aos questionamentos padrões de “quando”, “onde” e “quem”, por exemplo. Outra diferença entre os veículos que chama atenção é que além de ser mais descritiva, *A Tribuna* também recorre às entrevistas com os acusados dos crimes, em *A Gazeta* tal fato não ocorre. Todas essas configurações listadas colaboram para o entendimento da própria “máquina produtora de conteúdo noticioso”. Mesmo compartilhando de modos de produção semelhantes os jornais apresentarão algumas peculiaridades que acabarão por diferenciá-los. A respeito dessa máquina Patrick Charaudeau a sintetiza como “um conjunto de engrenagens e de atores fazendo-as funcionar, cada um em seu setor, cada um submetido a restrições e a regras que fazem com que o resultado do produto acabado[...] ultrapasse a intenção particular de cada um”. Charaudeau entende que não é o jornalista que transmite aquela informação e sim o conjunto da máquina ao qual o mesmo está atrelado (CHARAUDEAU, 2006, p. 241).

Sobre as representações dos bairros vulneráveis foi importante visualizar também que, mesmo que os conteúdos publicados não fossem direcionados a assuntos policiais, nem ao caderno de Polícia, a violência acabava, de alguma maneira, por perpassar os assuntos sobre essas localidades. Os conteúdos publicados em *Cidades e AT2* ou *C2* ao divulgar sobre projetos culturais nas regiões vulneráveis faziam a marcação de que tais ações são importantes, pois afastam os jovens e as crianças da vida no crime.

Como instância responsável por dar sentido aos acontecimentos sociais é válido dialogar também sobre a responsabilidade social do jornalismo. É possível observar que nem sempre os jornais apresentam um tratamento cuidadoso ao falar sobre os personagens do texto. E isso vai se intensificando à medida que essas figuras correspondem àqueles que são acusados dos crimes descritos nos jornais.

Os veículos acabam por utilizar terminologias como “bandido” e “criminoso” que, ao invés de servirem para descrever o acontecimento já dão juízo de valor ao fato e à pessoa. É observada tal característica também ao narrarem sobre os adolescentes ou jovens em conflito com a lei. Utilizando o termo “menores”, os jornais corroboram para a identificação pejorativa das pessoas que nessa faixa etária cometem atos ilegais. Por vezes os jornais ultrapassam também a barreira da própria legislação, ao noticiar que adolescentes cometeram crimes, o que é errado, já que pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, os menores de idade só podem responder a atos infracionais. Essas marcações narrativas dos jornais dialogam com o que foi evidenciado ainda no primeiro capítulo dessa pesquisa: a representação pela via do estereótipo. Walter Lippman (2008, p. 85), ao discutir sobre tal temática pontuava que as pessoas não veem para depois definir, elas definem e depois veem. Esse processo automático de visualizar o mundo, as pessoas e coisas faz parte da necessidade de dar sentido e entender os acontecimentos sociais. Permeado pela bagagem cultural intrínseca em cada indivíduo as pessoas irão categorizar pessoas e eventos conforme os traços que já são estabelecidos na sua sociedade. Tal movimento transpõe o indivíduo e perpassa também a imprensa que passa a representar espaços e moradores com padrões pré-estabelecidos. O risco, entretanto de recorrer a esses modelos é se tornar uma instância mantenedora de ideias e imagens pejorativas ao invés de espaço de novos olhares e debates.

Outro ponto a se considerar sobre os bairros vulneráveis são as coberturas noticiosas que os apontam como “territórios do crime”. Sobre São Torquato, por exemplo, os jornais ao longo de 2016 pontuaram que ocorriam “Bailes do Mandela” na região. Tais eventos não só influenciavam na falta de segurança do bairro em si, como também atingiam aos ambientes privados como o terminal rodoviário de São Torquato. Nesse cenário em que opera a violência, os moradores são apresentados nos jornais sem nome ou com nome fictício por temer aqueles que comandam a criminalidade. Por meio da fala dos moradores os jornais reforçam as recorrências de violência nas regiões, assim como descrevem as dinâmicas que por ela são estabelecidas nesses ambientes – os moradores pontuam o medo em viver nesses espaços, assim como há casos de pessoas que nas entrevistas dizem que irão mudar de bairro por não aguentar mais morar em um ambiente com tantas ocorrências policiais.

Ao representar os “territórios do crime” os jornais podem acabar por colaborar na confecção de um mapa simbólico do medo. Se criam espaços a serem evitados, assim como o medo das pessoas que os frequentam e/ou neles moram. Nessa perspectiva, Marcondes Filho ressalta para a disseminação de “inimigos públicos” pelos veículos de comunicação:

Essa disseminação de “inimigos públicos” por intermédio dos meios de comunicação “de massa” viabilizados pela adoção de estereótipos e da confirmação, na maioria dos casos, de marginalizações reais da estrutura econômica, política e social, atua no sentido de quebrar possíveis laços de solidariedade e de união, que, num segundo momento, poderiam ser mobilizados contra o Estado. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 17)

Suzana Varjão também discute sobre esse processo de representação da violência. A autora entende que “as violências no plano físico são noticiadas de modo simbolicamente violento, com nítido escalonamento socioeconômico e cultural, gerando representações no imaginário que contribuem para constituir o quadro social supostamente apenas relatado”. Em síntese Varjão acredita que essas narrativas acabam por cristalizar estereótipos, especialmente em relação aos menos favorecidos, realimentando dessa forma a violência na sociedade. (VARJÃO, 2008, p. 159).

A respeito dos conteúdos voltados à área de cultura questiona-se sobre o esquecimento histórico desses bairros por parte do próprio governo. Com exceção dos conteúdos do Ocupação Social, poucas foram as vezes em que os bairros vulneráveis foram destaques por acontecimentos culturais. Tal fato leva a pensar sobre a falta de estruturas e oportunidades que esses bairros oferecem, especialmente no que diz respeito à faixa etária jovem. Essa perspectiva diz respeito também ao silenciamento dos jornais em relação a essas localidades. O que elas têm a oferecer que não seja a violência representada diariamente nos jornais?

Em síntese, ao visualizar a cobertura dos impressos capixabas sobre os bairros vulneráveis da Grande Vitória nota-se uma cobertura sobre a violência que se centra especificamente na descrição dos eventos. São poucos os conteúdos destinados a trazer uma maior complexidade sobre a problemática. Discute-se sobre a violência de forma fragmentada. Os eventos são resumidos em notas, e notícias que, em síntese, contatam a polícia para explicar os acontecimentos diários. Como se somente a polícia fosse responsável e desse conta de resolver tal cenário. Criou-se a dualidade de encarar a violência apenas em uma relação punitiva, com as

perseguições policiais e as prisões. É a polícia *versus* os bandidos, o bem *versus* o mal.

É notório que o jornalismo não conseguirá abarcar todas as visões de mundo em um só conteúdo, principalmente se tratando do jornal impresso, no qual haverá sempre as restrições físicas (da quantidade de páginas) e cronológicas (precisa sair jornal todo dia). Entretanto, é necessário pensar na função e na responsabilidade que recai sobre o jornalismo como instituição social. Nesse ponto é possível questionar até mesmo o formato do impresso como é conhecido hoje. Tendo novas tecnologias que permitem um acesso em tempo real aos eventos (como os noticiários *online*) é ainda válido manter esse produto com uma formatação que se resume a descrever eventos do dia anterior?

É possível relacionar o questionamento acima com duas pontuações de Charaudeau: a primeira que se refere à lógica de produção dos meios de comunicação e a segunda sobre a responsabilidade dessas mídias. Para o autor é possível entender que as mídias de informação irão funcionar segundo uma lógica econômica – “que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo” - e uma lógica simbólica – “que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2006, p. 21). E, ainda segundo Charaudeau, a chave da responsabilidade social dessas mídias reside exatamente na escolha de como mediar essas lógicas. Para o pesquisador não é possível se conformar em sofrer os efeitos tirânicos da venda dos jornais ou da pressão dos patrões, por exemplo. Entretanto é necessário entender se o veículo se colocará em uma lógica comercial, sem pretensão de informar ou em uma lógica da democracia que precisa evitar os efeitos de dramatização dos fatos, mas corre o risco de perder vendas para os concorrentes. Para Charaudeau a resposta está longe de ser simples, mas é de ordem organizacional e irá pressupor uma visão clara dos objetivos propostos na empresa. (CHARAUDEAU, 2006, p. 274)

Ao cumprir todo o percurso teórico e analítico proposto pela pesquisa é possível chegar ao capítulo da conclusão mapeando os achados encontrados, mas acima de tudo, lançando também questionamentos que surgiram ao longo do processo e podem servir como margem para pesquisas futuras.

Compreender que a notícia é resultado de um processo de padronização pré-estabelecido dentro do jornal leva a pensar sobre a forma da mesma, assim como as relações profissionalmente estabelecidas entre os que vão à rua entrar em contato com o fato ao último filtro da redação, que interfere na produção desse conteúdo. É possível que a mecanização do trabalho, as regras pré-estabelecidas e os regimentos que operam em cada empresa interfiram no “se deixar contaminar pelo jornalista”? Sabe-se que o jornalismo é calçado em valores como a credibilidade e a busca da objetividade – mesmo que esta seja uma constante procura, um ideal, e não um objetivo a ser de fato alcançado. Mas até que ponto esses processos padronizados interferem o jornalista de ver os acontecimentos e representá-los com outros formatos e/ou narrativas? Até que ponto essas formatações colaboram para a naturalização do olhar e padronização das coberturas noticiosas? É notório que o jornal impresso traz consigo um conglomerado de fatores que limitam a produção criativa (como o espaço e o tempo destinados à produção de conteúdos), mas será que os jornais online se apresentam com diferentes características? Ou são eles ainda reproduções dos conteúdos dos impressos. É possível criar procedimentos que direcionem a produção de conteúdo sem que os profissionais adquiram um olhar mecanizado sobre os acontecimentos e as fontes?

Quando se pensa ainda sobre a representação da violência pelos veículos - e como os jornais recorrem a modelos padronizados para fazê-las – torna-se importante pensar também nas configurações do processo de produção. Sabe-se que como narrador social o jornalismo busca apagar os rastros de sua mediação no produto final. A busca será sempre para mostrar os conteúdos mais objetivos possíveis. Mas em relação à cobertura de eventos violentos, por exemplo, de que forma se comporta o jornalista ao ingressar nos espaços onde esses fatos ocorrem? E qual é a atitude do jornal ao enviar o profissional para as áreas consideradas perigosas? Ao longo do ano mesmo que os veículos tenham feitos centenas de coberturas policiais em nenhum momento é destacado o perigo em relação à vida do repórter e/ou da equipe de reportagem. O jornal acaba representando então uma realidade mais violenta do que a real? Ou a necessidade de apagar as marcas de mediação é tão importante ao ponto de tornar essa narrativa quase que onipresente (como se não houvesse alguém indo em direção ao perigo)?

É possível lançar questionamentos também sobre as formas como os jornais realizam as coberturas sobre a violência. É preciso investir em uma melhor formação



para que os profissionais não formulem conteúdos que ferem a legislação (como o ECA, por exemplo)?. Talvez assim como o Instituto Patrícia Galvão,<sup>13</sup> que lança cartilhas de como cobrir feminicídios e violências contra a mulher seja necessário investir em conteúdos que sensibilizem as empresas e profissionais ao falar sobre a violência. Porque por traz de cada morte que o jornal noticia como número há uma vida, uma história, uma família que sofre. Talvez o primeiro passo seja a desnaturalização da violência, não tratá-la como um cenário pré-existente e sim como um problema social a ser combatido.

Outro apontamento é em relação ao perfil do próprio jornalista. Na discussão teórica evidenciou-se que este vem, sobretudo, da classe média. Especialmente no início dos anos 2000, com as políticas de cotas, as universidades (em especial as públicas) passaram a ter um quadro de alunos mais heterogêneo. Se questiona se com a entrada de novos perfis nas universidades e, conseqüentemente novos perfis de jornalistas serão criadas narrativas mais próximas das regiões consideradas marginais. Pelo menos pelo que aponta Rodrigo Alsina uma mudança drástica não deve ser esperada. O autor reforça que nenhuma empresa contrataria um empregado que, de repente, estivesse contra ela própria. Para o professor pode-se supor que os novos jornalistas irão se adaptar aos costumes e modelos de produção da organização. Rodrigo Alsina entende que no processo de socialização os jornalistas recém-integrados acabam por imitar os sistemas de produção já estabelecidos *a priori* na organização (ALSINA, 2009, p. 203).

Por fim, independente de mudança ou não do perfil do jornalista, é possível ainda ressaltar o caráter de alteridade da profissão, assim como pensar na formação dos futuros jornalistas. Cremilda Medina, ao discutir sobre a responsabilidade social do jornalista sublinha que o maior instrumento de luta de um jornalista para exercer de forma consciente seu papel é ainda o instrumento técnico. Medina entende que o jornalista precisa saber lidar com sua profissão retirando dela o máximo de seu potencial. Para a autora, o poder da reprodução de informações que sejam legíveis para grandes extratos da população é quase uma arte que exigirá pesquisas e criatividade que não cabem em rotinas comodamente assentadas. (MEDINA, 1982, p. 123) “Como o médico que vai para a Amazônia conhecendo as formas como lidar com as doenças tropicais, o comunicador para andar no asfalto, na selva ou na

---

<sup>13</sup>< <https://agenciapatriciagalvao.org.br/imprensa/>>. Acesso em: 29/03/2019

serra, precisa de técnicas apuradas de expressão, técnicas apuradas de captação, técnicas apuradas de relação social (MEDINA, 1982, p.124)”.

Se é também o jornalismo responsável por dar ordem ao mundo, convém pensar na forma como o mesmo vem sendo feito e o que é necessário para aprimorá-lo. Se a instituição consegue ocupar espaços em que a maior parte da população não pode e ouve fontes que a maioria das pessoas não teria acesso é de sua responsabilidade trazer à tona as informações que contribuem para o melhor entendimento dos indivíduos enquanto sociedade. É necessário reforçar seu caráter de um narrador da realidade que foi assim estabelecido por desempenhar sua função com credibilidade e ter relevância social. Caso contrário, torna-se difícil justificar sua existência e até mesmo sua importância em relação a outras instâncias que também tecem narrativas e falam sobre o outro.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Brasília, UNESCO/BID, 2002.
- ARAÚJO, Marcelo Marques. **Jornalismo e Branded Content: o que isso tem a ver?**. XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Belo Horizonte, 7 a 9/06/2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1405-1.pdf>>. Acesso em: 07 de março de 2019.
- AZEVEDO, Natália Tavares. A vulnerabilidade social em tempos de acumulação flexível: uma contribuição para o debate no campo socioambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 38, 2016.
- BARBOSA, Jorge Luiz. O ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada. *In*: SANTOS, Milton [et al.]. **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976
- BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Pobreza, agressividade e consumo: três observações sobre a violência no Brasil. *In*: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (Org.). **Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- BOURGUIGNON, Juliana; REZENDE, Letícia; ARRUDA, Patrícia. *A Gazeta: uma longa história de tradição e transformações*, 2005. *In*: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Impressões capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **A não-violência do brasileiro: um mito interessantíssimo**. *In*: Conferência brasileira de educação. São Paulo. 31 mar. 1980.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COCKELL, Fernanda Flávia. **Da enxada à colher de pedreiro: trajetórias de vulnerabilidade social na construção civil**. 2008. Tese de doutorado. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.
- CUNHA, José Marcos P. da et al. **A Vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas, 09/2004**, Científico Nacional, XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. 1, pp. 1-19, Caxambu, MG, Brasil, 2004.
- CUTTER, Susan L. A ciência da vulnerabilidade: modelos, métodos e indicadores. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 93, p. 59-69, 2011.

DA MATTA, Roberto. As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social. *In*: PAOLI, Maria Célia; BENEVIDES, Maria Victoria; PINHEIRO, Paulo Sérgio; DA MATTA, Roberto. **A Violência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DA SILVA, Rose Méri Santos; DA SILVA, Meri Rosane Santos. Traços e Configurações do Discurso da Vulnerabilidade Social no Brasil: Modos de ser e gerenciar uma parcela da População. **Educação em Revista**, v. 31, n. 1, 2015.

DOMENE, Semíramis Martins Álvares; MEDEIROS, Maria Angélica Tavares de; MARTINS, Paula Andrea. A dinâmica do aleitamento materno entre famílias em vulnerabilidade social: o que revela o sistema de busca ativa. **Revista de Nutrição**, 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (Org.). **Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FONSECA JÚNIOR, Wilson. Correa da.. Análise de conteúdo. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

GADINI, Sérgio Luiz. Grandes estruturas editoriais dos cadernos culturais. Principais características do jornalismo cultural nos diários brasileiros. **Fronteiras: estudos midiáticos**, v. 8, n. 3, p. 233-240, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. *In*: SANTOS, Milton. **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HERNÁNDEZ, J.; CARDONA-ARANGO, D.; SEGURA-CARDONA, A. M. (2018). Construcción y análisis de un índice de vulnerabilidad social en la población joven. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 16, n. 1, p. 403-412.

HERSCOVITZ, H.G.. Análise de conteúdo em jornalismo. *In*: LAGO, Claudia; BENETTI, M.. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

INSTITUTO JONES SANTOS NEVES. **Relatório jovens fora da escola**. Informações disponíveis em: [https://sedh.es.gov.br/Media/sedh/DOCUMENTOS%202017/Relatorio\\_Jovens\\_fora\\_da\\_escola-.pdf](https://sedh.es.gov.br/Media/sedh/DOCUMENTOS%202017/Relatorio_Jovens_fora_da_escola-.pdf)< Acesso em: 30/09/2018.

IPEA. **ATLAS DA VIOLÊNCIA 2018**. Rio de Janeiro: Ipea e FBSP, 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geralção, 2004.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**. São Paulo: 2009.

KUNCZIC, Michael. **Conceitos de Jornalismo Norte e Sul**. São Paulo: Edusp, 2002.

- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Santa Catarina: Insular, 2001.
- LAGO, Cláudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, p. 156-170, 2010.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- MALANQUINI, Aidê et al.. Grandes Projetos no desenvolvimento do Estado, 2008. *In*: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Quase 200**: a imprensa na história capixaba. Vitória: DIO, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MARQUES DE MELO, José (Org.). **Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística**: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". *In*: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1998.
- \_\_\_\_\_. Jornalismo Policial. *In*: **Portal do Jornalismo Brasileiro**. São Paulo. 2007. Disponível em: <[www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas1\\_c.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas1_c.htm)>. Acesso em: 12/11/2018
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1982.
- MENDES, José Manuel et al. A vulnerabilidade social aos perigos naturais e tecnológicos em Portugal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 93, p. 95-128, 2011.
- MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da agenda**: a mídia e a opinião. Tradução Jacques A. Wainberg Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Hucitec, 1999.
- MISSE, Michel. A violência como sujeito difuso. *In*: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (Org.). **Reflexões sobre a violência urbana**: (In)segurança e (Des)esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos**: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro: tese de doutorado, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), 1999.
- MONTEIRO, Simone Rocha da Rocha Pires. O marco conceitual da vulnerabilidade social **Sociedade em Debate**, Pelotas, 17(2): 29-40, jul.-dez./2011.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/OPAS, 2002.
- ORLANDI, Eni P.. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Pontes, 2009.

PAOLI, Maria Célia; BENEVIDES, Maria Victoria; PINHEIRO, Paulo Sérgio; DA MATTA, Roberto. **A Violência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PAOLI, Maria Célia. **Violência e espaço civil**. In: PAOLI, Maria Célia; BENEVIDES, Maria Victoria; PINHEIRO, Paulo Sérgio; DA MATTA, Roberto. **A Violência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PRATI, Laíssa Eschiletti; COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula; KOLLER, Silca Helena. Famílias em vulnerabilidade social: rastreamento de termos utilizados por terapeutas de família. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 25, n. 3, p. 403-408, 2009.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Complexidade, processos de vulnerabilização e justiça ambiental: um ensaio de epistemologia política. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 93, p. 31-58, 2011.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROMERO, Hugo; MENDONÇA, Magaly. Ameaças naturais e avaliação subjetiva na construção da Vulnerabilidade social diante de desastres naturais no Chile e Brasil. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 9, n. 1, p. 127-180, 2012.

RUOTTI, Carem et al.. A vulnerabilidade dos jovens à morte violenta: um estudo de caso no contexto dos “Crimes de Maio”. **Saúde e Sociedade**, v. 23, p. 733-748, 2014.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Lamparina, 2007.

SANTOS, Milton; RIBEIRO, Wagner Costa; GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SECRETARIA DO ESTADO DE DIREITOS HUMANOS. **Perguntas frequentes**, 2018. Informações disponíveis em: < <https://sedh.es.gov.br/ocupacao-social-perguntas-frequentes>>. Acesso em: 30/09/2018.

SECRETARIA DO ESTADO DE DIREITOS HUMANOS. **Ocupação Social**, 2018. Informações disponíveis em: < <https://sedh.es.gov.br/ocupacao-social-3>>. Acesso em: 30/09/2018.

SEDDON, Danielle Santos do Nascimento. **Vulnerabilidade social no Espírito Santo: conceito e mensuração**. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SERRA, Ordep; VOLPINI, Lorena. Considerações sobre a violência fria. **Caderno CHR**, v. 29, n. 76, 2016.

SILVA Janaina et al.. Pós-guerra, pré-golpe: a mídia capixaba de 1945 a 1964, 2008. In: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Quase 200: a imprensa na história capixaba**. Vitória: DIO, 2008.

SOARES, Marcos Rogério. **Juventude e vulnerabilidade social**. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana 2015.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina, Edipurcs, 2002.

\_\_\_\_\_. Violência, mídia e política. *In*: FEGHALI, Jandira; MENDES, Candido; LEMGRUBER, Julita (Org.). **Reflexões sobre a violência urbana: (In)segurança e (Des)esperanças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

TAVARES, Ricardo et al. Homicídios e vulnerabilidade social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 923-934, 2016.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TUZZO, Simone Antoniacci. Pedacos de maus caminhos: o belo e o grotesco nas representações das cidades no telejornalismo brasileiro. **Sessões do Imaginário**, v. 21, n. 36, p. 17-26, 2016.

TITO, Amanda; SANTANA, João Cláudio de; TARCÍSIO; João. A trajetória dos meios de comunicação capixabas, 2008. *In*: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Quase 200: a imprensa na história capixaba**. Vitória: DIO, 2008.

TONELLA, Celene. Precariedade urbana e vulnerabilidade social. O caso Canãda Real Galiana, na Espanha. *Acta Scientiarum*. **Human and Social Sciences**, v. 35, n. 2, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2013.

\_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. Making news by doing work: Routinizing the unexpected. **American journal of Sociology**, v. 79, n. 1, p. 110-131, 1973.

\_\_\_\_\_. The production of the News. *In*: JENSEN, Klaus Bruhn (Ed.). **A handbook of media and communication research: qualitative and quantitative methodologies**. Routledge, 2013.

VARJÃO, Suzana. **Micropoderes, macroviolências**. Salvador: EDUFBA, 2008.

VIANNA, George; TETE, Gleyson; NUNES, Guido. *A Tribuna: memórias de um jornal sem registros*, 2005. *In*: MARTINUZZO, José Antônio (Org.). **Impressões capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Martins Fontes, 2003.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz et al. **Atlas da criminalidade no Espírito Santo**. 1. ed. São Paulo: Annablume; Espírito Santo: FAPES, 2011. 218 p.

ZANOTELLI, Cláudio Luíz. O espaço da violência na Grande Vitória: o caso dos homicídios. *In*: CAMACHO, Thimoteo (Org.). **Ensaio sobre a violência**. Vitória: Edufes, 2003.

## Apêndice A – Cobertura do Bairro das Laranjeiras nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre o Bairro das Laranjeiras em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro					
Fevereiro					
Março					
Abril					
Maio	Cidades	Nota	Pedreiros são assaltados em obras	Principal	Vítima e polícia
	Cidades	Matéria 1 página	Jovem é assassinada e causa pode ter sido vingança	Principal	Família, polícia e secretário de segurança
Junho					
Julho	Segurança	Notícia 1/2 página	Bandido foge de hospital usando fralda	Principal	Família, polícia e funcionários de hospital
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
Agosto					
Setembro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Outubro	Cidades	Notícia 1 página	Nível de rio cai e deixa moradores sem água	Grande Vitória	Cesan
Novembro					
Dezembro	Cidades	Notícia 1/2 página	Escola cria moeda e dá prêmios a alunos por bom comportamento	Principal	Professora e alunos

Cobertura sobre o Bairro das Laranjeiras em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro					
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Polícia	Notícia 1/2 página	Garota de 13 anos e sogra são baleadas em tiroteio	Principal	Família e Polícia
Fevereiro	Polícia	Nota	Grande Vitória registra seis assassinatos em 20h	Principal	Polícia e Moradores
	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiroteios	Grande Vitória	Polícia e Moradores
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Jovem executado na porta da casa dos tios na Serra	Principal	Família e Polícia
Março	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Polícia	Nota	Gangue faz comerciante refém e leva 7 mil de loja	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Doze bairros ficam sem água amanhã	Grande Vitória	Cesan
Abril	Polícia	Notícia 1/4 de página	Empresário apanha de assaltantes	Principal	Vítima e Polícia
	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e
Maio	Polícia	Notícia 1/2 página	Jovem diz a ladrão que não tem celular e é executada	Principal	Polícia, familiares e Moradores
	Polícia	Nota	Ladrões entram em obra para roubar carro do pedreiro	Principal	Vítima e Polícia
	Polícia	Nota	Fiscais acusados de dar golpe do relógio de luz	Principal	Polícia
Junho					
Julho	Polícia	Nota	Policial impede assalto e atira em ladrão	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/2 página	Soldado da Pm mata dois na Serra	Principal	Polícia, testemunha e família
Agosto					
Setembro	Cidades	Nota	Crise hídrica	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Crise hídrica	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Crise hídrica	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Crise hídrica	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Bailes em galpões na Serra	Grande Vitória	Polícia
Outubro	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentes de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	Polícia	Nota	Jovem leva tiros e acaba preso na Serra	Principal	Polícia
Novembro	Polícia	Notícia 1/2 página	Executado por causa de ação trabalhista	Principal	Polícia e acusado
	Polícia	Nota	Adolescentes disputam posição dentro de gangues	Principal	Polícia
Dezembro					

## Apêndice B – Cobertura de Barramares nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Barramares em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro					
Fevereiro	Cidades	Notícia 1/2 página	Vacina de hepatite falta nos postos e antirrábica está com estoque baixo	Grande Vitória	SESA, médico e morador
	Cidades	Notícia 1/2 página	Vacinas começam a chegar aos postos de saúde	Grande Vitória	SESA e morador
Março	Segurança	Nota	Acusados atacaram comércio e pessoas em bairro de Vila Velha	Principal	polícia e testemunhas
Abril	Cidades	Notícia 1 página	Mais de 600 mil vão se vacinar contra a gripe	Grande Vitória	SESA e mãe
Maio	Cidades	Notícia 1 página	Vitória já não tem mais doses de vacinas	Grande Vitória	Ministério da Saúde, Secretário de saúde e mãe
	Cidades	Notícia 1 página	98 postos para vacinar contra H1N1	Grande Vitória	SESA e pais
	Cidades	Reportagem especial	Na Grande Vitória há doses em 85 postos	Grande Vitória	SESA e família
	Cidades	Notícia 1 página	Último dia de vacina. Há doses em 25 postos da Grande Vitória	Grande Vitória	SESA e família
	Segurança	Notícia 1/2 página	Preso quadrilha que roubava casas no norte	Principal	polícia
Junho	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
	Cidades	Nota	Criança é atingida por bala perdida em tiroteio	Principal	polícia
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
	Segurança	Matéria 1 página	Tráfico promove "Baile do Mandela" e vende drogas	Grande Vitória	polícia, Prefeitura e Moradores
Agosto					
Setembro	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Outubro					
Novembro					
Dezembro	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Fação paulista dita regras e arma confrontos	Principal	SESP, MPES e Moradores
	Cidades	Notícia 1 página (Governo)	Jovens de atitude e de olho no futuro	Grande Vitória	SEDH e Moradores



Cobertura sobre Barramares em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
<b>Janeiro</b>	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Polícia	Nota	Jovem é morto a tiros ao andar de ônibus	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Adolescentes executados em Vila Velha	Principal	Polícia e Moradores
	Cidades	Nota	Repelentes para grávidas a partir de amanhã	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Notícia 1 página	Oito jovens executados em 6 dias	Principal	Polícia, Moradores e especialista em Segurança Pública
	Polícia	Nota	Polícia investiga execuções	Principal	Polícia
<b>Fevereiro</b>	Cidades	Reportagem especial	Moradores multados por não combater mosquito	Grande Vitória	Vigilância sanitária e Prefeitura
	Cidades	Reportagem especial	Bairros vão ter supermosquitos	Grande Vitória	Prefeitura, AIEA, infectologista e morador
	Polícia	Nota	Baleado ao sair de casa para ajudar cunhada	Principal	Polícia e vítima
	Cidades	Nota	Vila Velha vai ouvir Moradores de 21 bairros para debater PDM	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Fuga, tiros e correria em Bairro Vermelho	Principal	Polícia e Moradores
	Cidades	Nota	Sete bairros de Vila Velha sem água hoje	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Moradores cobram abordagens a suspeitos	Grande Vitória	Polícia e Moradores
<b>Março</b>	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Polícia	Notícia 1 página	As 35 linhas mais perigosas	Grande Vitória	Polícia, passageiros e motoristas
	Polícia	Reportagem especial	Ganques aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	Especialista em Segurança Pública, Moradores e Polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Vacina para gripe para mais de 115 mil hoje	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Notícia 1 página	Postos que vão ter vacina sábado	Grande Vitória	SESA e Moradores
<b>Abril</b>	Cidades	Notícia 1 página	Vacinação em 111 postos hoje contra a supergripe	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Onde se vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Abrigo de animais é invadido por ladrões	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Empresário agredido com golpes de facão	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Polícia	Vacinas acabam em Vitória	Grande Vitória	SESA
<b>Mai</b>	Polícia	Notícia 1/2 página	Rapaz pedala 13 km após ser baleado	Principal	Polícia, vítima e família
	Polícia	Nota	Polícia prende três por tentativa de homicídio	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Vacinas amanhã em 78 municípios	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Roteiros de festas juninas na Grande Vitória	Grande Vitória	Grupos de festas juninas
	Polícia	Nota	Acusados de estuprar adolescente em Vila Velha	Principal	Polícia e família
	Polícia	Notícia 1 página	Quadrilha resiste à prisão e dá tiro em policial	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Segunda dose para menores de 2 anos	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Comerciante leva tiro ao fechar lanchonete	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Postos com vacinas	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Notícia 1/2 página	Só restam vacinas em 24 postos de saúde	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Moto demora a pegar e bandidos são presos	Principal	Polícia e Moradores
	Cidades	Nota	Postos com vacinas	Grande Vitória	SESA
<b>Junho</b>	Cidades	Nota	Vacinação em 81 postos na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Bebês já podem tomar segunda dose	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Notícia 1 página	Polícia prende quadrilha que perseguiu empresário	Principal	Polícia e vítimas
	Polícia	Nota	Vídeo mostra pai socorrendo filho baleado em Barramares	Principal	Polícia
<b>Julho</b>	Polícia	Nota	Menino de 10 anos e adolescentes feridos	Principal	Polícia e família
<b>Agosto</b>	Polícia	Nota	Acusado de roubar bicicleta é espancado	Principal	Polícia e Moradores
	Polícia	Nota	Acusado de estupro é preso em Vila Velha	Principal	Polícia, Moradores e família
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
<b>Setembro</b>	Polícia	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Preso acusado de homicídio	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Polícia	Nota	Executado com cinco tiros ao sair de padaria	Principal	Polícia e Moradores
<b>Outubro</b>	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Polícia	Nota	Assassinado com 6 tiros em Vila Velha	Principal	Polícia
<b>Novembro</b>	AT2	Nota	Batalha de MC's amanhã no Teatro Carlos Gomes	Principal	SEDH E SECULT
	Polícia	Nota	Preso após ficar dois anos foragido	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Preso após ficar dois anos foragido	Principal	Polícia
<b>Dezembro</b>	Polícia	Notícia 1 página	Sequestrada em São Paulo e trazida para Vila Velha	Principal	Vítima e Polícia

## Apêndice C – Cobertura de Boa Vista I e II nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Boa Vista I e II em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
<b>Janeiro</b>					
<b>Fevereiro</b>	Cidades	Nota	Vila Velha terá 100% de esgoto tratado no prazo de 10 anos	Grande Vitória	Prefeitura
<b>Março</b>					
<b>Abril</b>					
<b>Mai</b>					
<b>Junho</b>					
<b>Julho</b>	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
<b>Agosto</b>					
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
<b>Setembro</b>	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1 página	Alunos criam máquina para apagar texto e reutilizar papel	Principal	SECTI e professor
<b>Outubro</b>	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
<b>Novembro</b>					
<b>Dezembro</b>	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Moradores reféns do tráfico em 126 bairros	Principal	SESP, MPES e Moradores

Cobertura sobre Boa Vista I e II em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Fevereiro	Polícia	Notícia 1 página	Oito jovens executados em 6 dias	Principal	Moradores e especialista em Segurança
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Jovem morre com 80 tiros em Vila Velha	Principal	Polícia e testemunhas
	Polícia	Nota	Polícia investiga execuções	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Encapuzados matam três em Vila Velha	Principal	Polícia e testemunhas
	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiros	Grande Vitória	Polícia e Moradores
Março	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Abril	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e
	Polícia	Notícia 1/2 página	Adolescente preso por matar amigo	Principal	Polícia
Maio	Polícia	Notícia 1/4 de página	Bandidos descem de carro e matam garoto	Principal	Polícia e família
Junho					
Julho	Polícia	Nota	Estudante morto a tiros em Vila Velha	Principal	Polícia
Agosto	Polícia	Nota	Adolescente é preso após assaltar loja	Principal	Polícia
Setembro	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
Outubro	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
Novembro	Cidades	Nota	Vazamento deixa 181 bairros sem água na Grande Vitória	Grande Vitória	Cesan
Dezembro					

## Apêndice D – Cobertura de Castelo Branco nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Castelo Branco em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro					
Fevereiro					
Março					
Abril					
Maio					
Junho					
Julho	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
Agosto	Cidades	Nota	Operação em 5 bairros para inibir crime	Principal	polícia
Setembro	Segurança	Notícia 1 página	Trio faz arrastão dentro de ônibus do Transcol	Principal	Vítimas
Outubro					
Novembro	Cidades	Notícia 1 página	Deslizamentos: 130 áreas ainda estão em alerta	Grande Vitória	Secretário de defesa social e Defesa Civil
	Cidades	Reportagem especial	38 famílias ainda estão fora de casa	Grande Vitória	Defesa Civil
	Cidades	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Trabalhadores na mira de traficantes	Principal	SESP, MPES e Moradores
	Vida e Ciência	Notícia 1 página (Governo)	17 escolas com aula em tempo integral	Grande Vitória	Sedu e Aluno
	Vida e Família	Nota	Onde se exercitar	Grande Vitória	Prefeitura
Dezembro	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Moradores reféns do tráfico em 126 bairros	Principal	SESP, MPES e Moradores

Cobertura sobre Castelo Branco em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Cidades	Nota	Falta de água hoje em Cariacica e Vila Velha	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Fevereiro	Cidades	Nota	Falta de água hoje em Cariacica e Vila Velha	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Assassinado no meio da rua em Cariacica	Principal	Polícia e Moradores
	Polícia	Reportagem especial	Diarista para de estudar com medo	Principal	Morador
	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiros	Grande Vitória	Polícia e Moradores
	Polícia	Notícia 1 página	Vinte bairros mais perigosos para morar	Grande Vitória	ESP, especialista em Segurança Pública e F
Março	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Abril	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e
	Polícia	Reportagem especial	Crianças rebeldes vão para o conselho	Principal	Polícia, pesquisador, juíza e famílias
Maio	Polícia	Reportagem especial	Pais perdem filhos para o crime	Principal	Polícia, pesquisador, juíza e famílias
Junho	Polícia	Nota	Adolescente é morto a tiros em Cariacica	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Novas vias que vão valorizar bairros	Grande Vitória	DER
Agosto	Polícia	Notícia 1/4 de página	Jovem acusado de roubar 12 mil em celulares	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Mulheres são presas acusadas de tráfico	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	PM promete grande operação	Grande Vitória	Polícia
	Polícia	Nota	Motoqueiros atiram em criança de 14 anos	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1 página	Bandidos mais procurados por ataques a ônibus	Grande Vitória	Polícia
	Polícia	Nota	Suspeito de organizar Baile do Mandela é preso com droga	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Notícia 1/2 página	Fiéis são baleados ao sair de igreja	Principal	Polícia e vítimaS
Setembro	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Cariacica	Grande Vitória	TRE
	Polícia	Nota	Polícia prende dois em operação em Cariacica	Principal	Polícia
Outubro	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	Cidades	Nota	Muros desabam e famílias ficam desabrigadas	Grande Vitória	Defesa Civil
Novembro	Polícia	Nota	Adolescente preso por trocar tiros com polícia	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Estado vai ter 26 novas escolas e creches em 2017	Grande Vitória	Prefeituras, Sedu e Governo
	Cidades	Nota	Vazamento deixa 181 bairros sem água na Grande Vitória	Grande Vitória	Cesan
Dezembro					

## Apêndice E – Cobertura de Central Carapina nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Central Carapina em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
<b>Janeiro</b>					
<b>Fevereiro</b>	Cidades	Nota	Até bloco entra na rua contra o pó petro	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	É hora de botar o bloco na rua	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	A simpatia das musas dos blocos de rua	Grande Vitória	Prefeitura
<b>Março</b>	Segurança	Notícia 1/2 página	PM reage a assalto e mata bandido	Principal	polícia
<b>Abril</b>	Cidades	Notícia 1/2 página	Fumaça de fogo na turfa volta a incomodar	Principal	Bombeiros e Moradores
<b>Mai</b>	Segurança	Notícia 1 página	Doméstica vai orar em monte e é assassinada por bala perdida	Principal	Moradores e polícia
	Segurança	Nota	Mulher atingida na troca de tiros entre polícia e bandidos	Principal	polícia
<b>Junho</b>					
<b>Julho</b>	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
<b>Agosto</b>					
<b>Setembro</b>	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
	Segurança	Matéria 1 página	Policiais são recebidos a tiros por bando na Serra	Principal	polícia
<b>Outubro</b>	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
<b>Novembro</b>					
<b>Dezembro</b>	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Trabalhadores na mira de traficantes	Principal	SESP, MPES e Moradores
	Segurança	Notícia 1 página	Idosa morre vítima de bala perdida na porta de casa	Principal	polícia e família
	Cidades	Nota	Bebeu, roubou o táxi e bateu com o carro	Principal	polícia
	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Tribunal ordena expulsões e mortes	Principal	SESP, MPES e Moradores

Cobertura sobre Central Carapina em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
<b>Janeiro</b>	Polícia	Notícia 1/4 de página	Motorista é assassinado enquanto alimentava galinhas	Principal	Polícia e Moradores
	Polícia	Notícia 1/2 página	Assassinado a tiros na Serra	Principal	Polícia e família
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
<b>Fevereiro</b>	Cidades	Nota	Blocos	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Programação gratuita hoje e amanhã	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Reportagem especial	Mudança após morte do filho	Principal	Morador
	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiroteios	Grande Vitória	Polícia e Moradores
<b>Março</b>	Cidades	Nota	Sobrevoo para flagrar esgoto lançado na baía de Vitória	Grande Vitória	Secretaria de Meio Ambiente
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Sacoleiro assassinado em assalto	Principal	Polícia e testemunhas
	Capa	Capa	Policial reage a assalto e mata bandido a tiros	Principal	Polícia
	Polícia	Reportagem especial	PM mata ladrão no semáforo	Principal	Polícia
<b>Abril</b>	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESP
	Polícia	Nota	Marido arranca parte de orelha da mulher	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESP
<b>Mai</b>	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESP
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESP
	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e
	Polícia	Notícia 1/2 página	Força tarefa para prender bandido mais perigosos	Principal	Polícia e SESP
<b>Junho</b>	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESP
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESP
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESP
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Dona de casa é ferida por bala perdida	Principal	Polícia e vítima
<b>Julho</b>	Polícia	Notícia 1 página	Bala perdida mata doméstica	Principal	Polícia e testemunhas
	Cidades	Notícia 1/2 página	Dona de casa vira "doutora" dos brinquedos	Principal	Moradora
<b>Agosto</b>	Polícia	Notícia 1/4 de página	Ganque rouba arma e atira nos PMs	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Abordagem reforçadas na Serra após ataque a PMs	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Baleado por bandidos em Central Carapina	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1/2 página	Treinados para resolver brigas de vizinhos em 39 bairros	Grande Vitória	Deputados, juiz, especialistas e Ales
<b>Setembro</b>	Polícia	Reportagem especial	Festas proibidas com sexo, armas e drogas em 32 bairros	Grande Vitória	polícia, Prefeituras, Moradores e delegado
	Polícia	Nota	Família indenizada por 60 mil por assalto	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Bailes em galpões na Serra	Grande Vitória	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Bailes em galpões na Serra	Grande Vitória	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
<b>Outubro</b>	Polícia	Notícia 1 página	Dez bandidos atacam policiais	Principal	polícia e especialista em Segurança Pública
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	Cidades	Notícia 1 página	Estado vai ter 26 novas escolas e creches em 2017	Grande Vitória	Prefeituras, Sedu e Governo
<b>Novembro</b>	Cidades	Notícia 1 página	Ginástica e aula de música de graça	Grande Vitória	Moradores
	Polícia	Nota	Adolescente morre e dois são baleados na serra	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/2 página	Idosa morre por bala perdida na Serra	Principal	Polícia e testemunhas
	Polícia	Nota	Vítimas de bala perdida	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Bandido rouba táxi, bate carro e é preso	Principal	Polícia
<b>Dezembro</b>	Polícia	Nota	Mulher vê ladrões com seu carro e chama PM	Principal	Polícia

## Apêndice F – Cobertura de Feu Rosa nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Feu Rosa em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro	Segurança	Nota	PM que agrediu mulher é afastada da rua	Principal	polícia
	Segurança	Notícia 1/2 página	PM filmado agredindo mulher é afastado de batalhão	Principal	polícia
Fevereiro	Cidades	Reportagem especial	Cidades com epidemia ficam fora de mutirão	Grande Vitória	SESA e municípios
	Segurança	Nota	Vendedora é atingida por bala perdida	Principal	polícia
Março	Segurança	Nota	Empresário assaltado em Manguinhos	Principal	polícia
	Segurança	Nota	Acusado de matar jovem é preso em buteco	Principal	polícia
Abril	Segurança	Nota	polícia está à caça de 37 assaltante de ônibus	Grande Vitória	polícia
	Segurança	Nota	Bandidos levam carro de surfistas	Principal	polícia
Maio	Segurança	Nota	Agredido por roubar escola	Principal	polícia e criminoso
	Cidades	Nota	H1N1: vacina já está em falta na Serra	Grande Vitória	SESA e municípios
Junho	Cidades	Nota	H1N1: vacinação vai começar nesta terça	Grande Vitória	SESA e municípios
	Cidades	Nota	97 postos para vacinar contra a H1N1	Grande Vitória	SESA e municípios
	Cidades	Nota	Último dia de vacina	Grande Vitória	SESA e municípios
	Segurança	Nota	Assaltantes batem carro em muro ao fugir da polícia	Principal	polícia
Julho	Cidades	Nota	Na Grande Vitória há doses em 85 postos	Grande Vitória	SESA e municípios
	Segurança	Matéria 1/2 página	Roubam carro, batem em moto e matam jovem	Principal	polícia
Agosto	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
Setembro	Segurança	Nota	Policial mata a mulher e o colega	Principal	polícia e família
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Outubro	Cidades	Notícia 1/2 página	Aluna flagra merenda sendo jogada no lixo na Serra	Principal	Sedu e aluna
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Novembro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Reportagem especial	38 famílias ainda estão fora de casa	Grande Vitória	Defesa Civil
Dezembro	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Moradores reféns do tráfico em 126 bairros	Principal	SESP, MPES e Moradores
	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Trabalhadores na mira de traficantes	Principal	SESP, MPES e Moradores
	Segurança	Notícia 1 página	Cobrador é esfaqueado por ladrão na Serra	Principal	Família, polícia e Ceturb
	Segurança	Notícia 1 página	Um morto e quatro feridos após ceia de natal na rua	Principal	Moradores e polícia
Dezembro	Cidades	Notícia 1/4 de página	Estudante cria prótese de braço com material reciclável	Principal	Estudante
	Cidades	Notícia 1 página (Governo)	No palco, cultura e paz	Principal	SEDH e jovens

Cobertura sobre Feu Rosa em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Jovens reformam casas para ajudar a quem precisa	Principal	Voluntários e psicólogos
	Capa	Capa	PM afastado após flagrado batendo em mulher	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1 página	PM é flagrado batendo em mulher	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Jovens confundidos com turistas são assaltados	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Assalto após lanche	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Govemo e Senai
Fevereiro	Polícia	Nota	Dono de bar leva tiro na Serra e pode ficar paraplégico	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Carro roubado em frente à casa da mãe	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Programação gratuita hoje e amanhã	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Nota	Casal rouba carro emprestado por empresário	Principal	Polícia
	Cidades	Reportagem especial	Militares hoje em 53 bairros	Grande Vitória	SESA, militares e ministro
	Polícia	Notícia 1 página	Baleada após briga por cordão	Principal	Polícia, vítima e Moradores
Março	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiros	Grande Vitória	Polícia e Moradores
	Polícia	Nota	Garoto é espancado com tampa de esgoto	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/2 página	Jovem confessa que matou namorada por ciúmes	Principal	Polícia e criminoso
	Cidades	Nota	Programação gratuita nos bairros	Grande Vitória	Prefeituras
	Polícia	Nota	Jovem atingido com quatro tiros na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/2 página	Jovem executado e acusado preso em bar	Principal	Polícia e família
Abril	Polícia	Notícia 1 página	Vinte bairros mais perigosos para morar	Grande Vitória	SP, especialista em Segurança Pública e
	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Govemo e Senai
	Cidades	Notícia 1/2 página	Postos vão abrir sábado para vacinação	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Preso acusado de roubar carros na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Jovem é assassinado a tiros em Feu ROsa	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Vacina contra gripe para 115 mil a partir de hoje	Grande Vitória	SESA
Maio	Polícia	Notícia 1 página	Merinos decidem estrear no crime com assalto a ônibus	Principal	Polícia, merinos e passageiros
	Cidades	Notícia 1/2 página	Reforço nos postos para vacina	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos abertos para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e
	Polícia	Nota	Celulares	Principal	Polícia
Junho	Cidades	Nota	Situação nos municípios	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Notícia 1/2 página	Postos na Serra voltam a vacinar no sábado	Grande Vitória	Prefeituras
	Cidades	Nota	Postos na cidade que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Agridida e arrastada pelo cabelo após confusão	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Postos na cidade que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Notícia 1/2 página	Força tarefa para prender bandido mais perigosos	Principal	Polícia e SESP
Julho	Cidades	Nota	Cobertura com vacinas	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Espancado por Moradores após roubar computador	Principal	Polícia e criminoso
	Cidades	Nota	Novidade no lazer dos bairros	Grande Vitória	Prefeituras
	Cidades	Nota	Os postoscom vacina	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Os postoscom vacina	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Quatro mil atendimento de graça hoje	Principal	Alunos de medicina
Agosto	Cidades	Nota	Os postoscom vacina	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Os postoscom vacina	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Notícia 1 página	Ganque da moto preta é presa	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Os postoscom vacina	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Notícia 1 página	Só restam vacinas em 24 postos de saúde	Grande Vitória	BARES
	Cidades	Nota	Segunda dose para menores de 2 anos	Grande Vitória	SESA
Setembro	Cidades	Notícia 1 página	Sucesso com pizza gigante	Principal	Empresário
	Cidades	Nota	Descontos e brindes no dia do amigo	Grande Vitória	Bares
	Cidades	Nota	Ufes cria aplicativo que avisa hora de dar carinho	Principal	Pesquisadores
	Polícia	Nota	Jovem é baleado com três tiros na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Executado ao ir trabalhar em Feu Rosa	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1 página	Policial executa mulher e vigilante	Principal	Polícia, Moradores e família
Outubro	Cidades	Reportagem 2 PG	Cursos para ter o diploma mais rápido	Grande Vitória	SENAI
	Polícia	Nota	Corpo de vigilante morto vai ser enterrado no Rio	Principal	Polícia
	Polícia	Reportagem especial	Festas proibidas com sexo, armas e drogas em 32 bairros	Grande Vitória	Polícia, Prefeituras, Moradores e delegado
	Cidades	Nota	Prefeituras oferecem tratamento gratuito	Grande Vitória	Prefeituras
	Polícia	Notícia 1/2 página	Ladrão rende mulher e bate veículo em fuga	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1 página	Cinco jovens assassinados com tiros na Grande Vitória	Grande Vitória	Polícia e Moradores
Novembro	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Notícia 1/2 página	Motociclista é executado com 10 tiros	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Jovem ferido com vergalhão em Feu Rosa	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Onde o Racionamento continua	Grande Vitória	Cesan
Dezembro	Cidades	Nota	Rodízio de água	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Guarda da Serra em teste até o fim do mês	Grande Vitória	Guarda Municipal
	Cidades	Nota	As escolas ocupadas	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	Cidades	Nota	Muros desabam e famílias ficam desabrigadas	Grande Vitória	Defesa Civil
	Polícia	Nota	Adolescente leva três tiros na Serra	Principal	Polícia
Outubro	Polícia	Notícia 1 página	Ladrões roubam 10 celulares por dia na Serra	Grande Vitória	Polícia
	Polícia	Nota	Vendedora é agredida ao terminar namoro	Principal	Polícia
	Capa	Capa	Moradores de 15 bairros fazem sucesso no exterior	Principal	Moradores
	Cidades	Reportagem 2 PG	Moradores de 15 bairros fazem sucesso no exterior	Principal	Moradores
	Polícia	Nota	Gangue em carro mata um e deixa quatro feridos	Principal	Polícia e Moradores
	Cidades	Notícia 1/2 página	Estado vai ter sete superpostos 24h	Grande Vitória	Govemo
Dezembro	Polícia	Notícia 1/2 página	"Vamos voltar para o Rio. Aqui está perigoso".	Principal	Polícia e Moradores
	Polícia	Notícia 1/2 página	Festa de natal termina em morte	Principal	Polícia e Moradores

## Apêndice G – Cobertura de Flexal II nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Flexal II em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro					
Fevereiro					
Março	Cidades	Reportagem especial	Eles lutam para mudar a vida de seus bairros	Principal	Moradores
	Cidades	Nota	Idosa de 83 anos fica ferida ao cair de buraco	Principal	SESA
Abril					
Maio					
Junho	Segurança	Notícia 1 página	Acidente na volta do culto mata pastora em Cariacica	Principal	polícia e família
Julho	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SEAE e professor de Direito
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
Agosto	Segurança	Notícia 1/2 página	Mais de 40 tiros deixa três mortos e criança baleada	Principal	polícia e Moradores
Setembro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
Outubro					
Novembro					
Dezembro	C2	Matéria 1 página	Série online dá um giro por atividades culturais no ES	Grande Vitória	Artistas

Cobertura sobre Flexal II em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Fevereiro	Cidades	Reportagem especial	Bairros vão ter supermosquitos	Grande Vitória	moradores, SESA e infectologistas
	Cidades	Nota	Programação gratuita	Grande Vitória	Blocos
	Cidades	Nota	Mistura de ritmo nos Blocos	Grande Vitória	Blocos
	Polícia	Nota	Jovem leva dois tiros em Cariacica	Principal	Polícia
Março	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Abril					
Maio	Cidades	Nota	Fios de cobre são roubados e moradores ficam sem luz	Principal	Polícia, Prefeitura e morador
Junho	Cidades	Nota	Moradores bloqueiam rodovia do contorno	Principal	Polícia
Julho					
Agosto					
Setembro	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	NovOs postos de saúde e farmácias	Grande Vitória	SESA
Outubro	Cidades	Notícia 1 página	Novo local de votação para 44 mil	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Reportagem especial	Eleição em Cariacica	Grande Vitória	Prefeito
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
Novembro					
Dezembro	Polícia	Nota	Jovem leva dois tiros em Cariacica	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1/2 página	Estado vai ter sete superpostos 24h	Grande Vitória	Governo

## Apêndice H – Cobertura de Jardim Carapina nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Jardim Carapina em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro	Segurança	Notícia 1/4 de página	Adolescente é morta a pedradas em mangue	Principal	polícia
Fevereiro	Cidades	Notícia 1 página	Esgoto de Camburi vem de Vila Velha e Serra, afirma secretário	Grande Vitória	Prefeituras e Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Rios podem contribuir para contaminação	Grande Vitória	Prefeituras e Moradores
Março	Segurança	Notícia 1 página	Vigilante é morto enquanto dirigia na Rodovia do Contorno	Principal	Moradores e polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Poluição no mar	Grande Vitória	Moradores e prefeitura
Abril	Cidades	Reportagem especial	Eles lutam para mudar a vida de seus bairros	Principal	Moradores
	Segurança	Notícia 1/4 de página	Adolescente é morto em frente a avó	Principal	polícia e família
	Cidades	Notícia 1 página	Estudante grava clipe sertanejo em lixão na Serra	Principal	Moradores e prefeitura
	Revista AG	Reportagem especial	Pelo coletivo	Principal	Moradores
Maio	Revista AG	Nota	Por um mundo melhor	Principal	Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Orçamento apertado para comprar remédio	Grande Vitória	Moradores e prefeituras
Junho	Cidades	Notícia 1 página	Turfa de novo? Fumaça invade cidade e incomoda moradores	Principal	Bombeiros e Moradores
Julho	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
Agosto	Segurança	Notícia 1/4 de página	Matou 6, foi orar e acabou preso na igreja	Principal	polícia
Setembro	C2	Reportagem especial	Rolê coletivo	Principal	Cantores
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Estrada de 6 milhões sem uso	Principal	Prefeitura
Outubro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Novembro	Cidades	Notícia 1 página	Deslizamentos: 130 áreas ainda estão em alerta	Grande Vitória	Secretário de defesa social e Defesa Civil
Dezembro	Segurança	Notícia 1/2 página	19 pessoas presas em operação contra o tráfico de drogas na Serra	Principal	polícia
	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Trabalhadores na mira de traficantes	Principal	SESP, MPES e Moradores
	Cidades	Reportagem especial	Eles são papais noéis da vida real o ano inteiro	Principal	Moradores

Cobertura sobre Jardim Carapina em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Polícia	Nota	Assassinado a tiros	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Adolescente é morto com três tiros na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Assassino a tiros	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Grande Vitória tem 70 áreas de risco	Grande Vitória	Defesa Civil
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Garota é morta a pedradas	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Adolescente morta a pedradas é identificada	Principal	Polícia
Fevereiro	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Polícia	Nota	Guerra de gangues mata inocente na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Jovem é baleado em Jardim Carapina	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Artista plástica tem caminhonete roubada	Principal	Polícia
Março	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de frotistas	Grande Vitória	Polícia e Moradores
	Polícia	Notícia 1/2 página	Assassinado na loja da família	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Um morto e criança ferida em tiroteio	Principal	Polícia e família
	Cidades	Notícia 1/2 página	Polícia investiga festa candlestina	Grande Vitória	Polícia
Abril	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Polícia	Nota	Executado em Jardim Carapina	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Esclarecimento	Principal	Jornal A Tribuna
	Polícia	Nota	Encapuzados matam jovem dentro de casa	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Vacina para gripe para mais de 115 mil hoje	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos abertos hoje para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos abertos hoje para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e
	Cidades	Nota	Rodovia do Contorno ganha nova iluminação na Serra	Principal	Prefeitura
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
Maio	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Notícia 1 página	Médicos e psicólogos vão atender de graça em feiras	Grande Vitória	Médicos
	Polícia	Notícia 1/2 página	Força tarefa para prender bandido mais perigosos	Principal	Polícia e SESP
	Polícia	Nota	Jovem é assassinado a tiros em Jardim Carapina	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Novidade no lazer dos bairros	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Nota	Assassinado com dois tiros na Serra	Principal	Polícia
	Cidades	Reportagem especial	Câmeras flagram até roubo de coco	Grande Vitória	Polícia e videomonitoramento
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Soldador é assassinado na porta de casa na Serra	Principal	Polícia e Moradores
	Polícia	Reportagem especial	Assassino de mulheres mais procurados do estado	Grande Vitória	Polícia
	Cidades	Nota	Serra ganha nova área de cursos que vai atender 4 mil por mês	Grande Vitória	Governo
Junho	Polícia	Nota	Operação Mestre Alvaro termina com oito detidos	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Acusado de matar seis diz querer ser pastor	Principal	Polícia e acusado
	Cidades	Nota	Novas vias que vão valorizar bairros	Grande Vitória	Governo
	Polícia	Reportagem especial	Jovens cada vez mais cruéis	Principal	Polícia
Agosto	Polícia	Reportagem especial	Delegados revelam os bandidos mais perigosos	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos e consultas de graça em trinta bairros	Grande Vitória	Cursos
	Cidades	Nota	Serviço gratuito com preços populares	Grande Vitória	Cursos
	Polícia	Nota	Bairros com mais homicídios têm reforço policial	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Encapuzados executam rapaz na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Primos executados na reta do aeroporto	Principal	Polícia e família
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Encapuzado troca tiros com a polícia e morre na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	PM prende acusado de matar policial	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Semana de visitas a Jardim Carapina	Principal	Jornal A Tribuna
	Cidades	Matéria 1 pg	Arte de cortar cabelo entre irmãos	Principal	Moradores
	Cidades	Matéria 1 pg	Morador investe em piso para calçadas	Principal	Moradores
	Cidades	Matéria 1 pg	Teatro, dança e capoeira de graça no bairro	Principal	Moradores
	Cidades	Matéria 1 pg	Arte em cerâmica faz sucesso até fora do país	Principal	Moradores
	Polícia	Nota	Adolescente é morto com oito tiros na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Bandidos se infiltram no condomínio, diz polícia	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
Setembro	Cidades	Nota	A Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	A Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Notícia 1 página	Audifax venceu em 27 bairros	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
Outubro	Cidades	Notícia 1 página	Estado vai ter 26 novas escolas e creches em 2017	Grande Vitória	Prefeituras, Sedu e Governo
	Cidades	Reportagem 2 PG	Moradores de 15 bairros fazem sucesso no exterior	Principal	Moradores
Novembro	Cidades	Nota	Funcionamento do comércio	Grande Vitória	Lojas
Dezembro	Polícia	Reportagem 1 pg	Polícia fecha fábrica de armas	Principal	Polícia

## Apêndice I – Cobertura de Nova Esperança nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Nova Esperança em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro					
Fevereiro					
Março					
Abril					
Maio					
Junho					
Julho	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Pena
Agosto	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Setembro					
Outubro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Novembro					
Dezembro					

Cobertura sobre Nova Esperança em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Polícia	Nota	Esfaqueou a mulher	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Fevereiro	Cidades	Nota	Programação gratuita hoje e amanhã	Grande Vitória	Blocos
Março	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Abril					
Maio					
Junho					
Julho					
Agosto					
Setembro	Cidades	Nota	Onde vai faltar água	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
Outubro	Cidades	Nota	Onde o Racionamento continua	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Rodízio nos bairros	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Racionamento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Cariacica	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Cariacica	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Cariacica	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
Novembro					
Dezembro					

## Apêndice J – Cobertura de Nova Palestina nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Nova Palestina em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Bairros com mais casos de Zika em Vitória, Vila Velha e Cariacica	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Multa de até 413 mil para dono de imóvel com foco	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	25 bairro têm alta infestação de mosquito	Grande Vitória	Prefeitura
Fevereiro					
Março	Cidades	Nota	Os números da dengue	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Santo Antônio e São Pedro ganham 25 câmeras nas ruas	Grande Vitória	Prefeitura
Abril	Cidades	Nota	Linhas que sofrem alterações	Grande Vitória	Prefeitura
Maio					
Junho					
Julho	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Pen
Agosto					
Setembro	Cidades	Notícia 1/2 página	O encontro de Gisele com o papa em Vitória	Principal	Moradora
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Sem sufoco na largada do racionamento	Principal	Moradores
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Outubro					
Novembro					
Dezembro	Cidades	Reportagem especial	NOVO PDU VETA PRÉDIOS PÚBLICOS NA ENSEADA	Grande Vitória	Prefeitura E SECRETARIA

Cobertura sobre Nova Palestina em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Polícia	Nota	Delegado prende acusado de assassinato	Principal	Polícia
Fevereiro	Cidades	Reportagem especial	Algumas propostas	Grande Vitória	Moradores e políticos
	Cidades	Nota	A Situação nos municípios	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1 página	Vagas em creches e escolas de 47 bairros em Vitória	Grande Vitória	Prefeitura
Março	Cidades	Notícia 1 página	Delícias da feira em praça do bairro	Grande Vitória	Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Abril	Cidades	Notícia 1 página	Vacinas para mais de 15 mil hoje	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Notícia 1 página	Reforços nOs postos para vacina	Grande Vitória	SESA
Maio					
Junho					
Julho					
Agosto	Cidades	Nota	As propostas	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1 página	Incentivo a novas construções	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1/2 página	Treinados para resolver brigas de vizinhos em 39 bairros	Grande Vitória	Deputados, juiz, especialistas e Ales
Setembro	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
Outubro	Polícia	Nota	Policial tem carro roubado em Vitória	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vitória	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vitória	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vitória	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
Novembro	Cidades	Notícia 1 página	Vazamento deixa 18 bairros sem água	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	As assembleias	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1 página	Mudanças no tamanho do comércio	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1 página	Sai a lista das vagas de creche em Vitória	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Delegados eleitos	Grande Vitória	Polícia
Dezembro	Cidades	Notícia 1 página	Prefeitura apresenta o que vai mudar em 80 bairros	Grande Vitória	Prefeitura



## Apêndice K – Cobertura de Nova Rosa da Penha nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Nova Rosa da Penha em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
	Cidades	Nota	Os bairros com maior número de Zika em Vitória, Vila Velha e Cariacica	Grande Vitória	Prefeitura
Janeiro	C2	Reportagem especial	Começa agora	Grande Vitória	SECULT
Fevereiro	Cidades	Notícia 1/2 página	Passarelas abandonadas deixam pedestres em risco no Contorno	Grande Vitória	DNIT E Moradores
	Cidades	Nota	Moradores fecham o Contorno	Principal	Moradores
Março	Segurança	Nota	Avanço de sinal acaba em morte	Principal	polícia
	Revista AG	Reportagem especial	Pelo coletivo	Principal	Moradores
Abril	Revista AG	Reportagem especial	Pelo coletivo	Principal	Moradores
	Cidades	Notícia 1/2 página	Furto de fiação faz Rodovia do Contorno ficar às escuras	Principal	polícia, morador e prefeitura
Maio	Cidades	Foto-legenda	Fogo em galpão	Principal	
	Cidades	Nota	Na Grande Vitória há doses em 85 postos	Grande Vitória	Prefeitura
Junho	Cidades	Nota	98 postos para vacinar contra H1N1	Grande Vitória	Prefeitura
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Pen
	Cidades	Notícia 1/2 página	Quebra-queixo resiste aos edifícios	Principal	Moradores
Julho	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
	Segurança	Notícia 1/4 de página	Idosa morre atropelada por Transcol	Principal	polícia e família
	Cidades	Nota	Cubanos de saída no estado	Principal	Médico e Ministério da Saúde
Agosto	Cidades	Nota	Operação em cinco bairros para reduzir crimes	Grande Vitória	polícia
Setembro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Outubro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
Novembro					
	Cidades	Notícia 1 página (Governo)	Jovens de atitude e de olho no futuro	Grande Vitória	SEDH e Moradores
Dezembro	Cidades	Notícia 1 página (Governo)	No palco, cultura e paz	Principal	SEDH e jovens

Cobertura sobre Nova Rosa da Penha em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
	Polícia	Notícia 1 página	Bairros onde ladrões mais atacam	Grande Vitória	Seguradorass
	Polícia	Nota	Adolescentes saqueiam passageiros de ônibus	Principal	Polícia
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Zika vírus vai atingir mais bairros	Grande Vitória	infectologistas e moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Fevereiro	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiros	Grande Vitória	Polícia e Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Bairros com mais casos de dengue	Grande Vitória	SESA, entologista, infectologista e morado
	Cidades	Nota	Repartições públicas fechadas hoje	Grande Vitória	Governo e empresas
	Polícia	Nota	Adolescente cai de moto após assalto e é preso	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1 página	Vinte bairros mais perigosos para morar	Grande Vitória	SP, especialista em Segurança Pública e
Março	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos abertos hoje para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
Abril	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e
	Polícia	Reportagem especial	Criança sob mira de assalto	Principal	Polícia e testemunha
	Cidades	Nota	Incêndio em depósito de reciclagem	Principal	Bombeiros
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	As vagas	Grande Vitória	Empresas
	Cidades	Notícia 1 página	Servidor vai ter feriadão	Grande Vitória	Governo
	Polícia	Nota	Fios de cobre são roubados e Contorno fica sem luz	Principal	Polícia
Maio	Polícia	Notícia 1/2 página	Força tarefa para prender bandido mais perigosos	Principal	Polícia e SESP
	AT2	Nota	Para dançar: Lucas Lacerda	Principal	Comerciante
	Cidades	Nota	Os postos	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Os postos	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Futebo	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Os postos com vacina	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Crimes contra a vida	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Feriado amanhã em Cariacica	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Notícia 1 página	Vídeo flagra agressões de padrao a adolescente	Principal	Polícia e criminoso
Junho	Cidades	Nota	O que funciona hoje	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Reportagem especial	Clínicas populares com consultas a partir de 40 reais	Grande Vitória	Pacientes e profissionais da saúde
	Polícia	Notícia 1 página	Assassinada na frente das netas	Principal	Polícia, vizinhos e familiares
Julho	Cidades	Notícia 1 página	Diversão em bairros com mais jovens	Grande Vitória	Empresas e jovens
	Cidades	Nota	Inaugurações até o fim do ano	Grande Vitória	Empresas
	Polícia	Nota	PM promete "grande operação"	Grande Vitória	Polícia
Agosto	Polícia	Reportagem especial	Festas proibidas com sexo, armas e drogas em 32 bairros	Grande Vitória	polícia, Prefeituras, Moradores e delegado
	Cidades	Nota	Onde vai faltar água	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Cariacica	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Cariacica	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Onde o Racionamento continua	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1 página	Fábrica produz 1.300 picolés todos os dias	Principal	Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Medalista ensina Jiu Jitsu de graça	Principal	Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Ajuda para empreender no bairro	Principal	Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Aula de coral, circo e grafite	Principal	Moradores
	Cidades	Nota	Rodízio nos bairros	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Onde fazer aula de graça	Grande Vitória	Prefeituras
	Cidades	Nota	Bairros com Rodízio	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Gangue em carro executa dois jovens em estradas	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros com Rodízio	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Racionamento	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Grávida é ameaçada por causa de dinheiro	Principal	Polícia e vítima
	Cidades	Notícia 1 página	Ocupação faz TRE mudar locais de votação	Grande Vitória	TRE, juiz e estudantes
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Cariacica	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Escolas ocupadas no estado	Grande Vitória	SEDU
Outubro	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	AT2	Nota	Batalha de MC's amanhã no Teatro Carlos Gomes	Principal	SEDH E SECULT
	Cidades	Notícia 1/2 página	Servidores vão ter quatro dias de feriadão	Grande Vitória	Governo
Novembro	Polícia	Nota	Bando preso após furto em pátio do Detran	Principal	Polícia
Dezembro	Polícia	Nota	Motorista é baleado e ladrão rouba jóias	Principal	Polícia

## Apêndice L – Cobertura de Novo Horizonte nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Novo Horizonte em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
<b>Janeiro</b>	Segurança	Notícia 1/4 de página	Mãe e bebê rendidos por gangue na Serra	Principal	Vítima e polícia
<b>Fevereiro</b>	Segurança	Nota	Empresário assaltado em Manquinhos	Principal	polícia
	Cidades	Nota	Blocos continuam fazendo festa	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Para se jogar na folia	Grande Vitória	Prefeitura
<b>Março</b>	Cidades	Nota	Crimes em festas	Principal	polícia
<b>Abril</b>	Revista AG	Reportagem especial	Pelo coletivo	Principal	Moradores
	Segurança	Notícia 1 página	Jovem é morto após socorrer o tio baleado	Principal	polícia, família e testemunhas
	Cidades	Nota	Cidades recebem o último lote de vacina contra o H1N1	Grande Vitória	Sesa e prefeitura
<b>Maior</b>	Segurança	Notícia 1/2 página	Comerciante baleado após o terceiro assalto	Principal	polícia e família
	Segurança	Notícia 1/4 de página	polícia caça 11 suspeitos de homicídios	Principal	polícia
	Cidades	Nota	H1N1: vacina já está em falta na Serra	Grande Vitória	Sesa e prefeitura
<b>Junho</b>					
<b>Julho</b>	Segurança	Nota	Casos em baile funk	Grande Vitória	polícia
	Segurança	Nota	Saiba o que é o "Mandelão"	Grande Vitória	polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
<b>Agosto</b>	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Penal
	Segurança	Nota	Médica e motorista rendidos	Principal	polícia
	Segurança	Notícia 1 página	Carro de paróquia e outros três são destruídos em perseguição	Principal	polícia e vítimas
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Estv ao vivo de Novo Horizonte	Principal	Jornal A Gazeta
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Estv 1ª edição será apresentado ao vivo na praça de dois bairros	Grande Vitória	Jornal A Gazeta
	Cidades	Notícia 1/2 página	Estv 1ª edição será apresentado ao vivo na praça de dois bairros	Grande Vitória	Jornal A Gazeta
<b>Setembro</b>	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Estv ao vivo de Novo Horizonte	Principal	Jornal A Gazeta
<b>Outubro</b>	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
<b>Novembro</b>	Segurança	Notícia 1 página	Adolescente é morto na casa da namorada	Principal	polícia e família
	Cidades	Notícia 1/2 página	"Foram 40 minutos de muito desespero"	Principal	Defesa Civil e moradores
<b>Dezembro</b>	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Trabalhadores na mira de traficantes	Principal	SESP, MPES e Moradores

Cobertura sobre Novo Horizonte em A Tribuna durante 2016						
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes	
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai	
	AT2	Nota	O que vai rolar	Grande Vitória	Blocos	
Fevereiro	Polícia	Notícia 1 página	Motociclista erra no trânsito, bate e morre	Grande Vitória	Polícia e família	
	Cidades	Nota	O que vai rolar	Grande Vitória	Blocos	
	Cidades	Nota	Programação	Grande Vitória	Blocos	
	Cidades	Nota	A Situação nos municípios	Grande Vitória	Prefeituras	
	Polícia	Nota	Corte de água termina em roubo de carro	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Garoto de 12 anos leva tiro na cabeça na Serra	Principal	Polícia	
Março	Cidades	Nota	Onde vai ter radar	Grande Vitória	DER	
	Polícia	Notícia 1 página	Nove cidades sem homicídio em um ano	Grande Vitória	Polícia e especialista em Segurança Pública	
	Polícia	Notícia 1 página	Vinte bairros mais perigosos para morar	Grande Vitória	SP, especialista em Segurança Pública e	
	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai	
	Polícia	Nota	Nova Deten vai ser construída na Serra	Principal	Polícia	
Abril	Polícia	Notícia 1 página	Jovem é executado no estacionamento de hospital	Principal	Polícia e testemunhas	
	Polícia	Notícia 1 página	Assassinato em hospital motivado por vingança	Principal	Polícia e acusadoS	
	Cidades	Nota	Postos vão abrir sábado para vacinação	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Saiba mais	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Há opção que fecha às 21h	Grande Vitória	Comércios	
	Cidades	Nota	O que funciona e o que não funciona hoje	Grande Vitória	Comércios	
	Cidades	Nota	O que funciona e o que não funciona hoje	Grande Vitória	Comércios	
	Cidades	Notícia 1/2 página	Reforço nOs postos para vacina	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos abertos hoje na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Na Serra doses duram até sábado de manhã	Grande Vitória	Prefeitura	
	Cidades	Nota	Postos na Serra voltam a vacinar sábado	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA	
Maio	Cidades	Nota	Números da supergripe	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Cobertura	Grande Vitória	SESA	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Vigilante leva tiros e mulher fala que foi vingança do ex	Principal	Polícia e família	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Baleado por salvar filha de assalto	Principal	Polícia e família	
	Polícia	Reportagem especial	Só um delegado atende 79 bairros	Grande Vitória	Delegados	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Força tarefa para prender bandido mais perigosos	Principal	Polícia e SESP	
	Cidades	Nota	Loja de eletrônicos pega fogo na Serra	Principal	Bombeiros	
	Cidades	Nota	Semana de visitas ao bairro Novo Horizonte na Serra	Principal	Jornal A Tribuna	
	Cidades	Nota	Postos com vacina	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Os postos	Grande Vitória	SESA	
Junho	Cidades	Nota	Os postos	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Os postos	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Os postos	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos com vacina	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Só restam vacinas em 24 postos de saúde	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Notícia 1 página	Lixo eletrônico vira negócio no bairro	Principal	Moradores	
	Cidades	Notícia 1 página	Família de campeões ensina Karatê de graça	Principal	Moradores	
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça para aprender profissão	Principal	Moradores	
	Cidades	Notícia 1 página	Sucesso com salgadinhos e doces de festas	Principal	Moradores	
	Cidades	Nota	Segunda dose para menores de dois anos	Grande Vitória	SESA	
	Agosto	Cidades	Notícia 1 página	Cursos e consultas de graça em trinta bairros	Grande Vitória	ONGs
		Cidades	Nota	Serviço gratuito com preços populares	Grande Vitória	Cursos
		Polícia	Reportagem especial	Delegacias	Grande Vitória	Polícia
		Polícia	Reportagem especial	Festas proibidas com sexo, armas e drogas em 32 bairros	Grande Vitória	Polícia, Prefeituras, Moradores e delegado
Setembro	Cidades	Nota	Prefeituras oferecem tratamento gratuito	Grande Vitória	Prefeituras	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Sufoco no primeiro dia	Principal	Morador	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Onde o Racionamento continua	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	O que funciona e o que não funciona	Grande Vitória	Prefeitura	
	Cidades	Nota	Rodízio	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Algumas opções de diversão para a garotada	Grande Vitória	Moradores	
Outubro	Cidades	Nota	Rodízio nos bairros	Grande Vitória	Cesan	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Pastor é assassinado a facadas	Principal	Polícia e família	
	Polícia	Notícia 1 página	Três assassinatos em uma hora	Principal	Polícia e família	
	Cidades	Nota	Bairros com Rodízio	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Notícia 1 página	Novo local de votação para 44 mil	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Escolas ocupadas no estado	Grande Vitória	SEDU	
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH	
	Cidades	Nota	Vazamento deixa 181 bairros sem água	Grande Vitória	Cesan	
	Polícia	Nota	Jovem é morto com 12 tiros na Serra	Principal	Polícia	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Ganque invade loja com carro e dá prejuízo de 12 mil	Principal	Polícia e vítima	
	Cidades	Notícia 1 página	Onde ajudar crianças e idosos	Grande Vitória	Voluntários	
	Polícia	Nota	Adolescente troca tiro com a PM e é baleado	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Ladrão pede emprego e assalta loja na Serra	Principal	Polícia	
Polícia	Notícia 1/2 página	Adolescente é executado na frente da casa da namorada	Principal	Polícia e família		
Dezembro	Cidades	Notícia 1 página	Feira recolhe doações para o natal	Grande Vitória	empresas	
	Cidades	Reportagem especial	Mais de mil brinquedos para crianças de bairro na Serra	Principal	Moradores e psicóloga	

## Apêndice M – Cobertura de Planalto Serrano nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Planalto Serrano em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro	Segurança	Notícia 1/4 de página	Pneu estoura e motociclista é atropelado por carreta	Principal	polícia e militares
	Cidades	Nota	A simpatia das musas dos blocos de rua	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Até blocos na luta contra o pó preto	Grande Vitória	Prefeitura
Fevereiro	Cidades	Nota	É hora de botar o bloco na rua	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Folia de rua: ainda dá tempo de pular o carnaval	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Ações para conscientizar a população e acabar com o mosquito	Grande Vitória	Prefeitura
Março			Blocos continuam fazendo a festa	Grande Vitória	Prefeitura
Abril	Revista AG	Reportagem especial	Pelo coletivo	Principal	Moradores
	Segurança	Notícia 1/2 página	Segurança mata ex-mulher a facadas na rua na Serra	Principal	polícia e familiares
Maio	Cidades	Nota	Roubos de roupas e calçados na Serra	Principal	polícia e vítima
	Cidades	Nota	Mais 10 escolas vivas para o próximo anos	Grande Vitória	Governo
Junho	Segurança	Notícia 1 página	Frentista é baleado e morto dentro do próprio carro	Principal	polícia e familiares
Julho	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Pena
Agosto	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1 página	Academia estudantil de letras é inaugurada na Serra	Principal	Alunos, professor e governo
	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
Setembro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Reportagem especial Dia do Professor	Gostaria que meus alunos sublessem...	Principal	Professores e doutora em educação
	Segurança	Nota	Motoboy e patrão são presos por morte	Principal	polícia
Outubro	Segurança	Notícia 1/2 página	Marido queima metade do corpo de doméstica após ela ir para a igreja	Principal	Moradores, vítima e polícia
Novembro	Cidades	Notícia 1 página	Deslizamentos: 130 áreas ainda estão em alerta	Grande Vitória	Secretário de defesa social e Defesa Civil
Dezembro					

Cobertura sobre Planalto Serrano em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Cidades	Notícia 1/2 página	Mais 3400 alunos terão aula o dia todo	Grande Vitória	Governo
	Polícia	Nota	Quatro pessoas são baleadas na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1/2 página	Acidente de moto mata estudante	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Marido tenta jogar camareira de carro na Serra	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Fevereiro	AT2	Nota	Blocos de rua	Grande Vitória	Blocos
	Cidades	Notícia 1 página	Tem festa até no domingo	Grande Vitória	Blocos
	Cidades	Nota	Militares hoje em 53 bairros	Grande Vitória	SESA e exército
Março	Polícia	Notícia 1/2 página	Acidente mata mais um na 101	Principal	Polícia e família
	Polícia	Notícia 1 página	Vinte bairros mais perigosos para morar	Grande Vitória	SP, especialista em Segurança Pública e
Abril	Cidades	Notícia 1 página	Vaças para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Notícia 1 página	As 35 linhas mais perigosas	Grande Vitória	Polícia, passageiros e motoristas
	Cidades	Nota	Saiba mais	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Notícia 1 página	Segurança mata ex-mulher na Serra	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Bandidos usam facão em assalto a ônibus	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Esfaqueada nas costas por marido em bar	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1/2 página	Postos vão abrir no sábado para vacinação	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos abertos hoje para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Onde se vacinar	Grande Vitória	SESA
Maio	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
Junho	Cidades	Nota	Novidade no lazer dos bairros	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Notícia 1/2 página	Frentista morto a tiros e namorada baleada na Serra	Principal	Polícia e família
Julho	Polícia	Notícia 1/4 de página	Tia sonha com tiro e sobrinho é assassinado	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Morte após o amigo ser assassinado sete dias na mesma rua	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Outros acidentes a caminho e na volta de festas	Principal	Polícia
Agosto	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1 página	Dança, artesanato e capoeira de graça para crianças	Principal	Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Mais de 10 escolas em tempos integrais	Grande Vitória	rmo, psicopedagoga, Dr. em educação e a
	Cidades	Notícia 1 página	Fábrica produz bolos com até 40 sabores	Principal	Moradores
	Polícia	Notícia 1/2 página	Jovem espancada com tv na frente do filho de dois anos	Principal	Polícia, moradores e familiares
	Polícia	Notícia 1 página	Acidentes deixam 5 mortes	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Perseguido e preso pela polícia na Serra	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Bandidos se infiltram em condomínio, diz polícia	Grande Vitória	Polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Aberta 500 vagas para aprender profissão	Principal	Moradores e Projeto Sol
	Cidades	Notícia 1 página	Futebol é atração aos domingos	Principal	Moradores
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Marido joga álcool e põe fogo na mulher	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Onde o Racionamento continua	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Rodízio	Grande Vitória	Cesan
	Outubro	Cidades	Nota	Onde fazer aula de graça	Grande Vitória
Polícia		Nota	Morto em matagal em Planalto Serrano	Principal	Polícia
Polícia		Nota	Garhou partida de sinuca e levou golpes de facão	Principal	Polícia e testemunha
Cidades		Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
Polícia		Notícia 1/2 página	Preso com arma dentro de ônibus	Grande Vitória	Polícia
Novembro	Cidades	Notícia 1 página	As propostas para a Grande Vitória	Grande Vitória	Políticos e governo
	Polícia	Nota	Perseguição termina em acidente e tiroteios	Grande Vitória	Polícia
	Polícia	Notícia 1 página	Preso acusado de por fogo na namorada	Principal	Polícia e vizinhos
Dezembro	Polícia	Notícia 1/4 de página	Bandidos atacam irmãos e um é assassinado	Principal	Polícia, moradores e casa de festa
	Cidades	Nota	Manutenção pode deixar 32 bairros sem água na Serra	Grande Vitória	Cesan

## Apêndice N – Cobertura de Santa Rita nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Santa Rita em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro	C2	Reportagem especial	Começa agora	Grande Vitória	SECULT
Fevereiro					
Março	Segurança	Notícia 1 página	Jovem assassinada por ir a baile funk sozinha	Principal	Familiares, polícia e amigos
	Cidades	Nota	Lenços com mais alegria	Grande Vitória	Mulher
Março	Segurança	Notícia 1/4 de página	Preso acusado de matar a namorada por ir a baile funk	Principal	polícia
Abril	Cidades	Nota	Mais de 600 mil vão se vacinar contra a gripe	Grande Vitória	Prefeitura
Maio	Cidades	Nota	Vitória já não tem mais doses da vacina	Grande Vitória	Prefeitura
	Segurança	Notícia 1/2 página	Operário é espancado por mulher e jogado no valão por vizinhos	Principal	polícia e moradores
Junho					
Julho	Segurança	Notícia 1/4 de página	Bala perdida mata idosa na volta do culto	Principal	polícia e moradores
	Segurança	Notícia 1/4 de página	Operação barra "Baile do Mandela"	Grande Vitória	polícia
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Pen
Agosto					
Setembro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
Outubro					
Novembro					
Dezembro	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Moradores reféns do tráfico em 126 bairros	Principal	SESP, MPES e Moradores

Cobertura sobre Santa Rita em A Tribuna durante 2016						
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes	
Janeiro	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai	
Fevereiro	Cidades	Nota	Repelentes para grávidas a partir de amanhã	Grande Vitória	SESA	
	Polícia	Nota	Acusado de matar o pai vai a júri popular	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Baleados	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Jovem é executado e acusado preso em bar	Principal	Polícia	
Março	Polícia	Notícia 1/2 página	Jovem vai a baile escondido de namorado e é executado	Principal	Polícia e Moradores	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Jovem confessa que matou namorada a tiros por ciúmes	Principal	Polícia e acusado	
	Polícia	Notícia 1 página	Vinte bairros mais perigosos para morar	Grande Vitória	SP, especialista em Segurança Pública e	
	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai	
	Polícia	Nota	Casos	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Assassinado a tiros na Serra	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Bairros	Principal	Polícia	
Abril	Polícia	Nota	Vendedor de caso é preso com dragas	Principal	Polícia	
	Polícia	Notícia 1 página	Marido destrói casa e crava faca na porta antes de fugir	Principal	Polícia e vizinha	
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos abertos hoje para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA	
	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrorizam 35 bairros	Grande Vitória	alista em Segurança Pública, Moradores e	
	Polícia	Nota	Casal briga e vizinho atira agressor no valão	Principal	Polícia	
	Cidades	Nota	Onde se vacinar	Grande Vitória	SESA	
Maio	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Vacinas acabam em Vitória	Grande Vitória	SESA	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Força tarefa para prender bandido mais perigosos	Principal	Polícia e SESP	
Junho						
Julho	Polícia	Nota	Crimes em outras edição do baile	Principal	Polícia	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Assassinada ao sair para fazer oração	Principal	Polícia e família	
Agosto	Polícia	Nota	Outros crimes em Baile do Mandela	Principal	Polícia	
	Cidades	Nota	Serviço gratuito com preços populares	Grande Vitória	Cursos	
	Polícia	Reportagem especial	Festas proibidas com sexo, armas e drogas em 32 bairros	Grande Vitória	Polícia, prefeituras, moradores e delegados	
	Polícia	Nota	Dona de casa morre depois de ir a baile funk	Principal	Polícia	
Setembro	Cidades	Nota	Morcego com suspeita de raiva em Vila Velha	Principal	Prefeitura	
	Cidades	Nota	Situação nos municípios	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Alguns municípios com racionamento	Grande Vitória	Cesan	
	Polícia	Nota	Marido tramou morte de diarista	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Motociclista atropela boi e fica ferido	Principal	Polícia	
	Cidades	Nota	Onde o Racionamento continua	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Abastecimento interrompido	Grande Vitória	Cesan	
	Polícia	Nota	Morto a facadas por causa de pulseira	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Guerra de gangue deixa um morto e um ferido	Principal	Polícia	
	Cidades	Nota	Voltação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE	
	Outubro	Cidades	Notícia 1/2 página	Talento de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	Cidades	Nota	Os bairros atingidos na Grande Vitória	Grande Vitória	Cesan	
Novembro	Polícia	Nota	Encapuzados atiram em atendente em Vila Velha	Principal	Polícia	
Dezembro						

## Apêndice O – Cobertura de São Torquato nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre São Torquato em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
	Cidades	Notícia 1 página	Enxurrada de pedras causa destruição	Principal	Prefeitura, bombeiros e moradores
	Cidades	Notícia 2 páginas	Avalanche de pedra tira mil pessoas de casa	Principal	Prefeitura, bombeiros e moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Justiça será acionada para retirar moradores	Principal	Prefeitura, bombeiros e moradores
	Cidades	Reportagem especial	Desastre natural causou queda da pedra	Principal	Defesa Civil, prefeitura e moradores
	Cidades	Nota	Moradores temem que obra impacte morro	Principal	Codesa e moradores
	Cidades	Nota	Após uma semana, começa obra no Morro Boa Vista	Principal	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1/2 página	Cachoeiro e Vila Velha vão ganhar escola viva com ensino integral	Grande Vitória	Sedu
	Cidades	Nota	Governo mantém 8 obras e exclui o Cais das Artes	Grande Vitória	Governo
<b>Janeiro</b>	Cidades	Notícia 1/2 página	DS Bairros com mais casos de Zika em Vitória, Vila Velha e Cariacica	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Reportagem especial	Moradores se juntam para acabar com o lixo	Principal	Prefeitura e moradores
<b>Fevereiro</b>	Cidades	Notícia 1/2 página	Soluções para área de risco no Morro Boa Vista	Principal	Arquiteto e prefeitura
	Cidades	Reportagem especial	Eles lutam para mudar a vida de seus bairros	Principal	Moradores
<b>Março</b>	Cidades	Nota	Cabelo e cabeça: beleza e palestra	Grande Vitória	Mulher
<b>Abril</b>	Cidades	Nota	Vitória já não tem mais doses da vacina	Grande Vitória	Prefeitura
<b>Mai</b>	Cidades	Notícia 1 página	Duplas de policiais começam a atuar nos terminais do Transcol	Grande Vitória	Sindicato, passageiros e polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Justiça suspende cobrança de taxa de marinha	Grande Vitória	Governo
<b>Junho</b>	Cidades	Notícia 1 página	Mais de 42 leitos até dezembro em hospital estadual	Principal	Governo
	Segurança	Notícia 1/2 página	Baile funk termina com tiros e adolescente baleado na cabeça	Principal	polícia E Moradores
	Segurança	Notícia 1/2 página	Tráfico promove "Baile do Mandela" e vende drogas	Principal	polícia E Moradores
	Segurança	Notícia 1/4 de página	Operação barra "Baile do Mandela"	Grande Vitória	polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
<b>Julho</b>	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito
	Segurança	Nota	Família é presa após morte de vigilante	Principal	polícia
	Cidades	Notícia 1 página	Jojo Pokemon deixa terminais em alerta	Grande Vitória	Passageiros
	Segurança	Notícia 1 página	Andar nos ônibus do Transcol está cada vez mais violento	Principal	SESP, polícia e passageiros
	Segurança	Nota	No domingo vendedora foi baleada	Principal	polícia
<b>Agosto</b>	Segurança	Notícia 1 página	Vendedora é baleada por ladrão dentro de Transcol	Principal	Vítimas e polícia
	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
	Cidades	Notícia 1 página	Eles vão sofrer até dois dias sem água	Principal	Cesan e moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Armazenar água pode aumentar racionamento	Principal	Cesan e moradores
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1 página	Rodoviários querem pacote de segurança contra crimes no Transcol	Principal	Rodoviários e polícia
<b>Outubro</b>	Segurança	Notícia 1 página	Motorista é morto em ônibus e categoria faz manifestação	Principal	Familiares e polícia
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Adutora da Cesan estoura e deixa 185 bairros sem água	Principal	Cesan
	Segurança	Notícia 1/4 de página	Vigilante é baleado durante a assalto a empresa	Principal	Moradores e polícia
	Segurança	Nota	Segundo caso em duas semanas	Principal	polícia
	Cidades	Matéria 1/2 página	Dezenas de jovens entram em terminal sem pagar passagem	Principal	CETURB polícia
	Cidades	Nota	Protesto em Vila Velha	Principal	Sedu
<b>Novembro</b>	Cidades	Notícia 1 página	Áreas de marinha serão traçadas em 14 cidades	Grande Vitória	Governo
	Segurança	Nota	Assaltante baleado por policiais	Principal	polícia
	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Tribunal ordena expulsões e mortes	Principal	SESP, MPES e moradores
<b>Dezembro</b>	Segurança	Reportagem especial	(As leis do tráfico) Moradores reféns do tráfico em 126 bairros	Principal	SESP, MPES e moradores

Cobertura sobre São Torquato em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
Janeiro	Polícia	Nota	Taxista leva tiro na boca em São Torquato	Principal	Polícia e vítima
	Polícia	Nota	Adolescente assassinado com oito tiros em Vila Velha	Principal	Polícia
	AT2	Nota	Feijoadada em São Torquato	Principal	Escola de São Torquato
	Polícia	Nota	Vigilantes têm arma roubada em terminal	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	Esfagueado após briga dentro de casa	Principal	Polícia e vítima
	Cidades	Nota	Vitória tem 25 regiões com alto risco	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Reforço para conter rochas em Vila Velha	Principal	Prefeitura
	Cidades	Nota	Obra de contenção começa hoje	Principal	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Mais de 1200 moradores fora de casa	Principal	Defesa Civil e prefeitura
	Cidades	Notícia 1 página	Risco para 13 mil em Vila Velha	Principal	Defesa Civil E Prefeitura
	Cidades	Notícia 1 página	Desastre deixa 1262 pessoas fora de casa	Principal	Prefeitura e moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Prefeitura foi avisada em 2010	Principal	Defesa Civil, prefeitura e morador
	Cidades	Reportagem especial	Bombeiros dizem que há risco de novo deslizamento	Principal	sa Civil, prefeitura, bombeiros e mor
	Cidades	Reportagem especial	"Parecia um terremoto"	Principal	efeitura, Morador e membros da igre
	Cidades	Reportagem especial	Destruição no primeiro dia do ano	Principal	Bombeiros, prefeitura e morador
	Cidades	Notícia 1 página	"Só tenho a agradecer pela minha vida"	Principal	sa Civil, Prefeitura, bombeiros e mor
	Cidades	Notícia 1 página	Chuva vai aumentar risco	Principal	Prefeitura, bombeiros e defesa civil
	Capa	Capa	Mais de 1200 moradores fora de casa	Principal	Moradores
	Cidades	Notícia 1 página	Omissão em desastre será investigada	Principal	ário Público, geólogo e professor de
	Cidades	Notícia 1/2 página	Demolição de pedras para evitar riscos	Principal	Prefeitura
Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai	
Fevereiro	Cidades	Nota	Repelentes para grávidas a partir de amanhã	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Nota	Prostituição dentro dos terminais na madrugada	Principal	Polícia e vítimas
	Polícia	Notícia 1 página	Assaltos e agressões em terminais	Principal	Polícia e vítimaS
	Polícia	Nota	Dois corpos são achados em Vila Velha	Principal	Polícia
Março	Polícia	Notícia 1 página	Vinte bairros mais perigosos para morar	Grande Vitória	, especialista em Segurança Pública
	Cidades	Notícia 1 página	Hospital ganha mais 24 leitos hoje	Grande Vitória	SESA
Abril	Cidades	Nota	Onde vai ter radar	Grande Vitória	DER
	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
Maio	Cidades	Nota	Postos abertos hoje para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Polícia	Notícia 1 página	As 35 linhas mais perigosas	Grande Vitória	Polícia, passageiros e motoristas
	Polícia	Nota	Espancado por gangue em terminal	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
Junho	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Vacinas acabam em Vitória	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Novas creches com 200 mil vagas	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Nota	Reuniões	Principal	Polícia
Julho	Polícia	Reportagem especial	Só um delegado atende 79 bairros	Grande Vitória	Delegados
	Cidades	Nota	Segunda dose para menores de dois anos	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Vacinação	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Os postos	Grande Vitória	SESA
Agosto	Polícia	Nota	Incêndio em galpão assusta moradores de Vila Velha	Principal	Bombeiros, moradores e Codesa
	Cidades	Nota	Os postos com vacina	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Os postos com vacina	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Notícia 1/2 página	Novas referências em cirurgias ortopédicas	Grande Vitória	SESA
Setembro	Polícia	Reportagem especial	PM acaba com festa e atira na cabeça de adolescente	Principal	Polícia e moradores
	Cidades	Nota	Motorista surta e abandona ônibus	Principal	Testemunhas
	Cidades	Notícia 1 página	Pontos de droga se espalham	Grande Vitória	Polícia, prefeituras e pastor
	Polícia	Reportagem especial	"Não aguentamos mais isso. Estamos acuados	Principal	Polícia e moradores
Outubro	Polícia	Notícia 1/4 de página	Prefeitura promete acabar com festa clandestina	Principal	Polícia
	Polícia	Notícia 1 página	Polícia impede festa e prede seis adolescentes	Grande Vitória	Polícia
	Cidades	Notícia 1/2 página	Escolas já fazem ensaio e lançam samba-enredo	Principal	Escolas de samba
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Mulher matou vigilante por vingança, afirma polícia	Principal	Polícia
Novembro	Polícia	Notícia 1/2 página	Denúncias de estupro após Baile do Mandela	Principal	Polícia
	Polícia	Reportagem especial	Festas proibidas com sexo, armas e drogas em 32 bairros	Grande Vitória	cia, Prefeituras, Moradores e delega
	Polícia	Reportagem especial	Passageira ferida a tiro por demora ao entregar celular	Principal	Vítima e Polícia
	Polícia	Reportagem especial	"Estou viva porque a mão de Deus me salvou"	Principal	Polícia e vítimas
Dezembro	Polícia	Reportagem especial	Indenização por roubo de celular	Principal	Polícia e motorista
	Capa	Capa	Passageira demora a entregar celular e é baleada no Transcol	Principal	Principal
	Polícia	Notícia 1 página	Mulher joga gasolina e põe fogo na ex por vingança	Principal	Polícia, vizinhos e família
	Polícia	Nota	Orações por vigilante queimada	Principal	Vizinhos
Outubro	Polícia	Nota	Outros crimes em Baile do Mandela	Principal	Polícia
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Festa com a campeã do carnaval	Principal	Escolas de samba
	Polícia	Nota	Ladrão morde vigilantes em assalto e é baleado	Principal	Polícia e família
	Polícia	Nota	Motorista de ônibus leva corohnada em roubo	Principal	Polícia e família
Outubro	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Abastecimento interrompido	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Notícia 1 página	Novo local de votação para 44 mil	Grande Vitória	TRE
	Polícia	Nota	Rodoviários querem PMS na volta de bailes funks	Principal	SESP e rodoviários
Outubro	Polícia	Nota	Motoristas querem mudar terminal 24h	Principal	SESP e motoristas
	Polícia	Notícia 1 página	Revista até em mulheres e mais polícias no terminais	Principal	SESP e motoristas
	Cidades	Notícia 1 página	Estudantes ocupam mais 14 unidades	Grande Vitória	SEDU
	Cidades	Notícia 1 página	Motorista morre e ônibus param	Principal	Polícia, rodoviários e familiares
Outubro	Cidades	Notícia 1 página	Clima de revolta nos terminais	Principal	Polícia, rodoviários e familiares
	Polícia	Notícia 1/2 página	Bandidos atacam Transcol e ameaçam	Principal	Polícia e vítimaS
	Cidades	Nota	O que os novos vereadores defendem	Principal	Vereadores
	Polícia	Nota	Comerciante é rendido em frente a agência bancária	Principal	Polícia
Outubro	Polícia	Nota	Um morto e um ferido em São Torquato	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Família na chuva	Grande Vitória	Rodoviários e usuários do Transcol
Outubro	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
	Polícia	Nota	Tiros e perseguição em Vila Velha	Principal	Polícia
	Polícia	Reportagem especial	Melhoria na qualidade das câmeras	Principal	Polícia e rodoviários
	Cidades	Nota	Os bairros atingidos na Grande Vitória	Grande Vitória	Cesan
Outubro	Polícia	Nota	Vigilante baleado no pescoço em São Torquato	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	O que vem por aí em Vila Velha	Grande Vitória	Prefeitura
	Cidades	Nota	Alagamentos na Grande Vitória	Grande Vitória	-
	Polícia	Reportagem especial	Mudança em terminal 24h	Principal	Polícia e rodoviários
Outubro	Polícia	Notícia 1/2 página	Policial é assaltado no bando e troca tiros com bandidos	Principal	Polícia e vítima
	Cidades	Nota	Programação das ações nos terminais	Grande Vitória	SESA
Dezembro	Cidades	Nota	Grande Vitória tem 41 armas com risco de deslizamento	Grande Vitória	Defesa Civil
	Polícia	Notícia 1/2 página	Ladrão saca arma e leva tiro da PM	Principal	Polícia

## Apêndice P – Cobertura de Ulisses Guimarães nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Ulisses Guimarães em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
<b>Janeiro</b>	Cidades	Nota	Ruas tomadas por enxentes e famílias alagadas em Vila Velha	Grande Vitória	Prefeitura
<b>Fevereiro</b>					
<b>Março</b>	Segurança	Notícia 1 página	Dupla faz arrastão, atira em rivais, é presa, mas foge de delegacia	Principal	Vítimas e polícia
<b>Abril</b>	Cidades	Cidades	Mais de 600 mil vão se vacinar contra a gripe	Grande Vitória	SESA
<b>Mai</b>	Cidades	Nota	Vitória já não tem mais doses da vacina	Grande Vitória	Prefeitura
<b>Junho</b>					
<b>Julho</b>	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Pen
	Cidades	Nota	Procura pela mãe de bebê começa hoje	Principal	polícia
<b>Agosto</b>	Cidades	Notícia 1/2 página	Menina recém-nascida é deixada dentro de sacola em bar	Principal	Moradores
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
<b>Setembro</b>	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
<b>Outubro</b>					
<b>Novembro</b>	Cidades	Notícia 1 página	Vila Velha: tratamento de esgoto vai beneficiar 470 mil pessoas	Grande Vitória	Cesan
<b>Dezembro</b>					

Cobertura sobre Ulisses Guimarães em A Tribuna durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes
<b>Janeiro</b>	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Cidades	Nota	O que vai rolar	Grande Vitória	Blocos
	Cidades	Nota	O que vai rolar	Grande Vitória	Blocos
	Cidades	Nota	Programação gratuita	Grande Vitória	Blocos
	Cidades	Nota	PROGRMAÇÃO GRATUITA HOJE E AMANHÃ	Grande Vitória	Blocos
	Cidades	Nota	Repelentes para grávidas a partir de amanhã	Grande Vitória	SESA
<b>Fevereiro</b>	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiroteios	Grande Vitória	Polícia e moradores
	Polícia	Notícia 1 página	Atacada pelo ex pula do segundo andar	Principal	Polícia e familiares
<b>Março</b>	Cidades	Notícia 1 página	Vaças para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai
	Cidades	Nota	Postos abertos para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA
<b>Abril</b>	Polícia	Notícia 1 página	As 35 linhas mais perigosas	Grande Vitória	Polícia, passageiros e motoristas
	Polícia	Nota	Preso suspeito de roubar dízimo	Principal	Polícia
	Polícia	Nota	PM ferido em confronto em Ulisses Guimarães	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Onde se vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA
	Cidades	Nota	Vacinas acabam em Vitória	Grande Vitória	Prefeitura
	Polícia	Notícia 1/2 página	Gangue atira em bar e três ficam feridos	Principal	Polícia e moradores
<b>Mai</b>	Polícia	Nota	Ônibus pega fogo e crianças são resgatadas em Vila Velha	Principal	SEDU e moradores
<b>Junho</b>					
	Cidades	Nota	Bebê achado em sacola passa por exames	Principal	Conselho tutelar
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Bebê abandonado dentro de sacola de feira	Principal	Morador
<b>Agosto</b>	Polícia	Reportagem especial	Delegados revelam os bandidos mais perigosos	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Polícia	Nota	Jovem é baleado em Ulisses Guimarães	Principal	Polícia
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
<b>Setembro</b>	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Votação por bairro em Vila Velha	Grande Vitória	TRE
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan
<b>Outubro</b>	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH
<b>Novembro</b>	Polícia	Nota	Bandidos invadem casa e morador é morto a pauladas	Principal	Polícia e morador
<b>Dezembro</b>	Polícia	Notícia 1/2 página	Comerciante é baleado em assalto	Principal	Polícia e família



## Apêndice Q – Cobertura de Vila Nova de Colares nos Jornais A Gazeta e A Tribuna

Cobertura sobre Vila Nova de Colares em A Gazeta durante 2016					
	Editoria	Categoria	Título	Principal/Grande Vitória	Fontes
Janeiro	C2	Reportagem especial	Começa agora	Grande Vitória	SECULT
	Segurança	Nota	Chefe do tráfico é preso na Serra	Principal	polícia
Fevereiro	Cidades	Reportagem especial	Cidades com epidemia ficam fora de mutirão	Grande Vitória	Ministério da Saúde
Março					
Abril					
Maio					
Junho					
Julho	Cidades	Notícia 1 página	Cursos para 440 jovens de 5 bairros com mais crimes	Grande Vitória	SEAE
	Segurança	Matéria 2 páginas	Tecnologia para combater a violência	Grande Vitória	SESP, SEAE e professor de Direito Pena
Agosto					
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Segurança	Nota	Garoto atira no padrasto ao defender mãe em briga	Principal	Família e polícia
Setembro	Cidades	Matéria 1/2 página	Curso de maquiador e até DJ para reduzir criminalidade	Grande Vitória	SEAE e estudante
Outubro	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	Seca no Espírito Santo	Grande Vitória	Cesan
	Cidades	Nota	PM chamada para apartar briga	Principal	polícia
	Cidades	Nota	Escolas ocupadas por estudantes	Grande Vitória	Sedu
	Cidades	Nota	Determinação da justiça para a retomada das aulas	Grande Vitória	Sedu
	Cidades	Nota	Veja 46 escolas que estão com Enem adiado	Grande Vitória	Sedu
	Cidades	Nota	Como ficará a reposição	Grande Vitória	Sedu
	Cidades	Nota	Situação dos colégios	Grande Vitória	Sedu
Novembro	Segurança	Reportagem especial	As leis do tráfico) Moradores reféns do tráfico em 126 bairros	Principal	SESP, MPES e moradores
Dezembro	Revista AG	Reportagem especial	Estilo e criatividade estampadas no peito	Principal	Moradoras

Cobertura sobre Vila Nova de Colares em A Tribuna durante 2016						
	Editoria	Categoria	Título	Principal	Fontes	
Janeiro	Polícia	Nota	Assassinado ao andar de bicicleta	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Sargento agride a parceira	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Pedreiro leva três tiros em Vila Nova de Colares	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Morador de rua leva surra em Vila Velha	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Tiroteio deixa um morto em Vila Velha	Principal	Polícia	
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai	
Fevereiro	Polícia	Notícia 1/4 de página	Pai, mãe e filho reféns de bandidos por mais de uma hora	Principal	Polícia e vítima	
	Cidades	Reportagem especial	Militares hoje em 53 bairros	Grande Vitória	SESA, militares e ministro	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Bandidos capotam durante a fuga	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Preso acusado de matar três na Serra	Principal	Polícia e acusado	
	Polícia	Reportagem especial	Sem emprego e casa por medo de tiroteios	Grande Vitória	Polícia e moradores	
Março	Polícia	Reportagem especial	Bairros onde os bandidos mais agem na Grande Vitória	Grande Vitória	Polícia e especialista em Segurança Pública	
	Cidades	Notícia 1 página	Vagas para cursos de graça em 25 bairros	Grande Vitória	Governo e Senai	
Abril	Polícia	Notícia 1/2 página	Vigilante abraça a filha antes de ser morto	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Presos acusados de roubar carros na serra	Principal	Polícia	
	Cidades	Nota	Saiba mais	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos abertos para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos abertos no sábado para vacinação na Grande Vitória	Grande Vitória	SESA	
	Polícia	Reportagem especial	Gangues aterrizam 35 bairros	Grande Vitória	Polícia e especialista em Segurança Pública, Moradores e	
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Onde se vacinar	Grande Vitória	SESA	
	Cidades	Nota	Postos na Grande Vitória que vão vacinar	Grande Vitória	SESA	
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Bandidos atacam com espingarda	Principal	Polícia e vítima	
Maio	Cidades	Notícia 1 página	Bolsonaro quer dar aula no estado	Principal	Bolsonaro e Sindipeus	
	Polícia	Nota	Assassinado em campo de futebol	Principal	Polícia e moradores	
Junho	Cidades	Nota	Diretora de escola do caso bolsonaro é exonerada	Principal	SEDU	
	Cidades	Notícia 1 página	Mais postos de saúde na Grande Vitória	Grande Vitória	Prefeituras	
Julho	Polícia	Notícia 1 página	Acidentes matam dois e ferem 11	Grande Vitória	Prefeituras	
	Cidades	Notícia 1 página	Aula de balé clássico para descobrir talentos	Principal	Moradores	
Agosto	Cidades	Notícia 1 página	Bairro vai ter marido de aluguel	Principal	Moradores	
	Cidades	Notícia 1 página	Cursos de graça para aprender profissão	Principal	Moradores	
	Polícia	Nota	Assassinado com mais de 10 tiros	Principal	Polícia e moradores	
	Cidades	Nota	A Tribuna visita Vila Nova de Colares	Principal	Jornal A Tribuna	
	Polícia	Nota	Adolescente é morto ao dizer a assassino seu apelido	Principal	Polícia e moradores	
	Cidades	Notícia 1 página	Bons negócios para costureiras e artesãs no bairro	Principal	Moradores	
	Polícia	Reportagem especial	Festas proibidas com sexo, armas e drogas em 32 bairros	Grande Vitória	Polícia, prefeituras, moradores e delegados	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Polícia	Notícia 1 página	Cinco jovens assassinados com tiros na Grande Vitória	Grande Vitória	Polícia e moradores	
	Polícia	Nota	Preso acusado por dar facadas no padrao na Serra	Principal	Polícia	
Setembro	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Bairros sem abastecimento	Grande Vitória	Cesan	
	Polícia	Nota	Jovem assassinado a tiros ao visitar a mãe	Principal	Polícia	
	Polícia	Notícia 1/2 página	Estudante atira em padrao para livrar mãe de agressão	Principal	Polícia e família	
	Polícia	Nota	Vendedor é assaltado duas vezes e leva tiro na cabeça	Principal	Polícia	
	Polícia	Nota	Rendido após deixar filho na creche	Principal	Polícia	
	Cidades	Nota	Onde o Racionamento continua	Grande Vitória	Cesan	
	Cidades	Nota	Rodízio	Grande Vitória	Cesan	
Outubro	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Nota	Votação por bairro na Serra	Grande Vitória	TRE	
	Cidades	Notícia 1/2 página	Talentos de 25 bairros vão disputar prêmio de 40 mil reais	Grande Vitória	SECULT E SEDH	
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Jovem expulso de casa de show e executado na rua	Principal	Polícia e família	
	Polícia	Notícia 1/4 de página	Morto após boato de estupro de enteada	Principal	Polícia	
	Cidades	Nota	Escolas ocupadas onde o Enem será adiado	Grande Vitória	SEDU	
Novembro	Cidades	Nota	Escolas ocupadas onde o Enem será adiado	Grande Vitória	SEDU	
	Cidades	Nota	Outras escolas ocupadas	Grande Vitória	SEDU	
	Cidades	Nota	Escolas que foram desocupadas	Grande Vitória	SEDU	
	AT2	Nota	Batalha de MC's amanhã no Teatro Carlos Gomes	Principal	SEDH E SECULT	
	Polícia	Nota	Bandidos atiram e ferem rapaz	Principal	Polícia	
	Polícia	Notícia 1 página	Ladrões roubam 10 celulares por dia na Serra	Grande Vitória	Polícia	
	Polícia	Nota	Serra	Principal	Polícia	
	Cidades	Notícia 1/4 de página	Inglês e teatro na rede particular	Grande Vitória	Prefeitura e pais	
	Polícia	Nota	Dois morrem e três são baleados na Grande Vitória	Principal	Polícia	
	Dezembro	Cidades	Notícia 1/2 página	Estado vai ter sete superpostos 24h	Grande Vitória	Governo